

SUASSUNA

● REI DE GOLAD ●



ROMANCE ARMORIAL E NOVELA ROMANÇAL BRASILEIRA

AO SOL da ONÇA CAETANA





ROMANCE ARMORIAL E NOVELA ROMANÇAL BRASILEIRA

"A ESTÓRIA não quer ser história", escreveu João Guimarães Rosa num dos prefácios de *Tutaméia*. Entretanto, no imenso mural que Ariano Suassuna vem construindo desde *A Pedra do Reino* e do qual o presente volume é parte integrante, um dos elementos mais notáveis é a tensão entre estória e história. Pode-se talvez mesmo dizer que a oposição estória/história é a força motriz da trilogia suassuniana.

Aqui, neste primeiro livro de *O Rei degolado*, a luta que o cronista-memorialista Dom Pedro Dinis Quaderna sustenta com os seus julgadores, corporificados na pessoa do Juiz Corregedor, aproxima-se sem dúvida do ponto decisivo. Quaderna pressente que paira sobre sua cabeça uma sentença lavrada antecipadamente pelos que se acreditam entrincheirados no sólido chão da história. Compreende, então, que tem pela frente uma tarefa das mais difíceis, qual seja a de ser pelo menos julgado com isenção e imparcialidade, e que é fundamental não somente lançar mão de todos os recursos disponíveis como também empregá-los segundo um método determinado. Daí que, nesta etapa do interrogatório, ele de certa forma se transmude, passando da condição de "decifrador", título que ostenta com orgulho, a "cifrador", criptógrafo, autor de uma como que escrita cifrada, com a qual, paradoxalmente, espera iluminar a história, inserindo-a num quadro mais enigmático e portanto mais complexo, mais ambíguo. É, assim, sob os múltiplos feixes de luz e sombra projetados por uma realidade mais densa e emaranhada do que supõem os seus julgadores, uma realidade de que participam simultaneamente história e estória,

ORA

HISTÓRIA
D'O REI DEGOLADO
NAS
CAATINGAS DO SERTÃO

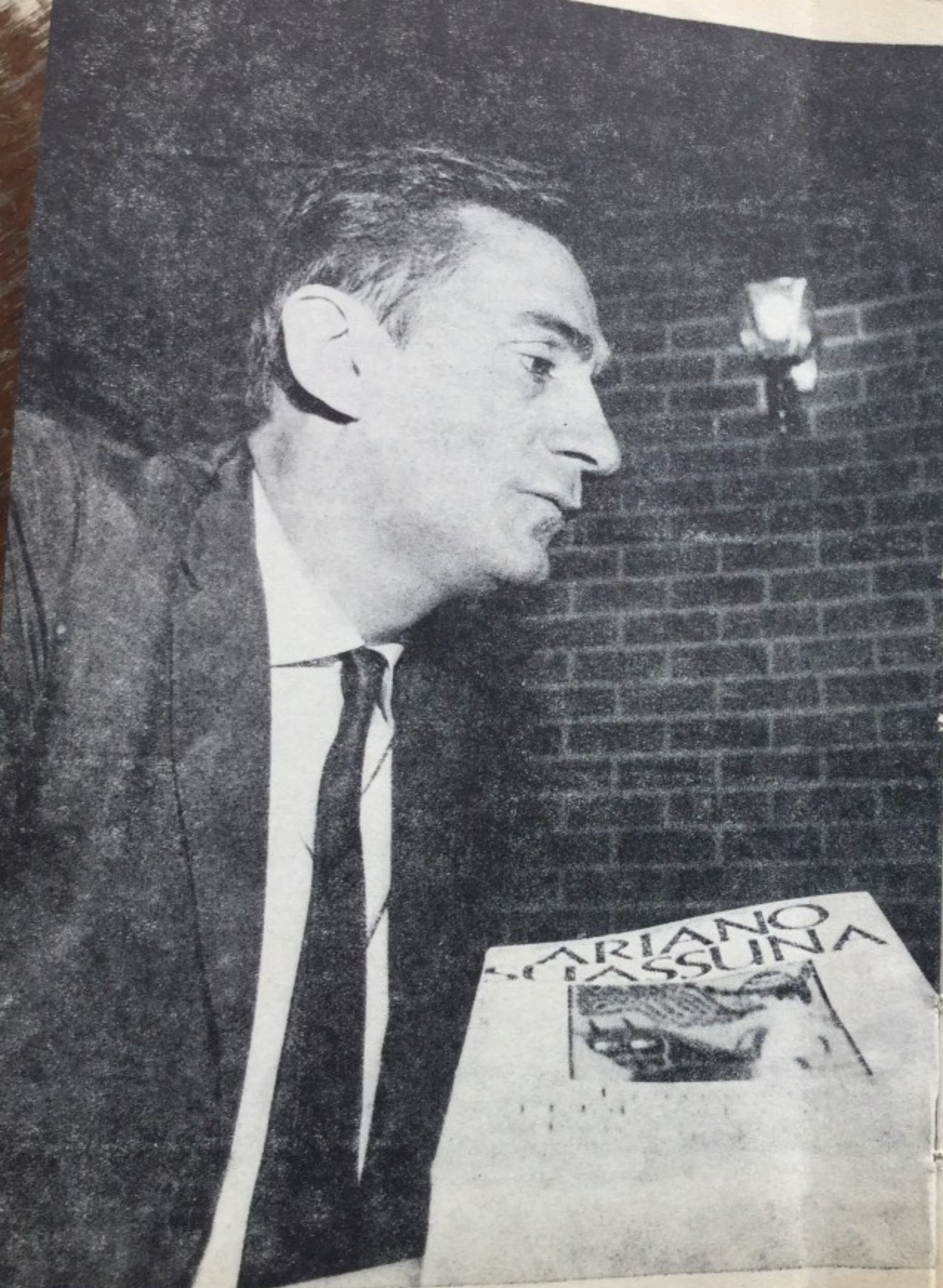


AO SOL DA
ONÇA CAETANA

O

)

VAMOS LER
SHOPPING CENTER CAMPINAS



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

apresenta de

**ARIANO
SUASSUNA**

HISTÓRIA
D'O REI DEGOLADO
NAS
CAATINGAS DO SERTÃO

romance armorial
e novela romançal brasileira

Estudo de
IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS
Edição ilustrada



**AO SOL DA
ONÇA CAETANA**



RIO DE JANEIRO — 1977

Copyright © 1977 by Ariano Suassuna

Direitos desta edição reservados à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua Marquês de Olinda, 12, Rio de Janeiro, RJ
República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Capa
EUGENIO HIRSCH

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ)

S933h Suassuna, Ariano, 1927-
História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: romance
armorial e novela romanesca brasileira — Ao sol da Onça Caetana
[prefácio de] Idelette Muzart Fonseca dos Santos. Rio de Janeiro,
J. Olympio, 1977.
p. ilustr.

Cronologia do autor
Bibliografia

1. Romance Brasileiro I. Título II. Título: Ao Sol da Onça
Caetana

77-0027

CDD — 869.93
CDU — 869.0(81)-31

*Esta História d'O Rei Degolado
nas Caatingas do Sertão é dedicada
a minha Mãe, Rita, a minha mu-
lher, Zélia, a meus irmãos Saulo,
João, Lucas, Selma, Marcos, Ger-
mana, Beta e Magda, e a meus fi-
lhos Joaquim, Maria, Manuel, Isa-
bel, Mariana e Ana Rita.*

Ariano Suassuna



EPÍGRAFES

O Sol antigo de meu Pai nascido,
SEVERINO FILGUEIRA,
genial Poeta sergipano.

E aí está o plágio, meu caro senhor: condensado em um volume de 600 páginas, pesando 1 quilo e 800 gramas.

MATHEOS DE LIMA,
genial Poeta alagoano.

Nas longas e ensolaradas tardes brasileiras, eu ficava à sombra da varanda e olhava o distante céu azul, onde as aves voavam muito alto... Vocês diriam, por certo, que seria mais justo eu predizer o futuro. Mas quero lembrar que, para mim, recordar o passado é, talvez, um meio de olhar para o futuro.

ALBERTO SANTOS DUMONT,
o Pai da Aviação, brasileiro genial que, contrariando certos impostores estrangeiros, foi o primeiro homem a voar no mundo.

Esta história não é minha, mas também não é alheia. Não é grande nem pequena, não é inteira nem meia. Não é certa nem a-toa, não é ruim e nem é boa, não é bonita nem feia.

JOSÉ PACHECO,
genial Poeta pernambucano,
em seu *folheto* "A Mãe de Calor de Figo".

Eu, cada dia, tenho mais medo de herança.

MAGDA S. RODRIGUES,
genial Poetisa paraibana.

As heranças veneram-se. Nós, veneramos os nossos prejuízos.

TAVARES BASTOS,
genial Poeta alagoano.

Crônica dos cantadores, dos cegos de feira, dos falsos fidalgos, dos frades impostores. Saga das tragédias populares, das dores sem recompensa e das injustiças sem punição. O abandono profundo, a negra desolação e a confusa força desse Povo, que ruma diluídas legendas européias misturadas a heranças de negros e índios. O *outro* Brasil, nódulo sombrio de lajeado e espinho, acangaceirado e cavaleiresco, cheio de crimes, de cantorias, de epopéias desconhecidas e malfadadas, protagonizado por caboclos, donzéis misteriosos em cavalos brancos, cavaleiros, cantadores, menestrelis de estradas, profetas e vingadores, e em que a lembrança de Dom Sebastião se mistura à esperança de uma salvação concreta a que ninguém sabe dar nome. A realidade do Sertão, confusa, brutal, mística e picaresca, onde o símbolo parece ser essa Pedra do Reino que espera ser desencantada. Por quem? Quando?

HELONEIDA STUDART,
genial Poetisa cearense.

SUMÁRIO

ARIANO SUASSUNA — HISTÓRIA PESSOAL SOB FORMA CRONOLÓGICA	viii
BIBLIOGRAFIA DE E SOBRE ARIANO SUASSUNA	xi
UMA EPOPÉIA DO SERTÃO (<i>Idelette Muzart Fonseca dos Santos</i>)	xiii

HISTÓRIA D'O REI DEGOLADO NAS CAATINGAS DO SERTÃO AO SOL DA ONÇA CAETANA

FOLHETO I A Visagem do Profeta	5	FOLHETO XIII Cantar do sonho da vida	74
FOLHETO II A Moça Caetana	10	FOLHETO XIV Sol das Palavras Sagradas	79
FOLHETO III Homero Villar, o Cavaleiro sem medo	14	FOLHETO XV Cantar do Bem e do Mal	83
FOLHETO IV O Príncipe João Suarana e a Princesa do Reino da Solidão	20	FOLHETO XVI Os Sagrados Criminosos	88
FOLHETO V Em cena o Senhor João Dantas ..	28	FOLHETO XVII As Franjas de Ouro do Luto do Sangue	93
FOLHETO VI Surge o Doutor João Pessoa	36	FOLHETO XVIII O Dono do Rio	98
FOLHETO VII A Sangrenta Emboscada do "Juá" ..	43	FOLHETO XIX Inverno e Inferno no Reino Sertanejo	102
FOLHETO VIII O Triunfo de Clemente nos Carrascais Sertanejos	49	FOLHETO XX A Seca e a Viagem	107
FOLHETO IX O Desfile Triunfal	54	FOLHETO XXI Baralho Cronológico da Infância ..	111
FOLHETO X O Quinto Império e o Aedo Sertanejo	59	FOLHETO XXII Fogo da Revolução	116
FOLHETO XI O Rapsodo do Sertão	64	FOLHETO XXIII O Grito na Poeira	122
FOLHETO XII O Segundo Depoimento	69	NOTA DO AUTOR	128

ARIANO SUASSUNA — HISTÓRIA PESSOAL SOB FORMA CRONOLÓGICA

1927. jun. 16. Nascimento de ARIANO VILLAR SUASSUNA, na Cidade de Nossa Senhora das Neves, capital do Estado da Paraíba, filho de João Urbano Pessoa de Vasconcellos SUASSUNA e RITA de Cássia Dantas VILLAR.
1928. A família Suassuna, tendo seu chefe, João Suassuna, deixado o governo da Paraíba, volta a seu lugar de origem, o Sertão. Estada na fazenda "Acauhan", pertencente a João Suassuna.
1929. Declara-se a luta política que antecedeu a Revolução de 1930. Um dos Chefes sertanejos que apóiam João Suassuna é José Pereira Lima, da Vila de Princesa Isabel.
1930. A luta política torna-se luta armada, na Paraíba. O município de Princesa, sob o comando de José Pereira Lima, declara-se "independente", sob o nome de "Território Livre de Princesa", com hino, constituição, jornal, bandeira, exército e tudo.
1930. out. 3-4. Rebenta, na Paraíba, a Revolução de 1930.
1930. out. 9. João Suassuna é assassinado no Rio, como consequência das divisões e lutas políticas da Paraíba.
1931. A família Suassuna continua nas fazendas "Acauhan" e "Saco", situadas no Alto Sertão paraibano. Aí passam, também, 1932, ano de terrível seca, no qual se perde quase todo o gado deixado por João Suassuna. Primeiras caçadas de Ariano Suassuna, sob o comando de seu tio materno, Alfredo Dantas Villar, e de seu irmão, João Suassuna Filho.
1933. Os Suassunas, agora chefiados por Dona Rita Villar Suassuna, que enfrenta a vida com excepcional coragem, mudam-se para Taperoá, no Sertão seco, alto, áspero e pedregoso dos Cariris Velhos da Paraíba do Norte.

- 1934, 35, 36, 37. Ariano Suassuna estuda primeiras letras em Taperoá, com os professores Emídio Diniz e Alice Dias. Caçadas e expedições nas fazendas "São Pedro", "Saco", "Panati" e "Malhada da Onça". Suassuna ouve, pela primeira vez em sua vida, um "desafio de viola", pelos cantadores Antônio Marinho e Antônio Marinheiro. Vê, também pela primeira vez, uma peça de mamulengo — o teatro nordestino de títeres — numa feira, em Taperoá. Dona Rita Suassuna, em dificuldades, vê-se obrigada a vender a "Acauhan", para educar os filhos.
1942. A família Suassuna muda-se para o Recife, onde os mais velhos já estão estudando e se fixando. Ariano Suassuna é o oitavo filho de uma família de nove. Durante os anos de 1938, 39, 40 e 41, seus primeiros mestres de Literatura são seus tios, Manuel Dantas Villar — meio ateu, republicano e anticlerical — e Joaquim Duarte Dantas — monarquista e católico. Leituras de Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro e Euclides da Cunha — recomendados pelo primeiro — e de Antero de Figueiredo (*Dom Sebastião*), recomendado pelo segundo. Leitura de *Doi-dinho*, de José Lins do Rego, adquirido em Campina Grande por seu tio, Antônio Dantas Villar.
1943. Aluno do Ginásio Pernambucano (Colégio Estadual de Pernambuco), torna-se amigo de Carlos Alberto de Buarque Borges, que exerce grande influência em sua formação, iniciando-o na Música erudita e na Pintura, que os dois vêem e estudam nos álbuns de reproduções da Biblioteca do Ginásio.
1945. No Colégio Oswaldo Cruz, torna-se amigo do pintor Francisco Brennand, seu colega de turma. Pu-

blicação de seu primeiro poema, por intermédio de Tadeu Rocha e Esmaragdo Marroquim.

1946. Entra para a Faculdade de Direito. Aí encontra um grupo de escritores, atores, poetas, pintores, romancistas e pessoas interessadas em Arte e Literatura. Principais componentes do grupo: Hermilo Borba Filho, José Laurenio de Melo, Carlos Maciel, Salustiano Gomes Lins, Capiba, Galba Pragana, Joel Pontes, Ivan Neves Pedrosa, Aloísio Magalhães, Genivaldo Wanderley, Heraldo Pessoa Souto Maior, José de Moraes Pinho, Fernando José da Rocha Cavalcanti, Gastão de Holanda, Ana e Rachel Canen, Epitácio Gadelha, José Guimarães Sobrinho etc. Esse grupo, principalmente através de Hermilo Borba Filho e de José Laurenio de Melo, tem profunda influência na formação de Suassuna. Com ele, sob a liderança de Hermilo Borba Filho, funda-se o Teatro do Estudante de Pernambuco.
- 1946, 47, 48. Publicação, na revista *Estudantes*, da Faculdade de Direito, no jornal do Diretório Acadêmico de Medicina e em suplementos de jornais do Recife, dos seus primeiros poemas ligados ao Romanceiro popular do Nordeste: "Galope à Beira-Mar", "A Morte do Touro Mão-de-Pau", e "Os Guabirabas".
1947. Baseando-se no Romanceiro popular nordestino, escreve sua primeira peça de teatro, *Uma Mulher Vestida de Sol*, e ganha com ela, no ano seguinte, o Prêmio Nicolau Carlos Magno.
1948. O Teatro do Estudante de Pernambuco, sob inspiração do trabalho de García Lorca, começa a fazer teatro ambulante. *O Desertor de Princesa*, primeira peça em um ato, de Suassuna, escrita, em sua primeira versão, sob o título de *Cantam as Harpas de São*, é montada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, na "Barraca", no Parque Treze de Maio, no Recife, juntamente com *Haja Pau*, de José de Moraes Pinho, e canções de Capiba. Direção de Hermilo Borba Filho.
1949. *Os Homens de Barro*, peça em três atos.

1950. *Auto de João da Cruz*, peça inspirada em três folhetos da Literatura de Cordel. Prêmio Martins Pena. Forma-se em Direito, pela Faculdade de Direito da atual Universidade Federal de Pernambuco. Doente do pulmão, vai para Tape-roá, em busca de bom clima para se curar.
1951. Em Taperoá, para receber sua noiva e familiares seus que o iam visitar, escreve uma peça para mamulengos, *Torturas de um Coração, ou, Em Boca Fechada não Entra Mosquito*, peça que ele mesmo monta, acompanhando-se o espetáculo com músicas tocadas pelo "terno de pífanos" de Seu Manuel Campina.
1952. De volta ao Recife, procura se tornar advogado, no escritório de seu amigo pessoal, o grande jurista e professor Murilo Guimarães. Escreve outra peça, *O Arco Desolado*, menção honrosa no Concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo.
1953. *O Castigo da Soberba*, entremez popular em um ato, baseado num folheto da Literatura de Cordel.
1954. *O Rico Avarento*, entremez popular em um ato, baseado numa peça popular tradicional, de mamulengo.
1955. *Auto da Compadecida*, peça, medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.
1956. *A História do Amor de Fernando e Isaura*, romance, inédito. Deixa a advocacia. A convite de Luiz Delgado, torna-se professor de Estética da Universidade Federal de Pernambuco, e escreve, para seus alunos, um *Manual de Estética*, que é publicado, em edição mimeografada, pelo Diretório da Faculdade de Filosofia.
1957. 19 de jan. No dia do aniversário de seu Pai, casa com Dona Zélia de Andrade Lima, da família de José de Barros Lima, o "Leão Coroado" da Revolução de 1817, companheiro de Frei Caneca. A família Andrade de Lima é dos Engenhos da Zona da Mata (Engenho "Pombal"). O casal tem seis filhos — Joaquim, Maria, Manuel, Isabel, Mariana e Ana.

BIBLIOGRAFIA DE E SOBRE ARIANO SUASSUNA

I. TEATRO

1957. *O Casamento Suspeitoso*, peça, montada em São Paulo pela Companhia Sérgio Cardoso, Prêmio Vânia Souto de Carvalho. Direção de Hermilo Borba Filho.
1957. *O Santo e a Porca*, peça, medalha de ouro da Associação Paulista de Críticos Teatrais.
1958. *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*, entremez popular, baseado num folheto, numa peça de mamulengo e num conto oral da Literatura popular nordestina.
1959. *A Pena e a Lei*, peça em três atos, escrita a partir do entremez para mamulengos de 1951, *Torturas de um Coração*. Premiada no Festival Latino-Americano de Teatro, Santiago, Chile, 1969. Com Hermilo Borba Filho funda o Teatro Popular do Nordeste, que monta a peça.
1960. *Farsa da Boa Preguiça*, peça em três atos, escrita a partir de *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*. Forma-se em Filosofia, pela Universidade Católica de Pernambuco. O Teatro Popular do Nordeste monta a *Farsa da Boa Preguiça*, em 1961. Direção de Hermilo Borba Filho.
1962. *A Caseira e a Catarina*, peça em um ato, montada pelo Teatro Popular do Nordeste. Direção de Hermilo Borba Filho.
- 1945-1970. *O Pasto Incendiado*, livro inédito de poemas, a maioria publicada, no decorrer desses anos, em suplementos de jornais.
1967. Torna-se membro fundador do Conselho Federal de Cultura.
1969. É nomeado, pelo Reitor Murilo Guimarães, Diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE. Nessa qualidade, convoca Capiba, Guerra Peixe, Cussy de Almeida, Jarbas Maciel e Clóvis Pereira, para procurarem, juntos, uma Música erudita nordestina, a música "armorial", baseada em raízes populares e que viesse se juntar a seu Teatro, à Pintura de Francisco Brennand, à gravura de Gilvan Samico, à Poesia de Janice Japiassu, Deborah Brennand, Ângelo Monteiro e Marcus Accioly, ao romance de Maximiano Campos, etc.
1970. out. 18. Com o concerto "Três Séculos de Música Nordestina — do Barroco ao Armorial", e com uma exposição de gravura, pintura e escultura, lança-se, no Recife, o Movimento Armorial.
- 1958-1970. Escreve o *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, classificado por ele de "romance armorial-popular brasileiro", que é editado em agosto de 1971 pela Editora José Olympio e laureado com o Prêmio Nacional de Ficção conferido em 1972 pelo Instituto Nacional do Livro.
1973. Desliga-se do Conselho Federal de Cultura.
1974. Deixa a direção do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco. Três de suas peças são publicadas pela Editora José Olympio: em janeiro, *O santo e a porca* e *O casamento suspeito*, em um só volume; em maio, *Farsa da boa preguiça*.
1975. Em janeiro é lançada pela Editora José Olympio, em convênio com o INL/MEC, sua *Seleta em prosa e verso*, com estudo, comentários e notas do Prof. Silviano Santiago, estampas de Zélia Suassuna e quatro peças inéditas: *O rico avarento*, *O castigo da soberba*, *O homem da vaca e o poder da fortuna* e o entremez para mamulengo *Torturas de um coração*. Assume a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. Em novembro começa a publicar no Suplemento Literário do *Diário de Pernambuco* a *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: Ao Sol da Onça Caetana*, primeiro livro da segunda parte da trilogia *A Maravilhosa Desventura de Quaderna, o Decifrador*.

1947. *Uma Mulher Vestida de Sol* (Prêmio Nicolau Carlos Magno). Recife, Imprensa Universitária, 1964.
1948. *O Desertor de Princesa* (originalmente *Cantam as Harpas de São*). Montada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco.
1949. *Os Homens de Barro*.
1950. *Auto de João da Cruz* (Prêmio Martins Pena).
1951. *Torturas de um Coração*.* Montada em Taperoá.
1952. *O Arco Desolado* (Menção Honrosa no Concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo).
1953. *O Castigo da Soberba*.* Recife, DECA, Ano II, n.º 2, 1960.
1954. *O Rico Avarento*.*
1955. *Auto da Compadecida* (Medalha de Ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais). Livraria Agir, Editora, 1957; 11.ª edição, Livraria Agir Editora/INL, 1975.
1957. *O Casamento Suspeitoso* (Prêmio Vânia Souto de Carvalho). Montada pela Companhia Sérgio

Cardoso, São Paulo. Recife, Editora Igarassu, 1961.

O Santo e a Porca (Medalha de Ouro da Associação dos Críticos Teatrais). Recife, Imprensa Universitária, 1964.

1958. *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*.*

1959. *A Pena e a Lei* (Premiada no Festival Latino-Americano de Teatro, Chile, 1969). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1971; 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1975.

1960. *Farsa da Boa Preguiça*. Montada pelo Teatro Popular do Nordeste. Em livro: Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1974.

1962. *A Caseira e a Catarina*. Montada pelo Teatro Popular do Nordeste.

1974. *O Santo e a Porca—O Casamento Suspeitoso*. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro. 2.ª ed., 1976. Ambas: Editora José Olympio.

II. PROSA DE FICÇÃO

1956. *História de Amor de Fernando e Isaura* (inédito).
1962. *O Sedutor do Sertão* (inédito).
1971. *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (Romance armorial-popular brasileiro). Prêmio Nacional de Ficção do INL/MEC, 1972. Estudos de Rachel de Queiroz e Maximiano Campos. 4.ª ed., 1976. Todas ilustradas. Rio de Janeiro, Editora José Olympio.
1976. *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: Ao Sol da*

Onça Caetana (Romance armorial e novela romancel brasileira). Estudo de Idelette Muzart Fonseca dos Santos. Edição ilustrada. Rio de Janeiro, Editora José Olympio.

Plano da trilogia de romances:

A Maravilhosa Desventura de Quaderna, o Decifrador. I. *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. II. *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão*. III. *O Romance de Sinésio, o Alumioso, Príncipe da Bandeira do Divino do Sertão*.

* Peças publicadas na *Seleta em prosa e verso*.

III. POESIA

1946-48. Publicação em suplementos literários dos seus primeiros poemas: "Galope à Beira-Mar", "A Morte do Touro Mão-de-Pau", "Os

Guabirabas".

1955. *Ode*, Recife, O Gráfico Amador.
1970. Conclui *O Pasto Incendiado* (inédito), iniciado em 1945.

IV. ANTOLOGIA

1974. *Seleção em Prosa e Verso* (com 4 peças inéditas). Estudo, comentários e notas do Prof. Silviano Santiago. Estampas de Zélia Suas-

una. Coleção Brasil Moço. Editora José Olympio/INL-MEC, Rio de Janeiro/Brasília.

V. OUTRAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS

1970. Juntamente com diversos outros artistas pernambucanos, lança em Recife o Movimento Armorial, com manifestações musicais ("Três Sé-

culos de Música Nordestina—Do Barroco ao Armorial"), exposições de gravura, pintura, escultura e publicação de livros.

VI. ALGUNS ESTUDOS SOBRE A OBRA DE ARIANO SUASSUNA

Campos, Maximiano. "A Pedra do Reino". Posfácio a *Romance d'A Pedra do Reino*, pp. 628-635. 4.^a ed., Rio, Editora José Olympio, 1976.

Coutinho, Edilberto. "Cordel na Literatura". Rio, *Cadernos Brasileiros*, pp. 45-52, março-abril, 1970.

Houaiss, Antônio. *Crítica Avulsa*. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, 1960.

Magaldi, Sábato. "Auto da Esperança", em *A Pena e a Lei*, pp. 9-20. Rio, Livraria Agir Editora, 1971.

Magaldi, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*, pp. 220-228. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.

Martínez-Lopez, Enrique. "Guia para

Lectores Hispanos, del *Auto da Compadecida*". Rio, *Revista do Livro*, n.º 24, pp. 85-103, setembro de 1964.

Pontes, Joel. *O Teatro Moderno em Pernambuco*. São Paulo, 1965.

Portela, Eduardo. "Folclore e Poesia", em *Dimensões I*, pp. 149-163. Rio, Livraria Agir Editora, 1959.

Queiroz, Rachel de. "Um Romance Picaresco?" Prefácio a *Romance d'A Pedra do Reino*, p.xi. 4.^a ed., Rio, Editora José Olympio, 1976.

Ratcliff, Dillwyn F. "Folklore and Satire in a Brazilian Comedy", em *Hispania*, n.º XLIV, pp. 282-284, 1961.

Táti, Miécio. *Estudos e Notas Críticas*, pp. 273-280. Rio, INL, 1958.

ENTREVISTA

Guerra, José Augusto. "O Mundo Mágico e Poético de Ariano Suassuna",

em *Cultura*, n.º 3, pp. 96-102, 1971.

NOTAS:

- 1) O *Auto da Compadecida* encontra-se traduzido para diversas línguas, entre elas: para o espanhol (Enrique Martínez-Lopez), o alemão (Willy Keller), o polaco (Wojciech Chabasinski), o inglês (Dillwyn F. Ratcliff), o francês

(Michel Simon-Brésil) e o holandês (J. van Besselaar).

- 2) Há também do Auto uma versão cinematográfica, exibida sob o título de *A Compadecida*, produzida em 1969 e dirigida por George Jonas.

UMA EPOPÉIA DO SERTÃO

IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS

"AO SOL DA ONÇA CAETANA" foi publicado pela primeira vez em folhetim semanal no Diário de Pernambuco, de novembro de 1975 a maio de 1976. Primeira parte de *O Rei Degolado*, é também, e antes de tudo, continuação d' *A Maravilhosa Desventura de Quaderna*, *O Decifrador*, começada e revelada pelo romance armorial-popular brasileiro *A Pedra do Reino*.

De *A Pedra do Reino* a *O Rei Degolado*, do romance armorial à novela romançal (e Ariano Suassuna vacilou suficientemente na escolha dos rótulos para reter a nossa atenção), a aventura continua, a Obra — "Obra prima da Literatura Brasileira" — elabora-se.

O duplo rótulo permite lembrar que, para o autor, a palavra "romance" conserva seu perfume e sentido primitivo, designando a obra escrita em língua popular e vulgar, opondo-se, de tal modo, ao latim, língua dos intelectuais. Mas significa também que Suassuna recusa de antemão as classificações atuais, colocando-se voluntariamente no terreno da novela hispânica, de *Dom Quixote* e das novelas de cavalaria, formas diversas da epopéia moderna.

E estamos realmente em presença de uma epopéia, reconhecível tanto pela permanência das estruturas clássicas deste gênero como pela onipresença do espírito, do "sopro" épico.

Epopéia anunciada ao longo de *A Pedra do Reino*, que constituía uma espécie de prólogo, o canto inicial do rapsodo, assombrado pela própria audácia. Epopéia realizada e viva em *O Rei Degolado*, do qual descobrimos agora os primeiros folhetos, episódios de augúrios e mistérios, visagens e presságios, sob o olhar vigilante da Onça Caetana.

Das estruturas clássicas da epopéia, encontramos uma marca particularmente importante na construção da narrativa, que começa próxima do seu desenlace, como vimos em *A Pedra do Reino*:

Escutem pois, nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos, minha terrível história de amor e de culpa; de sangue e de justiça; de sensualidade e violência; de enigma, de morte e disparate; de lutas nas estradas e combates nas Catingas; história que foi a suma de tudo o que passei e que terminou com meus costados aqui, nesta Cadeia Velha da Vila Real da Ribeira do Taperoá, Sertão dos Cariris Velhos da Capitania e Província da Paraíba do Norte (Folheto I);

narrativa que vai se desenvolver quase simultaneamente em diversos planos temporais:

1912. — A luta das famílias e dos clãs pelo poder.

1930. — O drama surgindo entre os heróis, tenentes dos seus respectivos clãs, os três João predestinados — João Pessoa, João Dantas e João Suarana.

1938. — A hora da verdade, a confissão ao Corregedor, a hora do julgamento, da condenação ou da Redenção.

Para conservar a simultaneidade das narrativas, Ariano Suassuna explora conscientemente as possibilidades da apresentação em folhetos, funcionando como minicapítulos de novela, folhetos que têm construção própria e relativa independência, permitindo a Quaderna levar-nos aos "meandros labirínticos do [seu] Castelo subterrâneo". Pensamos então na Demanda do Santo Graal e outras novelas medievais, que aparecem às vezes ao leitor desprevenido como massas temáticas repetindo-se identicamente até o infinito, quando são, na realidade, obras construídas segundo o processo do entrelaçamento, onde as articulações temporais são realizadas por fórmulas de passagem, semelhantes à fórmula utilizada por Quaderna (Folheto VII de Ao Sol da Onça Caetana).

Este é um dos aspectos importantes da estrutura herdada das novelas de cavalaria, constituindo talvez a sua originalidade na literatura brasileira e nordestina, com esta multiplicidade de temas aparecendo e desaparecendo para surgir de novo, mas sempre com coerência: não podemos retirar nada sem atingir o conjunto, mas, por outro lado, não podemos organizar este conjunto em torno de um núcleo único, já que cada um destes temas entrelaçados, elementos do conjunto, tem o seu próprio núcleo.

Da epopéia clássica, encontraremos ainda, em O Rei Degolado, o tema histórico, nacional e nacionalista, onde os fatos autênticos, embora próximos, aparecem já transformados pela lenda e pela poesia popular; a visão premonitória, a profecia funesta da Terra sertaneja que usa as palavras de Frei Antônio do Rosário, Cassandra com "voz de topázio pobre, do topázio castanho e cruel das pedras", cantando seus "Ay, ay, ay, três vezes ay!" para homens surdos e cegos frente aos avisos do Destino.

É por aqui que a obra atinge ao mais profundo, ao território próprio da epopéia: o mito. A desaparecimento da epopéia como gênero e sua "substituição" pelo romance aconteceram, segundo os estudiosos, num mundo que tinha perdido os seus mitos, onde o homem deixava de procurar neles a sua verdade, substituindo-os por uma visão realista da vida. Mas O Rei Degolado reencontra a terra do mito, terra de miséria, de sol e de poeira, que Quaderna transforma em um "Reino embandeirado, épico e sagrado em seu despojamento, cheio de toques de clarim e incrustações de quartzo rebrilhando nas pedras por entre espinhos" (Folheto XV). Neste Sertão, talvez recriado pela visão de "exilado" de Ariano Suassuna, que, segundo Rachel de Queiroz (Prefácio de A Pedra do Reino), tendo sido arrancado na adolescência ao seu sertão natal, "tem recuo suficiente para descobrir o mistério onde os da terra naturalmente só vêem o cotidiano", aparecem figuras humanas e alegóricas, próximas do Divino.

Entre as mais importantes, estão a Morte e o Pai. A Morte, a Moça Caetana, mulher jovem, bela, cruel e impiedosa, observadora implacável dos homens, misto de mulher e felino, cobra e Gavião, ilustra a dureza

e implacabilidade da representação divina no Sertão, Divindade primitiva ou lavé do Antigo Testamento, Deus que pune ou transfigura os seus Profetas e não Deus de amor e perdão. A segunda, e não menos importante, é a figura do Pai, "dono das maravilhas, dono dos cavalos, dono de todos nós... dono do curral e das pastagens, ... dono do rio", o Pai, herói que o menino Quaderna não procurou nos livros ou no sonho, tendo "a sorte — ou a desgraça, ou a sina, não sei! — de ter os [seus] heróis em casa" (Folheto XV), o Pai lutando contra o Mal e a Morte, provisoriamente vencido por eles, mas que vive e ressuscita na Obra do filho.

É no nível da visão global da obra e da sua concepção que atingimos o épico, dimensão ativa, positiva, heróica da obra, formada pelo esforço de visualizar a realidade a partir de um prisma cósmico.

Segundo Hegel, na poesia épica "há lugar, não só para a realidade nacional com que a ação se relaciona, mas também para as circunstâncias e fatos exteriores e morais, de modo que se pode dizer que compreende a totalidade do que constitui a vida poética dos homens". A tentativa de Suassuna de interpretar e decifrar o mundo real e mítico do Sertão, de fornecer uma visão total do mundo, leva-o à concepção épica da sua obra, assimilando tudo quanto lhe passa ao alcance, do lirismo mais íntimo à evocação dos heróis, integrando os elementos e modalidades expressivas mais diversas sem perder sua unidade, como se fossem o simples desenvolvimento de sua matéria-prima.

Para terminar, permito-me repetir aqui, de forma fragmentária e resumida, algumas considerações que fiz sobre a heráldica animal usada por Quaderna em A Pedra do Reino, pois, de certa maneira, elas são úteis para se entender o sentido desses mitos como a Onça Caetana, tão importantes no universo da Obra inteira.

As figuras utilizadas sobre os escudos antigos pouco a pouco foram se unindo num tipo único, o leão. É o leão cristão — Leão de Judá, símbolo bíblico — que se opõe, por um lado, à mitologia pagã e, por outro lado, ao Sarraceno, a quem se atribui, ex-officio, o dragão. O desenvolvimento e a diferenciação das armas seguem uma curva paralela ao desenvolvimento dos romances de cavalaria. O cristianismo se mistura, aí, ao pensamento grego e às tradições célticas: por exemplo, o estandarte mítico do Rei Artur comporta o dragão e a cruz.

As armas eram também signo de reconhecimento entre iniciados, mas neste caso os símbolos eram herméticos, porque, por definição, as armas eram destinadas a ser vistas por todos.

A simbólica do brasão na Obra de Quaderna é variada: animal, humana e astrológica. A figura humana é a mais rara. A simbólica animal é, ao contrário, muito rica e variada. Sem falar do cavalo, todos os animais importantes, a serpente, o gavião e sobretudo a onça, têm uma dimensão supra-animal: são divinizados, tornam-se um aspecto do mito, uma das formas de Deus e do Diabo. Aqui o animal é a expressão da vontade divina, representa as potências benéficas ou maléficas que dirigem o Sertão. Torna-se o símbolo dessa Natureza dura e opressiva, mas bela e algumas vezes generosa.

A Onça está presente em toda parte: na morte, na glória, na vida e no sangue dos Quadernas. Em Suassuna, a simbólica da Onça é ligada à do Leopardo e da Pantera na heráldica medieval européia.

Parece-nos interessante retomar alguns aspectos da simbólica tradicional do Leopardo e da Pantera, o que nos permitirá esclarecer o papel da Onça. Com efeito, aqueles dois animais são ligados e a transformação da pantera em leopardo, em linguagem heráldica, entende-se, é o resultado da influência da Igreja, através da cristianização do Graal.

A pantera, animal heráldico tradicional, tinha uma significação muito clara (pan-thér: animal do todo): ela evocava o panteísmo e pelas manchas de sua pelagem simbolizava todos os astros do cosmos. Dá a presença da estrela do macrocosmo — de seis raios — associada frequentemente à pantera e que se reencontra sobre os mantos cósmicos, frequentes na Idade Média nas representações de reis e de santos. A qualidade lunar, cósmica, do animal, sublinha seu papel de intermediário entre o cosmos e o homem. A substituição da pantera pelo leopardo corresponde ao método experimentado pela Igreja medieval, o qual consistia em batizar os emblemas pagãos, modificando assim, pouco a pouco, seu sentido. O leopardo torna-se, assim, um “quase-leão”: é um animal mal diferenciado, em plena evolução, no caminho da Graça, o leão cristão.

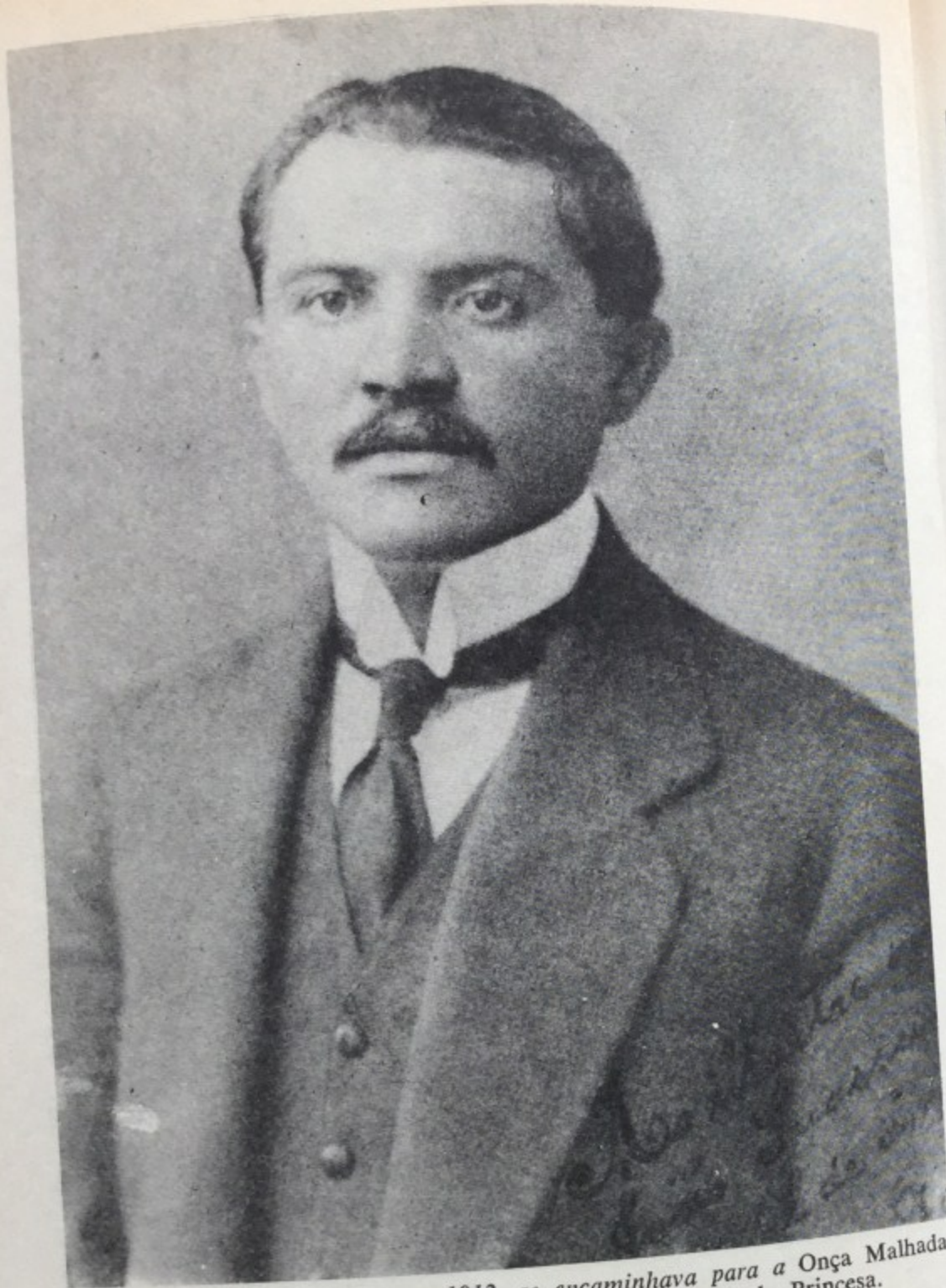
Suassuna reencontra na Onça o peso mítico e cósmico da pantera. No “Catolicismo sertanejo” a Onça é a encarnação da divindade múltipla, é a herdeira direta do “animal do todo”. A simbólica astrológica e a dimensão cósmica e heráldica da vida e da morte se reúnem para a explicação armorial da criação do mundo e da morte.

A heráldica e a arte armorial seriam, da mesma forma que a cavalaria de Quaderna, o caminho para o Divino, para o Criador do Mundo, para a criação da Obra? A heráldica tem, no romance de Suassuna, uma função semelhante à da estrutura cavaleiresca, à qual ela é, afinal, estreitamente ligada.

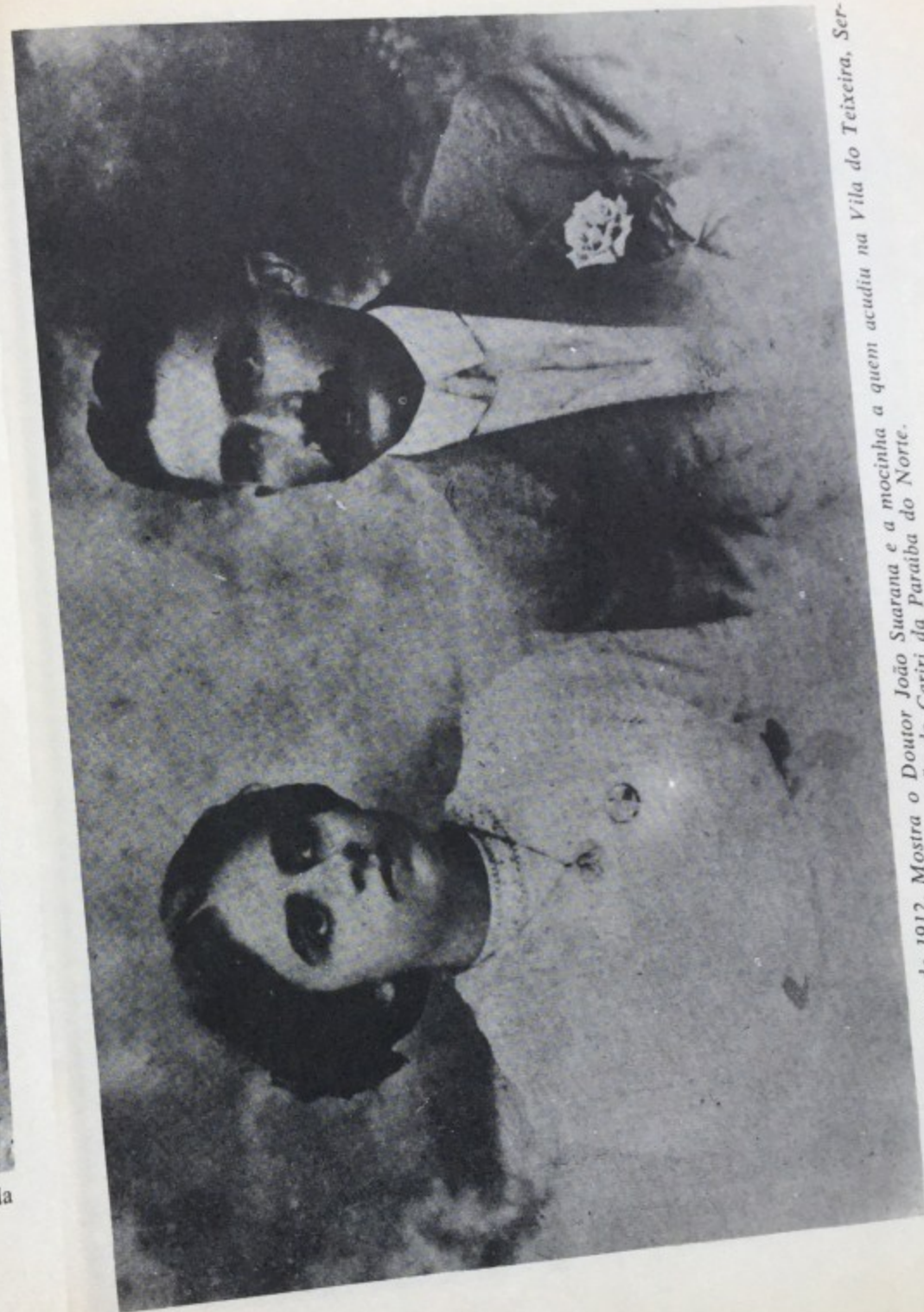
Ela é integrada por seu sistema de signos, sua linguagem própria, à técnica romanesca, à estética da memória, mas possui igualmente uma função de transposição da imagem real, permitindo a mudança de visão e o deslocamento para um mais-além pictórico e literário mais significativo e mais verdadeiro do que a realidade.



O Doutor Joãozinho Suarana, no ano em que começa esta história, 1911.



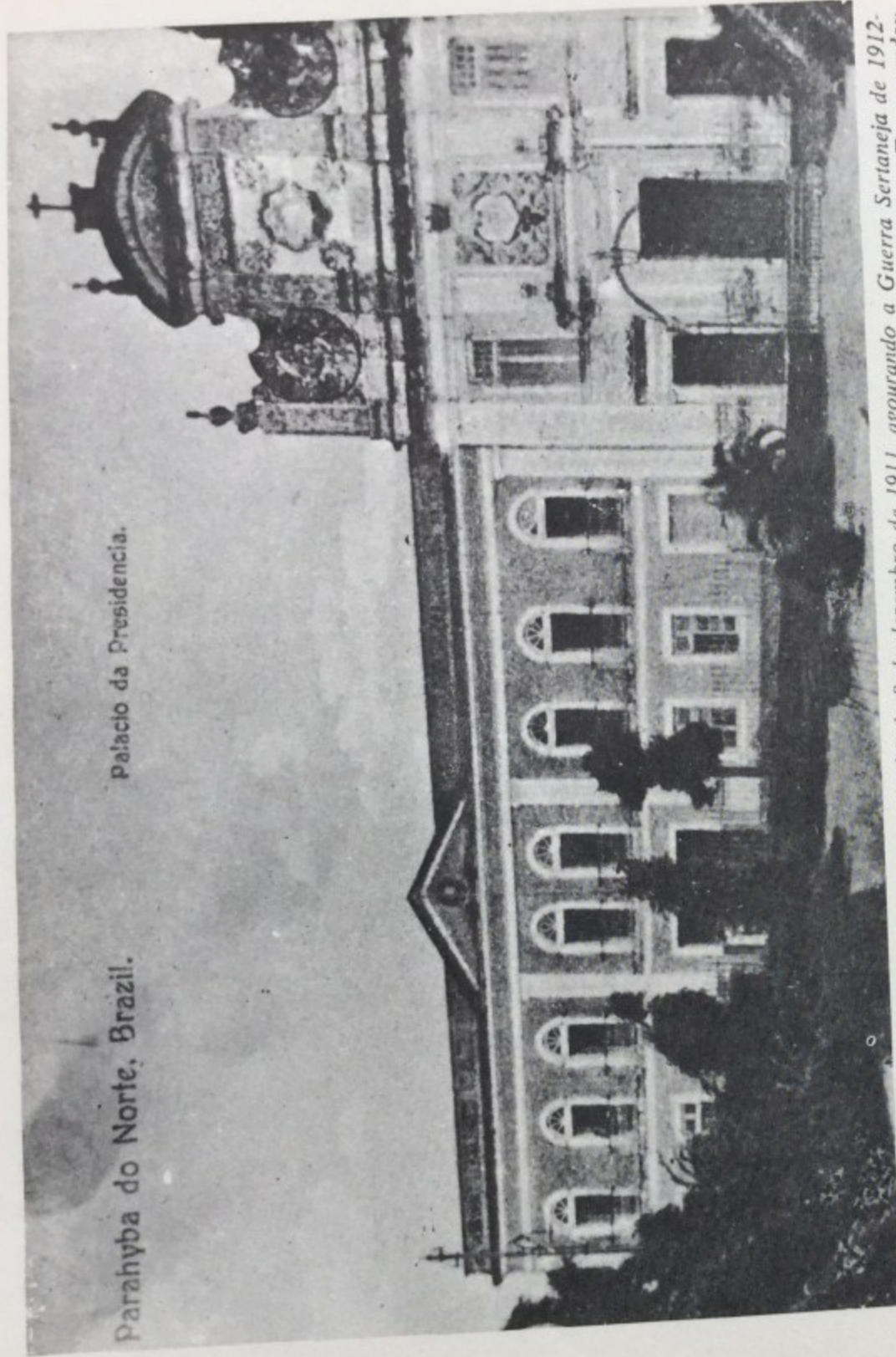
O Coronel José Pereira que, em 1912, se encaminhava para a Onça Malhada e que, em 1930, seria o chefe principal da Guerra de Princesa.



Retrato tirado no ano de 1912. Mostra o Doutor João Suarana e a mocinha a quem acudiu na Vila do Teixeira, Ser-
tão do Cariri da Paraíba do Norte.

Parahyba do Norte, Brazil.

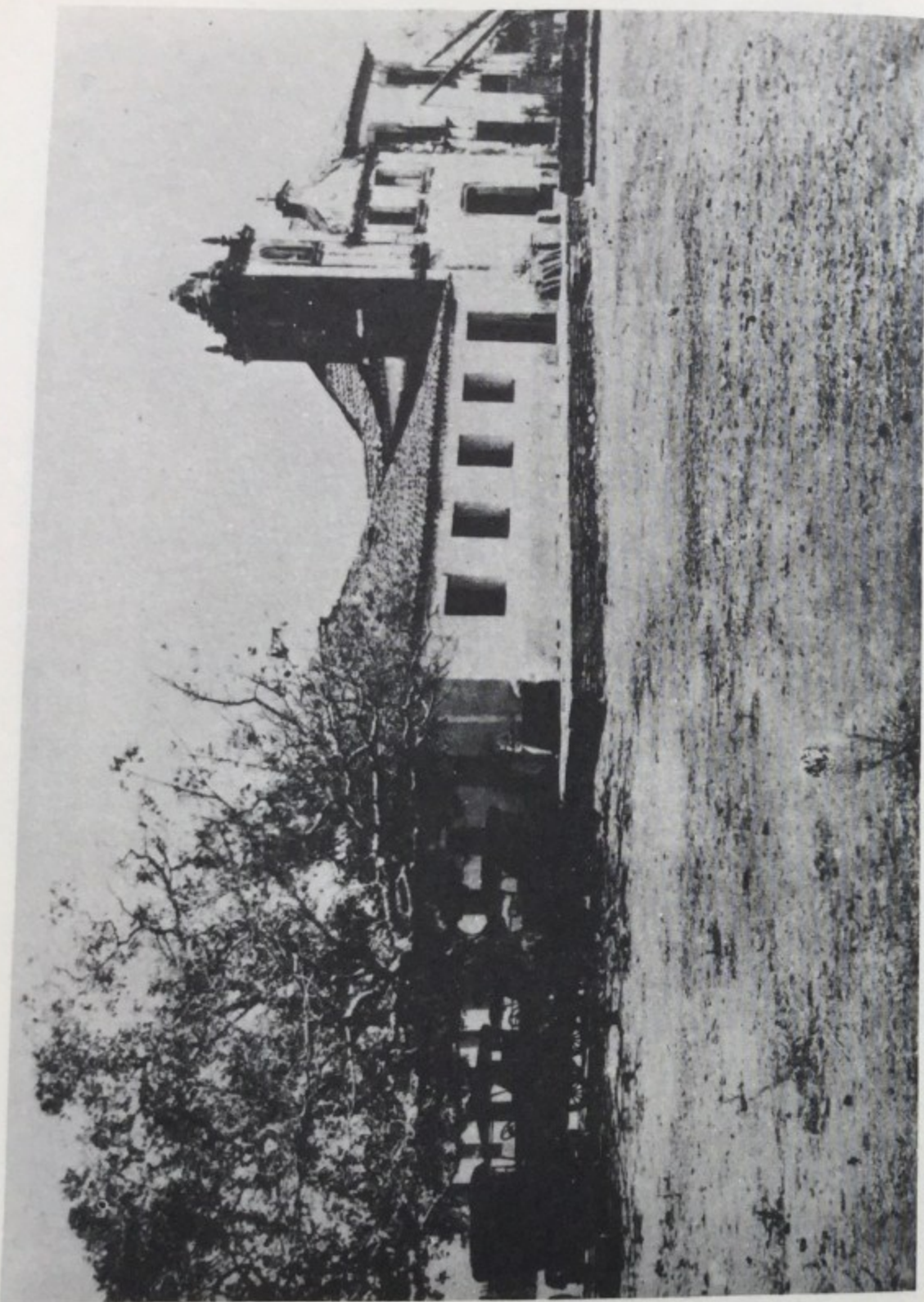
Palacio da Presidencia.



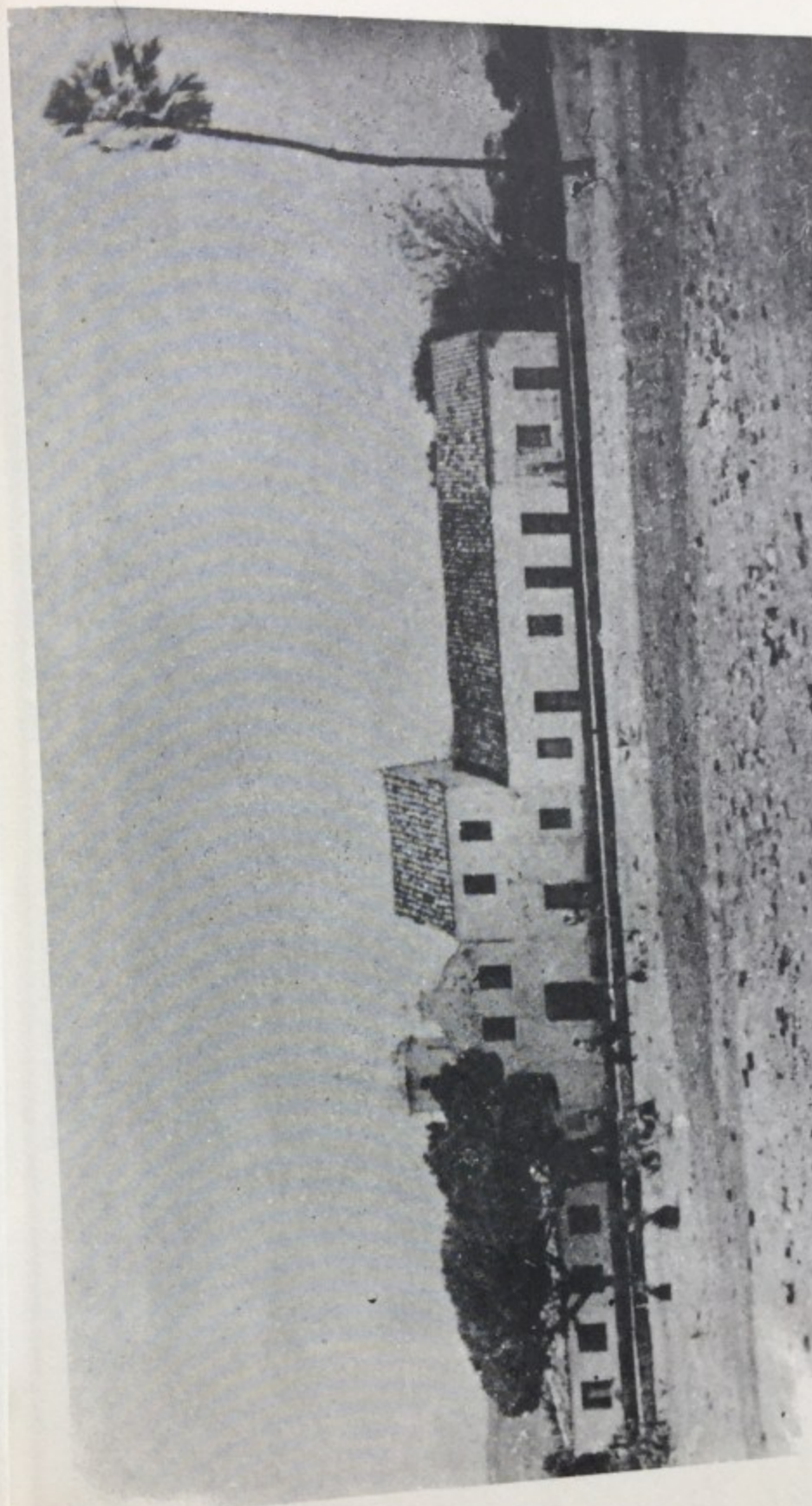
O Palácio que a Onça Cuctana sobrevoou na manhã de 8 de dezembro de 1911, agourando a Guerra Sertaneja de 1912-1930. Daqui governaram a Paraíba tanto o Doutor João Suarana quanto o Doutor João Pessoa. Este mandou derrubar a Igreja que ainda se vê aqui e que, antes disso, como na casa da Onça Malhada, unia o "belo e sóbrio Palácio de estilo jesuítico ao prédio igual que existe à direita, mas que também foi muito mutilado pelas reformas



A casa da fazenda "As Maravilhas", desmembrada da Onça Malhada e dada por Dom Sebastião Garcia-Barretto a sua irmã, Dona Maria Sulpícia, mãe de Quaderna, O Decifrador, no dia de seu casamento com Dom Pedro Justino Quaderna. As cabras e ovelhas na frente da casa bem mostram "a pobreza e o despojamento da bárbara Aristocracia sertaneja do couro", como diz Samuel.



A Casa-Forte da Onça Malhada, tão importante nesta história e na vida de Quaderna, O Decifrador. Vê-se aqui a Capela em cuja torre Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto foi degolado e que unia a casa-forte da esquerda ao sobrado da direita.



A Casa-Forte da Onça Malhada, depois que foi restaurada por Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto em 1926. Da esquerda para a direita: casa-forte baixa, a Capela — com torre e mirante onde meu Padrinho foi degolado — o sobrado, e os armazéns onde havia as bolandeiras de descarregar algodão.



O lugar em que o Rio Taperóá se encontra com o Riacho do Elo. Ao fundo, vê-se a amurada de pedra que margeia o rio naquele trecho, e que, manchada por uma marca indelével de sangue, assinalou, de maneira tão profunda e terrível, a vida de Quaderna, O Decifrador.



HISTÓRIA
D'O REI DEGOLADO
NAS
CAATINGAS DO SERTÃO

Romance Armorial
e
Novela Romancel Brasileira
de
A. S.



HISTÓRIA D'O REI DEGOLADO NAS CAATINGAS DO SERTÃO

As autoridades e ao Povo em geral: Dizem de tudo aquilo que é bom e gostoso: "Ou é pecado, ou engorda, ou faz mal à saúde." Pois bem: leiam o Romance D'O REI DEGOLADO — segunda parte da Obra que é o Castelo sertanejo e a Catedral perigosa da nossa Raça — e estarão lendo o único livro do mundo que apresenta pecados, crimes, crueldades, amores poéticos e lascivos, combates, lutas, cavalgadas e outras coisas prazerosas, e, apesar disso, não engorda, não faz mal à saúde e, ainda por cima, salva a alma de todos os fiéis Católicos-sertanejos! O livro contém: As Infâncias de Quaderna, O Decifrador, no Sertão da Paraíba! O Príncipe Esverdeado e seu crime sem prazer! As caçadas de Arésio! Nascimento, vida, morte e educação, Sorte, símbolo e ressurreição de Sinésio, O Alumioso! Genoveva Moraes, a Donzela nobre e morena que se banhava, nua, nos riachos sertanejos! Viuvez e estranha tarde de núpcias do Rei barbado e profético da Legenda Ensangüentada do Sertão! A Guerra de Doze, travada em 1912, com seus combates nas Caatingas, estradas e serrotes sertanejos! Vida, paixão e morte de um Fidalgo raizeiro e astrologista do Sertão paraibano! O início do sonhoso amor de Sinésio, O Alumioso, e de Quaderna, O Decifrador, por Dona Heliana, a-dos-olhos-verdes, e Helena Margarida, a-dos-olhos-claros! A Guerra da Coluna, de 1926, com as lutas e combates do Capitão Luís Carlos Prestes contra os Sertanejos! A Guerra da Princesa, com a Revolução de 1930, e a Guerra do Verde e do Vermelho, com O Sedutor do Sertão e as guerrilhas sertanejas contra o Presidente João Pessoa! Aventuras, infortúnios, desaventuras, pérfidas intrigas, presepadas, sangrentas epopéias, e folhetos de Amor, de Sensualidade, de Profecia e de Morte!

Minha Gaviã vermelha,
Asa e bigorna amarela!
Dê-me a Garra de seu bico
que queima o Canto e martela!
Que eu cante o sangue e a Coroa,
Sol que em meus ossos se coa,
trono que o Tempo esfarela!

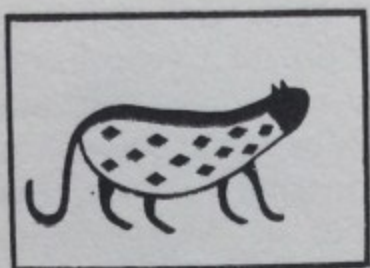
Musa, que eu cante o Processo
na mancha da Acusação!
O opróbrio da minha culpa
nas teias do Mundo vão!
Que eu cante o sangue de Arésio
e o ouro-sol de Sinésio,
Sol de prata do Sertão!

Meu Carcará escarlata,
Gaviã de ouro brilhante!
Dê-me essas Asas de sangue,
suas penas de Diamante:
e eu, Bicho da terra parda,
— sangue de Tigre e Javarda —
alcance o Sol chamejante!



AO SOL
DA
ONÇA CAETANA





FOLHETO I

A VISAGEM DO PROFETA

NO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1911, o Profeta Nazário Moura vinha por uma estrada seca e empoeirada da nossa Caatinga sertaneja, empurrado em seu carrinho de aleijado, por sua mulher, Siá Maria Umbelina, quando viu uma visagem fatídica, astrosa e agoureira.

Foi no fim do ano de 1911 que começaram os acontecimentos terríveis que iriam culminar, na Paraíba, com a Revolução de 1930, a Guerra de Princesa, a morte de João Dantas, de João Pessoa e de outros personagens importantes desta minha história.

Foi um ano de terrível seca, no Sertão paraibano. Àquela hora, perto do meio-dia, o Sol estava esbraseado, a Caatinga pardacenta e queimada, a terra cheia de gretas e escaras, e a poeira, o sujo, a pobreza e a feiúra cobriam todo aquele velho pedaço deste mundo velho de meu Deus. Ossos e carniças de homens e animais apodreciam, secavam ou branquejavam ao Sol. Por outro lado, o Profeta Nazário vinha barbado, sujo, imundo mesmo. Faltavam-lhe os dois dentes da frente, ele era feridente, gafo, fedorento, e, ainda por cima, estava coberto de andrajos, de farrapos e molambos tão sujos quanto o dono. Sua mulher, Siá Maria Umbelina, só não era paralítica: mas era tão feia, suja, desdentada, fedorenta, esmolambada e feridenta quanto ele.

Assim, ninguém pode mais me acusar, a mim, Dom Pedro Dinis Quaderna, O Decifrador, de esconder a feiúra do Sertão e a miséria sombria de meu Povo. Tendo eu começado logo com uma seca — exemplo da resistência e do orgulho “de cabeça baixa” dos Sertanejos — e mostrando logo duas pessoas pobres, assim feias e sujas, numa estrada poeirenta, cheia de ossos e carniças, acho que adquiri o direito de contar a visagem que Nazário viu, e que, mesmo sendo meio bandeirenta, gloriosa e cavalariana, talvez agora passe a nos ser perdoada a ele e a mim. Seja por obscurantismo, por delírio de fome, por doença, ou seja lá por que diabo for, a verdade é que o Povo sertanejo tem seus Profetas e é sujeito a visagens, fato admitido

até pelos inteligentes e progressistas do grupo do Professor Clemente. Assim, não creio faltar "ao princípio fundamental da Arte, isto é, o do equilíbrio, do realismo e da verossimilhança", contando deste modo, em todos os seus pormenores, a visagem do Profeta.

*

Vinha, pois, o Profeta Nazário por aquela estrada do Cariri paraibano, quando avistou alguma coisa de coruscante, gigantesco, cruel e vermelho, que passava voando no Céu esbraseado.

Apavorado, o Profeta encolheu-se no carro de madeira e encostou o braço dobrado à cara, tapando os olhos para se proteger contra os malefícios da visão. É que, no mesmo instante, tivera certeza de que aquilo era uma das encarnações da Morte divina e diabólica, da sertaneja e tapuia Moça Caetana; e, também, de que, daí a um segundo, ele mesmo estaria à beira da morte, nos estremeços epiléticos e espumejantes do "mal sagrado", que ali já vinha agora, estralando e coriscando, do seu sangue para dentro de sua cabeça, anuviando seus olhos e trazendo raios, coriscos e listras de fogo a seu juízo profético e desgovernado.

*

E, de fato, assim sucedeu e assim era. Naquele dia, a Morte Caetana, numa de suas inumeráveis metamorfoses, estava voando, sob a forma de Onça sagrada, vermelha e alada, por sobre o Reino do Sertão.

De madrugada, e ainda sob o crescente noturno que lhe serve de insígnia, na fuma sertaneja e pedregosa onde mora, ela acordara nua, sob forma humana de fêmea. Ainda deitada, estirara os braços, num espreguiçamento. Depois, alongara a vista por sobre o próprio corpo perfeito, com os dois belos peitos opulentos, de bicos vermelhos — "garças do Céu com bicos cor-de-rosa", para usar a expressão do genial Poeta paraibano, Doutor José Rodrigues de Carvalho.

O corpo da Moça Caetana é moreno, pois ela é uma divindade Cariri. Seus peitos, porém, são alvos, de auréolas apenas rosadas, mas com os bicos bem vermelhos, mais do que os de qualquer outra mulher no mundo. É que, quando ela, sob forma de fêmea, escolhe um homem para matar, aparece a ele entre delírios e prodígios e exhibe-lhe agressivamente seus peitos. O homem, fascinado, beija-os, e, ao mesmo tempo em que os morde, é picado pela cobra-coral que serve de colar à Moça Caetana. É então que o homem é fulminado nos estremeços obscenos da morte. Caetana bebe-lhe o sangue, e é o sangue dos assassinados que alimenta seus peitos, tornando-os belos, opulentos, rosados e de bicos vermelhos daquela maneira.

Agora, ainda deitada, ela olha em seu corpo esses dois belos peitos e, mais embaixo, a concha selvagem, entrecerrada na relva



A Morte Caetana sob forma de Onça pintada comum. Gravura copiada por Taparica de uma pintura em tinta vermelha, deixada pelos Tapios Cariris nas pedras sertanejas.

escura dos pêlos noturnos. Com os dedos da mão direita, apalpou, num ritual, primeiro o peito esquerdo, depois o direito, ao mesmo tempo em que colocava a mão esquerda espalmada sobre o púbis, selando o conchiz negro-vermelho do sexo. No mesmo instante, começou a perder sua forma de mulher e a assumir a de Onça malhado-vermelha. A cobra-coral cujo nome é *Vermera*, que lhe serve de colar e nunca larga seu pescoço, enroscava-se ali, ferindo o ar de vez em quando com sua língua bipartida. Enquanto isso, as três aves-de-rapina da Morte pousavam sobre ela e, cravando-lhe as garras, começaram a penetrar em seu corpo — na sua pele, na sua carne, no seu sangue, nos seus ossos — primeiro as garras, depois os pés, as pernas, até que os próprios corpos das cinco passassem a ser um corpo só, com seis asas e cinco cabeças, a da Onça, a da Cobra e as três das Aves-de-rapina.

Composta assim a estranha Fera, havia nela algo de belo e de infame, de reluzente e fascinador, mas repugnante. No flanco direito da Onça, ficou cravado a ela, pelo corpo, o gavião-vermelho *Cain-tura*, o gavião da fome, da sede, da doença e do tempo. No flanco esquerdo, o gavião-negro *Malermato*, o gavião da nudez, do sofrimento, do infortúnio, do acaso e da necessidade. Entre os dois, no dorso e entre as espáduas da Onça, o carcará negro, castanho e branco que se chama *Sombrifogo* — a ave-de-rapina do assassinato, da chacina, da guerra e do suicídio.

*

Então, saindo de sua furna escondida, a Onça vermelha e alada da morte apareceu na saída, ao mesmo tempo em que o Sol sagrado, nascendo, começava a alumiar o Sertão. Piscando os olhos ainda enevoados de sono, Caetana alçou vôo e começou a sobrevoar o Reino do Nordeste Brasileiro. Saindo de Taperoá, dirigiu-se primeiro para as bandas situadas entre o sul e o poente. Sobrevoou as Vilas de Patos da Espinhara, Teixeira e Desterro, detendo-se principalmente sobre as fazendas das famílias Dantas e Villar, e mostrando a cada uma delas suas presas agudas, numa espécie de sorriso cruel e sardônico. Desceu para Água Branca e para a Vila de Tavares, passando daí para a nobre, leal e invicta Vila de Princesa, e demonstrando-se então sobre as terras do Coronel José Pereira, chefe-guerreiro principal da grande Guerra Sertaneja que se aproxima e que ela, agora, está agourando. No Catolé do Rocha, sobrevoou as terras dos Maias e Suaranas. Deu uma guinada para o Sertão do Pajeú, em Pernambuco, onde olhou demoradamente as terras dos Pereiras, pousando um momento sobre os dois rochedos gêmeos da Pedra do Reino — a catedral, Castelo e fortaleza dos Quadernas. Daí, alçando novamente vôo, cruzou de volta o Sertão paraibano, para ir à Vila do Umbuzeiro, onde olhou demorada e cruelmente as terras da família Pessoa, sempre arregaçando os beiços e mostrando os dentes.

Desceu para o Recife e olhou bem a velha Detenção, a Cadeia na qual, vinte anos depois, ocorrerá a morte, por degola, de dois homens, um deles fundamental em minha história. Subiu, e passou então sobre a Cidade da Paraíba, cujo velho Palácio do Governo sobrevoou duas vezes, agourando morte sangrenta a dois Presidentes que iriam ocupá-lo, — um, treze, e o outro dezessete anos depois.

*

Durante todo esse tempo, mantinha-se invisível, exceto aos olhos inocentes e cruéis das crianças, dos Profetas, dos loucos e daqueles que, bebendo o vinho sagrado da Pedra do Reino, ficam possuídos pelo divino dom da Poesia divino-demoníaca, escumejante, alucinatória, epilética e cegadora.

Finalmente, em vôo rapidíssimo, de flecha, voltou, sem fazer mais qualquer desvio, ao território da Vila Real da Ribeira do Tape-roá, indo pousar sobre a gigantesca pedra que encima a sagrada Serra do Pico. Ali ficou um momento, alçada, aflando as seis asas das aves-de-rapina encravadas em seu dorso, asas que ela abria e fechava, dando a idéia de um enorme, estranho e vermelho pássaro de cinco cabeças. Pousou, afinal. Parou e, com as garras tocando a pedra, terminou por se deitar como as onças se deitam, isto é, com as patas traseiras ao lado do corpo e as dianteiras espichadas para a frente, firmadas no áspero e belo granito meio claro da Pedra do Pico. Assim ficou muito tempo, no ponto mais alto daquela serra.

A *Pedra do Pico* é a segunda em altura, na Paraíba. Só é excedida, portanto, em questões de sacralidade e divindade, pela Pedra do Jabre, que, sendo a mais alta do Reino do Sete-Estrela do Escorpião do Nordeste, é a mais sagrada pedra-de-ara do mundo. Dali de cima, portanto, descortina-se grande parte do Reino que a Morte Caetana acaba de sobrevoar. Ela, porém, enxerga muito mais. Com seus olhos de divindade sertaneja, diabólica e tapuia, vê tudo o que deseja, por mais longe que esteja a pessoa, por mais distante que se encontre o lugar.

Pois é o que ela faz agora, começando a examinar, uma por uma, as estradas que ligam os locais que sobrevoou à fazenda "Onça Malhada", dos Garcia-Barrettos. Vem chegando por essas estradas uma porção de gente a cavalo — o Doutor João Pessoa, o Senhor João Dantas, o Doutor João Suarana, o Coronel José Pereira — e a Onça Caetana vai examinando todos aqueles Cavaleiros que se encaminham para a velha casa esquadrejada, branca, severa, retangular e achatada da família Garcia-Barretto, todos sem saber que, através daquelas estradas, é o Destino que os vai impelindo ao encontro da fatalidade, do acaso, da chacina e da Morte.



FOLHETO II

A MOÇA CAETANA

RESUMO DO FOLHETO ANTERIOR: *Quaderna conta como a Morte sertaneja, a Moça Caetana, sob forma de Onça alada, sobrevoou o Nordeste, na manhã do dia 11 de Dezembro de 1911. Deitou-se em cima da "Pedra do Pico" em Taperoá, e avistou João Dantas, João Pessoa, João Suarana, Homero Villar, José Pereira e outros Cavaleiros que vêm se aproximando da fazenda "Onça Malhada".*

ESPICHADA EM CIMA DA Pedra do Pico, a Onça Caetana olhou primeiro para a fazenda "Juá", situada ali perto e pertencente ao Coronel Sulpício Torres Villar. Na estrada que ia ter à porta da casa da fazenda, avistou um grupo de quinze a vinte Cavaleiros que se dirigiam, a passo, para ela. À frente do grupo, vinham dois homens barbudos e grisalhos, narigudos, altos, feios, orelhudos e desempenados. Eram dois primos do Coronel Sulpício — o Comandante Jesuíno Villar de Araújo, conhecido por Comandante Jueca, e seu irmão, o Major Zorobabel Villar. Esses dois, e mais o Coronel Sulpício, eram, naquele ano de 1911, os *Chefes* principais da família Villar. O último, o Major Zorobabel, vinha acompanhado de perto por seus dois filhos bastardos, Benedito e Adelgício, que o seguiam nos calcanhares, como dois cachorros-de-fila.

A família Villar tem seus componentes divididos em duas linhagens, uma loura e godo-nórdica e outra morena. Dos que vinham ali agora, Jueca e Zorobabel eram da linhagem morena, a mais bruta: mas Adelgício e Benedito, sendo bastardos, eram, pelo lado da mãe, descendentes dos índios Cariris, de modo que, não sendo tão altos, eram peludos e fortes como o Pai e tinham a feiúra dos Villar agravada pela brutalidade de pedra das caras tapuias.

A Morte Caetana vê e avalia tudo isso e sorri, arregaçando os beiços, porque, voltando-se para o outro lado, ela avista, na estrada que liga o Juá à Onça Malhada, um pessoal armado, escondido ali de tocaia, por trás de umas pedras, esperando o Comandante Jueca, o Coronel Sulpício e o Major Zorobabel, para matá-los de emboscada. Caetana fareja sangue, muito sangue, do começo de 1912 até 1930. Primeiro, na Guerra de Doze que começa ali, agora, com os tiros dessa emboscada. Depois, com a Guerra da Coluna, desencadeada em 1926, pelo Capitão Luís Carlos Prestes. E finalmente

chegando-se à Guerra de Princesa, passo inicial, paraibano e sertanejo da Revolução de 1930 — a Revolução que iria imprimir ao Brasil os rumos em que ainda hoje ele se encontra.

*

Como Divindade tapuia-sertaneja, Caetana era bela, imortal e eternamente jovem, dotada daquela beleza ao mesmo tempo cruel, terrificante e fascinadora que é própria de sua hierarquia divina. Já fulminara muita gente com o toque de sua mão e com seu mortal abraço. Já farejara e bebera muito sangue entre aquelas pedras selvagens do Reino do Sertão.

No começo imemorial dos tempos, vira as plantas e os animais sertanejos surgirem, pela primeira vez no mundo deserto, do barro úmido, quando as Divindades cariris se ajuntavam carnalmente entre si e pingos de sangue dos deuses-machos e das fêmeas caíam do céu e do Sol no chão, e geravam, assim, da terra, os rebanhos de todos os bichos que ainda existem. Era, quase sempre, no tempo da chuva, que tais coisas aconteciam. Depois, mesmo nos meses de estio, com o Sol abrasador queimando o Sertão velho, vira deuses machos e fêmeas deixando-se atrair sexualmente por esses animais, descendentes seus. Um deus-macho qualquer, sob forma de Jaguar, cobria uma Anta fêmea; ou então uma divindade fêmea, sob forma de Garça, deixava-se possuir por um Gavião. Assim, como resultado desses incestos e metamorfoses, surgiram os primeiros homens e mulheres, os Tapuios e Tapuias-Cariris, antepassados dos nossos índios de cara de pedra, dos astecas, maias, incas e toltecas, e, portanto, geradores primeiros de toda a Raça humana.

A todos esses momentos de violação e metamorfose Caetana assistia, de todas essas poses ela participava, ora sob forma macha, ora sob forma fêmea, estremecendo com seu sangue nas convulsões dos partos e nos estremeços do gozo. Do sangue de todos os homens-machos que nascem, ela faz se apossar um dos seus Gaviões, e do sangue das mulheres-fêmeas a cobra-coral *Vermera*. É por isso que toda mulher, quando goza ou quando entra em agonia, se contorce como uma Serpente. É por isso que todo homem, quando goza ou quando morre, estremece todo, cerrando os dentes e, logo depois, abrindo e fechando a boca, no feio e sagrado espasmo do Gavião profundamente ferido. E, finalmente, é por isso que todos os homens, e todos os filhos e filhas dos homens, são também filhos da morte, nenhum deles escapando a suas garras maternas e cruéis.

*

Fora assim que Caetana vira nascer ali, por entre aquelas pedras que pareciam gigantescos lagartos de fogo pousados sobre a pele de fera da Terra, aquela raça Cariri de tapuios castanhos e bronzeados,

errantes pela Caatinga sertaneja, homens e mulheres de cor parda e negros cabelos corredios — a Onça-castanha inicial, que está por baixo da Raça brasileira, da América Latina e da Rainha do Meio-Dia, e que chama todas as outras raças para chegar a ela. Muitas vezes a Morte Caetana soltara sobre os Tapuios seus gaviões e sua cobra-coral, espalhando entre seus fiéis as flechas do Tempo mortífero; ou as do Acaso; ou as da doença e da peste; ou as do desespero que leva ao suicídio; ou as do assassinato, da chacina e da guerra. Assim, vira muitos daqueles Cariris de cara de pedra se matando uns aos outros, de flechadas nos olhos — pois eram, todos, hábeis Arqueiros — ou de golpes cruéis de maças de madeira e machados de pedra, que despedaçavam os ossos, esmigalhando completamente as cabeças.

Depois, um dia, passados milênios e milênios, Caetana vira aportar no Reino do Cariri do Nordeste, uma outra Raça, de marujos, godo-ibérica e celtárabe, saída do Mar por onde viera em Caravelas aurivermelhas e embandeiradas, com seus galhardetes brancos ferrados com a Cruz — a insígnia daquele seu irmão judaico, o Cristo, o Cachorro de Adonai, gerado por este das entranhas de uma Virgem, no áspero Sertão da Judéia.

Fora há quinhentos anos. Aqueles duros marinheiros tinham se fixado primeiro no Litoral e na Mata, estabelecendo, nos Engenhos, a “civilização do açúcar”, cruzada de Negros, Portugueses, Índios Tupis, Espanhóis e judeus Cristãos-Novos. Mas logo os filhos-segundos, despojados de terras pelo morgadio e mais ambiciosos pelo ressentimento, começavam a subir o pedregoso planalto sertanejo, procurando terras e pastagens para nelas situar seus gados e rebanhos. Eram impelidos pela ambição, é certo. Mas eram-no, também, por desígnios mais profundos e desconhecidos: uns, ligados ao espírito; outros, à maldade e ao sangue; outros, ao sangue do espírito — mas todos soprados pelo fogo da Divindade. Porque seria ali, nas terras dos tapuios arqueiros Cariris, que eles, cruzando-se com as mulheres Ariús, Curemas ou Panatis, iriam dar origem aos Mamelucos sertanejos e fazer, assim, do Reino do Cariri, da nossa perigosa, fêmea e castanha Paraíba, o nódulo sangrento, espinhoso e pedreguento do Império do Sete-Estrela do Escorpião do Nordeste, o coração do Brasil e da estranha e acobreada Rainha do Meio-Dia, Madre nossa.

No século XVI, começam esporadicamente as primeiras incursões sertanejas. No XVII, as *entradas* sertanistas são prejudicadas pela Guerra Holandesa. Expulsos os holandeses em 1654, pelos nordestinos comandados pelo paraibano André Vidal de Negreiros, dá-se, em 1663, a primeira *entrada* verdadeira, a de Antônio de Oliveira Ledo, em nosso sagrado Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba do Norte. Mas, de fato, é o século XVIII aquele em que realmente se estabelece a “civilização do couro”, a qual, de 1912 a 1930, iria dar, em crispações guerreiras, seus terríveis arquejos de agonia e morte.



A Morte Caetana representada pelos Cariris sob forma de Serpente. Quando ela aparece enrolada sobre si mesma, é também “figura” da sabedoria divina e da imortalidade.

Arquejos cujos primeiros sinais a Morte Caetana está se preparando para ver de cima da Serra do Pico, nos tiros que vão desfechar, de emboscada, nos pró-homens da família Villar.

*

A Moça Caetana reflete ali agora, sob a forma de Onça divina e alada da Morte, passeando a vista por todos aqueles lugares sagrados onde em breve jorrará muito sangue. Com seus olhos que enxergam ao mesmo tempo o presente, o passado e o futuro, vê a Raça de marujos ibéricos partindo, no século XVI, de regiões de gado como a Beira-Alta e as terras de Entre-Douro-e-Minho, em Portugal. Entram eles nas Caravelas aurivermelhas, ouvindo ou entoando cantos dementes que dizem: "Pescador da Barca-Bela, onde vais pescar com ela?" Ou então: "Lá vem a Nau-Catarineta que tem muito o que contar." Ela os vê, depois, já no sagrado Império do Nordeste Brasileiro, subirem o planalto sertanejo, mas depondo, antes, ao pé das pedras, os sextantes, as velas, os astrolábios e outros instrumentos náuticos, ainda salpicados e corroídos pelo sal do Mar. Vê que eles trocam as camisas e barretes vermelhos de Marujos ibéricos pelo chapéu tricorne e pelos gibões de couro dos Vaqueiros e tangerinos de gado. Vão matando cruelmente os homens e violando as mulheres Cariris, a quem consideram como umas Cadelas castanhas, próprias somente para servirem de pasto à sua luxúria desgovernada. E situam-se no Chapadão dos Cariris Velhos, a parte mais alta, seca, fria, áspera e pedregosa da Serra da Borborema. Daí, descem para as planícies da Espinhara e do Rio Piranhas, as ardentes fornalhas do Sertão, terras baixas e quentes, cercadas por um cinturão enorme de serras de pedra que, azulando e centelhando, devolvem às Vilas de Patos, Malta e Pombal, refletidos e multiplicados, os raios de fogo do Sol sertanejo. Depois chegam outros — ciganos e arábios — e, todos misturando-se aos Cariris, terminam forjando a Onça parda da Raça sertaneja, "a rocha viva da Raça brasileira", a única que, por ser castanha, vai um dia servir de *medianeira* entre os dois mundos e os povos da Rainha do Meio-Dia, cujo centro sagrado ela representa.



FOLHETO III

HOMERO VILLAR,
O CAVALEIRO
SEM MEDO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna conta como numa estrada, perto de Taperoá, um grupo de homens armados espera o Comandante Jueca, o Coronel Sulpício e o Major Zorobabel Villar para matá-los de emboscada. A Morte Caetana, sob forma de Onça alada e vermelha, deitada em cima da Pedra do Pico, avista o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira, enquanto escuta, noutra estrada, a conversa entre o Capitão Homero Villar e seu primo, o Major Jocelyno.*

CAETANA VÊ E SABE TUDO ISSO. Volta sua mente divina para o passado e vê chegarem os Dantas ao Sertão em 1767. Em 1791, vê chegando, para ocupar sua *data de sesmaria*, o Capitão Bento da Costa Villar, de quem descendem aqueles três fazendeiros que se encaminham ali, agora, para a "Onça Malhada", ignorando que a Morte os espera adiante, de tocaia. Em 1745, vê chegarem ao Sertão os Cavalcantis-de-Albuquerque Suaranas. Em 1775, os Pereiras, dos quais descende o Coronel José Pereira, chefe da Vila de Princesa e da Guerra Sertaneja de 1930. Finalmente — sem se falar dos Garcia-Barrettos e dos Quadernas da *Pedra do Reino* — vê chegarem à velha fazenda paraibana da "Barra do Natuba", os Pessoas, de Umbuzeiro.

Ora, será entre estas *sete famílias perigosas* — os Villar, Garcia-Barrettos, Dantas, Quadernas, Suaranas, Pereiras e Pessoas — que vai se centralizar a guerra sertaneja dos vinte anos que se seguem, com o Partido fidalgo-popular, sertanejo e verde-azul dos Dantas de um lado, e o Partido negro-vermelho, republicano, positivista e burguês dos Pessoas do outro. Rebentos de todas essas *sete famílias perigosas* vêm se encaminhando, agora, para a fazenda "Onça Malhada" dos Garcia-Barrettos. A Morte Caetana, com sua mente e seus olhos divinos, sabe, vê e ouve tudo, e sorri. Está contente, farejando sangue. Deixa de olhar a estrada do "Juá" e passa a examinar outra, vinda do "Campo do Coxo", por onde viaja, também para a "Onça Malhada", um outro grupo da família Villar. À frente deste, vêm um rapaz alto, da linhagem loura da família, desempenado e afogueado, e um velho baixo, entroncado, ainda direito e firme na sela mas de cabelos e cavanhaque completamente brancos. O moço é o Capitão Homero Torres Villar, filho do Coronel Sulpício, e agora, ali, montado em seu famoso cavalo-de-guerra, "*Explosivo*". O velho, é o Major Jocelyno Villar, seu primo. Os dois vêm discutindo, pronunciando palavras políticas e de sangue, decisivas para se entender a Guerra cruel que chega. O velhinho fala com voz mansa e gestos plácidos. O moço, de modo iroso e arrebatado. Caetana apura os ouvidos e escuta o diálogo, contente porque vê se aprofundar a dissensão que levará os Dantas e os Pessoas à guerra sangrenta com a qual ela sonha.

O moço Homero, afogueado pelo sol e pela raiva, falava surdamente, com sua voz meio rouca:

*

— Olhe, Major Jocelyno, eu só vou para essa reunião porque meu Pai mandou: sou contra qualquer acordo com a família Pessoa! E vou lhe ser franco: em tudo isso, o que eu achei pior foi meu Pai ter me destacado para acompanhar e proteger você, que traiu meu Pai e toda a família Villar, em 1904!

O velho respondeu mansamente:

— Homero, não fale assim não, meu filho! Eu sou seu primo, mas sou um homem já idoso, é como se fosse seu tio! Já estou velho e conheço o mundo: essas brabezas nunca deram certo! Afinal, o que é que está acontecendo? Nós dois estamos indo para a fazenda dos Garcia-Barrettos, que sempre foram aliados dos Dantas, dos Villar e dos outros donos-de-terra sertanejos em nossa luta contra os Pessoas e os comerciantes da Capital! Vamos assistir ao batizado do menino Sinésio, filho mais moço da casa e afilhado do nosso primo Sinésio Villar de Carvalho! Que mal existe nisso?

— Que mal existe? Você inda pergunta? Existe mal, sim! Existe, porque esse batizado é somente pretexto para a reunião em que vai se tratar da tal “conciliação política” dos Sertanejos com a família Pessoa, acordo que é uma desmoralização para meu Pai!

— Desmoralização por quê? Homero, você é muito moço e não conhece as coisas, deixe que eu lhe explique! Desde 1889, com a proclamação da República, o Brasil vem se dividindo em dois Partidos! Aqui na Paraíba, o dos Dantas e Garcia-Barrettos, verde-azul, é formado pelos Senhores-de-terra, unidos ao Povo que trabalha no campo. O dos Pessoas, negro-vermelho, é formado por comerciantes e funcionários públicos da Capital. Em 1889, vindo a República, os Pessoas subiram ao Poder, com o General Deodoro da Fonseca e aliados ao Doutor Venâncio Neiva. Foi por isso que o Partido deles ficou sendo chamado de *venancista*. Mas, em 1891, havendo outro golpe militar, nós subimos, com o Marechal Floriano Peixoto e aliados a Álvaro Machado, ficando o nosso Partido com o nome de *alvarista*. Foi por isso que, em 1904, Eptácio Pessoa, que já começava a ser o verdadeiro Chefe dos *venancistas* negro-vermelhos, vendo que nós, os *alvaristas* verde-azuis, não seríamos mais alijados do domínio sobre a Paraíba, aconselhou seus partidários a fazerem um acordo com Álvaro Machado, entrando para o nosso Partido!

— Aí é que está o nó, Major Jocelyno! — gritou Homero. — Você acha bem que Eptácio Pessoa fez isso na inocência, com boa intenção... O que ele quer é minar nosso Partido por dentro e dominar a Paraíba; como, aliás, está conseguindo, por causa de gente como você! Mas esse Álvaro Machado é, por um lado, cego, e, por

outro, traidor! Quando Eptácio Pessoa acenou a ele com o acordo de 1904, ficou cego de orgulho, com a perspectiva de ter o partido dos Pessoas também sob seu comando! E foi nessa história que meu Pai foi traído pelos Machados e apeado, aqui em Taperoá, da Chefia política, em favor desse tal de Doutor Félix Daltro, esse *peçoísta* com quem você, agora, vive de cama e mesa, traindo a família Villar!

*

O grupo de Cavaleiros passava, agora, na estrada, por uma região estranha, seca, sáfara e pedregosa. Se Homero Villar fosse o Profeta e gênio da Raça brasileira, teria recebido, ali mesmo, através daquelas pedras contorcidas e lascadas, uma revelação do Jaguaraiar, do Deus terrível, do Aureadugo, do Jaguar de Ouro que é o Pai de tudo e dos outros deuses, e que por ali passara um dia, queimando e despedaçando a terra sertaneja, com os coriscos de seu fogo implacável. Não sabia Homero que, talvez, essa revelação fosse o presságio de sua morte, agora ali comunicado pelas pedras e pela dura terra do Sertão — o presságio de sua morte próxima, terrível, sangrenta e dilaceradora, num combate. Não porém de tiro — como ele sempre julgara e desejara — mas sim do coice de um cavalo enfuriado que lhe despedaçará a fronte com seus cascos.

Sim! A paisagem sertaneja, cortante, feroz e enceguedora, transmitia ali a eles alguma mensagem terrível e implacável, moldada pelo fogo, na pedra, há muitos anos, cheia de terrores secretos e segredos terrificantes, de palavras cifradas que reluziam nas incrustações de quartzo e malacacheta, disseminadas no granito. O Sol batia nelas, fazendo do real uma miragem, baralhando as formas no ar seco e claro demais — um ar no qual qualquer fagulha desencadearia o incêndio entre aqueles homens que, através das dissensões políticas, brincavam, cegos, com o fogo de Deus. Era um Sol sufocante, ofuscador como uma divindade sinistra — o Sol ensinador da Morte. A beleza áspera, austera e reluzente da terra pedregosa, que a estrada cortava ali, parecia transmitir aos homens um aviso do Sombrio e do desespero. Mas não tinha sido decretado pelas estrelas subterrâneas do nosso Destino de assinalados que Homero e o Major Jocelyno ouvissem, agora, o aviso. De modo que este continuou a conversa, tentando aplacar a fúria cega e epopéica do primo indomável:

*

— Homero, se acalme! Em Política, a gente tem que ceder muita coisa e engolir muito sapo! É claro que Eptácio Pessoa não iria dar, de mão beijada, a Álvaro Machado, toda a força do Partido *venancista* que ele chefia! Era um acordo, e nós teríamos que ceder alguma coisa em troca! Uma dessas concessões foi que, em alguns municípios, a Chefia política fosse entregue a elementos da família Pessoa. Aqui em Taperoá, o Chefe *alvarista*, desde 1891, era o Coronel Sul-

pício, seu Pai. Quando se celebrou o acordo de 1904, Álvaro Machado ordenou a Sulpício que deixasse a Chefia, entregando o poder ao Doutor Félix Daltro, chefe do Partido *venancista* dos Pessoas em Taperoá!

— Pois foi aí que meu Pai fez o que devia ter feito há muito tempo! — rosou Homero, ficando ainda mais vermelho sob seu cabelo louro. — Rompeu com toda essa canalha de *venancistas-pessoístas* e *alvaristas-moderados*, juntou-se com os Dantas, os Garcia-Barrettos e os Santa Cruz de Oliveira, e começaram, todos, a preparar a revolução, a vingança contra os Pessoas e o governo dos Machados, na Paraíba! Revolução que já teria começado, se você, um Villar, não tivesse nos traído, ficando do lado dos Pessoas e do Doutor Félix Daltro!

— Homero, o Doutor Félix Daltro é homem conciliador, tolerante e manso como eu! O que é que eu posso fazer? Os Machados, nossos Chefes *alvaristas* da Capital, aceitaram o acordo com os *venancistas* de Epitácio Pessoa: eu vou ficar, sozinho, contra a orientação dos Chefes? Agora mesmo cuida-se, já, de outro acordo: João Dantas e João Pessoa devem estar vindo por aí, por outras estradas, e vão se encontrar, os dois, na “Onça Malhada”, apesar da inimizade terrível que separa os Dantas dos Pessoas! Isso quer dizer que os Dantas e os Pessoas estão desmoralizados por esse encontro? Não! É muito melhor um acordo ruim do que uma briga boa! De fato, quem manda mesmo aqui em Taperoá, qualquer que seja o governo, são os Garcia-Barrettos, amigos e aliados nossos, assim como, na Vila do Teixeira, quem manda são os Dantas! Assim, que importância tem, para nós, que o Doutor Félix Daltro fique na chefia nominal de Taperoá? Que importância tem isso?

— Que importância tem? — gritou Homero ainda mais exaltado. — Tem que nós, da família Villar, e os Dantas, e os Garcia-Barrettos, e todas as grandes famílias do Sertão, estamos sendo liquidados aos poucos pelos acordos e astúcias dos Pessoas, essa família de funcionários públicos! E tem outra coisa: nossa família sempre foi unida, e agora está separada por sua causa! Veja: como é o nome do meu cavalo, Major Jocelyno? “*Explosivo*”! Como é o nome do seu? “*Pitoresco*”! Como é o nome do cavalo do Comandante Jueca, primo nosso? “*Pantera*”! Como é o nome do cavalo do Coronel Sulpício, meu Pai? “*Animoso*”! Como é o nome do cavalo do Major Zorobabel Villar? “*Universo*”! Por que esses nomes, Major Jocelyno?

— Porque esses eram os nomes dos melhores cavalos do Capitão Bento da Costa Villar, o primeiro da nossa família a chegar aqui no Sertão, em 1791! Nós mantemos os nomes dos cavalos em homenagem a ele!

— Está vendo? — disse Homero, convicto. — Você sabe! Daqui, das nossas terras, nós, Sertanejos, criadores de bois e de ca-

bras, governávamos a Paraíba, durante o Império! E é essa situação que você quer deixar que os Pessoas acabem através desses acordos!

— E o povo, Homero? Você fala contra o acordo, mas se esquece de que, se houver luta, quem morre é o Povo!

— O povo está conosco, Major Jocelyno, e morrer, morre-se de qualquer jeito, de tiro ou na cama! E além disso eu me importo, lá, com o Povo? O Povo vem aí, atrás de mim, olhe! — disse Homero apontando o grupo moreno de seus cabras entrancados de cartucheiros e que ouviam, impassíveis, a discussão. — O Povo está com os Fazendeiros sertanejos e atirárá na família Pessoa, se ela vier cá, tentando desmoralizar o Sertão! O Povo está conosco! — repetiu ele, impedido de ver tudo claro pela Divindade, que queria cegá-lo para impeli-lo a seu destino.

O Major Jocelyno rebateu mansamente:

— Sim, o Povo daqui está conosco, por enquanto, assim como o Povo mais pobre da Capital, por enquanto, está com a família Pessoa! Mas o que é que acontecerá se nós e os Pessoas entrarmos em luta armada? O Povo ficará conosco e nos apoiará eternamente numa luta na qual não ganha nada?

— Não sei! — retrucou Homero, obstinado. — O que eu sei é que um filho do Capitão Bento, Galdino da Costa Villar, Cavaleiro da Ordem de Cristo, governou a Paraíba em 1824, no tempo do Imperador Dom Pedro II! Nós, os Sertanejos, estávamos sempre no Poder, quando um dos nossos subia à Presidência, como aconteceu com o Doutor Manuel Dantas, nos últimos dias do Imperador Pedro II! E por que é que tínhamos tanta força? Porque vivíamos unidos! Agora, só vai para o Poder gente do Brejo e da Capital! Você está traindo a família e o Sertão, ao apoiar o Partido dos comerciantes, e ainda me pergunta que importância tem isso... Tem importância, e muita! E você pensa que o Povo não está contra você não? Por que foi que meu Pai me mandou aqui, com meus cabras, para proteger e garantir você? É porque tem gente querendo matá-lo! A meu ver, aliás, com toda razão! Mas meu Pai não quer que isso aconteça: por isso me mandou, eu obedeci e vim! Vou proteger você até a “Onça Malhada”, assim como meu irmão Clodoveu vem protegendo o Doutor Félix Daltro, também a pedido de meu Pai! Mas eu lhe digo uma coisa: nem eu nem Clodoveu estamos de acordo com meu Pai, nisso! Pelo nosso gosto, a gente deixava que matassem vocês dois e deixávamos suas tripas serem comidas pelos urubus! O Doutor Félix, por ser *venancista* e pau-mandado dos Pessoas! Você, por ter traído a família e o Partido, e por ter se tornado laçao dos nossos inimigos!

Esporeando o cavalo, o Capitão Homero Villar, num gesto arrebatado, adiantou-se alguns passos e tomou a frente da cavalgada, para acentuar, com isso, a distância que queria manter do Major Jocelyno e dos acordos com a família Pessoa.

O Major Jocelyno não disse mais nada. Cabisbaixo e preocupado, seguiu ao passo do cavalo, para o encontro com João Dantas, João Pessoa, Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira, continuando a ruminar seus pensamentos e suas esperanças conciliatórias, em direção à "Onça Malhada".



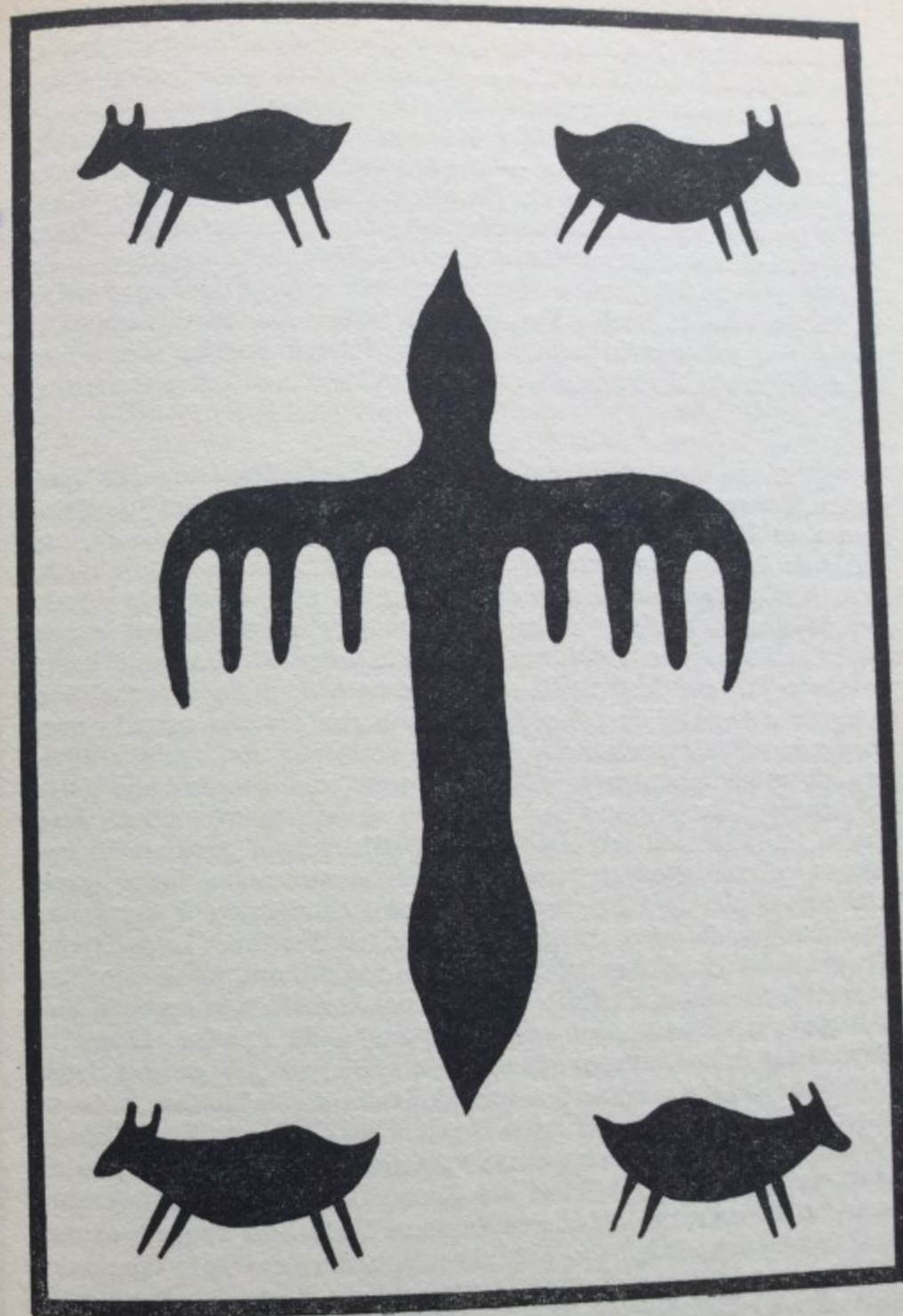
FOLHETO IV

O PRÍNCIPE JOÃO SUARANA E A PRINCESA DO REINO DA SOLIDÃO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna mostra um grupo de tocaieiros que espera três homens da família Villar para matá-los de emboscada. A Morte Caetana, sob forma de Onça alada e vermelha, ouve Homero e Jocelyno Villar conversarem sobre os dois Partidos políticos que terminarão por lançar o Sertão e a Paraíba numa sangrenta guerra civil: o Partido verde-azul dos Dantas e Garcia-Barrettos, e o Partido negro-vermelho da família Pessoa.*

AGORA, A ONÇA CAETANA olha, noutra estrada, o grupo mais compacto de Cavaleiros que vinha, naquele dia, para a fazenda "Onça Malhada". Era formado por grande número de pessoas e os homens que vinham na frente, chefiando-o, eram vários, quase todos recrutados entre os poucos Chefes sertanejos do Partido *venancista* e negro-vermelho dos Pessoas.

O principal era um homem alto, desempenado, de olhos escuros e bigodes grandes, meio caídos nos cantos da boca. O rosto era arredondado e jovial, os modos maneirosos e simpáticos. Moreno, via-se que ele tinha tido alguma antepassada Cariri, o que o tornava filho-nato da Raça mameluco-sertaneja, fazendo-o assemelhar-se a um mexicano cujo retrato eu tinha visto, certa vez, no *Almanaque Charadístico e Literário Luso-Brasileiro* e pelo qual o Professor Clemente e eu tínhamos grande simpatia — o Capitão Emiliano Zapata. Era o Coronel José Pereira, de Princesa, homem fidalgo, de mando e de prestígio no Sertão. Naquele dia, era pessoa importante para o acordo político que ia se tentar na "Onça Malhada". Descendente



A Morte Caetana, sob forma de Gavião, assim como a viam, também, os Tapuios Cariris. Note-se o pique alado e agudo que ela empreende sobre os veados, que fogem espavoridos diante da grande Assassina.

em linha direta do Capitão-Mor André Pereira Lima — inscrito em 1775, em nosso *Gotha Sertanejo*, isto é, nos *Apontamentos para a História Territorial da Paraíba* — estudava Direito no Recife quando, já no terceiro ano, a morte súbita do Pai obrigara-o a deixar os estudos para assumir o governo das terras e o comando político da Vila Real da Princesa Isabel — o que terminaria por coroá-lo como Rei-guerrilheiro do Sertão da Paraíba/e por fazê-lo eternizado em pedra/aqui no meu Cantar-rouco-e-castanho/em que se sagra a Raça brasileira./Além disso, sendo o Chefe político mais prestigioso do Sertão, era um dos poucos Sertanejos que pertenciam ao Partido *negro-vermelho* da família Pessoa. Mais ainda: era um dos pouquíssimos que, pertencendo a esse Partido, tinham, porém, acesso aos Chefes sertanejos do Partido *verde-azul* dos Dantas e Garcia-Barrettos.

*

Com ele, um pouco mais atrás, vinham vários homens que, depois, desempenhariam papel muito importante na Guerra de Princesa e na Revolução de 1930. A seu lado e, ao que parecia, em igualdade de condições com ele, cavalgava um rapaz de vinte e cinco anos. Vestia calça e camisa *gandola* de mescla azul, formando o todo um conjunto meio-militar e sertanejo, abotoado até o pescoço, o que era sublinhado pelas meias-botas que ele calçava. Era mais baixo do que o Coronel José Pereira. Moreno-corado, tinha os cabelos e o bigode castanhos, de pêlos finos. Sua barba era tão cerrada que, apesar de cuidadosamente raspada duas vezes por dia, azulava inteiramente os lados e a parte inferior do rosto, assim como boa parte do pescoço e da garganta. Ao contrário de seu grande amigo José Pereira, as pontas de seu bigode — de pêlo sedoso como o do cabelo — não se curvavam, caídas: mantinham-se numa linha quase reta em relação ao lábio superior. Estava começando a despontar como um grande astro no céu do Poder, na Paraíba. Tanto assim que o Coronel José Pereira, homem tão importante, já se considerava, naquele tempo, chefiado por ele, por considerá-lo como a encarnação e o porta-voz dos anseios sertanejos da Paraíba. O genial Floripes dos Santos, escritor paraibano que não gostava de sua família, batizara-a com o nome Suarana, derivado de Suçuarana, a *Onça vermelha* do Sertão. Queria assim o genial *epopeieta* do livro *Cabras e Coronéis* aludir à violência dessa “sinistra família sertaneja”, cujas lutas, na Vila Real do Catolé do Rocha, foram por ele referidas como “a luta entre os Maias e os Suaranas”. O nome daquele rapaz, descendente dessa família e que ali vem agora, era João Suarana. João: o mesmo nome de João Dantas e João Pessoa — fato que, anos depois, iria motivar sérias especulações astrológicas sobre o destino sangrento da nossa terra. Sentia-se nele o mesmo ardor de chama que já veremos aparecer daqui a pouco em João Dantas e João Pessoa, assim como aquele fundamento meio enigmático, peri-

goso e subterrâneo que existe em todas as personalidades astrosamente assinaladas.

Era homem profundamente sedutor numa conversa, como, aliás, todo o Sertão já estava começando a saber, todos sentindo-se identificados com “aquele rapaz, tão moço mas já importante, favorito do Coronel Antônio Pessoa que o queria como a um filho, moço com um futuro brilhante abrindo-se diante dele na Política paraibana, e que, no entanto, chegava nas fazendas, vestia-se de Vaqueiro, corria no mato com os outros, laçava touros e novilhas, caçava, ia para o curral tirar leite, tocava viola, cantava *folhetos e cantigas*, e passava horas e horas esquecido, ou a ouvir Cantadores, ou a contar histórias que deixavam todo mundo numa espécie de encantação”. Homem de Catolé do Rocha, Vila situada no Alto Sertão, apesar da importância política que começava a granjear não vinha ali, agora, pensando nos acordos ou desacordos dos Dantas, dos Villar e dos Garcia-Barrettos com os Pessoas, seus amigos. Vinha para tentar resolver um problema fundamental em sua vida: o do seu casamento com a moça a quem amava.

*

De fato, fora literalmente fulminado pelo *amor perigoso*, naquele ano de 1911. Numa de suas andanças de Sertanejo, passara, dois meses antes, na Vila do Teixeira, onde lhe acontecera um incidente decisivo. Vinha ele, a cavalo, pela Rua da Igreja, quando viu um homenzarrão meio embriagado atrevendo-se a importunar e insultar uma mocinha de uns quinze anos, de quem ele, no primeiro momento, apenas entreviu o vulto, vestido de branco e sustentando uma sombrinha, um chapeuzinho-de-sol, aberto e também muito branco e claro no Sol sertanejo.

Veio a saber, depois, que o homem chamava-se Joaquim Imaginário. Era *cabra* do Coronel Dario Ramalho, um amigo e aliado do Doutor João Suarana. O Coronel Dario, homem fino, jamais ordenaria ou aprovaria aquilo. Mesmo o próprio Joaquim Imaginário, via-se que ele estava indo além de seu atrevimento habitual, levado pela aguardente que bebera e por um impulso causado pela hora. Ele tomava a frente da mocinha, na calçada, parecendo querer impedir sua passagem. Ela, sem se intimidar, altiva mas ferida em seu pudor e em sua altivez pelo simples fato de ter que tomar conhecimento da existência de tal homem, tentava se desviar dele. Mas era inútil: toda vez que ela se desviava para um lado, ele se desviava também e postava-se de novo em sua frente, hercúleo e brutal, dizendo:

— Que é, dona-moça? Quer passar, é? Não deixo não! Está confiada em seus parentes, não é? Mas hoje eu vim para beber sangue de sua família, e vou beber de qualquer jeito! Você pensa que eu tenho medo deles?

Vendo que era impossível sair daquele cerco ignóbil, ela parou, encarando altivamente a figura brutal de Joaquim Imaginário. Ele parou também, agora a dois passos dela. Era perto do meio-dia, e a rua do Teixeira, com o Sol, estava praticamente deserta. Apenas um mendigo bêbado dormitava na calçada da Igreja e uma cabra retouçava, perto, uns ralos tufo de capim seco, tilintando um pequeno chocalho. Ela quis gritar para pedir ajuda, mas seu orgulho e uma espécie de acanhamento a impediram. E Joaquim Imaginário já ia se chegando para perto dela quando sentiu uma mão bater no seu ombro, por trás, perto da espádua.

Voltando-se, ele viu o rapaz que saltara do cavalo e se aproximara por trás dele, sem ser pressentido. O rosto do Doutorzinho, tão afável nos dias comuns, estava fechado e pálido, contraído, com os olhos soltando faíscas. Instintivamente Joaquim Imaginário sentiu que tinha homem pela frente. Mas como o rapaz estava sem nenhuma arma na mão e havia grande diferença física entre ele próprio e o jovem adversário surgido de repente, mediu-o de alto a baixo com desprezo e disse:

— O que é, menino? Quem é você? Daqui você não é, senão eu lhe conhecia! Quer alguma coisa comigo? Quer morrer, é?

— Deixe a moça em paz! — disse o Doutor Joãozinho Suarana quase sem poder falar, sufocado de raiva.

— Deixe a moça em paz coisa nenhuma! — retrucou Imaginário com desprezo. — Quem é você para me dar ordens? Homem do seu tamanho, menino, pra mim é *tamboeira*, e tamboeira só serve pra ser comida de gado! Que é que você quer comigo, *Tamboeira*?

Disse isso e levou a mão à cintura para puxar a faca-de-ponta. Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo. O rapaz parecera crescer na frente dele e da mocinha, que olhava tudo com o coração pulsando desgovernado. Mal a faca saíra da bainha e um soco violento, dado com o punho esquerdo pelo Doutorzinho, atingiu Joaquim Imaginário na boca-do-estômago. Ele, sem querer, dobrou-se em dois para a frente; mas, antes que o fizesse completamente, outro soco, de direita, atingia-o na boca, dado de baixo para cima e quebrando-lhe dois dentes da frente. Um pontapé na parte inferior do ventre e outro soco nos queixos completaram o trabalho: Joaquim Imaginário aluiu no chão, tonteado. Estava ainda com a faca-de-ponta na mão bamba. Então o rapaz se lembrou do revólver. Sacou-o. Mas a mocinha, desviando-se rapidamente do homem caído, tomou a frente do Doutor Joãozinho e, sem pensar, abraçou-se com ele, numa imploração:

— Pelo amor de Deus! — disse ela, com voz embargada, mas não amedrontada. — Pelo amor de Deus, não mate esse miserável!

Sem notar bem o que estava fazendo, ela pegara no pulso do rapaz com uma mão, enquanto seu corpo se abraçava ao dele, para impedi-lo de matar o homem caído e, ao mesmo tempo, para prote-

ger seu salvador contra um possível revide do derrotado. Seus olhos castanhos brilhavam de lágrimas contidas. O rapaz, ainda no ímpeto da terrível fúria que o possuía, não se soltou. Por cima do ombro da moça, gritou para Joaquim Imaginário:

— Não se levante não, que morre!

O revólver, pegado firme, apontava o outro. O insolente, desmoralizado, engatinhou uns quatro ou cinco passos na calçada, de quatro pés, e então, sentindo-se longe e mais em segurança, levantou-se e correu.

*

O rapaz guardou o revólver. A moça sentia todo o corpo dele estremecer ainda, de tensão e raiva perigosa. A ela, porém, a fuga do homem já devolvera a calma; e então, estranhamente enleada e embaraçada, viu que estava ali, no meio da rua, praticamente abraçada a um estranho. Afastou-se dele bruscamente, envergonhada, perturbada, cheia de pudor e levando as mãos ao rosto.

Quanto ao rapaz, acabando de abotoar a cartucheira, aproximou-se dela, curvou-se para o chão, apanhou a sombrinha que ficara caída na rua e entregou-a à dona. Ela já se dominava e virou para ele um rosto de olhos brilhantes, cheios de emoção e reconhecimento. Somente então, passado o perigo, foi que ele a viu verdadeiramente: algumas poucas lágrimas caíam-lhe dos olhos, enquanto ela o encarava admirativa, cheia de simpatia e gratidão. A moça passou as costas da mão direita no rosto para limpar essas últimas lágrimas. E de repente, para ele, foi como se o Sol sertanejo tivesse caído no meio da rua. As janelas centelhavam, as casas pareciam dançar na luz, fulgiam estrelas estranhas, um arco de bronze de raios e coriscos começou a desferir nas cordas de ouro e de cobre do Sol uma estranha música sagrada. Galopavam cavalos na Caatinga calcinada, Vilas pegavam fogo, todo o Sertão estava incendiado. Mas, no braseiro formado pelo incêndio, algum Arcanjo demente devia ter lançado punhados de jasmims, porque, de repente, foi um cheiro de jasmims que começou a impregnar tudo. Ele, fulminado, não sabia o que dizer ou o que fazer. Sentia, com o sangue, que fora profundamente ferido, e para sempre, muito mais do que se a faca de Joaquim Imaginário tivesse se cravado em seu peito. Lembrava-se, vagamente, estranhamente, de que, num certo momento, há pouco, há séculos, tivera aquela moça nos braços, e fora então que aquele cheiro de jasmims começara a impregnar o Sertão, que um mata-gal de urtigas venenosas e causticantes o enleara e queimara, ao mesmo tempo em que esvoaçava em torno deles, enredando-os, um cruel e sagrado pássaro sertanejo de canto metálico. Que anunciaria esse canto? A morte sangrenta dele, anos depois? A vida dela, que, a partir daí, seria o mais estranho dos amálgamas entre a felicidade mais perfeita e os mais dolorosos sofrimentos?

O canto sagrado continuava, ao queimar do matagal de urtigas. Ela notou sua perturbação. Estava, também, profundamente ferida, marcada a ferro em brasa para sempre, e os dois não precisavam trocar palavras para saber disso. Então, muito simplesmente, ela falou:

— Muito obrigada! Como é que você se chama?

O rapaz disse seu nome, mal conseguindo articular as palavras. Depois, indagou também o nome dela. A moça respondeu com extrema simplicidade. E então, voltando-se de um modo gracioso, sem nenhuma afetação, prosseguiu seu caminho, deixando-o pregado e desesperado em seu canto: porque a mocinha que acabara de entrar e como um raio na sua vida, era da família Dantas, uma família inimiga da sua.

*

O Doutor João Suarana não se conformara em perder aquela moça. Tomara informações e soubera que seu coração estava livre. Um primo dela, Marinheiro Saldanha, pedira sua mão, mas fora recusado. Entretanto — pensava o rapaz sozinho — esse era parente e pelo menos tinha tido acesso à família dela, o que não era seu caso. Tinham, então, surgido aquelas possibilidades de acordo na Política paraibana. Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, Senhor da “Onça Malhada”, era amigo e aliado de todas as famílias adversárias dos Suaranas, inclusive da gente dela. Então o Doutor João Suarana, sabendo que seu amigo José Pereira e o Major Jocelyno Villar iam se aproximar dos Garcia-Barrettos naquele fim de ano de 1911, resolvera aproveitar a ocasião para ver se, através do acordo político, conseguia se aproximar da família da moça. Esse era o motivo aliás, que o levava a não chegar à “Onça Malhada”, naquele dia, com os Pessoas, apesar de toda a amizade que o ligava ao Coronel Antônio Pessoa, pai de Carlos Pessoa e tio daquele João Pessoa que a Moça Caetana daqui a pouco avistará, vindo para a “Onça Malhada”, ao encontro de seu destino trágico-epopéico. Sabendo do ódio rancoroso que separava os Dantas, família da moça, da gente dos Pessoas, pedira a estes que o tratassem, na fazenda, quase como a um estranho. Tinha esperanças de não ser mal recebido, pois a família Suarana, apesar de adversária dos Dantas, não chegava a ser tão odiada por eles quanto os Pessoas. Mas seus verdadeiros trunfos eram o Coronel José Pereira e o Major Jocelyno Villar. Ele esperava chegar, através desses dois, à simpatia de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, e, por este, à família da moça. Planejava, mesmo, seduzir e fascinar todos eles, através de todos os meios de encantação de que era capaz, a fim de que eles, juntos, advogassem sua causa.

Isto, quanto à família inimiga. Porque junto a *ela*, mesmo, ele sabia que não precisaria lutar nem fazer mais nada. Sentia, com o sangue — que não se engana — que ela fora tão fulminada quanto



Primeira versão sua que Taparica deu da Morte Caetana, partindo para isso, na gravura, de uma junção dos elementos anteriores, fornecidos pela antiquíssima cultura Cariri — a Onça, a Serpente e os três Gaviões, ou melhor, o Gavião, aqui triplicado por motivos de Catolicismo Sertanejo.

ele pelos raios perigosos do Amor-terrível, aquele que une, e fere, e despedaça, e cria o êxtase embriagador e cruel de uma vez para sempre, e que, no caso dele, formando uma teia perigosa com seu astroso sangue de homem-do-poder, terminaria por levá-lo às garras impiedosas e maternais da Onça Caetana.

O que ele não sabia era que a moça, por sua vez, ouvira também a estranha música de rabeca do Sol, que vira as estrelas estranhas refulgindo nas vidraças e os cavalos galopando na Caatinga incendiada, durante aqueles poucos segundos em que ele a mantivera em seus braços. E não sabia, sobretudo, que o cheiro que ela sentira fora outro, com algo de animal e de folhas machucadas, o cheiro meio acre de resina e madeira mal-queimada, de mel de abelhas, com o travo dos angicos, com o amarelo e o vermelho-fulvo dos felinos e dos cajus.



FOLHETO V

EM CENA O SENHOR JOÃO DANTAS

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Por uma estrada que vai para a "Onça Malhada", cavalga o Doutor João Suarana. Apaixonado por uma moça, descobriu que ela é da família Dantas, inimiga da sua. A Morte Caetana, sob forma de Onça alada e vermelha, espreita o Doutor João Pessoa, João Dantas e o próprio Doutor João Suarana, que vão se encontrar, todos, na "Onça Malhada". Faz isso agourando a Guerra Sertaneja que, de 1912 a 1930, ensangüentará o Sertão da Paraíba.*

NA ESTRADA QUE VINHA da Vila do Teixeira para a "Onça Malhada", a Moça Caetana passa a examinar agora outra cavalgada, parecida com a da família Villar. É da família Dantas, uma das mais importantes do Partido verde-azul dos Garcia-Barrettos.

A situação que vimos aparecer entre o Major Jocelyno e Homero mais ou menos se repete aqui, com o Doutor Franquelim Dantas — mais conhecido como Doutor Sinhozinho — e seu filho, João Duarte Dantas. Estavam vindo da fazenda deles, "Pedro II", nome que o Doutor Sinhozinho ostentava para homenagear o nosso último Imperador e para estadeiar desafiadoramente, na República,

as saudades monárquicas dos Dantas. Mas aqui, diferentemente do que acontecia com Jocelyno e Homero Villar, tanto é ronhento o filho — João Dantas — quanto o Pai — o Doutor Franquelim.

João Dantas nascera em 1888, ainda no Império e no ano da Abolição da Escravatura. Estava, pois, naquele ano de 1911, com 23 anos de idade, e acabava de concluir, no Recife, o segundo ano da Faculdade de Direito. Era um rapaz baixo, franzino, de cabelo alourado, fino e não muito basto; era corado e de olhos verdes — uma chama de fogo e sangue. Era, pelo lado do Pai, da família do Barão de Mipibu e neto do Doutor Manuel Dantas, aquele mesmo que governara a Paraíba no último ano do Império, 1889. Pelo lado da mulher deste, João Duarte Dantas descendia do Barão do Crato, Bernardo Duarte. O Doutor Manuel Dantas morrera em 1910, de modo que a chefia da família Dantas, depois de um breve interregno na mão do filho mais velho — Manuel Dantas Júnior, morto em 1911 — passara ao Doutor Sinhozinho, que vem ali, agora, conversando com seu filho. O tema é o mesmo discutido pelos dois homens da família Villar. Caetana aguça os ouvidos e escuta:

*

— Meu filho — dizia o Doutor Sinhozinho — desde que os Pessoas subiram ao poder em 1889 com a proclamação da República, nós tomamos logo o lado contrário ao dessa família de comerciantes e funcionários públicos. A República, aqui no Brasil, foi feita pelos grandes proprietários da cana-de-açúcar, isto é, pelos escravocratas do Partido Conservador, ressentidos com a Coroa por causa da Abolição da Escravatura. O Povo sertanejo e os negros do Litoral ficaram do nosso lado, enquanto os comerciantes do Partido Conservador se aliavam ao Partido Republicano para formar o Partido Republicano Conservador, representado aqui na Paraíba por Eptácio Pessoa e sua família. O grande erro que nós cometemos foi permitir que a Coroa e a família imperial desgostassem o Exército, o que terminou levando os militares a se aliarem também com os Burgueses capitalistas e republicanos. Foi isso que derrubou o Império, e instituiu aqui essa República burguesa e positivista que está desgraçando a nossa terra. Em 1908, Álvaro Machado, agora aliado a Eptácio Pessoa, não teve dificuldade em eleger seu irmão, o Doutor João Machado, para Presidente da Paraíba. O governo de João Machado está findando e ele tem enfrentado duras dificuldades. No dia 6 de maio deste ano, nosso aliado, o Doutor Augusto Santa Cruz de Oliveira, atacou a importante Vila de Alagoa do Monteiro. O Presidente João Machado, na sua Mensagem enviada agora em outubro à Assembléia paraibana, refere-se ao fato, dizendo: "O Doutor Santa Cruz, empunhando o pendão negro da desordem, à testa de um grupo de cerca de 200 homens, todos bem armados e municiados, converteu mais uma vez o

florescente município de Monteiro em cenário de fatos criminosos — incêndios, saques, assassinatos e até ataque à honra dos lares”. Quer dizer: o Governo está com medo da luta que nós, os Sertanejos donos-de-terra, estamos preparando. Agora, vêm aí as eleições de 1912. E é num momento desses que nós recebemos um apelo dos Chefes *peçoístas* sertanejos para fazermos uma reunião conjunta na “Onça Malhada” a fim de conversarmos sobre a sucessão do Presidente. Querem fazer um acordo, ao que dizem. O que é que você pensa disso?

*

João Dantas, como Homero Villar, estava afogueado ao mesmo tempo pelo Sol e pelo temperamento ardoroso. Ia responder ao Pai quando a atenção de todos começou a ser desviada por um incidente que, talvez, contivesse também um aviso estranho, a eles enviado pela Vida e por sua Fera-sangradora, a Onça Caetana. Um Carcará grande, feio, sombrio, de perfil cruel, apareceu de repente no ar, sobrevoando um cercado árido e alto de Caatinga e tabuleiro. Os pássaros menores que se achavam ali começaram a voar assustados, fugindo em todas as direções. O Carcará ia escolher um deles para matar, quando se iniciou outra cena, freqüente no Sertão e cujo sentido só pode ser decifrado pelos Profetas e Epopeietas como eu. Sobre um pé-de-turco seco que havia ali, pousara, poucos momentos antes, um Bem-te-vi, um pássaro tranqüilo, pequeno, de asas curtas, deselegante, popular, pobre, simples comedor de frutas e insetos, sem armas especiais, sem garras, sem bico duro e acerado. Ao ver o Carcará, ele alçou vôo e partiu para enfrentar, numa luta aparentemente desesperada e já de antemão perdida, o Opressor, o assassino rico e cruel, nascido para despedaçar e preparado para isso por herança e direito de posse — o faminto comedor de pássaros e sangrador de cabritos e cordeiros novos.

Aí, passou-se mais uma vez no Sertão, nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos, aquela cena que, para o Epopeieta que lhes canta agora, foi uma das primeiras e mais importantes lições de vida. O Bem-te-vi começou a desnortear o Carcará, primeiro porque não fugia, depois porque seu tenaz estilo de combate era grosseiro e primário, com as regras do jogo diferentes, humilhantes para o rico Poderoso, pouco habituado a encontrar resistência naqueles a quem atacava. Aliás, em vez de atacá-lo de frente, ou de aguardar o ataque do Carcará como quem está num duelo de regras pré-fixadas, o Bem-te-vi volteou-o, colocou-se por cima dele e começou a esvoaçar deselegantemente em torno de sua cabeça, dando-lhe pequenas bicadas em sua nuca empenachada e orgulhosa. Era um combate feio mas tenaz. O Carcará desejaria lutar de modo mais aberto e mortal. Aquela resistência incomodava-o, aquele tipo de luta envergonhava-o

um pouco, a ele, o Privilegiado rico, habituado às comodidades do poder e da riqueza. Mas o Bem-te-vi, sem perder tempo com indagações sobre a beleza ou feiúra de sua tática, parecia dizer: “No jogo da vida, nada de ouro e copas! Meus trunfos são paus e espada!” E logo o Carcará começou a dar guinadas com a cabeça, tentando escapar às bicadas fracas mas constantes do Bem-te-vi, bicadas que nunca o matariam, mas que importunavam e envergonhavam. E afinal ele terminou por fugir — importunado, desdenhoso, mas batido.

*

Daquela vez, porém, parece que as Divindades estavam mesmo dispostas a enviar aos Cavaleiros que se dirigiam para a “Onça Malhada” estranhas mensagens alegóricas. Como já expliquei, quando o Carcará viu que não havia jeito de se livrar de seu incômodo adversário, voou como uma flecha, abandonando, derrotado, o campo de batalha. Do outro lado da estrada, a terra se crispara em épocas imemoriais, formando um serrote pedregoso e descalvado, semelhante àquele no qual o Cristo foi crucificado no Sertão da Judéia. Para ali voou o Carcará, como que em busca de um refúgio para sua dignidade ferida. Mas, do modo como vinha, ele estava ainda com a língua seca e o sangue incendiado pela excitação e fúria do combate; de modo que, ao sobrevoar as pedras do serrote, avistou alguma coisa que o fez estremecer até às raízes instintivas de sua inata crueldade; uma Mocó-fêmea, sobre uma pedra, aleitava seu filhote. Obedecendo a uma cristação magnética e cruel do sangue, o Carcará fechou as asas e assim, como uma frecha, de bico e garras voltadas para baixo, deu um vôo picado, um pique assassino sobre a pedra. João Dantas, que, do lugar em que estava, via somente a ave-de-rapina e que assistia a tudo numa espécie de ensonação hipnótica, ficou suspenso, sentindo-se estranhamente envolvido pelo acontecimento inteiro. E logo entenderia melhor o que sucedera quando viu o Carcará subir de novo nos ares, com o filhote de Mocó nas garras, enquanto se ouviam embaixo os guinchos desesperados da Mãe cuja cria fora arrebatada. Sem pensar, num impulso, com o coração pulsando no peito e com o rosto vermelho — como ficava nos seus momentos de cólera — João Dantas puxou o revólver e atirou no Carcará. Ele atirava muito bem, de modo que acertou o tiro difícil. Mas seu gesto parece que só serviu para desencadear novas forças do Terrível, ligadas à parte subterrânea e cruel do Enigma, porque, ao ser ferido mortalmente, o Carcará soltou o filhote de Mocó, que caiu no chão ainda vivo. Então, uma Cobra feia, velha e repelente, a qual, pelo que pareceu, estava espregando tudo como de propósito, deu um bote sobre o Mocozinho e, sem dar tempo a que o Dantas nela atirasse também, retraiu-se para dentro de umas locas de pedra e desapareceu com sua presa.

Era, evidentemente, uma mensagem do Terrível. Mas João Dantas não a entendeu inteiramente — ou só a entenderia dezenove anos depois, quando, com aquele mesmo revólver na mão, tentaria salvar, com um tiro de desespero magnicida, seu Sertão amado, arquejante e condenado à morte. Agora, sentia somente seu coração pulsando, as têmporas latejantes numa violência desproporcionada com o incidente, que o impressionara no mais profundo de seu sangue subterrâneo. Devagar, saindo penosamente do estado de ensonação em que se achava desde que atirara no Carcará, guardou o revólver, passou a mão na testa e, com dificuldade, voltou de sua ensonação profética, regressando aos poucos ao lugar onde se encontrava.

Os cavalos tinham retomado o caminho, e João Dantas agora, depois de tudo acontecido, já conseguia de novo, vencendo a estranha ensonação que dele se apossara, ver os lajedos e cactos das beiras da cerca-de-pedra. Mas, mesmo assim, tendo o grupo dos Dantas retomado a cavalgada, ele, de vez em quando, enquanto a estrada lhe permitia, voltava-se na sela e olhava para trás, para ver, ainda uma vez, o lugar em que matara o Carcará, tentando salvar o filhote de Mocó que acabara devorado pela velha Serpente. Olhava aquele lugar estranho, como se soubesse que o incidente escondia um sentido secreto, fascinador mas sinistro.

Finalmente, porém, uma curva do caminho escondeu o lugar de seus olhos, e ele pôde voltar às indagações políticas de seu Pai. Disse:

— Meu Pai, esta é a hora de nós tomarmos o poder, na Paraíba! Agora, quando o Partido burguês dos Pessoas tenta esmagar o nosso, tudo vai depender da posição que o Exército tomar. Como o senhor mesmo disse, o grande erro do Imperador Pedro II, em 1889, foi impelir o Exército para o lado dos escravocratas e dos comerciantes do Partido Conservador e do Partido Republicano. No Brasil, e em toda a América Latina, o Exército é a única força política decisiva. É o único Partido político capaz de realizar a independência e a grandeza da Nação, por ser o único armado, o único que dispõe de chefes capazes, de unidade, hierarquia e disciplina. É por isso que os estrangeiros fazem tanta força para impedir a união política do País em torno do Exército. Espalham a imagem das “repúblicas militares de opereta da América Latina” a fim de que nunca o Brasil seja um País politicamente forte e unido, coisa que seria perigosa para eles. Assim, agora, no momento político brasileiro, se o Exército ficar conosco, vencemos nós. Se ficar com os Pessoas, vencem eles. Vim do Recife, e a situação, lá, está a mais animadora possível. O Senador Pinheiro Machado — que cada vez está enfiando mais as rédeas do poder na mão — aliou-se ao Exército e está derrubando, em todo o Brasil, as “oligarquias” como a dos

Pessoas e a dos Machados. São os chamados “movimentos de Salvação militarista”. Em Pernambuco, o chefe da “oligarquia” é o Senador Rosa e Silva. A Oposição e o Povo, unidos, conseguiram o apoio do Exército, ao levantar a candidatura de um Soldado ilustre, o General Dantas Barretto. Com isso, estão aos poucos conseguindo derrubar Rosa e Silva, depois de uma campanha agitada e sangrenta. No Recife, conversei com o Tenente Alfredo Dantas e com o Capitão Alfredo Garcia-Barretto. Todos dois acham que, se nós fizemos aqui o mesmo que fizeram em Pernambuco, isto é, se levantarmos, com o Povo, a candidatura de um Soldado prestigioso, poderemos ganhar a eleição de 1912. Com o apoio do Exército, nós venceremos o Partido de comerciantes e funcionários públicos dos Pessoas e Machados. O General Dantas Barretto quer nos ajudar; participou, no Recife, de uma reunião, na qual indicou o candidato de sua preferência para a Paraíba: é o Coronel José Joaquim do Rego Barros.

— Esse Coronel é muito antipático! — disse o Doutor Sinhozinho.

— E o que é que tem isso, meu Pai? — retrucou João Dantas meio impaciente. — Eu me admiro é de ver o senhor, um homem experiente, vir, numa hora dessas, com esses problemas de simpatia ou antipatia! Em Política, a gente joga com as cartas que estão na mesa, e o Coronel Rego Barros é carta importante do jogo, agora. Tem três vantagens: é Soldado, é paraibano e é amigo e ajudante de ordens do General Dantas Barretto, de quem foi companheiro na “Guerra de Canudos”, tendo lutado, lá, juntamente com esses dois aliados nossos, o Capitão Alfredo Garcia-Barretto e o Tenente Alfredo Dantas, nosso primo. É o único candidato com o qual podemos, aqui na Paraíba, derrotar Álvaro Machado e Eptácio Pessoa!

O Doutor Sinhozinho Dantas falou com algum desprezo:

— Aliás, Álvaro Machado, nisso, não importa mais! Ou, pelo menos, não importa muito. O perigo está é na família Pessoa, que, além de ser nossa verdadeira adversária, tem alguns militares entre seus membros. Se Álvaro Machado e o pessoal dele ficarem mais quatro anos no governo da Paraíba, Eptácio Pessoa, que tem irmão e sobrinhos militares, aproveita a “moderação” dos *alvaristas* e toma conta do Estado!

— Nisso, estou inteiramente de acordo com o senhor, meu Pai! — disse João Dantas. — Mais um motivo, então, para o senhor se alertar contra esse acordo que querem tentar hoje na “Onça Malhada”, amansando os mais duros Chefes sertanejos do nosso Partido. Esse acordo se destina somente a evitar a “Salvação militarista” e a conseguir mais quatro anos de governo “moderado”, para, no fim, Eptácio Pessoa dar o bote final no Poder!

— Você é, então, partidário da luta, João?

— Sou, meu Pai!

— E se a luta política virar luta armada? Se houver luta armada, com as paixões e ódios que temos aqui na Paraíba, vai ser muito pior do que em Pernambuco!

— Se houver luta armada, tanto melhor para nós, meu Pai, e tanto pior para os Pessoas! Porque, com a luta, o Exército terá motivo para fazer intervenção federal na Paraíba, e o Estado cai de vez na mão do Coronel Rego Barros, dos Dantas e dos Garcia-Barrettos!

— Muito bem! — disse o Doutor Sinhozinho, com intenção deliberada. — Pois quando o poder vier a cair na mão dos Dantas, os Dantas devem estar preparados para transmitir a Chefia, de pai a filho e de filho a neto!

João Dantas lançou ao Pai um olhar fuzilante. Parece que, por trás das palavras deste havia uma espécie de veneno, porque foi cerrando os dentes que ele retrucou, indagando:

— O que é que o senhor quer dizer com isso, meu Pai?

— Você sabe melhor do que eu, João! Quando seu Avô morreu, passou a Chefia da nossa família a meu irmão Manuel, o mais velho. Manuel não tinha filhos e morreu logo depois, de modo que a Chefia veio para mim. Se você não se casar, ficará sem filhos e eu não poderei passar a Chefia a você, como é meu desejo!

— Casado estaria eu, se meu Pai tivesse concordado! — disse João Dantas, ficando, de repente, violáceo de ira e mal conseguindo falar, sufocado. — Casado estaria eu, com uma moça boa e que me atraía como nunca mulher nenhuma me atraíu!

— Ela é escura demais para um Dantas! — disse o Doutor Sinhozinho, num tom duro e antipático, com decisão que parecia inabalável. — Pode ser boa como for: para sua mulher, não serve! Nem eu entendo essa atração esquisita que você tem por mulheres de cara talhada e lábios grossos, morenas demais, com sangue índio, ou negro, ou cigano, sei lá!

— Pois com outra eu não me caso! — gritou João Dantas, enfurecido. — Ou eu me caso com Inah Moura, ou não me caso com mulher nenhuma, está ouvindo, meu Pai? E assim, já que não vou ter filhos, pode dar sua Chefia a quem quiser, porque isso de chefia política não me interessa de jeito nenhum!

E João Dantas, esbarrando seu cavalo, deixou que seu Pai se adiantasse. O Doutor Sinhozinho fez como se nada tivesse ouvido, se bem que tivesse ficado também de cara cerrada. E foi nesse estado de espírito que os Dantas continuaram sua marcha de cegos e assinalados pela Morte, em direção à "Onça Malhada".



Representação final e católica-sertaneja, feita em gravura-em-madeira por Taparica Quaderia, da Morte Caetana, tal e qual ela apareceu ao Profeta Nazário, no dia 8 de dezembro de 1911. Aqui, Taparica não apenas juntou: ele fundiu os cinco animais sagrados da Morte divina, inventando de novo, já à sua maneira, os desenhos Cariris dos quais partira.



FOLHETO VI

SURGE O DOUTOR JOÃO PESSOA

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: Enquanto espreita os tocaieiros que esperam três homens da família Villar para matá-los de emboscada, a Morte Caetana ouve uma conversa entre João Dantas e seu Pai, que, noutra estrada, vão para a "Onça Malhada". João Dantas, com um tiro, matou um Carcará que carregava um filhote de Mocó nas garras. O Mocó, ao cair no chão, foi pegado por uma Serpente, fato que causou profunda impressão em João Dantas. Enquanto isso, a Morte Caetana avista, noutra estrada, o Doutor João Pessoa, seu primo Carlos e seu irmão, o Aspirante José Pessoa. Os três vêm a cavalo e conversam sobre os planos políticos de Epitácio Pessoa para tomar o poder na Paraíba.

A ONÇA CAETANA ouve todas essas conversas e vê que seus desejos vão aos poucos se cumprindo. Volta, então, os olhos para outra estrada, por onde um grupo da família Pessoa, também a cavalo, se encaminha para a "Onça Malhada". À frente, vêm três homens, todos três magros e morenos. São sobrinhos daquele Epitácio Pessoa de quem tanto já se falou naquele dia e que, não tendo filhos homens, esperava de um desses que fizesse, em relação aos Pessoas, o mesmo que o Doutor Sinhozinho esperava de João Dantas para sua família.

O mais moço desses homens era Carlos Pessoa, filho do Coronel Antônio Pessoa, de Umbuzeiro. Este era o único ramo dos Pessoas que se dedicava à terra e ao gado. Por isso, era o único aceito pelos Sertanejos. Todos os Chefes sertanejos pessoístas eram ligados ao Coronel Antônio Pessoa, e não a seu irmão Epitácio, considerado mais importante nas Cidades, mas cujo prestígio seria quase nulo no Sertão se não fosse aquele seu irmão, o Coronel Antônio Pessoa, criador de gado, e no qual, portanto, os Sertanejos viam um dos seus.

O segundo homem, primo de Carlos Pessoa, era um militar, o Aspirante José Pessoa, um dos homens-de-farda que, segundo já revelei a Vossas Excelências, causavam preocupações aos Dantas, porque podiam atrapalhar a perigosa jogada política que eles estavam armando para atrair o Exército à sua facção.

O terceiro, que viajava no meio dos dois, era irmão do Aspirante José Pessoa. Era um homem baixo, moreno, sombrio, concentrado e severo. Tinha olhos de cobra. E se João Dantas, também

perigoso, podia ser comparado, com seus olhos verdes, a uma chama loura, ensolarada e felina, aquele era uma chama escura, morena, sombria, meio ofídica e subterrânea. Chamava-se João Pessoa, e estava, naquele ano de 1911, com 33 anos de idade. Era paraibano, mas formara-se longe da terra, andando por ceca e meca, no Rio, em Belém do Pará, no Recife, onde se bacharelara em Direito. Depois, fora morar de vez no Rio, em 1909, sendo logo nomeado, por influência do tio, Epitácio Pessoa, como Auditor da Marinha. Estava ainda nesse posto, naquele ano de 1911, funcionando, como duro e implacável Acusador, no processo ocasionado pela "Revolta da Ilha das Cobras". Às vezes vinha, porém, à Paraíba, como emissário político do tio. Era o que vinha fazer agora, desta vez contra sua vontade. Tratava-se de um acordo, e o Doutor João Pessoa, como Homero Villar e João Dantas, não era homem de acordos. É por isso que agora, ali na estrada, enquanto seu irmão militar e seu primo conversam e brincam despreocupadamente, ele vem severo e concentrado em cima do cavalo.

— Que é isso, João? — indagou Carlos Pessoa jovialmente. — Não está contente com a perspectiva de acordo não?

— Acordo? Que acordo? — retrucou João Pessoa, sombrio. — Diga, antes, humilhação e desmoralização para os Pessoas, Carlos! Pedirmos uma entrevista a nossos piores inimigos, os Dantas e os Garcia-Barrettos, agora acolitados por esse Doutor Augusto Santa Cruz de Oliveira, que sempre nos odiou também!

— Calma, João! Calma, meu primo! — disse Carlos Pessoa, bem-humorado. — Em política é assim mesmo, ganha mais quem mais espera! Você parece que não está entendendo: Tio Epitácio viu que, agora, do jeito que as coisas estão, o melhor que ele tem a fazer é contemporizar!

— Contemporizar? Com Álvaro Machado, um adversário nosso, no poder, e com os Sertanejos ainda achando pouco, isso? Você pensa que Álvaro Machado está com boas intenções para nós?

— Não, eu sei que Álvaro Machado é adversário nosso, Joca! Mas é moderado, e Tio Epitácio conseguiu um *modus vivendi* com ele. Ruim é se subirem os Sertanejos, os radicais da "Salvação militar", como os Dantas e os Garcia-Barrettos! Aí sim, estaremos perdidos, nós, os Pessoas! É por isso que todos os esforços de Tio Epitácio são no sentido de evitar a luta agora, para cortar, pela raiz, a "Salvação" tramada pelos Dantas e pelo Coronel Rego Barros. O Coronel conta com o apoio do General Dantas Barretto, o que é um perigo para nós, por causa do prestígio que ele tem em todo o Exército. Mas Tio Epitácio conta com as boas relações que tem com o Presidente da República, o Marechal Hermes da Fonseca, que foi colega de nosso tio, o Coronel José Pessoa, na Escola Militar. Aproveitando essa amizade de Tio José com o Presidente, o plano de Tio Epitácio é escolher o Doutor João de Castro Pinto, um elemento

mais ou menos neutro, para ser o Presidente da Paraíba, no quadriênio que começa agora, em 1912. Álvaro Machado está velho e doente, não acredito que ele viva mais quatro anos de jeito nenhum. Aí, tendo no governo o Presidente Castro Pinto, oficialmente neutro, mas de fato nosso, podemos preparar a subida ao Poder da própria família Pessoa, nas eleições de 1915. Porque eu lhe digo, João: se nós pegarmos o poder nem que seja por um ano, aí ninguém nos arrebatara mais o domínio sobre a Paraíba! Assim, tenha paciência! Engula sua raiva, faça cara boa e vamos ver, na "Onça Malhada", em que dão as negociações de acordo que vão ser tentadas entre os Chefes sertanejos *pessoístas* por um lado, e os Dantas e Garcia-Barrettos por outro!

*

Nesse momento, os cavaleiros da família Pessoa passavam num trecho em forma de garganta, da estrada. Para que esta fosse aberta, tinham cortado uma enorme e alta elevação de pedra castanha, pedra que ao ser arrebentada a dinamite ficara toda facetada em superfícies planas, superpostas de modo a colocar a estrada entre duas paredes verticais e altas, formadas por aquelas espécies de ladrilhos brutos e mal cortados. Era uma garganta de pedra, feroz e bela na sua ameaça impassível, como que formada por topázios retangulares, enormes, castanhos, cruéis e mal lapidados.

Quando os Pessoas entraram naquela garganta, encontraram-se com uma pequena boiada, que vinha em sentido contrário, tangida por um Vaqueiro magro e moreno, um homem já meio envelhecido, de cara dura e fechada, vestido de gibão. Era Manuel Inominato, figura que, através de seus filhos Maria e Amaro teria, depois, papel tão importante na história de Arésio e Sinésio. Era o Povo que surgia ali então — cerrado, enigmático, ajoelhado numa súplica mansa mas altiva, dilacerado pela injustiça secular, martirizado e tentando sempre, por entre sua grosseria e seu abandono, se alçar ao Divino. Ali no Sertão limitara-se até agora a se unir ao Partido político dos Senhores-de-terra, para, assim, dar expressão a sua força cega, a suas explosões de revolta extraviada. Na cidade, unir-se-ia aos Pessoas, na luta destes em favor da Burguesia urbana e contra os Senhores-de-terra. Lutavam os Dantas contra os Pessoas, senhores-de-terra contra senhores da cidade. Ele, o Povo, tomava, no Sertão, o lado daqueles que conhecia, que eram, como ele, criadores de bode e plantadores de algodão, e terminava sempre pagando a verdadeira quota de sangue. Até quando permaneceria assim? Até quando o Exército permitiria que o País e o Povo — dos quais, segundo João Dantas, ele era a expressão natural — fossem assim dilacerados pelas facções?

As poucas reses da boiada eram castanhas e magras. Magro, moreno e de rosto duro era Manuel Inominato, o sertanejo que as tangia. Castanho, suado, empoeirado e remendado era seu gibão de

couro-de-bode. E todos aqueles seres castanhos se apertaram contra a castanha parede, facetada e recortada de pedra-a-pique, para que os Pessoas passassem. E os Pessoas passaram, por entre o pó que os cascos dos cavalos levantavam, pó que logo se assentava no chão duro, pardo e seco. Passaram os Pessoas, sem ouvir a voz de topázio pobre, do topázio castanho e cruel das pedras, voz que, numa litania de morte, cantava as palavras duras e ameaçadoras de Frei Antônio do Rosário, num tom monocórdio, insistente e enlouquecedor:

*

"Ay, ay, ay, três vezes ay! Ay da terra que o Céu ameaçou com os ays do Apocalipse! Ay do entendimento perdido, ay da vontade cega, ay da memória desencaminhada! Ay do Senhor João Dantas, ay do Senhor João Pessoa, ay do Senhor João Suarana, ay desses homens orgulhosos que não se apercebem da vanidade e do perigo dessas dissensões, e querem impor suas miragens e seus sonhos terrestres de dominação e poder às tramas e teias subterrâneas do Terrível, ligadas, aqui, ao Povo esquecido e cego, e a essas pedras castanhas e primordiais, cortadas sacrilegamente, e que hão de se vingar! Sou a Mãe, a Terra-castanha que gerou os humanos ao ser moldada pelo Deus Terrível. Vejo, agora, dois Exércitos que se aprestam. Estão se colocando um diante do outro e minhas entranhas estremecem ao vê-los. Tenho pressentimentos dolorosos, e choro e me despedaço, entre vendo a luta fratricida e o massacre de filhos ilustres! Ay, ay, ay, três vezes ay! Os rios do Sertão estão secos, mas, das furnas pedregosas ligadas a minhas entranhas, já sinto brotarem riachos de sangue espumante e vermelho, ao mesmo tempo em que me chegam aos ouvidos, nas entranhas das cavernas de pedra bruta, relinchos incendiados de cavalos e os gritos dos lutadores estripados nos combates! Já a Onça Caetana, do seu carro onde brilha, em ouro, o Sol do Terrível, refletido em espelhos de quartzo e cristal-de-rocha, faz cair do Céu uma chuva sinistra de pedras e de sangue. Ó coroa de nuvens sombrias a lhe envolver a capa negra orlada de sol, bordada de vermelho e salpicada de brasas ardentes! Ó cor de sangue da hora mal-sinada! Sopra o "Espinbara", a ventania crestadora e incendiária da Chapada sertaneja, e eu, a Madre imortal, a Mãe que nunca morre, sopro inutilmente por minha trombeta de bronze castanho o aviso de perigo a meu rebanho de filhos cegos! Ay, ay, ay, três vezes ay!"

*

E de fato assim era, nobres Senhores e belas Damas. Não viam os Pessoas, e não via nenhum daqueles outros homens encaminhados para a Sina e para a Morte, que, por baixo do Sertão cotidiano dos Dantas e dos Garcia-Barrettos, vigiava, como um incêndio ameaçador e subterrâneo, aquele Sertão dos vaqueiros e dos cavalos; e, por

baixo dos dois, o Sertão verdadeiro, ligado ao sangue do Ingovernável, com aquelas cores cortantes reluzindo ao Sol e que iam do castanho das pedras ao cristal amarelo do quartzo "olho-de-gato" ou ao fulvo do "olho-de-tigre"; da prata do feldspato "pedra-da-lua" ao aventurinado da "pedra-do-sol"; o Sertão das profecias e dos penitentes, das pragas e das procissões, das vinditas e dos sujos estandartes esfarrapados. Ninguém sabia que ainda não chegara "a hora", e que, portanto, eram inteiramente vãos todos aqueles esforços artificiais para dar um destino à Bruna Castanha do Brasil. O momento só chegaria, soprado por trombeta de fogo, quando surgisse na frente — como piquete avançado, galopeiro e guerreiro — o Sonho de soldado e asas de navalha de meu Cantar rouco e castanho, único apto a forjar um Castelo de pedras, lapidadas a fogo como aquelas que ali estavam; pois somente os Epopeietas cegos, ligados pelo sangue à corrente de fogo do Terrível, têm o dom de invocar o destino e a Sina para a terra que os gerou. De acordo com os decretos do Deus-Terrível, o caminho era o seguinte: um Profeta cego da poesia demoníaca, epilética, sonhosa e epopéica, sonhava, primeiro, com uma sina para si mesmo, e começaria a forjá-la através de um Cântico. Esse Cantar, alimentando-se de seu sangue, iria, ao mesmo tempo, queimando sua pessoa doentia e monstruosa, até moldar o Profeta à imagem ardente de sua própria Obra. Então chegaria o momento em que ele e sua Obra se tornariam um só, e ambos se tornariam então alegóricos: o arquejo para o Divino, individual a princípio, tornar-se-ia depois entranhado sonho coletivo, e sua Pátria começaria por sua vez a ser moldada pelo sonho do Profeta: o Sertão e o Nordeste, primeiro; o Brasil, depois; e por fim a Rainha do Meio-Dia e o Mundo. Somente aí é que os Soldados e o Povo poderiam seguir a picada aberta pelo Decifrador — aquele homem pecaminoso, cheio de defeitos, cego, doentio, complicado, luxurioso, intrigante, covarde e insolente — na sua via tortuosa, amoral, vacilante e extraviada; estrada pela qual, porém, ele o Cego, ele o Tropeçador, às custas de seus olhos, de seu lodo e do sangue de seus ferimentos, teria ido encontrando — e traçando com elas o Caminho — as verdades irrelatáveis de seus topázios perigosos, reluzindo na terra parda e suja, molhada agora, porém, pelo sangue que escorria de suas feridas estreladas.

Mas o momento ainda não chegara para o Sertão e o Brasil, porque eu não forjara, ainda, meu cantar de Epopeieta. Os Pessoas não sabiam disso, de modo que não ouviram também o rouco aviso castanho que o Sol fazia ferver nas pedras, nas reses magras e descarnadas, e no sangue do sertanejo Manuel Inominato, em cuja memória e raiz-de-profecia flutuava, naquele momento, um estandarte esfarrapado, amarrado a um pau-de-marmeleiro, a estralar desafiantemente, contra a ventania incendiária e o Sol implacável daquele Reino reluzente e sinistro, suas cruces, seus sóis, suas rocas, seus cres-

centes, suas estrelas e seu candelabro. Assim, o grupo de Cavaleiros deixou para trás a garganta de pedras castanhas, com os estranhos demônios sertanejos que ali jaziam, ainda aprisionados, e continuou a viagem, retomando a conversa interrompida:

*

— E esse Garcia-Barretto ao menos nos recebe? — indagou João Pessoa, sempre de cara fechada. — Pergunto isso porque já ouvi dizer que ele é homem ríspido, intratável e cheio de manias, acostumado a mandar e comportando-se em tudo de acordo com seus rancores e simpatias. Meu tio me mandou e eu vim, para não desobedecer a ele. Mas se esse homem vier com gritos para o meu lado, dou-lhe um tiro na cara, na presença de vocês todos!

— Amansa, amansa, mano! — disse o Aspirante José Pessoa. — Quem nos ouve é capaz de pensar que, de nós dois, eu sou o civil e o militar é você! Aliás, não me admiro não, eu e Aristarco entramos no Exército, mas você bem que tentou isso também!

— Fui excluído! — disse João Pessoa, irritado. — Uns alegaram meu temperamento de rebelde, outros incapacidade física!

— Pois se o corpo é fraco, a alma é de fogo! — retrucou o Aspirante, tentando fazer o irmão rir.

— Cuidado, então, para não incendiar a Paraíba com esse fogo! — juntou Carlos Pessoa, risonho. — Mas não se preocupe não, vamos ser bem recebidos pelo Garcia-Barretto. Ele é homem austero, ríspido e inflexível, mas prometeu ao nosso amigo Coronel José Pereira que nos receberia. Como sertanejo, ele é hospitaleiro e segue os códigos de honra de sua terra: na casa dele, uma vez admitido, você não é mal recebido de jeito nenhum! Os Garcia-Barrettos são orgulhosos, cruéis, arrogantes, ruins mesmo — como os Dantas também, aliás! Mas, justiça seja feita: são também homens de honra e educados. Além do mais, tendo morrido sua primeira mulher, ele se casou de novo com uma sobrinha, não sei quantos anos mais moça do que ele. Do casamento, nasceu esse menino, Sinésio, que vai ser batizado hoje, de modo que, ao que dizem, o homem está de coração abrandado. Por isso, tenho a certeza de que não seremos mal recebidos na "Onça Malhada"!

João Pessoa olhou o primo com uma expressão enigmática, mantendo o rosto sempre sombrio. Mas não disse mais nada. Os Cavaleiros do grupo, sentindo instintivamente que estavam já perto do lugar para onde iam, espicaçaram os cavalos e aumentaram o passo da viagem, no caminho da "Onça Malhada".

*

Assim, a Onça Caetana vai vendo, de um em um, todos os protagonistas da Epopéia e tragédia que está se preparando. Fareja san-

gue e arreganha os dentes, de alegria. Sabe que os tiros que estralarão daqui a pouco na emboscada que estão preparando para os três Chefes da família Villar, impedirão o acordo que se tenta fazer na Política paraibana e serão os primeiros de muitos que irão soar nos próximos anos, desencadeando a luta, os sangrentos vinte anos de Guerra sertaneja que se aproximam. A Paraíba está ali, como um mapa desdobrado diante dela, com as serras, pedregosas e castanhas aqui perto, azuladas pela distância mais longe, com os rios, açudes e lajedos reluzindo ao Sol, como espelhos de quartzo, lascas de prata e de cristal-de-rocha. Nesse mapa, como sobre um pergaminho iluminado de ásperos e belos esmaltes, ela vai desenhando os fios do destino de toda aquela gente. Diante de certos nomes de lugares ou das pessoas que viajam agora pelas estradas, a Morte Caetana vai pintando cruzeiros e estrelas de sangue. São os nomes dos seus "amorosos e assinalados", destinados ao tipo de morte que mais agrada a ela e a eles — a morte no fogo, na faca, nos tiros e no sangue.

Finalmente, depois de ver e agourar tudo isso, Caetana começa aos poucos a diminuir de tamanho, até assumir as proporções de uma Onça malhada comum. Desprendem-se do seu dorso os dois gaviões e o carcará, que, agora livres, esvoaçam em torno da cabeça da Onça, sempre junto dela. A cobra-coral continua em seu pescoço, à guisa de colar de anéis negros, vermelhos e prateados. E é assim que os cinco descem a gigantesca Pedra do Pico e caminham pela Caatinga, dirigindo-se para o local da emboscada que espera os três pró-homens da família Villar.

*

Na estrada, Siá Maria Umbelina, aflita mas impassível, viu o Profeta Nazário estrebuchar com um ataque, durante mais de meia hora. Um sol estranho — o sol da Morte Caetana — ilumina sua cara suja e barbada, salpicos de espuma e de saliva caem-lhe da boca contorcida sobre a barba intonsa e grisalha.

De repente, esse estranho, amarelo, cruel e violento Sol da morte desaparece, dando lugar ao sol de todo dia: era que a Onça Caetana tinha descido da pedra. O Profeta Nazário acalma-se aos poucos. "Torna" do ataque, deixa de estrebuchar e de escumar. Sua visagem passara, mais uma vez sem matá-lo, graças a Deus!

Então, Siá Maria Umbelina continua a empurrar o carrinho do Profeta, e os dois se perdem na poeira acobreada, batida de sol, ambos também cegos, impelidos pela Sina e pela Morte Caetana, a caminho da "Onça Malhada".



FOLHETO VII

A SANGRENTA EMBOSCADA DO "JUÁ"

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *A Morte Caetana, de cima da Pedra do Pico, em Taperoá, avista Homero Villar, João Dantas, João Pessoa, João Suarana e José Pereira, que se encaminham, a cavalo, para a "Onça Malhada". Depois, sob forma de Onça, ela se encaminha para o local onde um grupo de homens armados espera três Chefes da família Villar para emboscá-los na estrada.*

NA CASA DA FAZENDA "JUÁ", o Comandante Jesuíno Villar, mais seu irmão, o Major Zorobabel, e seu primo, o Coronel Sulpício, juntaram-se a outros parentes — o Major Galdino Torres Villar, o Major Sinésio Villar de Carvalho, o Major Deusdedit Villar de Carvalho (mais conhecido como Deusdedit do Sete-Estrelo) e o Padre Abel Villar Pequeno, dirigindo-se então o grupo, assim acrescido, diretamente para a fazenda "Onça Malhada". Lá, iriam participar da reunião política e de uma festa, a do casamento de meu irmão Francisco, a ser realizada no mesmo dia em que seria batizado o menino Sinésio, filho de meu Padrinho e tio, Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, naquele ano já casado com minha irmã Joana.

O menino Sinésio Sebastião nascera no ano anterior, na noite de 22 para 23 de julho de 1910, o que viria a ser de grande importância em sua vida, por motivos astrológicos que explicarei melhor depois. Seu batizado, porém, fora adiado para a tarde daquele dia, 8 de dezembro de 1911. Primeiro, porque a Mãe dele, Joana, tivera uns pressentimentos ruins antes do parto e fizera uma promessa a Nossa Senhora da Conceição: se tudo saísse bem com o menino e com ela, Sinésio seria batizado no dia consagrado a esta Senhora, a Virgem da Conceição, Madre nossa e padroeira da Vila de Taperoá. Outro motivo era que o Padrinho do menino, o Major Sinésio Villar de Carvalho — aquele mesmo que vem agora, ali, no grupo de Cavaleiros que se encaminha para a emboscada — não tinha podido, no ano anterior, comparecer, no dia 8 de dezembro, à "Onça Malhada", acamado que se achava por uma chifrada de novilha braba, de primeira cria. Em terceiro lugar, no ano de 1910 aparecera um cometa, "um grande sinal no Céu", e meu Pai, Dom Pedro Justino Quaderna, impressionado com aquilo, pedira — uma vez que o menino, seu neto, "nascera em ano fatídico, de cometa" — que, pelo menos, ele fosse batizado no ano seguinte, "já fora dessas influências maléficas

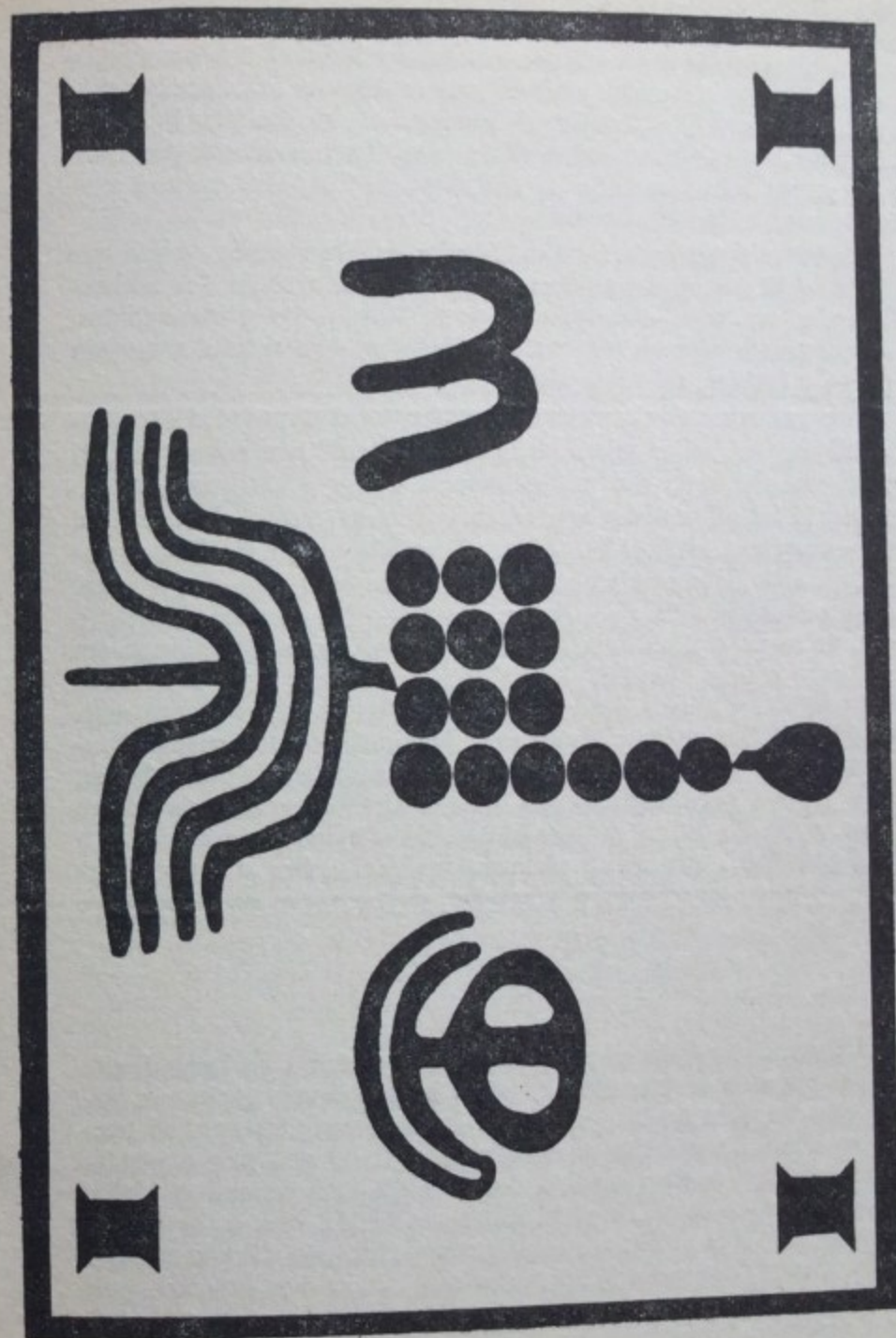
dos astros e das conjunções malignas de planetas hostis". Finalmente, entre 1910 e 1912, a paróquia de Taperoá esteve vaga, e Dom Pedro Sebastião achara melhor, mesmo, que o batizado de Sinésio, seu pre-dileto, fosse feito na fazenda e pelo Padre Abel Villar, que, sendo amigo e aliado de sua família, podia não ser, talvez, "um modelo de sacerdote" — como diria, depois, suspirando, o Padre Renato — mas era, sem dúvida, um modelo de Sertanejo, inclusive em amores legendários e cavalarias acangaceiradas.

De modo que lá vinha, agora, o Padre Abel Villar, com sua parentela e sua cabroeira, na estrada que liga o "Juá" à "Onça Malhada", caminhando, com seus companheiros de viagem, para um perigo de morte.

*

A Moça Caetana, sob a forma de Onça-pintada que tinha assumido, com a Cobra-coral ao pescoço e seguida por suas três Aves-de rapina, andara pela Caatinga, macia e traiçoeira como um gato. Caminhara assim um pedaço, até se aproximar do local onde se encontravam os tocaieiros emboscando os Chefes da família Villar. Chegando aí, parou por trás de umas pedras velhas e cinzentas, cujas saliências e reentrâncias, formando pequenas furnas e tendas-de-rocha, estavam povoadas de casas de maribondo-caboclo, de víboras, caranguejeiras, lacraus e piolhos-de-cobra. Uma cascavel passou na frente dela, reverente, e desapareceu num buraco aberto na terra dura, entre duas pedras. Caetana ficou ali escondida olhando o grupo que, por trás das pedras próximas, preparava a emboscada. Era gente desconhecida, uns homens sujos e mal-encarados. Mas Caetana sabia de onde e de quem partira a ordem para a emboscada. Fora gente importante e poderosa, de modo que ela estava certa da repercussão que os tiros iam ter sobre os acordos e desavenças do Sertão da Paraíba. O grupo estava armado de bacamartes e facas-de-ponta, armas antiquadas e grosseiras. O homem que coordenara tudo quisera com isso, desviar suspeitas e encobrir sua identidade, pois dispunha de rifles, muitos rifles e cartuchos. Deixando que os cabras viessem com velhos bacamartes, queria dar a entender que eles agiam por conta de gente de fora, e não de Taperoá; ou desejava que seus empreiteiros morressem também no combate, para não ficar traço nenhum a respeito dos mandantes.

De repente Caetana ergueu as orelhas e farejou o ar. O grupo de Cavaleiros da família Villar surgira numa curva da estrada ainda longe, e vinha se aproximando aos poucos, descuidosamente, do lugar da emboscada. A Onça da Morte viu todo o pessoal da tocaia puxar para trás as *queixas* dos bacamartes, armando-os para os tiros. Depois ficaram todos parados, tensos, à espera.



O Alfa e o Omega cariris, ladeando um dos três Candelabros sagrados do Catolicismo Sertanejo. Gravura copiada por Taparica das pinturas e entalhes feitos nas pedras do Sertão pela antiquíssima Raça tapuio-cariri, uma das raças das quais descende Quaderna, O Decifrador.

Os Cavaleiros da família Villar ainda vinham bastante longe, de modo que não ouviram os estalos dos cães das armas, cuidadosamente engatilhados. Logo, porém, os emboscadores e a própria Caetana começaram a ouvir o tropel dos cascos, os bufidos dos cavalos, o tinir das esporas de metal batendo nos estribos e centelhando suas rosetas ao Sol. Aí, os tocaieiros levaram os bacamartes às caras, começando a mirar os viajantes desde logo. Tudo indicava que cada um do grupo tinha escolhido de antemão um Cavaleiro, pois a precisão da mira era impressionante.

Os Villar aproximavam-se cada vez mais. De repente, vendo que a distância já era suficiente, aquele que parecia o chefe dos emboscadores fez um sinal e os tiros soaram, fulminosos e estralejados, quase em uníssono, num pipocar ensurdecedor, que cobriu a estrada de poeira e fumaça, tal a sua violência.

Tiveram êxito. O Comandante Jesuíno foi o primeiro a ser atingido. Ali nascera, ali se criara na fazenda "Barra" que era a sua. Ali fundara, em terras de sua propriedade, a nobre e gloriosa Vila do Desterro. E foi ali também que recebeu a carga mortal do tiro, que o pegou em plena cara. O bacamarte disparado contra ele fora carregado com uma bala grande, redonda, e ainda com uma carga cruel de pregos e chumbo-de-caça. Assim, seu rosto foi despedaçado pelos pregos, de maneira a ser deixado irreconhecível, ao mesmo tempo em que a bala grande, fundida e contorcida, despedaçava-lhe a testa, fazendo saltar os miolos, que salpicaram todos os que estavam mais perto dele. O Comandante Jueca caiu, já morto, do seu cavalo *Pantera*, com uma nuvem de sangue vermelho embebendo-lhe a barba, brotado de sua cara despedaçada — e o Gavião-carcará da Morte Caetana, a ave-de-rapina do assassinato, da chacina e do suicídio, o cruel *Sombri-fogo*, que agora plainava invisível sobre o grupo, desceu do Sol como uma flecha e bebeu-lhe, de um sorvo só, o sangue e a vida.

*

O Coronel Sulpício recebeu a carga de chumbo no lado direito do tórax, perto do ombro. Caiu também de seu cavalo *Animoso*, um pouco pelo impacto do tiro, mas também de propósito, para se proteger, no chão, da maneira que fosse possível. O tiro não o pegara bem e ele era o menos atingido dos três Chefes: porque o Major Zorobabel levou a carga despedaçadora no ventre, que ficou dilacerado, com as tripas penduradas aparecendo. Ele não chegou a cair: tombou apenas para a frente, agarrando-se à sela por instinto, pois seu cavalo *Universo* começou a saltar, escoiceando o vento, excitado e desesperado com os tiros, como se pressentisse que algo de muito grave acabara de acontecer a seu dono.

Além dos três Chefes, quatro homens do grupo tinham sido atingidos, uns com maior, outros com menor gravidade. Não eram da família Villar: eram *cabras* seus e vinham acompanhando os Chefes, na escolta. Não tinham nada a ver com a Política paraibana, nem com as dissensões entre o Partido *verde-azul* dos Dantas e o *negro-vermelho* dos Pessoas. Apenas as circunstâncias da vida, essa Fera sedenta de sangue, os tinham aproximado daquela família importante, da qual dependiam suas casas, sua comida, suas famílias, enfim, suas vidas, agora despedaçadas ali, daquela maneira extraviada e anônima.

Por outro lado, do lugar em que se achava, a Onça Caetana viu os três tocaieiros que pareciam ser os chefes dos emboscadores se retirarem de manso para a retaguarda do grupo, afastarem-se dos seus — que ali ficaram — e escaparem depois por uma vereda, perdendo-se na Caatinga espinhosa.

Quanto ao pessoal da família Villar, depois do primeiro momento de espanto, de medo e de horror, estava começando a ser possuído de ódio, do desejo de revide e vingança. Cuidavam, todos, de conter os cavalos e desmontar, antes que os emboscadores carregassem os bacamartes para nova descarga. Uns, corriam para amparar os feridos. Outros, querendo esboçar a primeira reação. Outros, ainda, somente com o instinto animal de fazer alguma coisa para anestesiar a dor e guardar a vida. Apenas ninguém sabia, naquele primeiro momento, o que tinha de melhor a fazer para isso.

Ouviam-se gritos e imprecações de medo, ódio, surpresa e desespero. Adelgício e Benedito Villar, ao verem o Pai mortalmente ferido, saltaram violentamente dos cavalos. Na brusquidade do gesto instintivo, não pensaram em desenganchar os pés dos estribos, de modo que caíram de borco no chão duro da estrada, ficando com as caras todas lanhadas e ensangüentadas. Foi assim que, depois de se libertarem, correram para o Pai, abraçando o Major Zorobabel cada um por seu lado, como para protegê-lo contra novo tiro. Benedito, meio abrutalhado e bronco, praticamente se limitava a seguir o irmão em tudo. Estava calado. Mas Adelgício, também homem bruto e selvagem, ao abraçar o Pai ferido começou de repente a gritar de ódio e desespero. O grito feio e estranho contagiou o irmão, e Benedito começou a gritar também, olhando Adelgício nos olhos. Mas enquanto o choro de Adelgício era um som de ódio e desespero — e só terrível de ouvir enquanto partindo daquele homem duro — o latir de Benedito era uma coisa puramente animal, meio lamentosa e uivante, e os dois ladridos juntos formavam um som insuportável que começou a enlouquecer todo mundo. Ao ver isso, Deusdedit do Sete-Estrelo, tio dos dois rapazes, aproximou-se deles e deu uma chicotada na cara de cada um, mandando que se calassem. Fora o primeiro a recuperar a calma que naquele momento era possível, e seu objetivo imediato era saber se o pessoal da emboscada tinha ido embora ou estava para atirar de novo.

Logo, porém, suas dúvidas se dissipavam. Pois, ao verem que o Major Zorobabel e o Coronel Sulpício estavam feridos mas ainda vivos, os emboscadores, que pareciam ter recebido ordens expressas para isso, saíram de detrás das pedras para acabar o serviço na faca. Com exceção de Benedito e Adelgício, os Villar vinham sem armas de fogo. Os dois filhos do Major Zorobabel, porém, estavam ainda atarantados, e, depois da chicotada tinham ficado numa espécie de atonia, somente segurando o Pai e olhando o tio que os chicoteava. Assim, naquele momento, não lhes ocorreu atirar contra o grupo dos tocaieiros. Mas os cabras da família Villar, esses vinham armados de bacamarte, e atiraram imediatamente. Por desgraça para eles, porém, os emboscadores não tinham saído amontoados do lugar em que se encontravam: saíram separadamente para a estrada, de lugares diferentes, correndo e o mais possível um longe do outro, de modo que o pessoal da família Villar não teve uma massa compacta de gente sobre a qual atirar. Só um dos emboscadores foi atingido. Chamava-se Firmino Mansidão, e era do Pajeú. A carga pegou-o em pleno peito, onde abriu um rombo enorme, do qual o sangue borbulhou em cachoeira, embebendo a poeira pardacenta da estrada. Caído no chão, ele avistou uma onça fêmea e com asas de carcará, onça que se espichou amorosamente sobre ele, de modo que Firmino Mansidão, sentindo um prazer orgiástico como nunca antes experimentara, penetrou no Reino da Morte aos estremeços obscenos da Moça Caetana.

O grupo da emboscada, que se detivera instintivamente com os disparos, correu de novo em frente, para a estrada. Então os *cabras* da família Villar, todos desmontados àquela altura, vendo que os inimigos vinham sobre eles de arma-branca em punho, puxaram também seus punhais e facas-de-ponta e esperaram, de pé firme, o assalto que chegava.

*

E aqui eu faço uma pausa, nobres Senhores e belas Damas de peitos macios. Eu podia perfeitamente contar logo o resto desse combate, a reunião da "Onça Malhada" e a caçada épica que Benedito e Adelgício Villar empreenderam contra os assassinos de seu Pai, numa perseguição implacável que ficou famosa na Legenda Ensanguentada do Sertão. Mas vou deixar isso para depois: uma das características principais dos Romances aventurecos, bandeirosos e cavalarianos como este meu Castelo da Raça Brasileira, é deixar uma cena assim interrompida, com as belas Damas, que me ouvem, de peito oprimido e coração suspenso esperando o resultado. Por isso, só depois é que retomarei, ao som da Viola, o fio desse rouco e castanho Cantar que é o meu. Assim, perdoem-me esta pequena astúcia retórica. Tenham paciência, entrem com gana e garra nos meandros labirínticos do meu Castelo subterrâneo e vamos adiante porque,

neste século de eficientes, eu sou apenas um Cantador arcaico que, em seu *novelário de malassombros*, tem mil e uma histórias para contar.



FOLHETO VIII

O TRIUNFO DE CLEMENTE NOS CARRASCAIS SERTANEJOS

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna fez uma pausa na narração dos acontecimentos de 1911 e 1912, origem da Guerra de Princesa e da Revolução de 1930, na Paraíba. Volta a contar os de 1938, inclusive com o início do "desfile triunfal" do Professor Clemente, que, no dia do primeiro depoimento sobre A Pedra do Reino, derrotara Samuel num "duelo" travado a penicos.*

TODAS AS PESSOAS bem informadas sobre a história do Sertão sabem que, em Abril deste nosso ano de 1938, chegou a Taperoá um Juiz Corregedor que me intimou a depor sobre a morte de meu Padrinho, ocorrida por degola, no dia 24 de Agosto de 1930. Dei meu primeiro depoimento ao Corregedor na Quarta-Feira de Trevas, 13 de Abril de 1938. Nesse primeiro depoimento, contei a ele todos os acontecimentos da Pedra do Reino, hoje conhecidos em todo o Brasil.

No dia seguinte, eu teria que comparecer de novo aqui à Cadeia onde agora estou preso, a fim de dar o meu segundo depoimento, pois o severo Juiz, Doutor Joaquim Cabeça-de-Porco, meio anticlerical, nem a Paixão do Senhor respeitara.

Ocorre, porém, que, tendo havido, na véspera, pela manhã, um duelo entre a Direita, chefiada pelo Doutor Samuel Wan d'Ernes, e a Esquerda, representada pelo Professor Clemente, este saíra vencedor. Agora, na Quinta-Feira Santa pela manhã, iria ocorrer o *desfile de triunfo* de Clemente, coisa que eu não queria perder de jeito nenhum. Eu só teria que depor ao Juiz à tarde, de modo que, com a manhã livre, estava ansioso para ver como é que o Bacharel esquerdoso planejara seu triunfo.

Eu acordara, naquele dia, de certa forma refeito dos temores do depoimento e da Quarta-Feira de Trevas. Saíra da Cadeia à noitinha,

aterrorizado. Mas tivera depois, alta noite e já dormindo, dois sonhos, um dos quais me reassegurara em minhas cavalaria e grandezas: tratava-se, nele, da minha coroação oficial como Gênio da Raça Brasileira.

Agora, pela manhã, meus dois Mestres e rivais tinham vindo tomar café comigo, obrigando-me a dar *um relatório completo* do meu depoimento ao Corregedor. Obedeci, omitindo porém, é claro, qualquer referência às delações que tinha feito sobre as idéias e atitudes dos dois.

Por outro lado, notei no Professor Clemente uns modos misteriosos, que me deixaram de orelha em pé. Quanto ao fidalguíssimo Doutor Samuel, na noite anterior tinha se recolhido muito mortificado à sua casa, pois fora obrigado, pelo implacável Filósofo esquerdista, a manter na cabeça um penico que ele ali lhe conseguira enfiar no final do duelo. Eu e meu irmão Malaquias tínhamos prestado a Samuel a solidariedade que era possível em seu infortúnio. E, agora, nós quatro, participantes do duelo, estávamos reunidos em minha casa, tomando café e aguardando o triunfo. Samuel não trocara uma palavra com ninguém, mantendo-se de cara enfarruscada. Quanto a Clemente, resplandecia.

*

Acabado o café, Clemente voltou-se para nós e falou:

— Bem, senhores, chegou o momento do triunfo! Quaderna, vá buscar aqueles dois estranhos mantos que você nos emprestou para a luta, ontem! É com eles que vamos desfilar pelas ruas da nossa Vila!

— Ah, quer dizer que, no fundo, você gostou das minhas cavalaria, não é, Clemente? — disse eu, triunfante. — Agora sim! Vocês dois vivem me levando na galhofa, zombando das minhas “palhaçadas de Sertanejo ignorante, irresponsável e sem compostura!” Mas agora, quando chega a hora das cavalaria, no mesmo instante você sabe dar valor aos mantos da Cavallhada, não é?

— Nada disso! — contestou Clemente, sério. — É que eu quero que meu triunfo cubra, de uma vez para sempre, a Direita de ridículo, e, para isso, nada como uma Cavallhada! Se as cores dessa palhaçada que você vive estimulando aqui fossem o *verde* e o *vermelho*, a coisa ficaria ainda melhor, porque o *verde* é a cor do Integralismo! Mas, na falta do *verde*, o *azul*, que é parente dele, serve! É assim, então, que vamos desfilar pela rua!

— A pé ou montados? — indaguei.

— A Direita, a pé! A Esquerda, montada!

Era a suprema humilhação para o Fidalgo. Clemente insistiu, escarninho:

— Venha cá, companheiro de Carlos, O Temerário! Venha, porque está na hora de você participar, como Escudeiro vencido, do

triunfo do plebeíssimo Professor Clemente! Mande selar desde cedo minha égua vermelha, “Coluna”! Apronte o “Temerário” de Samuel, Quaderna! Tomei a liberdade de desencavar de suas malas os peitorais, as gualdrapas e as cobertas-de-anca da sua Cavallhada. Assim, se você e Malaquias querem, mesmo, participar do triunfo, peguem também seus apetrechos: os azuis para você e Samuel, e os vermelhos para Malaquias, porque os meus já estão aqui! E traga mantos para nós quatro!

*

Fui às malas onde guardo meu arsenal de espadas, lanças de madeira, capacetes e coroas de flandre, etc. Tirei gualdrapas, peitorais e mantas vermelhas para Malaquias, a quem dei também uma haste de marmeleiro, torta e feia, mas embelezada em cima por uma Bandeira de vermelho forte. Ele levou tudo para casa, onde ia selar seu cavalo “Âs de Ouro”, marcando encontro conosco para daí a pouco, no pátio da minha casa. Então, tirei apetrechos iguais, mas do Cordão Azul, para mim e para Samuel, entrando de volta na sala, a sobraçá-los. Ao me avistar, Samuel falou de má-vontade:

— Como é? Eu vou mesmo sair à rua com essa palhaçada, Clemente?

— Vai! — disse o Filósofo, regozijado. — Mas, para que se atenda, como convém, à sua alta condição, tomei providências para que você levasse ainda a mais, no desfile, outros bons e verdadeiros apetrechos da fidalguia! Os Cavaleiros medievais não tinham pajens e escudeiros que conduziam suas armas?

— Tinham!

— Pois é o que você vai fazer! Vai desfilar, na rua, de penico à cabeça e conduzindo, além das cores do Cordão Azul da Direita, uma Bandeira e um Escudo d'Armas!

— Uma bandeira? Um escudo? Que história é essa, Clemente? Qual é a bandeira e qual é o escudo?

— A bandeira e o escudo da República Popular do Brasil!

— Da *o quê*? — perguntou Samuel, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Da Re-pú-bli-ca Po-pu-lar do Bra-sil! — respondeu Clemente, acentuando as sílabas para não deixar dúvidas.

— Essa República não existe! Graças a Deus, ainda não chegamos a esse extremo de degradação, apesar de todos os esforços dos maus brasileiros para isso!

— Pois a proclamação dela é hoje! É o meu triunfo que vai servir de proclamação da República Popular do Brasil!

— E a Polícia? — disse Samuel, pondo-se sério e preocupado de repente. — Olhe, Clemente, se você vem com suas subversões, recuso-me a sair nesse triunfo! A Polícia pode estranhar essas coisas e o desfile degenera em conflito sério! Além disso, o Corregedor está aí: posso me complicar e ser demitido de meu emprego de Promotor!

— Ora, Samuel — retrucou Clemente. — Quem é que vai saber, exatamente, do que se trata? Será que a Polícia entende?

— Sei lá! E de onde foi que você tirou essa idéia estapafúrdia?

— A proclamação da República Popular do Brasil me foi sugerida por um fato que aconteceu aqui na Paraíba; como você sabe, em 1930 o Coronel José Pereira proclamou a independência do município de Princesa, criando uma espécie de Reino, com um governo meio ditatorial, meio monárquico. Princesa, rebelada contra o Estado da Paraíba, manteve-se independente, com hino, constituição, bandeira, jornal e tudo! Pois, assim como José Pereira dominava uma porção do território brasileiro e aí instalou o seu *Reino*, eu também domino atualmente uma parte e vou instalar, nela, minha República Popular do Brasil, desmembrada e independente da outra, a reacionária!

— E que parte do território nacional é essa que você domina?

— O prédio e o terreno da minha casa!

— O terreno e a casa onde você mora são meus! — protestei.

— Mas estão *cedidos* a mim! — rebateu Clemente. — Como você vê, Samuel, resolvi tomar o exemplo do Coronel José Pereira! Não aceitando eu, no Brasil, as injustiças feudais e burguesas do regime político reacionário e medieval que nos domina, resolvi proclamar hoje, no meu terreno e na *minha* casa, a República Popular do Brasil! Ela se limita com o outro Brasil da seguinte maneira: ao Norte, pelo muro do jardim; ao Sul, pelo muro do quintal; a Oeste, com a casa de Quaderna, e a Leste, com a sua, Samuel. Nos limites traçados por essas fronteiras, resolvi instalar a República Popular do Brasil, assumindo ao mesmo tempo, enquanto não o faço no resto do País, o pesado encargo de Chefe da ditadura do proletariado brasileiro! Foi inspirado em tudo isso que mandei fazer, de ontem para hoje, uma bandeira e um escudo d'armas para a nova República, que surge nesta data histórica de 14 de abril de 1938! Depois do desfile, vou mandar pendurar o escudo na parede e hastear a bandeira no jardim: por enquanto, minha casa fica valendo como a República inteira e, ao mesmo tempo, como uma espécie de Embaixada da minha República Popular, dentro da República reacionária do Brasil, com a qual, diante da força dos fatos, eu consinto em manter relações. Apenas uma restrição: como o fato de pagar impostos a essa República reacionária seria uma espécie de vassalagem, eu, de hoje em diante, por uma questão de honra da Esquerda, não vou pagar mais nem um tostão de impostos ao vizinho Brasil! Quaderna que passe a pagá-los!

*

Ah, miserável!! Agora eu estava vendo para que é que, na verdade, servia aquela nova República! Até aquele dia, nosso ajuste fora que eu não cobraria nada aos dois, como aluguel: mas os im-

postos que porventura fossem cobrados ficavam por conta deles! Agora, vinha o desgraçado do Filósofo esquerdejoso, aproveitando aquela “questão de honra”, cuja origem eu estava vendo muito bem, para passar o encargo dos impostos também a meu bolso!

Entretanto, eu precisava muito dos conselhos literários daqueles dois grandes homens para fazer minha Epopéia, de modo que resolvi me calar. Samuel é que parece que ainda ia objetar qualquer coisa: mas, nesse momento, chegava Malaquias de volta. Vinha montado no seu cavalo “*As de Ouro*”: entretanto, por recomendação expressa de Clemente — de quem fora padrinho, na véspera — tinha deixado para “vestir o cavalo” em minha casa, a fim de não tirar o ineditismo do triunfo. E foi assim que fizemos, selando eu o meu cavalo “*Pedra Lispe*” e o “*Temerário*” de Samuel com arreios azuis completos, ao passo que Malaquias fazia o mesmo, com arreios vermelhos, à égua “*Coluna*” de Clemente e ao seu “*As de Ouro*”.

*

Tudo preparado, o Professor Clemente e Malaquias penduraram às costas os mantos do Cordão Encarnado e montaram, sendo que Clemente conduzia, empunhado, o seu famoso *ferrão* sertanejo. Eu amarrei a bandeira da nova República na ponta de uma haste e dei-a a Samuel, juntamente com o escudo que Clemente, escondido de nós, mandara o marceneiro, Seu Santos, cortar na madeira, pedindo a meu irmão pintor, Antônio Papacunha Quaderna, que o pintasse. Aí montamos todos e eu, no bom estilo das Cavalhadas, passei a organizar o desfile.

*

À frente, mandei que ficasse o triunfador, Clemente, montado na égua vermelha, com a aguilhada orgulhosamente encostada à coxa e sustida pela mão esquerda — pois ele é tão esquerdista que nasceu canhoto. Atrás, como escudeiro, de penico à cabeça e com o manto do Cordão Azul às costas, vinha Samuel, sustentando, na mão direita, a bandeira, e, na esquerda, o escudo da República Popular do Brasil. Atrás de Samuel, lado a lado, em rigorosa posição simétrica, vínhamos, eu em “*Pedra Lispe*”, e Malaquias no “*As de Ouro*”. Sustentávamos as duas bandeiras tradicionais das Cavalhadas, mantendo cruzadas as hastes das duas, com a do Cordão Encarnado por cima da do Azul, uma vez que no “duelo” do dia anterior tinha vencido o Vermelho.

Então, assim vestidos e colocados, iniciamos o desfile pela Rua Grande, a rua principal da nossa gloriosa Vila, aquela que liga à *igreja velha*, a de São Sebastião, dos Garcia-Barrettos, à *igreja nova* de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Taperoá.



FOLHETO IX

O DESFILE TRIUNFAL

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna, depois de mostrar o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira — que se encaminham para a fazenda "Onça Malhada" — faz uma pausa sobre os acontecimentos de 1911 e 1912, e conta como, a 14 de abril de 1938, depois do desfile de Clemente e Samuel, ele se prepara para dar seu segundo depoimento ao Juiz Corregedor.*

VENDO-NOS ASSIM a cavalo, vestidos magnificamente com mantos de Cavalhadas e desfilando pela rua principal de nossa Vila, as pessoas de *pró* assomavam às janelas, os burgueses embasbacavam e o Povo exultava:

— O que é? O que foi? — indagavam os retardatários.

— É o Doutor Samuel e o Professor Clemente, que estão fazendo uma daquelas *armadas* deles! — explicavam os outros.

— Oxente! E é feito cavalhada, é? Que diabo é isso? Seu Quaderna, o que é isso? Vai haver cavalhada hoje? — perguntavam, porque eram, todos, conhecedores dos meus hábitos e glórias cavaleirescas.

Eu explicava pacientemente:

— Não, desta vez não é cavalhada não! Isso que vocês estão vendo, é a proclamação da República Popular do Brasil!

— Ah, sim! — diziam todos, perdendo o interesse. — Quer dizer que é a Proclamação da República... Bem que eu estava desconfiando: é coisa cívica, não é cavalhada não! Mas o dia da República não é 15 de Novembro?

O engano do povo era tanto mais justificável porquanto Clemente conservara, na bandeira que mandara fazer, o retângulo verde e o losango de ouro, e o pessoal, olhando sem maior exame, julgava estar vendo a Bandeira Nacional. Clemente indignou-se:

— Veja esse desinteresse, Quaderna! — disse ele, voltando-se, lá da frente, para nós. — Um fato importante como a proclamação da República Popular do Brasil é recebido com essa indiferença pelo Povo! Não se pode nem ser revolucionário numa terra dessas!

— Isso, do seu ponto de vista, Clemente! — rebati. — Do ponto de vista do meu afilhado Samuel, o desinteresse e o equívoco do povo estão até sendo bons!

— Por quê? — indagou Samuel, até ali cabisbaixo e abichornado.

— Porque ninguém notou, até agora, que isso que você traz aí na cabeça é um penico! Vendo os mantos e as bandeiras, estão todos pensando que seu chapéu é uma coroa do *Auto dos Guerreiros* ou qualquer coisa semelhante!

— É mesmo, Quaderna? — disse Samuel animando-se. — Que sorte! Que felicidade, a minha!

— Ah, é assim? — Interveio Clemente, com ar feroz. — Pois vou cuidar de inverter isso, já! Vou, de uma só vez, *matar dois mocós de uma cacetada só!*

— O ditado é *matar dois coelhos de uma só cajadada!* — corrigiu Samuel, imediatamente, acre de novo.

— Isso é a forma portuguesa, a forma européia e reacionária do ditado! — retrucou Clemente. — Vou fazer um discurso ao Povo, mostro que isso aí é um penico, conto a luta de ontem e narro minha vitória. Depois, chamo a atenção do Povo para a importância da proclamação da República Popular do Brasil!

*

E o Professor Clemente, de fato, começou a falar ao Povo, usando inclusive o pronome *vós* para dar solenidade e beleza aos acontecimentos. Disse:

"Povo de Taperoá! Venci ontem, num ordálio-brasileiro, meus adversários da Direita! Eu e o Doutor Samuel Wan d'Ernes saímos, ontem, pela manhã e com testemunhas, para um lugar ermo e deserto, e aí, à luz meridiana do sol sertanejo, travou-se uma grande batalha, decisiva para os destinos do Brasil! Coisa estranha, compatriotas, é um campo de batalha após a luta: parece que algo de estranho se impregna ali, algo cheio de grandeza e solenidade! Ide lá hoje, ao *tabuleiro* do nosso apazível *Cemitério da Consolação!* Ide, operários e camponeses de Taperoá, ide e olhai! Ninguém dirá que ali, naquela estrada solitária, aconteceu algo de importância fundamental para a nossa Pátria! Agora, que tudo passou, podemos tratar os adversários com generosidade: eles se portaram com bravura, o que não os impediu de serem vencidos! A arma empregada foi esse *objeto de uso doméstico e noturno*, que agora orna a cabeça da Direita vencida! Sim, porque isso que estais agora presenciando, operários e camponeses de Taperoá, é o triunfo das minhas idéias! Aliás, é algo mais importante ainda: hoje, 14 de Abril de 1938, com este meu desfile triunfal, está sendo proclamada a República Popular do Brasil, cuja Embaixada, por enquanto, instala-se na minha modesta residência, na Rua da Chã-da-Bala, n.º 38, local onde funciona minha banca de Advogado e onde atenderei, diariamente, das 4 às 6 da tarde, a todos

aqueles que tenham algum interesse importante do Povo brasileiro a tratar! Aqui estão a bandeira e o escudo d'armas da República!"

*

A um aceno dele, Samuel ergueu o escudo e desfraldou a bandeira, enquanto Malaquias rufava o tambor-tarol que lhe tinha sido amarrado à sela expressamente para isso.

Os taperoenses, sempre meio desatentos, ignorando quem eram aqueles "operários e camponeses" a quem Clemente se referira, pensaram, primeiro, que o Filósofo estava apenas oferecendo, a todos, seus normais serviços remunerados de Advogado. Depois, vendo desfraldada a bandeira — que eles continuavam a confundir com a Bandeira Nacional — tiraram, respeitosa e educadamente, os chapéus. Mas Clemente estava tão empolgado com o próprio discurso que não notou desta vez a confusão. Orgulhoso, contente de ver o respeito do Povo à bandeira da nova República, esporeou sua égua, e assim recomeçamos a caminhar a passo, por toda a Vila que, segundo a combinação, devia, toda ela, presenciar o triunfo.

Eu, que conhecia perfeitamente o temperamento de todo mundo ali, notava agora uma mudança de atitude nos meus dois Mestres e rivais. O Professor Clemente, generoso pela vitória, estava menos ressentido e contraído do que de hábito. Quanto ao Doutor Samuel, tranqüilizado ao ver que ninguém o apupava nem prestava atenção ao penico, só havia em sua alma um sentimento, que eu compreendia perfeitamente, porque era o mesmo que me assaltava: é que estávamos ambos roídos de inveja por não termos tido aquela idéia maravilhosa de fundarmos, em nossas respectivas casas, *Reinos e territórios livres*, realizando nossos sonhos, como tinham feito, em 1930 o Coronel José Pereira, e agora, aqui em Taperoá, o Professor Clemente! Que outras alegrias, que outros sonhos poderíamos ter senão esses, com o Brasil e o mundo vivendo os tristes, miseráveis e inquietantes dias que estávamos vendo? Clemente tivera uma idéia genial! Despeitado, Samuel começou logo a tentar desmerecê-la. Indagou, com ar falsamente casual e desdenhoso:

— Você, Clemente, pode me explicar a concepção da bandeira e do escudo que inventou?

— É fácil! — disse o Filósofo. — Mantive, na bandeira, as cores *verde e amarela*, inclusive com a forma singular do *losango de ouro*, única no mundo inteiro, o que é honroso para o Brasil. Quanto ao escudo, essa forma que você está vendo aí é a do escudo dos povos tapuios-cariris!

— Parece um barril! Esse tal "escudo cariri" existia mesmo, Clemente?

— Existe, e a Direita reconhece! Esse escudo foi copiado por mim da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, o qual, sendo, como

você diz, "de sangue germânico, monarquista, católico e visconde", era da Direita! No escudo, a parte de fora é negra, o losango amarelo, com a Onça vermelha no centro. Como timbre, vem a mesma Onça, retirada da bandeira por economia heráldica. O escudo representa, portanto, com a cor preta, a Raça negra; com o losango de ouro, a Raça ibérica de portugueses e espanhóis; e com a Onça castanha no centro, a Raça vermelha!

*

Eu estava mordido de inveja, nobres Senhores e belas Damas! Quantas idéias maravilhosas tinham ocorrido àquele homem de um dia para o outro! Sem conter meu entusiasmo, falei:

— Professor Clemente, meus parabéns! O senhor teve duas grandes idéias, a da bandeira e do escudo, e a da fundação de sua República!

— Eu sou um Fidalgo dos engenhos, um pernambucano de 400 anos, e não posso, nunca, admirar essas coisas! — disse Samuel, inarredável.

— Que idiotice! — retrucou Clemente — Eu sou um Brasileiro de 30.000 a 40.000 anos! Olhe, Samuel, eu, como simples homem, tenho antigo sangue ibérico, antigo sangue negro, antiquíssimo sangue tapuia, o predominante! Quaderna também...

— Mas, em Quaderna, a predominância é ibérica e cariri, ele ainda *passa*, ainda *vai*, como mameluco-castanho e Sertanejo! — insistiu Samuel, implacável no seu racismo. — Em você, Clemente, apesar do cabelo "bom" e dos olhos agateados, a predominância na cor da pele, é do escuro! Assim, o que você é, mesmo, é um Negro!

— Isso prova somente que eu sou mais brasileiro do que Quaderna!

— Mais brasileiro não, mais *negro*! É por isso que, desejando inconscientemente se alçar ao ideal godo-ibérico da Raça brasileira, você se casou com uma mulher albina, como Dona Iolanda! Foi o fato de ser gázia que, nela, atraiu você, num desses mistérios da atração sexual que só a própria pessoa pode explicar!

— O quê, seu safado? Deixe em paz a minha vida particular, nojent! E depois, não haveria nada de espantoso nisso: casando com uma branca, eu estaria, talvez, somente procurando me clarear até o *castanho dos Tapuias*, cor na qual, como já disse, há de se estabilizar a Raça brasileira!

— Raça que, no caso, nada veio a ganhar, porque o casamento foi maninho, em vista de ser estéril o cabeça do casal!

Para Clemente, aquilo era um *ponto de honra*, motivo pelo qual ele gritou furibundo, usando os eufemismos que às vezes empregava em tais momentos:

— Posso ser estéril, mas não sou *f*, nem *pm*, nem capado, como você!

A discussão degeneraria, talvez, em novo duelo. Mas, graças a Deus, estávamos diante das nossas casas e o desfile chegou ao fim. O Doutor Samuel foi liberado por seu cruel rival, e, acompanhado por Malaquias, foi procurar Seu Júlio Ferreiro para cortar o penico e retirá-lo, serrado, da cabeça.



Bandeira do Império castanho, pobre e despojado do Brasil, grande sonho político e profético de Quaderna, O Decifrador. A forma final do Escudo terminou sendo a do Império do Brasil que, mesmo falsificado pelos Braganças, criou alguma tradição. Como se vê, o Império castanho de Quaderna, O Decifrador, é uma fusão da República Unitária de Samuel com a República Popular de Clemente.

Eu, porém, tinha coisas mais importantes de que cuidar, coisas que me tinham sido sugeridas pelas idéias de Clemente. Assim, dirigi-me para minha casa, onde, deixando meu cavalo "Pedra-Lispe" à porta, guardei os mantos, gualdrapas e peitorais que emprestara para o triunfo. Conservei, porém, a roupa cáqui, peguei o manto, as estolas e a coroa da "Ordem da Pedra do Reino". Embrulhei tudo cuidadosamente, colocando o pacote no bolso da carona de minha sela.

Encaminhei-me, então, para a casa do meu irmão Antônio, o pintor de bandeiras, onde tive a surpresa de saber que Samuel também já por ali passara, antes mesmo de ir ao ferreiro: o ilustre Fidalgo, não contendo a inveja que procurara ocultar, fora encomendar a meu irmão a bandeira e o escudo da República Unitária do Brasil, com a qual vivia sonhando, e que agora queria fundar. Devo explicar que o "monarquismo estético" de Samuel costumava variar, oscilando ele, ora pela Coroa, ora "por uma República aristocrática, *ad instar* da de Veneza, semelhante àquela que o Fidalgo pernambucano Bernardo Vieira de Mello quisera instaurar no Brasil, em 1710". Era uma República integralista, unitária e centralizada, com o Chefe Nacional, Plínio Salgado, instalado e reconhecido como Ditador, e tendo Samuel como seu Ministro da Cultura.



FOLHETO X

O QUINTO IMPÉRIO E O AEDÔ SERTANEJO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: João Dantas, o Doutor João Pessoa, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira encaminham-se para a "Onça Malhada". O Comandante Jesuíno Villar foi morto, seu irmão e seu primo foram gravemente feridos na sangrenta emboscada do Juá. Quaderna faz uma pausa sobre os acontecimentos de 1911 e conta como, a 14 de abril de 1938, Clemente e Samuel "proclamaram", respectivamente, a República Popular e a aristocrática República Unitária do Brasil.

MORTIFICADO PELAS RASTEIRAS que acabara de levar com a proclamação, aqui em Taperoá, das duas Repúblicas, resolvi que meu Quinto Império — sebastianista, messiânico, popular e profético —

não poderia ficar atrás. As insígnias heráldicas de Clemente eu já conhecia. Pedi então a Antônio Papacunha Quaderna, meu irmão bastardo pintor, que me mostrasse as indicações que Samuel lhe tinha deixado, rabiscadas, para que ele pintasse o escudo e a bandeira da sua República Unitária do Brasil. Eu, como sempre sem idéias, precisava plagiar as dos meus Mestres e adversários políticos.

Antônio foi buscar os papéis que Samuel lhe dera. A bandeira que o Fidalgo encomendara, consistia no retângulo verde e no losango de ouro da Bandeira Nacional, é claro. No meio deste, porém, havia, isolada e só, a Cruz vermelha e branca da Ordem de Cristo — a que viera nas Caravelas — dentro de um escudo azul, de forma ibérica. Quanto ao escudo, era igual ao da bandeira, mas tinha, como timbre, uma Esfera-armilar de ouro, com pé, encimada pelo Globo azul faixado de branco e pela Cruz de ouro, como na insígnia do Brasil-Principado.

*

Aí, tudo ficou mais fácil para mim. De Samuel, plagiei a forma do Escudo, a Esfera-armilar e a Cruz da Ordem de Cristo. De Clemente, copieei a Onça Vermelha, que ficou no centro do Escudo, com a Cruz em cima e a Esfera embaixo. Mas coloquei uma orla azul no escudo, para equilibrar, com ela, a cor vermelha da Onça.

De modo que foi assim que foram criados os três escudos e as três bandeiras, e eu anexo cópia de tudo a estes autos, pois são peças importantes no meu Processo e na decifração de todo o caso. E foi assim, também, que, na madrugada do Sábado de Aleluia para o Domingo da Ressurreição de 1938, os três Escudos apareceram pendurados nas paredes da frente e as três bandeiras tremulando ao vento em nossos jardins, sendo então fundadas, na casa de Clemente, a República Popular do Brasil, comunista; na casa de Samuel, a aristocrática República Unitária do Brasil, integralista; e sendo restaurado, na minha, o Império do Brasil. Eu o sonhava adaptado ao novo Brasil que, apesar de tudo, ia surgindo: não um Império mofado e encasacado, mas uma imensa fraternidade do Povo castanho, com todos os Brasileiros convocados “a serviço”, vestidos de cáqui e mescla azul numa média da nossa pobreza honrada, e unidos aos Soldados em torno do nome sagrado de Deus. E só assim, com o Brasil tornando-se uma Estrela para as nações da Rainha do Meio-Dia é que eu teria ambiente propício para erguer meu rouco Cantar castanho, este Castelo bandeiroso e cavalariano que é a Obra genial da Raça Brasileira.

*

Da casa de meu irmão Antônio, encaminhei-me então para a minha casa-de-tavolagem, a famosa e suspeita “Estalagem à Távola Redonda”, onde devia encontrar Maria Safira. Lá chegando, encon-

trei aquele ambiente de abandono, silêncio, desordem nos móveis e sonolência fora-de-horas que caracteriza todos os bordéis nas horas que precedem o meio-dia. Entretanto, Maria Safira estava acordada, conversando com Dina-me-Dói, nossa aia e cozinheira.

Quando entrei na cozinha, ela me olhou com seus olhos indecifráveis e perguntou simplesmente, descuidosamente, como se tudo aquilo não fosse um perigoso nó-de-lacraias em que eu andava metido:

— Não foi preso não?

Que mulher estranha era aquela! Eu nunca sabia o que ela ia fazer ou dizer. De uma co'isa, porém, estava seguro: ali, como tudo estava calmo e o lugar era discreto, ela não sentiria nenhuma atração sexual por mim. Limitei-me a responder à sua pergunta:

— Não, não fui preso não! Minha sorte é maior do que você pensa!

Ela me olhou com seus olhos esverdeados; e, de repente, eu tive a impressão de que aqueles eram os olhos que, no dia anterior, tinham me agourado daquela maneira, dando-me um ataque epilético do “mal-sagrado” diante do Corregedor e de Margarida. Numa suspeita, perguntei:

— Foi você quem mandou uma carta anônima ao Juiz, me denunciando?

— Eu? — contestou ela, como admirada de que eu a julgasse capaz de tomar partido no caso, fosse a favor ou contra.

— Tenho um favor a lhe pedir! — disse eu, desviando o assunto. — Mande Dina preparar, aí, um pouco de paçoca, e me dê aquela garrafa de vinho que está trancada no armário.

— Vai almoçar na estrada? — perguntou ela, sem maior curiosidade.

— Vou! A minha pedra está me dando sorte: dei o primeiro depoimento ontem e não fui preso, apesar de ser uma Quarta-Feira de Trevas. Assim, vou de novo à pedra agora, pois é Quinta-Feira Santa, e quero cumprir religiosamente meus rituais! O Corregedor mandou que eu voltasse hoje à Cadeia para dar o segundo depoimento, e quero ver se, de novo, escapo da prisão!

— O perigo será o depoimento de amanhã, pois é Sexta-Feira da Paixão, dia em que Cristo foi crucificado! — disse Maria Safira, e eu estremei, porque pela primeira vez me ocorria o fato de que eu estava vivendo três dias de Paixão, como acontecera ao sertanejo-judaico, Jesus Cristo, no Sertão da Judéia, áspero, seco, pedregoso e cheio de cactos como o nosso.

Sem mais uma palavra, Maria Safira orientou Dina para fazer a paçoca. A carne-de-sol já estava assada. Ela passou-a na máquina para moê-la, cortou a cebola e o coentro que mergulhou em vinagre vermelho e torrou o tocinho para fazer o “torresmo” que, em dois tempos, estava impregnando a estalagem com um cheiro delicioso

para quem, como eu, estava faminto. Assim, logo eu me via pronto, com todos os elementos necessários ao culto do lajedo: os alforjes estavam cheios de paçoca, e o pichel, de vinho — o Vinho Tinto da Malhada que eu levava comumente para meus almoços, mas que, agora, estava acondicionado com o outro, o Vinho secreto, sagrado e proibido da Pedra do Reino. Estava assim preparado para celebrar minha Missa católico-sertaneja e negro-tapuia, sobre a pedra-de-ara dos meus rituais. Montei no “Pedra-Lispe”, que continuava encilhado e selado, e, de coração pulsando, tomei o caminho do meu Lajedo.

*

As pessoas bem informadas pela história d'A Pedra do Reino, já sabem o que se passa no meu rochedo sertanejo. Logo que dobrei a primeira curva da estrada, longe da Vila, coloquei aos ombros meu manto litúrgico, com a estola de Profeta da minha sagrada Ordem. Assim vestido, galopei até o Lajedo onde, como sempre, preendi o cavalo na beira-da-estrada e subi a pedra a pé, levando a paçoca e uma garrafa do Vinho perigoso.

Eu precisava muito desse vinho, naquele dia. Primeiro, para melhorar a cegueira poética e profética que me possuiu durante a maior parte do tempo. Depois porque, se o bebesse no almoço, seria infalivelmente atacado pelo “mal-sagrado do Gênio”: teria visões e visagens, como Poeta-épico, visionário e Profeta que sou; reviveria aventuras e cavalarias que já vivera, em minhas batalhas e emboscadas sertanejas; possuiria em sonho todas as mulheres que desejasse; por fim, dormiria um curto mas profundo sono enxaquêquico; e acordaria com uma lucidez terrível, divino-demoníaca, fundamental para a solução de Enigmas e logogrifos, o que me seria altamente útil para o meu novo depoimento daquela tarde sobre o caso de Dom Sinésio Sebastião, O Alumioso — o rapaz do cavalo branco.

Foi então o que fiz. Assim que escalei a pedra, queimando-me e espinhando-me como sempre nos cactos e nas urtigas, preparei tudo e comecei a comer paçoca e a beber liturgicamente o Vinho que tinha levado. Assim que acabei, deitei-me em cima da alta pedra, para esperar a parte mais violenta do “acesso”, a primeira. Nunca vi tal coisa em mim, porque, quando a gente bebe o Vinho, cai, no mesmo instante, no sagrado sono-de-ataque da Poesia escumejante. Mas já vi Lino Pedra-Verde atacado da embriaguez sagrada do Sertão, de modo que sei como é terrível: a gente cai no chão, escabujando e espojando-se, babando pela boca, com os olhos torcidos e revirados. Fica-se uma espécie de mistura de cavalo hidrofóbico, morcego, bode e cachorro da molesta.

Foi o que deve ter acontecido comigo naquele meio-dia, pois acordei todo lanhado, todo arranhado, deitado e sangrando em cima do meu sacratíssimo lajedo. Uma sensação deliciosa me invadia. Abri

os olhos, e o Sertão me apareceu, todo, como o Reino que era para mim, desde que eu passara a entender melhor os fascínios e encantações que ele me dirigia por trás de sua aspereza, de sua pobreza dura, cruel e despedaçadora. O Sol dourava muralhas e castelos de pedra, parecidos com aqueles que os geniais Gustavo Barroso e Euclides da Cunha tinham “visto” nele. Povoavam-no astrosos desfiles de Cavaleiros e batalhas, de vinditas e emboscadas. Galopavam, em suas estradas e caatingas, Cangaceiros e Vaqueiros vestidos de couro castanho e empoeirado, trazendo aguilhadas ou compridos punhais na mão. As lutas em que eu tinha tomado parte, como Soldado do velho Rei Dom Pedro Sebastião, ressurgiam todas, naquele tabuleiro cheio de cactos e de cercas-de-pedra. E todas as mulheres que tinham tomado parte na “Demanda Novelosa da Guerra do Reino” também apareciam, com seus belos e longos cabelos — ora negros, como os de Genoveva, ora louros como os de Clara, ora castanho-claros como os de Heliana, a moça enigmática e sonhosa, que foi o grande amor e o segredo da vida de Sinésio e da minha.

*

Sim, nobres Senhores e belas Damas de peitos macios: porque — só agora eu o revelo — havia algo entre mim e Heliana, assim como havia uma identificação secreta entre mim e Sinésio — a parte ensolarada de mim mesmo. Quando ele a possuía, “era eu que a possuía”, como, aliás, sempre me aconteceu com minhas consulentes do “Consultório Sentimental e Astrológico”, isto de um modo ora glorioso ora triste e grotesco, a ponto de minha vida, nesse aspecto, poder se resumir no título daquele “folheto” que se chama “As Desventuras de um Corno Ganancioso”.

Mas agora, ali em cima da pedra, havia também uma identificação estranha entre o Sertão e a alma do meu sangue — o palco onde tudo aquilo se desenrolava, onde sucedia toda a “Demanda Novelosa” que meus olhos tinham “visto” e da qual o retrato fiel é esta Obra, este Marco, este Castelo Sertanejo, cujas muralhas, caatingas, serras, alcovas, pátios, salas-de-trono, aras, estradas e descaminhos Vossas Excelências estão agora aos poucos desvendando.

*

Resolvi, então, aproveitar o momento. Já que eu passava de novo, “em visagem”, por todas aquelas experiências perigosas; já que, como Poeta, gastava meu sangue para dar vida a toda aquela gente — uma vida que eles bebiam do meu sangue e do meu vinho — resolvi aproveitar, também, a parte vantajosa do Reino. Enquanto esperava o depoimento, eu aproveitaria o sonho onipotente que o Vinho sagrado me dava para viver as aventuras sonhosas, solares e alumiosas de Sinésio, e as negras e proscritas de Arésio, o Príncipe satúrnico e

subterrâneo, segregado pelo Cariri-desértico de minha alma escura. Como compensação à minha vida pobre, monótona e esgarçada, resolvi possuir todas as mulheres que tinham sido deles — principalmente Genoveva e Heliana. Havia ainda Clara, a noiva loura, casta e fria do outro Príncipe, o Esverdeado, Gustavo Noronha de Brito Moraes. E eu ia já incluí-la no meu sonho, quando me lembrei daquilo que Heliana significava para mim. Comecei a ter remorso, fiz um esforço e esconjurei as outras mulheres, para ficar somente com ela — a mocinha sonhosa, das mãos cobertas.

Isso implicava em limitar minhas ambições, transfundindo-me eu apenas em Sinésio. E foi o que fiz. Evoquei-o e invoquei-o, com os poderes de Rei e de Profeta que o vinho me dava. Logo, com aquela identidade de sangue que havia entre mim e ele, comecei a *me virar* em Sinésio, O Alumioso, e assim, através dele, a possuir aquela quimera, Dona Heliana a-dos-olhos-verdes, a mais bela, e sonhosa, e enigmática Princesa do meu Reino.



FOLHETO XI

O RAPSÓDO DO SERTÃO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna* — depois de mostrar o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira — que se encaminham para a fazenda “Onça Malhada” — faz uma pausa sobre os acontecimentos de 1911 e 1912, e conta como, a 14 de abril de 1938, Samuel e Clemente “proclamaram”, respectivamente, a República Unitária e a República Popular do Brasil. Despeitado, ele restaura o Império do Brasil, chama o Sertão de REINO e justifica-se:

SIM, DO MEU REINO! Porque Samuel e Clemente têm razão, este quando diz que os heróis sertanejos ou são Profetas brancos e desequilibrados ou então Cangaceiros sujos e cruéis; e o outro quando afirma que nunca houve uma “nobreza” sertaneja que se pudesse comparar com a que floresceu na “Civilização do Açúcar”; que o Sertão é “os cafundós de Judas”, a terra na qual o Diabo perdeu as botas. Aqui para nós, nobres Senhores e belas Damas que me ouvem: eu acho essas cavilações de Samuel a respeito dos “ioiôs” e “sinha-

zinhas”, sobre os bolos e as baixelas da “civilização do açúcar”, um tanto ou quanto ridículas. Eu quero, lá, o Sertão parecido com essas coisas invocadas! O Sertão é bruto, despojado e pobre, mas, para mim, é exatamente isso o que faz dele o Reino! É exatamente isso o que me dá coragem para enfrentar o sofrimento e a degradação que me despedaçam e mancham todos os momentos de minha vida — ao ver a fome, a feiúra e a injustiça, ao ter o pressentimento da morte, da tristeza e da insanidade, em mim e nos outros. O que me dá ainda coragem é poder esperar pelo dia em que minha vida se identificará — pelo Deserto ou pela Morte, não sei! — com essa áspera Terra-pedregosa, crestada pelo Sol divino, misericordioso e cruel, pela faca da poeira e pelo chicote da ventania, e onde galopa, em cavalos magros, pequenos e ágeis, essa estranha legião, faminta e sóbria, de facínoras bronzeados, sujos e maltrapilhos — esses que são os Heróis da minha Epopéia pobre e extraviada. Outros que escrevam sobre a Burguesia rural do açúcar, travestida em “nobreza” pelos títulos comprados do Segundo Império; ou sobre as Cidades povoadas de funcionários públicos mesquinhos, subornados, pequenos até nos crimes e faltas que cometem.

*

O que acontece comigo é diferente. Eu, como Clemente e Samuel, reconheço que o Sertão é pobre, pardo, espinhento, pedregoso e empoeirado. Mas, ao contrário deles, é por isso mesmo que o acho belo e bruto, grandioso e austero — o Reino Encantado do Sete-Estrelo do Escorpião. Samuel acha o Povo sertanejo horrivelmente feio, exceto, diz ele, quando, “aqui e ali, aparece um tipo de homem eugenicamente ibérico do Norte — louro, alto, de olhos azuis e descendente de Godos”. Eu, tanto acho maravilhosas as Sertanejas belas — as que o Povo, em homenagem à sua beleza, chama de *pavvas*, dividindo-as em *galegas* alouradas e *juçaras* morenas — como admiro a legião de barbudos e entroncados *mamelucos*, descendentes dos ibéricos morenos que se cruzaram com as mulheres Cariris de cara de pedra, e, aqui e ali, com uma ou duas pintas de sangue negro, árabe e cigano.

Samuel acha feias as cabras sertanejas, incluindo-as no rol dos animais “grosseiros e antipoéticos”. Clemente também as acha feias, mas, exatamente por isso, simpatiza com elas: primeiro, porque ele é contrário à Poesia e considera a Beleza reacionária; e depois porque acha que, sendo feias, e ósseas, e nervudas, as cabras são “um símbolo da secura, da feiúra e dos sentimentos de contestação e revolta do Povo sertanejo”. Eu, diferentemente dos dois, acho as cabras ásperas e belas — e é por isso que simpatizo com elas. Uma das cenas mais bonitas, cavaleiras e fortes que já vi em minha vida, foi a de um pai-de-chiqueiro enorme e preto cobrindo uma vermelha e nova novilha-de-cabra, num pedaço áspero e bruto de Caatinga ser-

taneja, sobre um *lajeiro* baixo e espalhado, quase rente com o chão, cercado de macambiras e xiquexiques, e cheio de pedaços de pedra menores que reluziam ao Sol suas faíscas de malacacheta. Essa cena e o choque primordial de áspera Beleza que ela me proporcionou mostraram-me, de uma vez para sempre, que a vida é cruel e dura mas bela — e sua beleza está ao alcance de qualquer um, mesmo do mais pobre e bruto dos Sertanejos.

*

Quer dizer: eu acho o Sertão bonito exatamente por causa daquilo que os *delicados* acham feio nele — o nosso Povo mameluco, tapuio-ibérico, de cara de bronze e pedra; o Sol implacável; os nossos estranhos heróis, personagens de uma Legenda obscura e extraviada; as estradas e Caatingas empoeiradas, pedreguentas e espinhosas; as casas-fortes quadradas, brancas, achatadas e baixas, meio mouras, de paredes de pedra-e-cal ou de taipa, e de chão de tijolo; e a Caatinga espinhosa e selvagem, povoada de répteis envenenados, de aves de-rapina, escorpiões, maribondos e piolhos-de-cobra.

Samuel e Clemente costumam falar mal da “embasbacada admiração” que eu tenho por José de Alencar. Samuel prefere, como diz ele, “a prosa refinada, e venenosa como certas parasitas de estufa, de Machado de Assis”. Clemente diz que eu deveria seguir “a trilha do realismo denunciador e implacável de Lima Barreto, Aluísio Azevedo e outros escritores pré-esquerdistas”. Mas, nobres Senhores e belas Damas, para me entender é preciso levar em conta que José de Alencar não era o Gênio da Raça Brasileira — era apenas um dos Precursores dele. Ouviu cantar o galo, mas não sabia onde. Pressentia ele que existem dois tipos de Poetas — os da Cidade e os do Deserto: mas não passou daí.

O fato é que Deus e o Demônio estão em toda parte — mas assumem faces diferentes de acordo com os lugares em que são invocados. Na cidade, exceto entre os pobres, Deus é um sopro tênue, abstrato e sentimental, que não convence mais ninguém, no qual ninguém mais acredita; e o Diabo é apenas um burguês gordo, corrompido e corruptor, que bebe nos fins de semana para esquecer as maldades que cometeu nos outros dias.

Pois bem: o Sertão-desértico é do Deus terrível, as cidades são do Diabo gordo. As pessoas que, vendo a nossa terra seca, áspera, pobre e pedregosa, cingida por muralhas brutais de granito, duvidam, por isso, que o Sertão seja de Deus, não sabem nada acerca de Deus, que é muito maior e mais estranho do que se pensa. Deus é parecido com o Sertão, e é por isso que a Saga que ele escreveu — a História dos homens — é tão sangrenta, risadeira, áspera, desumana e desembradeirada.

*

Isto não quer dizer, nobres Senhores e belas Damas, que o Diabo não viva, também, aqui no Sertão. Mas o Diabo que vive aqui é a *Besta-Fera*, o *Demônio*, a *Besta-Bruzacã*, o Arcanjo luciferino e trágico-epopéico, que desafiou o Outro e foi precipitado do Sol nas chagas trevosas da Noite, onde espera seu resgate, molhado de sangue e cravado de estrelas.

Já o Demônio das cidades é o pai dos burgueses ricos e dos funcionários públicos de caráter mesquinho, vendidos, subornados e corrompidos, de má-consciência, degradados no mofo das repartições, no inferno promíscuo e equívoco, na vida noturna e dissipada dos salões e das ruas. É por isso que os Poetas da cidade têm que fazer uma opção: ou idealizar e inventar heróis elevados acima da condição humana, como fazia José de Alencar; ou apresentar os homens do Povo embrutecidos e degradados pela miséria, como Aluísio Azevedo; ou então baixar seu vôo, como Machado de Assis, criando seus personagens a partir dos caracteres mesquinhos de burgueses — comerciantes, doutores, industriais, funcionários públicos, banqueiros, mulheres venais e adúlteras-a-furto, enfim, toda essa corja onde pulula o que o caráter humano tem de desprezível.

*

Eu, não faço nenhuma dessas opções. Não tendo outro jeito, parto do mofo mesquinho das ruas aqui da Vila, e dos personagens cruéis, corrutos e sem grandeza que fazem a maioria dos homens. Rio deles e de mim mesmo, mas meu riso não é o sorriso irônico, corrosivo, mesquinho, mofado e encasacado de Machado de Assis. É o riso-a-cavalo, grosseiro e macho, que permite reunir corajosamente as injustiças, as feiúras e os destroços da vida real para, com eles, empreender o galope do Sonho, e manter, assim, a chama da minha Epopéia, da minha insurreição permanente, contra as feiúras e injustiças do real. Tenho, para cantar, essas *pavoadas*, essas *galegas* e *juçaras*, transfiguradas, pelo fogo do sonho-epopéico, em mães-d'água louras dos rios, ou em *caboclas-que-vão-à-guerra*, como Maria Bonita, a musa-pavoa do Gavião-guerreiro Lampião. Canto também essa Legião facinorosa, barbuda e de cara de bronze, vestida de foscas armaduras de couro manchadas de suor, essa turba de gentilha mameluca, faminta, rebelada, cruel, áspera e ensangüentada, impura mas não sem grandeza, que é o meu Povo de vaqueiros, Cantadores, beatos e Cangaceiros.

Eu, do Mar e do Sertão ao mesmo tempo, — epilético, cegante e escumejante como o Profeta Nazário — posso tentar o arremesso épico, não para ressuscitar o passado mas para forjar o Reino, a Rainha do Meio-Dia do nosso futuro peculiar e castanho, tudo ao galope do Sonho e ao corisco de gargalhadas dolorosas da poesia-a-cavalo. Isto porque, neste Reino sagrado e abrutalhado do Sertão,

neste Reino talhado a foice e a fogo pela fúria do Terrível, bastariam as pedras e o Sol para incendiar a feiúra e a maldade do mundo, no corisco e nos raios fumegantes de uma Obra ousada e nova, desordenada e disforme, onde o riso queimasse as lágrimas, onde a coragem incendiasse a tristeza e onde a Bruna Castanha do Brasil fosse levada, de golpe e para cima, pelas estradas do mundo, para se unir ao Sol castanho do Divino.

E eu mesmo, exilado entre as grades mesquinhas das ruas desta Vila amaldiçoada e corrompida onde vivo preso; eu, mesquinho Decifrador de charadas, e funcionário público semelhante àqueles a quem desprezo; eu, cujo único problema, cujo único assunto é a traição contínua e dilaceradora que faço cotidianamente a Deus e a seu Reino; eu, ao montar no meu cavalo *Pedra-Lispe*, ao colocar na minha pobre cabeça a minha pobre Coroa de flandres de Palhaço e de Rei — eu galopo também pelas estradas e descaminhos deste meu Reino e Castelo da Raça Brasileira, e oponho, assim, às misérias, feiúras e tristezas da vida real, o galope livre do Sonho e da Desventura, sentindo-me ir, como um Dom Sebastião, talvez grotesco mas indomável, ao encontro de Deus, de meu Povo e da sagrada Morte Caetana — “ao encontro da Morte que me imortalizará”.

*

Por esse Reino então, naquele dia — e como me sucede toda vez que invoco meu estranho, jovem e ardente Cavaleiro — mal a metamorfose começava, as pedras reverdeciam, o sonho ganhava vida, galopavam cavalos, corria o legendário *Tremedal*, o cavalo branco das crinas cor de ouro; e reviviam em meu sangue os amores legendários e sonhosos de Sinésio e Heliana, e o Inferno sertanejo e subterrâneo de onde ele surgiu, e o Purgatório de chamas que ele enfrentou, e a Furna paradisíaca da Malhada onde ele, ao que tudo indica, se uniu à Onça do Divino, bebendo o *mosto vermelho da Granada* que é o sonho consciente ou inconsciente de todos nós.

Infelizmente, porém, as palavras não bastam para dar uma idéia de todas as batalhas que ali vivi sobre meu Lajedo, de todos os amores que gozei naquele instante, tornados ainda mais belos e legendários pela aguda e constante sensação de desgosto que a vida e a triste verdade do mundo me dão atualmente.

Por outro lado, o tempo urgia, no que diz respeito ao depoimento que teria de dar de novo, na Cadeia. Desci a pedra, montei de volta em meu cavalo, e, dirigindo-me para a rua, preparei-me para enfrentar pela segunda vez o terrível Juiz Corregedor.



FOLHETO XII

O SEGUNDO DEPOIMENTO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *A Morte Caetana*, enquanto avista o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira, encaminhando-se, a cavalo, para a fazenda “Onça Malhada”, assistiu a uma emboscada na qual foi morto o Comandante Jesuíno Villar e ficaram feridos seus primos, o Coronel Sulpício e o Major Zorobabel.

Quaderna faz uma pausa na narração dos acontecimentos de 1911, e volta a contar o depoimento que deu, em 1938, ao Juiz Corregedor, depoimento que terminou com ele preso, na Cadeia de Taperoá.

ERA A QUINTA-FEIRA SANTA, 14 de Abril deste nosso ano de 1938, e a tarde estava fresca e agradável, parecendo uma tarde de Domingo. Ao cheiro bom e agreste das malvas, dos velames, juremas e mameleiros, que vinha, até a Vila, dos tabuleiros próximos, soprado pelo vento fresco da Serra do Pico e da Serra do Teixeira, juntava-se o das frutas que Seu Campineiro trouxera do Brejo para suprir o Sertão. Passavam Vaqueiros vestidos de gibões castanhos, roupas de couro cosidas nos rasgões e remendos, e empoeiradas da viagem a cavalo que vinham fazendo: tangiam as poucas reses que iam ser mortas, no Sábado de Aleluia, no açougue do Comendador Basílio Monteiro. Homens, escanchados em jumentos bíblicos, alternavam-se com mulheres que traziam, equilibradas milagrosamente nas cabeças, jarras e panelas de barro vermelho ou pardo, cozidas a fogo direto e decoradas caprichosamente com desenhos que nós, Sertanejos-mamelucos, herdamos dos Tapuios-cariris. Passavam vendedores de raízes, Cegos tocadores de rabeca, Cantadores de viola e mendigos de barbas longas, vestidos dos camisolões dos peregrinos e com os cajados a que costumavam se apoiar. Estavam todos se preparando para crucificar no dia seguinte o nosso sangrento Senhor sertanejo, a fim de, depois, ressuscitarem divinizados com ele, no Domingo. Eram rostos marcados de sulcos, tostados pelo Sol, endurecidos pela poeira, pela poeira e pela dureza da vida das Caatingas e carrascais, curtidos pelas secas e pelo sofrimento. Passavam soldados de Polícia de fardas amarelas, com perneiras e botinas reiúnas, com os dólmas cruzados pelos cinturões e talabartes — alguns armados de fuzil. Passou um Frade franciscano, Frei Roque, que vinha a Taperoá na Semana da Paixão, para mostrar ao Povo o caminho do Céu, intimi-

dá-lo com o Inferno, casar os amancebados e confessar os adúlteros, assassinos, ladrões de bode e de cavalo do Sertão. Passou o Padre Renato, envelhecido e encanecido, chefiando uma fila dupla de meninos e meninas que, vestidos de hábitos brancos, iam fazer a primeira Comunhão.

*

Passei por tudo isso, cheguei à Cadeia, e subi aquela mesma escada malcheirosa por onde passara no dia anterior, persignando-me de novo, antes da entrada, para ver se tinha a mesma sorte de não ficar preso ali, naquele mesmo dia.

O Corregedor e Margarida estavam novamente me esperando na grande sala assoalhada do pavimento superior da Cadeia. Tinha, já, se estabelecido uma certa intimidade entre nós, de modo que ele começou tentando fazer, para mim, um certo “humor”, meio sinistro como todo “humor de Juiz”. Disse ele:

— Seja bem-vindo, Dom Pedro Dinis Quaderna! Sente-se e vamos começar, porque, como lhe disse ontem ao ouvir a história da Pedra do Reino, acho que o senhor tem uma porção de coisas a me esclarecer. Não é, Dona Margarida? Pois seja bem-vindo! Venha, sente-se, e, como dizem os Padres a seus penitentes, abra seu coração, meu filho, contando todos os pecados de que possa se lembrar!

Ao dizer isso, ele tentou sorrir para mim, mas, com isso, só fez foi arregaçar o grosso beijo, fazendo aparecer dois caninos, grandes e afiados como os de um porco-do-mato. Estremeci, e posso dizer que senti estremecer comigo, na raiz do sangue da minha alma, aquela Divindade tapuia que costuma se apossar dos nossos ossos nos momentos de perigo, Escurina Tremarária, a filha sertaneja do divino Pavor! Mas também, naquele tempo, eu tinha, já, passado por meu momento de unção e sagração da Pedra do Reino, de modo que já podia reagir. Fiz apelo à Divindade contrária, à sangrenta mulher-guerreira que se chama Furiana — ou Maria Caninana — e, graças a Deus, senti meu sangue correr melhor. Refiz-me do pavor inicial e falei:

— Estou às suas ordens, Sr. Corregedor! Me diga então, exatamente, o que é que o senhor prefere esclarecer em toda aquela história acontecida a meu Padrinho, Dom Pedro Sebastião, e a seu filho mais moço, o rapaz do cavalo branco!

O Corregedor falou lentamente:

— Meu caro Dom Pedro Dinis Quaderna, não vou ter medo de ferir sua modéstia: digo-lhe, com toda franqueza, que, em toda essa história, o ponto que me parece realmente fundamental é sua própria personalidade, é sua atuação no caso! Quero, portanto, que você esclareça hoje “quem é verdadeiramente você!”

*

Apesar de que meu sangue estivesse começando a ser possuído pela Mulher Furiana — a divindade sertaneja da coragem possessa — estremeci de novo na raiz do sangue: porque evitar saber quem sou — e sobretudo evitar que os outros o descubram — foi sempre a preocupação, a apreensão fundamental da minha vida. Mas não tinha por onde fugir. Ainda com cautela, falei para o Corregedor:

— Estou às suas ordens, Doutor Juiz! Antes, porém, queria que o senhor, se fosse possível, me dissesse qual é a opinião que o senhor mesmo faz de mim, pelo que pôde apurar e ajuizando pelo depoimento que dei ontem sobre a Pedra do Reino! O senhor poderia dizer isso para mim?

— Posso, pois não, Dom Pedro Dinis Quaderna! Faço isso até com um certo prazer! A meu ver, “o senhor passa a vida se fazendo de bufão”, um pouco por irresponsabilidade e falta de compostura, é verdade, porém muito mais por insensibilidade moral e para convencer as autoridades de que é apenas um literato inofensivo, e não o verdadeiro instigador dessa subversiva “Guerra do Reino” que, de vez em quando, mesmo sem o senhor querer, irrompe de seus lábios e de suas confissões, de tal modo está entranhada nos seus sonhos e desejos!

*

Dei um salto involuntário e procurei negar a terrível acusação, da maneira mais veemente que me era possível no momento. Disse:

— Vossa Excelência está enganado, Doutor Juiz, juro por tudo quanto é sagrado! Eu, um bufão irresponsável? Então o senhor julga que sou cego a ponto de não ver o que existe de feio, de pobreza, de injustiça e de demência, tanto no Sertão quanto no mundo-amaldiçoado que o cerca? Serei tão insensato a ponto de não ver que os homens fizeram do mundo um lugar triste, insano, feio, onde a brutalidade, por um lado, e a mania de riqueza, por outro, estão dominando e corrompendo tudo? Não, Sr. Corregedor, é claro que eu vejo tudo isso! Mas eu enlouqueceria ou morreria se não resistisse, como me é possível, ao que suporte e vejo. Não me diga que o senhor adotou, como suas, as opiniões que Clemente e Samuel têm de mim! Clemente vive dizendo que minhas Cavalhadas e Autos de Guerreiros não têm “a menor consistência sociológica de denúncia”; Samuel me acusa de “abastardar e apalhar o Sonho”. Não é nada disso, porém, Sr. Corregedor! A meu ver, a “visagem” que está por trás do sangrento, ritual e sagratório sentido expresso por nossas “festas”, brigas-de-galo e Cavalhadas, tem um significado mais profundo do que aquele que, segundo Clemente, ele e seu pessoal vivem buscando. Sou capaz de perceber, como qualquer um, que a tragédia do nosso Povo e a do homem não se resolvem com Cavalhadas. Seja de que modo ela for, a própria vida é um jogo perdido: é, como diz Cle-

mente em seus momentos de Filosofia, um processo e julgamento, já decidido pela condenação à morte no momento em que nascemos!

*

Respirei fundo, para impressionar, com uma pausa, os meus ouvintes, e então continuei, aproveitando algumas daquelas reflexões que me tinham sido instiladas pouco antes, no Lajedo, pelo vinho sagrado da Pedra do Reino:

— Enganam-se, portanto, aqueles que julgam que eu, ao valorizar esse espírito corajoso, galopeiro, desembandeirado, “de esconjuro e de festa”, do Povo brasileiro, estou apenas tentando criar fantasias ilusórias e anestesiadoras. Realmente, existem epopeietas, como José de Alencar, que inventam universos fantasiosos, com personagens vagos e idealizados, para fugir à visão trágico-epopéica do mundo. Outros, como o genial Aluísio Azevedo, vêem o que o mundo tem de injusto, de grotesco ou de trágico, mas, ou vivem se lamentando eternamente por causa disso, ou ficam nas aparências superficiais da simples denúncia. Julgam que um fato vira epopéico, profético e poético, pelo simples fato de ser denunciado. Eu e minhas Cavalhadas propomos outra coisa — uma síntese entre o Cordão azul de José de Alencar e o Cordão vermelho de Aluísio Azevedo. Não fechamos os olhos para a insânia, a injustiça, o sofrimento e a morte, coisas que um dia, os historiadores do futuro verão registradas aqui, juntamente, e no mínimo, com as dilacerações e becos-sem-saída em que andou o Brasil neste triste, epopéico e trágico momento de sua História. Mas achamos que seria uma espécie de covardia lamurirosa ficarmos a nos lamentar por causa disso. Então, acentuando uma cor de estandarte aqui, fazendo reluzir um manto de vidrilhos baratos ali, montando a cavalo acolá, vestindo-nos de Reis com coroas de flandres, ou pintando a cara de alvaiade como os “Velhos” do pastoril, entre gargalhadas despedaçadas e corajosas, prantos desatinados, estandartes e máscaras de couro, ásperos toques de rabecas, violas, pífanos e tambores, respondemos à mascarada trágica, desordenada e esfarrapada da Vida com outra — protesto e denúncia contra a primeira, por ser uma tentativa de reerguer, com os destroços da tragédia e do grotesco do mundo, um outro universo — este Castelo que é, na Arte, o que o mundo deveria ser na realidade, isto é, humano e exalçado, com as chagas da miséria e da morte cicatrizadas — um Castelo-de-pedra reluzente, firme e glorioso. Assim, Sr. Corregedor, acho que não sou um bufão insensível ao sofrimento dos outros. Nem poderia sê-lo, porque a minha própria vida foi uma “viacrucis” de sangue e de sofrimento. Se tenho procurado rir e organizar minha vida como um espetáculo de Circo, foi porque sempre me considerei como “um cruzamento de Rei e de Palhaço”, sendo que, talvez, a parte mais valente, a parte que talvez venha a me salvar, seja

a da coroa de flandre, a da roupa estrelada e esburacada do Palhaço de circo-pobre que sou eu. Foi o jeito que achei para neutralizar e enganar o infortúnio!

O Corregedor rebateu:

— Bem, que o senhor saiba enganar o infortúnio, disso eu não tenho dúvida! O que eu duvido é que o senhor possa vir a enganar a Justiça!

*

Vi que dera um erro grave. Até aquele instante, eu julgara que meu riso e minhas cavalarias eram uma prova de intrepidez minha, algo que fazia com que todos até simpatizassem comigo, por não viver me lamuriando e lamentando a minha sina, como um bando de intelectuais e charadistas que eu conhecia aqui na Vila e que não faziam outra coisa senão se queixar contra a sorte, a vida, o mundo, Deus e a morte. Disse ao Corregedor:

— Vossa Excelência está cometendo uma grande injustiça contra mim! Se tenho até agora procurado narrar minha vida, ao senhor e a Margarida, no tom de Cavalaria épico-risadeira que adotei ontem, foi somente por pudor: eu não acho que meus problemas pessoais sejam assunto de interesse e lamentação, nem para mim nem para os outros. Por isso, desde o dia no qual me resolvi a fazer minha Epopéia, decidi fazer dessa Obra e castelo um misto de Cantiga e Espelho — algo que refletisse a cavallhada do jogo da Vida, com o Sol faiscando nos cristais das pedras; e que, ao mesmo tempo, fizesse tudo — inclusive o mal, o feio, a morte e o desordenado da vida — brilhar no aço e na prata da superfície, polida a sangue e esmeril. É que eu, Sr. Corregedor, sou uma dessas pessoas que procuram tornar a loucura da vida alguma coisa de suportável, de literariamente aceitável e epopeicamente belo, como o Sol queimando as lágrimas e neutralizando, na medida do que me é possível, o perigo, a fome, a degradação, a injustiça, o desespero e a insânia inerentes ao mundo como os homens o fizeram. Mas, uma vez que, tendo procurado contar tudo de maneira epopéica e risadeira, só fiz foi dar a impressão de ser um bufão irresponsável, vou, agora, mudar de tom e revelar algo do que se oculta por trás de meus cavalos, coroas e bandeiras, do meu sonho de Sol e riso despedaçado. Abram seus ouvidos, porque, se o que querem é ouvir sofrimento, se preparem que lá vai!

— Ótimo, ótimo, Dom Pedro Dinis Quaderna! — disse o Corregedor com satisfação meio sinistra. — Dedique a sessão de hoje a suas relações com o velho Rei Degolado e com seus três filhos — Arésio, Silvestre e Sinésio. Repito que, a meu ver, essa é a chave de tudo quanto aconteceu, incluindo-se aí, é claro, a morte por degola de seu tio e Padrinho, Dom Pedro Sebastião. Assim, me conte sua vida e a vida de seus primos, desde o nascimento e a infância de

vocês. "Abra sua consciência e faça a sua confissão", porque eu e Dona Margarida estamos aqui, ansiosos para ouvi-lo!

Persignei-me de novo, desta vez mentalmente, e comecei.



FOLHETO XIII

CANTAR DO SONHO DA VIDA

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna, depois de mostrar o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor Suarana e o Coronel José Pereira — que se encaminham para a Fazenda "Onça Malhada" — faz uma pausa na narração dos acontecimentos de 1912, e conta como, a 14 de abril de 1938, ele vai à Cadeia de Taperoá e começa a dar seu segundo depoimento ao Juiz Corregedor, continuando o primeiro que já dera, sobre a Pedra do Reino.*

— DEVO OBEDECER-LHE, Sr. Corregedor, e contar tudo do princípio. Talvez com isso termine prejudicando a redação de minha Epopéia, pois vou deixar um pouco de lado as ações guerreiras dos outros para falar de mim mesmo. Mas, pensando bem, talvez nem ocorra isso. Ao dar o depoimento sobre toda a minha vida, talvez eu possa ir, também, contando a parte bandeirosa, política e guerreira das lutas sertanejas, isto é, construindo indiretamente, através do inquérito, o meu Castelo-epopéico. Vou, então, contar tudo do princípio, fixando-me mais, porém, na Grande Guerra Sertaneja, acontecida de 1912 a 1930; pois, *data venia*, ela, e não minha humilde personalidade, é que parece ser a chave de tudo o que aconteceu a meu Padrinho, O Rei Degolado, e a seu filho mais moço Sinésio, O Alumioso, o rapaz do cavalo branco, Príncipe da Bandeira do Divino do Sertão.

— Devo confessar a Vossa Excelência que ontem à noite dormi muito mal: tive um sono profundamente perturbado. Passei a noite sonhando, e, desses sonhos, dois sobretudo me deixaram impressionado. O primeiro, referia-se à minha coroação como Gênio da nossa Raça, através da Academia Brasileira de Letras. O segundo foi também épico e glorioso, mas fatídico, astroso e sangrento. De fato, Sr. Corregedor, passei a noite de ontem convivendo com meus mortos.

Na noite memorável da conversa que tivemos com Adalberto Coura, Arésio disse que meu sangue era povoado, como o dele, de mortos sangrentos que boiavam no Rio Subterrâneo da Desordem, rio que corre dentro de cada um de nós. Talvez seja por isso, então, que eu convivo tanto com meus mortos, de noite ou de dia, dormindo ou acordado, num sonho quase contínuo. Às vezes, sentado em casa ou andando na rua, desperto de repente do meu estado de ensonação, e levo muito tempo passeando pelo mundo meus olhos ainda vagos e enevoados, sem ver direito, no primeiro momento, os objetos que me cercam: é que há pouco, errando embora pelos sítios cotidianos, eu estava vivendo um outro tempo e um outro lugar, cortado de balas, de palavras furiosas e sangrentas; e é penosamente, custosamente, que saio daí para voltar à realidade que me cerca. Outras vezes, é de noite: estou adormecido, e, de repente, ergo-me na cama, apavorado, ainda sacudido pelos soluços que me abalavam no sonho: estou na "Onça Malhada", é agosto de 1920 ou de 1930, e, talvez pela milésima vez em minha vida, ouço um galope de cavalo, ou o barulho de passos que descem precipitadamente uma escada, com gritos que trazem, no seu rouco som empoeirado, um sangue que nunca mais se apagou em minha vida.

*

Outras vezes, porém, Sr. Corregedor, o sonho me traz a sensação de uma felicidade que a vida e o mundo não mais poderão me dar. Estou aqui, no Sertão, mas desta vez na fazenda "As Maravilhas", brincando na beira do Rio Taperoá, que está com água. Estranhamente, sou ainda menino, mas já aconteceram fatos muito posteriores à minha infância. De repente, correndo, aparece meu irmão Alfredo, que me grita, sufocado de alegria: — "Corra, Dinis, que Papai e seu Padrinho estão lá em casa, na calçada! Não era verdade não, Dinis: diziam que tinham matado os dois, mas eles estavam vivos, escondidos longe daqui esse tempo todo! Agora, voltaram e nunca mais vão viver longe da gente!" Eu corro, também sufocado pelo júbilo: minha corrida é quase um vôo, eu vejo as estacas das cercas passarem no escuro com enorme rapidez, iluminadas por uma luz cor de chumbo vinda não sei donde. Aí, chego no pátio da casa, e de fato avisto meu Pai e meu Padrinho, tendo no rosto as mesmas expressões com que estavam num certo dia, olhando para o lugar em que o Rio Taperoá se encontra com o sagrado Riacho das Piranhas. Infelizmente, porém, o júbilo foi grande demais e o sonho se interrompe. Aí, já sentado na cama, acordo de vez e volto à velha e parda realidade; ao contrário da notícia dada no sonho por meu irmão, a desgraça é que é verdadeira: meu Pai e meu Padrinho estão mortos e nunca mais nenhum de nós os verá em cima desta terra. Porém eu pergunto, Sr. Corregedor: de fato, qual será a realidade mais efetiva? A deste mundo de agora, fragilmente e enganosamente

tranquilo, este mundo que me cerca pelo lado de fora? Ou a outra, a desse mundo estranho, espinhoso e sangrento que entrou no meu sangue desde eu menino? Lembro-me de um Circo que passou aqui por Taperoá, o "Circo Estringuine", montando duas peças de teatro que eles tinham tirado de "folhetos". Chamava-se uma *A Vida é Sonho*, e a outra *O Terror da Serra Morena*. Não me lembro mais delas com muita exatidão: misturei os dois enredos na minha memória, porque todas duas eram bonitas e parecidas, com Reis, bandidos, emboscadas, venenos, Princesas raptadas etc. De qualquer modo, numa das duas — não me lembro em qual — havia um Príncipe, prisioneiro desde o seu nascimento numa torre de pedra. Davam a ele uma beberagem que o adormece. Ao acordar, ele está na Corte, num lugar brilhante, cheio de tronos, bandeiras e toques de corneta, vestido suntuosamente com um manto de Cavallhada, tendo ao lado o Rei, seu Pai, e uma Princesa. Lembro-me bem de que, aqui em Taperoá, o Rei era representado pelo dono do Circo — que às vezes também fazia o Palhaço — e a Princesa por uma equilibrista. Convencem o Príncipe de que toda a sua vida anterior, a de prisioneiro, tinha sido sonhada. Mas, depois de várias aventuras — no meio das quais ele, entre outras coisas, matava um homem — davam-lhe novamente a mesma beberagem e levavam-no para a mesma prisão de pedra. Ao despertar novamente na torre, diziam-lhe que sonhada fora aquela sua segunda vida, a de Príncipe. Preso de novo, carregado de cadeias de ferro, cheio de dúvidas sobre a sua própria existência e a do mundo, recitava o Príncipe duas estrofes. Nunca as esqueci porque meu Mestre de cantoria, João Melchiades, depois do espetáculo foi pedir cópia delas. Eram duas "décimas" exatamente iguais às que o genial Leandro Gomes de Barros usava, feitas também "em sete pés" e com as rimas nos mesmos lugares. Vou recitá-las do jeito que me vêm à memória:

*Sonha o Rico na riqueza
que cuidados lhe oferece,
sonha o Pobre que padece
na miséria e na pobreza!
Sonha o que busca a Beleza,
sonha o que luta e pretende,
sonha o que agrava e ofende,
e, no Mundo, em conclusão,
todos sonham o que são,
coisa que ninguém entende!*

*Eu sonho que estou aqui
de cadeias carregado,
e sonhei que, em outro estado,
como Príncipe vivi!
Que é a Vida? Um frenesi!*

*Que é a Vida? Uma ilusão!
Uma sombra, uma ficção,
e o bem mais belo é medonho,
pois toda a Vida é um Sonho,
e os sonhos, sonhos são!*

*

— É por isso talvez então, Sr. Corregedor, é por causa dessa estranha mistura de sonho e realidade, que eu disse aqui, há pouco, que passei a noite de ontem convivendo com meus mortos. É por isso também que, às vezes, eu tenho dificuldade de sair desse meu estranho mundo de sonhos cheios de sangue para voltar à realidade cotidiana. E é por isso, afinal, que, às vezes, despertando desses sonhos, sinto na boca um gosto de sangue, misturado ao sal das lágrimas. É que acabei de beijar um desses meus mortos mais chegados, assassinado nas duras refregas e vinditas do Sertão. Beije-o no momento em que, num gesto de despedida, de bênção ou de perda afeição familiar, ele inclinava para mim seus pobres cabelos ou suas pobres mãos ensangüentadas.

*

— Na verdade, porém, Sr. Corregedor, essa mistura de realidade e sonho é tecido da vida de qualquer homem. Não quero dramatizar aqui, para comover Vossa Excelência. Se essas coisas acontecem comigo talvez com um pouco mais de intensidade, será, antes de tudo, porque sou um Sertanejo, e é com mais dureza que nos tratam, a nós seus devotos, as implacáveis Divindades castanhas da morte do Sertão. Na verdade, Sr. Corregedor, toda vez que o senhor passar pelas pardas estradas e Caatingas aqui do Sertão, olhe a terra com o respeito que sempre nos infunde qualquer lugar sagrado. Existem poucos pedaços deste nosso áspero Tabuleiro, do nosso pedregoso chapadão de carrascais, desta dura terra parda, destes grandes Lajedos incrustados de cristais e malacachetas, que não estejam embebidos, molhados ou manchados de sangue. Não é somente o sangue dos Santos, Mártires e Profetas que sacraliza a terra: o sangue de qualquer homem marca-a para sempre, e aqui há muito sangue, bebido e perdido por esta terra seca, pela poeira parda do Sertão.

*

— Entretanto, mais talvez do que de ser um Sertanejo, o fato de eu sentir na boca, de vez em quando, o gosto de sangue dos sonhos, vem da minha "sina" de Garcia-Barretto e de Quaderna, um descendente, portanto, de velhas famílias e velhos sangues sertanejos, nos quais se acumulou um estranho testamento de afetos e rancores

ancestrais, dívidas de sangue a cobrar e a pagar, heranças de ódios e lealdades inalienáveis. Às vezes, errante nas ruas aqui da Vila ou da Cidade da Paraíba, sucede-me passar, inesperadamente, por um outro Sertanejo, pertencente à minha geração, porém herdeiro de outro sangue, de outras lealdades e de outros rancores opostos aos meus. Nesses momentos, sinto, sempre, as duras fisionomias dos meus ancestrais sertanejos: Dom João Ferreira-Quaderna, O Execrável; Dom Manuel Garcia-Barretto, Barão do Cariri; Dom Pedro Antônio Vieira dos Santos; Dom Pedro Alexandre Quaderna; Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto; e outros e outros. Sinto pulsarem dentro de mim os sangues que, através deles, vieram para minhas veias. O dos Garcia-Barrettos, sangue visigodo, de altos homens agalegados do Norte de Portugal, tocado aqui pelo sangue judaico de minha antepassada Mécia Teixeira, filha de Bento, o Fidalgo Judeu. Quanto ao sangue dos Quadernas, é mais do Deserto — é árabe, cigano, negro-espanhol, cariri e mameluco, pois os cruzamentos-de-sangue, aqui no Sertão, foram mais com a Onça-Vermelha tapuia do que com a Onça-tigre da Raça Negra. Vejo, então, esses pétreos rostos castanhos e ibérico-mamelucos dos meus antepassados, de sobrolhos franzidos, encarando com severidade implacável o descendente enfraquecido, rebento degradado de seus sangues corajosos e duros, como a indagar o que fiz eu, até aqui, para provar minha fidelidade a todos eles. Entendem-se entre si, esses meus valentes e cruéis antepassados, pertencentes à “bárbara Aristocracia do couro”, como diz Samuel. E certamente, naquele instante, estão envergonhados da minha fraqueza, indignados porque não aproveitei a oportunidade para atirar, vingando antigas mortes da minha família, no inimigo que passou perto de mim. O pior de tudo, Sr. Corregedor, é que não tenho nem sequer a saída da hipocrisia, para me justificar, aos meus e a seus olhos. Não posso alegar a meus antepassados que aprendi, com minha Mãe, a virtude da mansidão, que não devo atribuir àquele homem, em particular, um crime cometido por outro, antepassado seu, já morto. Tenho que confessar, a mim próprio e a eles, que minha virtude é, mais, filha da covardia e da inércia: porque, habituado como sou a me examinar por dentro a cada instante, senti perfeitamente, naquela hora, que, apesar de todas as arestas que as ruas aqui da Vila e da Cidade da Paraíba amaciaram e aviltaram em mim, meu sangue estremeceu selvagememente ao passar perto do dele.

— Anote esse pormenor, Dona Margarida! Ele é importantíssimo, como dado a respeito do caráter e da personalidade do acusado! — disse o Corregedor imediatamente, deixando transparecer no rosto a alegria cruel de quem tinha finalmente começado a enredar na sua teia a presa que destinara à condenação.



FOLHETO XIV

SOL DAS PALAVRAS SAGRADAS

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna mostra o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira, que se encaminham para um encontro na fazenda “Onça Malhada”. Houve uma emboscada contra três homens da família Villar. Então, deixando os acontecimentos de 1912, ele vai dar seu segundo depoimento ao Corregedor, a 14 de abril de 1938. O Juiz julga ter surpreendido em suas palavras uma confissão de que ele é um criminoso em potencial.*

ÀQUELA HORA, porém, eu já estava inteiramente convencido de que ia ser condenado e pouco me importava o que o Juiz mandasse anotar ou não anotar. De modo que continuei, possesso como estava da Mulher Furiana e do demônio da confissão:

— Esses são os momentos em que procuro então, Sr. Corregedor, me compensar das minhas falhas pessoais evocando as lutas familiares em que minha gente andou envolvida. Passam por minha imaginação em fogo os tiros da Batalha da Pedra do Reino, em 1838, com a morte por degola de meu bisavô, João, e da minha bisavó, Isabel. Ouço ásperos toques de Viola ou o som antigo da Rabeca sertaneja acompanhando os “cantares” dos “folhetos” e “romances” que foram escritos sobre a Revolução dos Quebra-Quilos, em 1874, quando também foi degolado meu avô, Dom Pedro Alexandre. Ouço os tiros de canhão e dinamite e vejo as chamas que destruíram a Cidadela sagrada de Canudos, em 5 de outubro de 1897, com meu tio, Dom Manuel Lisarb Quaderna e os outros Sertanejos morrendo pelo Imperador, em torno da Bandeira do Divino Espírito Santo do Sertão. Ouço, na “Guerra de Doze”, os tiros disparados pelos Dantas, pelos Garcia-Barrettos e por Homero Villar contra as tropas da família Pessoa. Ouço o galope dos cavalos do Regimento dos “Coletes-de-Couro”, invadindo e tomando de assalto, em 1912, as Vilas de Monteiro, Patos da Espinhara, Santa Luzia do Sabugi, Soledade e Taperoá. Ouço os tiros trocados em 1930 entre os guerrilheiros sertanejos da Vila de Princesa e a Polícia paraibana. E ouço, sobretudo, o tiro que terminou desencadeando e resumindo tudo: o tiro vingador que João Dantas desfechou, em 26 de julho de 1930, contra o Presidente João Pessoa, matando-o e vingando-se das humilhações e per-

seguições que ele lhe fizera. Tiro que terminou soltando, no Sertão, a fera da chacina e da Revolução, e que marcou para sempre meu sangue com o ferro em brasa da Morte.

*

— Como, porém, evocar tudo isto, Sr. Corregedor, com as palavras simples e comuns com que falo de tudo? Esta foi uma das dúvidas que, por muito tempo, me impediram de fazer minha Crônica epopéica, com a relação completa dos Reis castanhos e cavaleiros da minha Raça, trucidados em todas essas refregas sertanejas. Eu precisaria de alguém que me “ouvisse”; mas que me ouvisse sentindo cada palavra como um tiro ou uma facada. Porque é assim que eu ouço as palavras ligadas a esta história, Sr. Corregedor. Cada uma tem seu significado sangrento, no estranho “Sertão” que venho edificando aos poucos, ao som castanho e rouco do meu Canto, como um Castelo de pedra erguido a partir do Sertão real. Tomo, assim ao acaso, e para dar a Vossa Excelência uma idéia do que quero dizer, esta mesma palavra que pronunciei há pouco, “pedra”. Minha história só será entendida integralmente por uma pessoa para quem a palavra “pedra” representasse tudo o que significa para mim. Uma pessoa que, ao ouvir dizer “pedra”, entrasse imediatamente num Reino, pobre mas reluzente, e onde havia pelo menos quatro tipos de pedra: enormes pedrouços brancos e meio transparentes, de cristal ou mármore, ajuntados e disseminados nos “tabuleiros” por entre pés de xiquexique, a modo de reluzentes ossuários; as pedras meio arenosas das encostas e dos riachos, incrustadas de malacachetas, e que, em menino, eu julgava serem pepitas de ouro e de prata; os seixos amarelos, roxos e vermelhos dos riachos menores; e finalmente os grandes Lajedos, que ora me pareciam enormes lagartos petrificados pelo Sol, ora, por influência dos “casos” e “histórias” que os Vaqueiros e Cantadores me contavam, as entradas fortificadas de estranhos Castelos, ou “moradas” subterrâneas: eu acreditava que, se dissesse certas palavras desconhecidas, a mim sopradas por lagartos desenhados ou entalhados nas pedras pela estranha Raça Cariri, o Lajedo se abria, não para me revelar simplesmente a entrada do Castelo, mas para me abrir seu próprio interior sagrado, onde, vencida a dura crosta cinzenta de granito, eu encontraria, aprisionados por grades de diamante, Arcanjos de quartzo e de cristal-de-rocha, que me revelariam o sentido do Mundo.

*

— Quem, portanto, me entenderia se eu falasse, Sr. Corregedor? Talvez somente aqueles que ao ouvir a palavra “Trinta”, sabem que “trinta” não é somente um número; 30, é o nome de uma Revolução; o nome de um ano glorioso, sangrento e terrível; um tempo no qual nós, Sertanejos, não podemos pensar sem ouvir de novo o estralejar

das balas nos tiroteios, sem sentir de novo o gosto de sangue do ódio e do sofrimento, assim como o terror das fugas noturnas e dos cercos implacáveis. Aqueles que ouvem o nome “Princesa” e evocam, mesmo sem querer, tanto uma Mulher coroada, como — e mais ainda! — a épica Cidade sertaneja, encravada no alto de uma Serra áspera e pedregosa, Reino onde o Coronel José Pereira, aliado a minha família, resistiu, vitorioso, a um cerco de oito meses, naquele mesmo ano de 30. Aqueles que não podem ouvir a palavra “Detenção” sem evocar, imediatamente, a imagem de dois homens deitados, cobertos de sangue, com as mãos inertes e as gargantas cortadas. Aqueles que não podem ouvir as palavras “Riacho do Elo” ou “Onça Malhada”, porque sabem que, na encruzilhada desses dois lugares, existe uma pedra, ou uma parede, onde se encostou a mão ensangüentada de um Sertanejo valente, ferido de morte pelas costas. Aqueles que, como minha Mãe, passaram muito tempo sem poder abrir tranqüilamente um papel esverdeado de telegrama ou ouvir um galope de cavalo, tantas as notícias de trucidamento e morte dos seus assim lhe tinham sido trazidas. Depois, Sr. Corregedor, quando o tempo passou, seu sangue, tantas vezes ferido, cicatrizou um pouco mais. Mas, na nossa infância, quando chegava uma notícia brusca dada por telegrama ou por um homem a cavalo, nós, seus filhos, escondíamos, primeiro, o fato, e só depois de muito tempo de preparação é que íamos a ela, dizendo com o maior carinho e cuidado: — “Mamãe, fique calma, não foi nada demais não, mas chegou um telegrama”. . . Pois bem. Sr. Corregedor: apesar de todas essas nossas cautelas, e apesar da mansa bravura que ela sempre teve em sua alma de mulher corajosa, quando minha Mãe avistava o papel verde ou o portador a cavalo, estremecia, e suas mãos começavam a tremer violentamente, enquanto seus lábios empalideciam e ela se encostava à parede ou a um móvel, para não cair. Por isso foi também profundamente emocionado que ouvi, um dia, no “Romance de Cirino da Guabiraba”, os versos em que Cirino, ferido de morte numa emboscada por um tiro de baco-marte, pedia a seu cavalo “Retroz” que fosse avisar sua família, no sítio “Jatobá”. Os versos eram assim:

*Corre, corre, meu Cavalo!
Tu corres mais do que eu!
Vai dizer, no “Jatobá”,
que Cirino já morreu,
que a lazarina da Morte
minhas contas já me deu!*

— Ao ouvir isso, Sr. Corregedor, foi de meu Pai e de meu Padrinho que me lembrei imediatamente, porque a notícia da morte deles veio para nós através de gritos roucos, de passos precipitados

descendo escadas e do galope de cavalos que, por entre nuvens de poeira, espalhavam notícias de fogo e sangue, no ambiente encrespado, incendiado e ensandecido do Sertão.

*

— Onde, porém, encontrar essas pessoas, Sr. Corregedor? Acho que são poucas, pouquíssimas! Talvez, para me ouvir, eu só contasse com minha família; e o que é que ainda resta dela, depois de tantos tiros e mortes sertanejas? Quanto aos estranhos, seria preciso encontrar entre eles gente que olhasse a Guerra Sertaneja, a guerra travada de 1912 a 1930, por um ângulo pelo menos parecido com o meu, isto é, o ponto de vista dos que tomaram, nela, o Partido verde-azul da minha família, contra o Partido negro-vermelho dos Pessoas. Lembro-me, por exemplo, de ter lido algumas palavras do genial escritor paraibano Osias Gomes sobre o assunto. Para ele, “o ano de Trinta” é, também, feito de sangue e balas. Mas ele era do lado dos Pessoas, de modo que fala assim:

“Este inesquecível 1930! Ano de catástrofe, de sofrimento e luta! Quantos personagens tomaram parte no terrível e às vezes sanguinolento drama, e em que diversidade de posições! De tantos, quem poderá recordá-lo sem sentir a vergonha das atitudes assumidas, por não terem sido marcadas com o ferrete da traição e da vilania? O seu material: suor e sangue. A memória auditiva dos tiroteios sem fim, reminiscência visual dos clarões que iluminavam os combates! E as feições convulsas de Soldados feridos de morte, ou torturados pelo suplício da fome e da sede! Toda a ânsia das batalhas, com a inquietação da hora vindoura, tudo quanto se aprende e sofre na Guerra! Assim, este livro só poderia sair como saiu — sentido, trêmulo de vida, emocional, tocado do mais forte poder de sugestão sobre quem quer que haja, em 1930, unido seu destino ao destino da Paraíba, martirizada e intrépida”.

*

— Creio, Sr. Corregedor, que eu poderia falar quase assim. Com duas diferenças fundamentais, porém. Uma é que, em vez de falar nos soldados da Polícia paraibana feridos de morte, as feições que eu evocaria seriam as dos Sertanejos comandados pelo Coronel José Pereira ou as dos integrantes do Regimento dos “Coletes-de-Couro”, de meu Padrinho. A outra, é que, mais adiante, diz o genial Osias Gomes que, naquele ano terrível de 1930, ele e seus amigos não precisavam perguntar “onde estava a Justiça” ou “onde estava a Verdade”, porque todos eles, “dominados pela fascinação consciente” do Presidente João Pessoa — “cidadão incomparável cujos inimigos não o puderam vencer nem pela morte” — sabiam que era ao lado dele que estavam a Justiça, a Verdade e o Bem. Entendo, portanto, Sr. Corregedor, que para as pessoas que pensam como o

genial Osias Gomes, nós, Garcia-Barrettos e Quadernas, estávamos, em 1930, ao lado da injustiça, da mentira, da covardia, da injustiça e do mal; em suma, do lado de todos aqueles que, de acordo com as palavras do próprio Osias Gomes, tiveram suas atitudes marcadas pelo “ferrete da traição e da vilania”. Ora, Sr. Corregedor, em 1912 eu estava com 15 anos de idade, e lembro-me bem de que, naquele tempo, minha convicção era exatamente a contrária: fascinado como era pelas figuras de meu Pai e meu Padrinho, era do lado deles que eu julgava estarem a Verdade, a Justiça e o Bem. O lado de Osias Gomes e da família Pessoa era, portanto, o lado do Mal: era “o outro lado”, o lado dos que mataram e malsinaram meus mortos.



FOLHETO XV

CANTAR DO BEM E DO MAL

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna mostra o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira, que se encaminham para um encontro na fazenda “Onça Malhada”. Então, deixando os acontecimentos de 1912, ele começa a dar seu segundo depoimento ao Juiz Corregedor. Começa a narrar sua infância, comenta a Revolução de 1930, e mostra a separação existente entre sua família e pessoas como Osias Gomes, escritor partidário do Presidente João Pessoa. Fala, então, para o Juiz:*

— SEI QUE VOSSA EXCELÊNCIA é mais do lado de Osias Gomes do que do meu. Assim, tenho que, de início, lhe pedir um pouco de paciência, porque aqui e ali, mesmo sem querer, as minhas palavras podem ser marcadas por uma espécie de ardente reivindicação, por uma paixão amarga...

— E o senhor confessa isso logo de início? — interrompeu o Corregedor, severo. — Para que falar, então? Que valor terão suas palavras para o inquérito, se o senhor mesmo confessa que elas são parciais?

— É que até hoje, Sr. Corregedor, todas as palavras que têm sido escritas sobre a Guerra Sertaneja, principalmente na parte da Revolução de 30, são também palavras de parcialidade e paixão; diferentes das minhas porque partidas do outro lado, mas, de qualquer

modo, parcialidade e paixão! E com outra diferença das minhas: como Vossa Excelência acaba de ver, eu começo por confessar minha paixão e parcialidade. *Os do lado de lá* começam por atribuir a si mesmos a mais perfeita das imparcialidades e a *posse da verdade histórica*. Não entendo como não lhes ocorre esta dúvida, tão humana, de que bem podem eles estar enegrecidos pelo sofrimento, ou pelo ressentimento, e confundindo assim, sem querer, o que eles apenas *sentem* com a Verdade. Ora, Sr. Corregedor, quando vai se fazer um julgamento, são necessários, para julgar os Réus, um Juiz, um Advogado e um Acusador. Nos livros saídos até hoje sobre o “inesquecível ano de 1930”, esses escritores *do outro lado* querem nos colocar como Réus sem direito a defesa; e querem ser, eles mesmos, ao mesmo tempo Acusadores e Juizes. Agora, sendo minhas palavras registradas neste Depoimento que estou dando, pela primeira vez vai soar a voz *do nosso lado*. Por mais parcial e amargamente ressentido que seja meu depoimento, terá ele a vantagem de obrigar os outros a aceitar o que eles tentavam evitar até agora. Deste momento em diante, passo a falar como Defensor dos meus mortos. Os do outro lado, serão os Acusadores. E os que não tomaram diretamente parte na Tragédia-epopéica de 1930 — como Margarida, o senhor e os nobres Senhores e belas Damas que, um dia, lerem minha Epopéia — estes sim, terão autoridade e força moral para serem os nossos Juizes.

*

— Outra coisa, Sr. Corregedor: apesar do senhor dizer que eu apareci aqui ontem querendo dar a impressão de ser inteiramente inofensivo, não quero vir agora com afetações de mansidão e serenidade. Sou um Católico-sertanejo e sei, por experiência própria, que, na maior parte dos casos, nosso perdão é feito somente de falta de coragem para a vingança, que nosso pacifismo é, quase sempre, desculpa para a covardia. Assim, as Crônicas feitas por Epopeietas como eu, Homero e Euclydes da Cunha, talvez sejam, apenas sucedâneos das punhaladas ou das balas que deveriam ter vingado os assassinatos da nossa família e da nossa Raça, ou vingado a nossa honra pessoal, ferida por qualquer acontecimento. Eu, à falta de outras virtudes, não quero começar hoje, aqui, com fingimentos de mansidão, nem mesmo involuntários. O meu depoimento é marcado pela paixão, e não podia ser de outro modo, Sr. Corregedor!

— Bem, então o senhor é rancoroso! — disse friamente o Corregedor. — E acredita que, mesmo assim, seu depoimento tenha validade, para o inquérito e como contribuição histórica?

Resolvi ladear a resposta:

— Eu não já disse a Vossa Excelência que, talvez, meu depoimento só possa ser entendido, em todas as suas implicações, por

aqueles que, como nós, Garcia-Barretos e Quadernas, estivemos, em 1930, “do lado do Mal, da mentira, da injustiça e da vilania”, segundo a visão do genial Osias Gomes? Talvez, aliás, Sr. Corregedor, meu depoimento se dirija somente a mim mesmo e à minha família, àqueles que foram atingidos, como eu, pela morte de meu Pai e pela degolação de meu Padrinho. E mais ainda, Sr. Corregedor: talvez tudo o que eu diga, tudo o que estou procurando alinhar aqui aos poucos, tenha validade somente para mim mesmo. Talvez tudo isso seja somente uma busca desesperada que eu empreendo sobre minha identidade, tentando dar algum sentido à sangrenta desordem que, desde minha infância, envolveu e despedaçou minha vida.

— Não tente dramatizar para me comover, Dom Pedro Dinis Quaderna! — falou, duro, o Corregedor.

— Não, Sr. Corregedor, não estou tentando nem quero dramatizar! Pelo que ouvi o Padre Daniel dizer um dia, parece que, do ponto de vista meramente humano, a desordem é inerente à vida de qualquer um. Aquele fato terrível que, no meu caso, corporificou e particularizou a desordem, é somente um dos modos, uma das inúmeras faces que a Fera da vida pode assumir. No meu caso, a desordem tomou a cara sangrenta da morte de meu Pai e da de meu Padrinho. Noutros casos, pode tomar outras: a presença de um Pai tirânico, ou bêbado; ou a Mãe frívola, egoísta e cruel; ou a miséria e a fome; ou a vida sem sentido de um casal rico, medíocre e hipócrita; e assim por diante, dependendo cada caso das circunstâncias particulares de cada um, mas sempre com a mesma face da Onça-parda da vida e da Morte, que termina por nos devorar e triturar a todos. Assim, não estou dizendo estas coisas por compaixão comigo mesmo, Sr. Corregedor. Segundo entendi das lições de Retórica dadas por Monsenhor Pedro Anísio, uma coisa é a Tragédia, a sangrenta Crônica epopéica, outra é a tristeza pura e simples do simples Drama. E não sei se não será mais triste do que minha Tragédia, o Drama daqueles que têm uma vida triturada, desde a geração anterior, pela mesquinhez, pela mediocridade, pela falta de sentido para a vida. No meu caso, se a desordem da vida assumiu aquele aspecto sangrento e terrível, não me retirou um bem precioso: o orgulho que sinto por ter brotado do sangue que me gerou!

*

— O senhor confessa, então, ter orgulho desse terrível e criminoso sangue dos Garcia-Barretos e dos Quadernas? — disse, meio escandalizado, o Corregedor.

— Confesso, sim senhor! — insisti. — É um sentimento que me acompanha desde muito cedo. A vida e a morte do meu Bisavô, do meu Avô, do meu Pai e de meu Padrinho, marcaram meu sangue para sempre, mas me deram também, desde eu menino, a exaltada convicção de que a Vida era uma Fera, ao mesmo tempo dura, peri-

gosa, nobre, cruel e exaltadora; o pressentimento de que havia idéias — como a honra sertaneja, por exemplo — que exigiam nossa fidelidade e que poderiam, em dados momentos, exigir nossa morte. Foi por causa dessas mortes que eu soube desde muito cedo, não com a cabeça, mas com o sangue, que talvez outros pudessem fazer mais concessões e procurar viver acomodados, na busca do conforto e da segurança. Mas, para nós, descendentes de Dom Manuel Garcia-Barretto e de Dom João Ferreira-Quaderna, as exigências, por mais contraditórios que fossem esses sangues dentro de nós, eram rígidas e definitivas. Ora, Sr. Corregedor, se, por um lado, tudo isso é um duro fardo a carregar — e eu o carrego desde que nasci — por outro lado me trouxe a crença fervorosa e ardente de que, por cima da mediocridade cotidiana, das mesquinharias da vida, das mentiras e da desordem da vida, assim como por cima do abismo de fogo e cinza da Morte, por cima da grande traição que governa o Mundo, havia a aspiração a alguma coisa de terrível e de belo, a alguma coisa de duro, ensolarado e imortal — o sangue da Onça do Divino para o qual temos de caminhar, como o signo que é, reluzente sangrento, de uma vida mais pura, mais verdadeira e mais cheia de fogo. Por isso, Sr. Corregedor, desde menino, tive a orgulhosa consciência de que meu sangue era talvez impuro, mas não era, de forma nenhuma, um sangue comum. Se, por um lado, isto era fonte de terríveis obrigações e deveres perigosos, era, também, a origem de toda a minha altivez. Muitas vezes fui, e ainda sou, covarde, ruim, mentiroso, tentado pela solução mais fácil, porque acredito, Sr. Corregedor, que nenhum de nós está à altura da terrível tarefa de ser homem. Muitas vezes trai o meu sangue. Mas digo, com o mesmo fervor, que nunca me conformei com isso, que sempre me debati no desejo de alcançar a Divindade. É a poderosa presença do sangue de meu Pai e de meu Padrinho, marcada pelo signo e pela bandeira sangrenta de sua morte, a me compelir e impelir para o alto, para o fogo do Sol. Todo menino, Sr. Corregedor, cria para si mesmo seus Príncipes e Princesas, deuses e demônios, heróis e Cavaleiros, Anjos puros e terríveis, numes tutelares que se tornam os modelos de suas vidas. No meu caso, foram os mortos de minha família e as terríveis Divindades tapuio-sertanejas; e quantas pessoas não já morreram, no mundo, de uma dura morte, só por causa de fidelidades e divindades semelhantes a essas minhas? Eu tive a sorte — ou a desgraça, ou a sina, não sei! — de ter os meus heróis em casa, como brasas ardentes colocadas desde muito antes de meu nascimento sobre a minha cabeça, asas de fogo e de navalha a me chamarem para o alto. É que eu sabia, com meu sangue, que, entre o lerdo gado que somos nós, entre o tardo rebanho humano e o Gavião de Ouro do Divino, existem os heróis e Cavaleiros, os Beatos e Profetas, os Cantadores e os Cangaceiros, aqueles que pressentem que somente a Morte une realmente o homem ao terrível Gavião de fogo de Deus, e por isso, inconscientemente,

vivem procurando se encontrar com ela, para que a Morte, chagando-os e queimando-os, termine por imortalizá-los.

*

— Estou porém consciente, Sr. Corregedor, de que esta convicção de meu Pai e meu Padrinho terem sido duas figuras trágicas e epopéicas, seja válida somente para nós, descendentes deles. Acredito até que, para outros — como o genial Osias Gomes, por exemplo — a morte de meu Padrinho tenha sido apenas o castigo de um criminoso comum, e não a união, pela Morte, de um personagem trágico com sua Sina, com o Divino. Mas, a meu ver, ainda que seja assim, não importa: somente o fato de essa morte possuir tal significado no meu mundo particular, no mundo doido, pessoal e arbitrário de um homem só, dá-lhe importância para qualquer pessoa. Todos nós, Sr. Corregedor, repetimos a mesma vida, a mesma áspera e estranha desventura da Vida e da Morte. Todos nós sonhamos em nos unir pela Morte com o sangue do Divino, superando os Demônios e tornando-nos iguais a Deus. Aqui no Sertão, a Morte é uma mulher, e, desde menino, foi diante dessas encruzilhadas de fogo que eu vivi, atraído e fascinado: a Vida e a Morte; a Mulher e a Sina; Deus e o Demônio; O Mundo e a Cinza. A Morte era uma mulher chamada Caetana, e eu sempre a vi jovem, cruel, bela, impiedosa, vestida de vermelho, negro e amarelo como uma Dama de espadas, com uma cobra na mão, com unhas felinas, com dois carcarás, mas também com o Gavião de ouro e fogo do Divino coroando sua cabeça. Quando Antônio Conselheiro procurou se isolar no Deserto sertanejo, quando criou o Reino sagrado e amuralhado de pedras do Arraial de Canudos, para, nele, tentar se unir e alçar ao Divino, estava procurando realizar o sonho eterno de qualquer homem que tenha pressentido, nem que seja uma vez, que a Vida é uma Fera, governada pela desordem; o Sonho de criar outro universo — um Reino embandeirado, épico e sagrado em seu despojamento, cheio de toques de clarim e incrustações de quartzo rebrilhando nas pedras, por entre espinhos; um Mundo brutal por um lado, mas, por outro, povoado de cabras, austero mas sereno, cicatrizado, belo, perfeito e ensolarado. Ao agir assim, é como protesto, e não por desejo de fuga que o fazemos. Com isso, protestamos contra a feiúra, a maldade, a miséria e a injustiça. E é assim que o pardo e triste mundo cotidiano vira-se no *Mundo*, no *Reino*, tornado divino pelo Gavião de Ouro que sobrevoa suas muralhas de pedra e desce do Sol com suas asas de fogo e bronze sobre a outra vida — a de todos os dias, a parda, a mesquinha, a feia — para lhe dar, bebendo e queimando o sangue dos homens, o sentido de Deus.



FOLHETO XVI

OS SAGRADOS CRIMINOSOS

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *Quaderna mostra o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira que vão se encontrar na fazenda "Onça Malhada". Numa emboscada, caíram três Chefes da Família Villar. Ele deixa de lado os acontecimentos de 1912 e começa a narrar sua infância ao Corregedor, contando a terrível separação entre sua família e a família Pessoa, o que terminou ensanguentando o Sertão da Paraíba. E continua:*

— SIM, SR. CORREGEDOR, estou consciente de que meu Padrinho, por exemplo, meu Padrinho que, para mim, foi uma figura de herói, de Príncipe e Cavaleiro, bem pode ser, para os do lado da família Pessoa, apenas um criminoso. No que se refere a ele especialmente, sei muito bem — se bem que apenas com a cabeça — que ele, pertencendo à dura Aristocracia sertaneja, era orgulhoso, severo, cruel, às vezes quase desumano em sua aspereza de pedra. Mas ele possuía, também, as boas qualidades dessa bárbara Aristocracia, como diz Samuel. Era austero, tinha dignidade, compostura, coragem, devoção aos seus princípios ortodoxamente religiosos, a segurança e a sobriedade de maneiras com que executava seu código de honra, estreito mas firme. E, por paradoxal que isso possa parecer a Vossa Excelência, era, assim, muito mais aproximado do Povo e do Reino de fraternidade pobre e justiça com que sonho do que os Burgueses ricos e corruptos da Cidade. Acontece que aquilo que eu disse sobre Antônio Conselheiro — aquele Cristo sertanejo — não vale somente para os Santos e Profetas, ortodoxos ou heterodoxos. Vale também para todo aquele que tem uma ânsia de justiça e de divindade para além do cotidiano, mesmo que esta ânsia seja desordenada e cheia de desvios. Vale também, por exemplo, para a vida e a paixão do Capitão Virgolino Ferreira, O Lampião. Vale para Jesuíno Brilhante e outros Reis do cangaço nordestino. Os crimes deles, sua revolta, sua morte trágica e epopéica, tudo isso foi resultado de sua insatisfação com a vida comum e pequena, de sua rebelião contra a realidade feia, da sua tentativa de atingirem e forjarem uma outra vida mais justa, mais pura e mais próxima do que eles julgavam ser o fogo e a luz. Talvez eles não soubessem disso “com o juízo”, mas sabiam com “o sangue subterrâneo”, que é muito mais importante e clarividente. Eram

almas fortes, sequiosas do Divino; e quem sabe o que eles teriam sido se nossa História já fosse o que será um dia, isto é, uma História de grandes lances, unindo o País em torno de um grande sonho? Por enquanto, nossa História é somente um esboço, com lances e movimentos grandes mas isolados, dispersos e dilacerados, e é por isso que se extraviaram em caminhos e descaminhos estéreis essas grandes almas que, através da revolta, do sangue e do crime, tentavam se alçar a *alguma coisa* maior do que eles mesmos. Ora, Sr. Corregedor, creio que mesmo os piores inimigos da minha família não me negarão, nesse caso, o direito de escolher o Assassinado mais importante dela como o personagem de vida significativa e exemplar para minha Crônica-epopéica. Mesmo que meu Padrinho, por exemplo, tivesse sido um criminoso, sua vida e sua morte são *exemplares* no sentido de que podem servir de exemplo, podem desbravar caminhos e nos dar coragem. É por causa desses mortos e degolados do meu sangue que, desde menino, eu sei que é possível vencer a tentação da fraqueza, da fama e da comodidade, e sobrepujar o medo do sofrimento e da Morte.

*

O Corregedor me interrompeu para uma indagação. Perguntou:

— E nunca lhe ocorreu, Dom Pedro Dinis Quaderna, a hipótese de seu Pai e seu Padrinho terem sido, não personagens “exemplares”, como o senhor diz, mas sim pequenas almas maldosas? Nunca lhe veio à cabeça a dúvida de que as mortes deles tenham sido, não decorrentes de seus “caracteres epopéicos”, mas sim de simples acasos, tristes mas fortuitos?

Respondi sem titubear:

— Já, Sr. Corregedor, essa dúvida me ocorreu algumas vezes, quando comecei a me entender de gente. Mas logo eu opunha a ela uma certeza, uma convicção inabalável que, por mais estranho que lhe pareça, me foi fornecida por nossos maiores inimigos. Foram alguns dos insultos que seus piores adversários fizeram a meu Pai e meu Padrinho que terminaram me convencendo de que eles podem ter sido dois criminosos, mas não foram criminosos sem grandeza. Desde eu menino, os nomes ligados à minha família e às nossas terras, pronunciados por lábios estranhos, tinham para mim um som estranho e fascinador. Alguém dizia em minha presença: — “Quaderna! Na terra dele, tem um Riacho chamado da Suçuarana!” Ou então eu ouvia dizerem de meu Pai: — “Aquele é Pedro Justino Quaderna, do Riacho da Acauhan, das “Maravilhas”. É casado com Dona Maria Sulpícia, filha do Barão do Cariri, o dono da fazenda “Onça Malhada”! E como o som dessas palavras, ouvidas de bocas estranhas, era também estranho e poderoso — porque uma coisa era meu Pai, e outra era aquele homem, tornado de repente maior, mais moreno

e estranho por ser o Senhor do Riacho da Acauhan, da Suçuarana e da Onça Malhada, os nomes de meu Pai e meu Padrinho, dois machos de *suçuarana*, passavam a ter alguma coisa de felino e feroz, alguma coisa de divino, ligados que eram ao animal sagrado do Sertão, a Onça. E aí, começaram as imagens de meu Pai e meu Padrinho a se ligar às da Onça Castanha e da Onça Malhada de Ouro, o que veio a se corporificar mais depois, quando eles se viram metidos nas lutas e violentas dissensões que culminaram com sua morte sertaneja. Diga-se de passagem, Sr. Corregedor, que essa imagem da valentia e da coragem ligada ao nome dos Garcia-Barrettos e Quadernas assumia maior importância ainda, no meu caso, em vista do nome, para mim legendário, da fazenda "Onça Malhada". No meu sangue de menino, o que se gravou para sempre foi a imagem de um lugar inacessível, despojado, incorruptível e sagrado, onde *malhavam* aquelas duas Onças sertanejas de cujos sangues eu tinha tido a honra de brotar: uma, macha, meu Pai; a outra, fêmea, minha Mãe.

*

— Um dia, Sr. Corregedor, lendo recortes amarelecidos que minha Mãe tinha guardado, encontrei um artigo de jornal paraibano, no qual um adversário nosso o genial Antônio Botto de Menezes, dirigindo os maiores insultos a meu Pai e meu Padrinho, muito contribuiu, sem saber e sem querer, para engrandecer cada vez mais, para mim, as imagens deles. Nesse artigo, intitulado "Versatilidade de um Sátrapa", e que tinha um subtítulo, "Os Quadernas e Garcia-Barrettos — Os Maiores Protetores do Cangaço Nordestino", eu, criança ainda, li, entre outras coisas, o seguinte:

"Revivescência caricata de Bonaparte das caatingas com tricorne de couro, Pedro Sebastião Garcia-Barretto, acolitado por seu cunhado Pedro Justino Quaderna, fez-se Comandante honorário de uma Força expedicionária sertaneja, destinada, segundo eles, a combater os Cangaceiros. Queriam pegar Virgolino Lampião a unha. No entanto, ao ridículo dessas atitudes de Ferrabrás, acrescentavam eles uma dose de simulação sobremaneira edificante. Os Quadernas e Garcia-Barrettos nunca foram, na verdade, adversários dos bandos sinistros de Cangaceiros. Ao contrário, acham uma volúpia indefinível em conviver com os facínoras. Protegem-nos escandalosamente. Partilham com eles as munificências dos seus *domínios* de Sobas sertanejos. Terrível influência exercem as leis do atavismo em homens que se enfurnam constantemente na "Onça Malhada"! Em vez de perseguir Lampião e seus sequazes, encafuam-se os dois na "Onça Malhada". A nostalgia do bacamarte, vinda das

revoltas e guerrilhas de 1912, impele-os à vida sertaneja, e eles quase nunca aparecem na Capital. Seus áulicos, no entanto, proclamam-nos os maiores adversários dos Cangaceiros".

— Isso fazia, Sr. Corregedor, com que eu visse meu Pai e meu Padrinho como dois dos Doze Pares de França, Roldão e Oliveiros, lutando contra Ferrabrás.

*

— Outro recorte de jornal, Sr. Corregedor, este do Rio de Janeiro, dizia que meu Pai e meu Padrinho tinham fugido da Cidade da Paraíba, com medo da Polícia e do Governo. Davam os dois como escapos da maneira mais desonrosa, ocultos e encolhidos na carroceria de um caminhão, debaixo de colchões. E acrescentava o autor do artigo: — "Como toda gente de sangue azul e voz fidalga, esses dois eminentes Príncipes do cangaço nordestino viajaram incógnitos". O senhor está vendo? Para mim, não podia mais haver dúvida: era na própria voz de seus inimigos que meu Pai e meu Padrinho apareciam como dois Príncipes de sangue do Cangaço nordestino! Lembrome de que, depois de ler essas coisas, eu, menino, me deitava na calçada da fazenda "Onça Malhada" ou do casarão de Tia Filipa, aqui na Vila, e ficava olhando as nuvens que corriam, brancas e esfiapadas no profundo céu azul. Começava a pensar nos dois. No meu sangue de menino, aos poucos se apagavam os insultos e as mentiras dos artigos, e o que ficava eram as imagens de meu Pai e meu Padrinho, vestidos de gibão e de chapéu-de-couro estrelado à cabeça, enfrentando aquele outro "Príncipe do Cangaço Nordestino", o impuro mas corajoso Dom Virgolino Ferreira, O Lampião. Meu Pai e meu Padrinho, suçuaranas enfurnadas na "Onça Malhada", montados em seus cavalos de sela e vestindo os gibões de couro da "Aristocracia bárbara do Sertão", cresciam cada vez mais a meus olhos, como os dois Cavaleiros que, nas empoeiradas e ensolaradas estradas sertanejas, com sua vida e com sua morte, tinham me apontado de uma vez para sempre o caminho de fogo da Morte, do sangue e do Divino. Tentarei então, Sr. Corregedor, evocando os poucos dias de convivência a que tive direito com meu Pai, dar a Vossa Excelência uma idéia de como o Sertão e ele foram, aos poucos, assumindo para mim o sentido que terminaram por possuir.

*

— Curioso é que meu Pai e meu Padrinho não estejam ligados à minha primeira sensação de despertar para o mundo, Sr. Corregedor. Em vez dos dois, minha Mãe e Tia Filipa é que me aparecem

nesse momento. Quando foi, não sei bem. Pelas contas de minha Mãe, eu deveria estar com um pouco mais de um ano e meio: acordo dentro de uma rede e, ainda mal desperto, choro; choro porque, ao adormecer, eu estava sendo embalado, na branca rede de varandas limpas, por minha Mãe; e agora, em vez dela, quem está ali, pegada ao punho, me embalando, é Tia Filipa. O fato é que por causa desta primeira sensação de abandono, trago ainda dentro de mim a recordação esmaecida mas dolorosa, triste e ao mesmo tempo de prazer, desse meu primeiro despertar para a vida, dentro da rede branca e limpa, cheirosa a sândalo, de longas varandas rendadas e alvas. Disseram-me depois que aquele lugar era "a Paraíba". Mas ele se chamava também "onça-malhada", "trincheiras" ou "princesa", nomes belos e evocadores, que incluíam em si a visão de paços incendiados e toques de clarim. De qualquer modo, porém, fora "na Paraíba" que uma Mulher sertaneja parira, para o homem a quem ela amava, um filho, um menino que, neste sonho de fogo que é meu mundo sem certeza, somente um documento afirma que sou eu — comparsa escuso. Quando acordei, porém, naquele dia, não foi na "Onça-malhada das Trincheiras", mas na "Casa das maravilhas", eu na rede, chorando, embalado por Tia Filipa. E ao mesmo tempo, dentro do sentimento de solidão e abandono, uma sensação de alegria: alguém borrifava, com água à qual tinham ajuntado capim-santo esmagado, o piso de tijolos da casa. O cheiro e o frescor do tijolo molhado acrescentavam uma sensação exaltadoramente agradável ao meu desgosto. Eram paredes brancas, o som da água, a vida borrifada, a água jogada no tijolo para umedecê-lo antes de ser varrido, para aplacar um pouco o fogo cruel do mundo. A rede, a rede branca e limpa, a sensação do claro, o cheiro do vermelho e do castanho do tijolo. Por que será então que, dentro de mim, tudo isso já se liga à dor, ao sofrimento, a uma premonição impossível, relacionada com a morte de meu Pai e a de meu Padrinho? Não foi ali, nem naquele tempo, que ele tomou ferido, molhado nas estrelas de seu sangue. É que, talvez, ouvindo depois minha Mãe e Tia Filipa narrarem fatos desse tempo, eu terminei por ligar a Paraíba, as Trincheiras, o Riacho da Acauhan, a "Onça Malhada", o Riacho do Elo, "As Maravilhas", a tudo o que veio acontecer depois, mas que já começara naquele tempo sem eu saber: porque já ali, muito antes, os dois — meu Pai e meu Padrinho — mesmo sabendo a gravidade que assumem as dissensões em nossa terra, tinham começado a soltar e estimular, nas estradas do Sertão, o pêlo de ouro, malhado de fogo e sangue, dessas feras chamadas "A Malhada" e "Trinta" — duas Onças de olhos duros e amarelados, de fuzil.



FOLHETO XVII

AS FRANJAS DE OURO DO LUTO DO SANGUE

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *O Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira encaminham-se, a cavalo, para um encontro na "Onça Malhada". Quaderna faz uma pausa na narração dos acontecimentos de 1912. Vai à Cadeia e começa a narrar ao Juiz Corregedor suas recordações da infância. Lembra o dia em que despertou para a vida e continua:*

— E QUE ANO ERA AQUELE, Sr. Corregedor? Provavelmente estávamos no fim de 1898 para os começos de 1899, é o que posso lhe dizer. Fora daí, a única coisa de que me lembro, nesse tempo, e ainda nas "Maravilhas", é de Severina, uma moça, filha de morador, roliça, de colo quente e macio, de olhos verdes, que cantava, para eu dormir, uma cantiga profundamente triste, sobre um jangadeiro, de olhos da cor verde do Mar, uma história de traição e, se não me engano, de morte também. E eu não sei mais se Severina tinha, mesmo, os olhos verdes, ou se eu terminei misturando, em minha memória, os olhos dela aos olhos da cantiga. De qualquer maneira, ainda hoje me recordo da sensação agradável do seu colo macio ao qual eu me acolhia, com ela se balançando na rede e cantando:

*Era o meu lindo jangadeiro
de olhos da cor verde do Mar!*

— No dia do qual eu vinha falando porém — aquele em que acordei para a vida — Severina não estivera comigo e minha Mãe me abandonara. Fora minha Mãe quem causara, ao me deixar sozinho, o sofrimento que já me acordava para o mundo. Ela se fora embora, e, em vez dela, voltara uma desconhecida, uma tia chamada Filipa, a quem eu admirava mas ainda não amava, uma desconhecida surgida do Desconhecido, aparecida e tornada ali, agora, presente para sempre em minha vida. Eu acordava através do sofrimento e da dor, como se meu destino desde então já estivesse traçado; como se eu devesse saber, desde logo, que tanto a dor quanto o prazer são causa de sofrimento, porque ambos, ao alargarem o campo de fruição do conhecimento e da beleza, alargam também e necessariamente as zonas sensíveis ao infortúnio. Parece, Sr. Corregedor, que as mais

ardentes fruições já trazem em si um elemento de solidão e desespero, marca de sua verdade e sinal de sua duração porque somente as sensações que conduzem dentro de si essas marcas de brasa e sangue vivo, recebem alguma garantia e são mais duradouras do que as outras. Por isso, talvez, naquele meu primeiro dia de despertar para o mundo, chorei sozinho, aprisionado em minha rede, silencioso e solitário naquela minha primeira consciência de mim mesmo, ante aquele concerto de coisas novas e dolorosas; concerto cujo ritmo era marcado pelo rangido do punho da rede no armador de ferro, e tendo, a equilibrar o sofrimento, o cheiro bom da água que borrifava os tijolos, aquelas paredes claras da fazenda “As Maravilhas” e a rede de varandas alvas e cheirosas; um cantochão que me acompanharia durante toda minha vida: atos sem sentido, quase sempre desencadeados pela vontade dos outros, e às vezes também pela minha; cheiros de toda espécie e aos quais eu seria sempre particularmente sensível; e, debaixo de tudo isso, cuidadosamente escondida de todos, aquela Onça amarela e sangrenta que destroçou minha vida, criando em mim, ditada não sei por qual lei, Sina ou divindade cruel, a minha maldição, a obrigação inútil e desesperada de tentar refazer, com os escombros e destroços do mundo, um novo Reino, reluzente e sagrado como o que existia “antes”; aquela Fera que, às vezes, consigo fingir que esqueci ou esconder de mim mesmo, a ponto de me convencer de que estou curado: até que um gesto hostil ou uma palavra dura pronunciada por alguém faz meu coração se ferir e se cortar, sangrando contra suas garras. Eu sabia que a morte dos meus era ligada a essa Fera à qual sou escravizado; que terminará por me despedaçar; que mora nas franjas de ouro, Sol e luto do meu sangue; que invoco a cada instante, mesmo sabendo que vou me despedaçar contra suas garras, seus dentes, sua pele mosqueada, bela, malhada e cruel, seu focinho felino e impassível, seus olhos antigos e sem compaixão; Fera que se apresenta às vezes atrás da máscara suave de uma mulher bela ou da máscara de pedra de um homem que me é hostil; Fera que tem rostos inumeráveis, mas que é sempre ameaçadora, sempre fascinante e sempre a mesma.

*

— Mas, de meu Pai mesmo, Sr. Corregedor, eu só me lembro depois, na fazenda “As Maravilhas” e na “Onça Malhada”, tempo em que surge também, em minha vida e na minha lembrança, a figura austera, perigosa e assinalada de meu Padrinho, Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto. Nos primeiros três anos de minha vida, lembro-me de meu Pai em cinco ocasiões: meu Pai sentado numa rede, embalando-se, e tendo-me a mim sentado em sua perna; meu Pai comigo e com meu Padrinho, à margem do Riacho das Piranhas e do Riacho da Acauhan, afluentes do Rio Taperoá, rio que cortava “As Maravi-

lhas” e a “Onça Malhada”; meu Pai tirando frutas de carnaúba com uma pedrada; e meu Pai em pé, na calçada de pedra da velha fazenda da “Onça Malhada”, olhando lá longe, para os lados do Rio Taperoá, com uma expressão bela, triste e sonhadora no rosto. Fora daí, é só meu Pai com meu Padrinho, e o alto aposento, e os passos precipitados descendo as escadas, e os gritos roucos a gritar que o Rei tinha sido morto e estava lá, deitado, crucificado pela Fera, todo molhado nas estrelas de um sangue que nunca mais se apagará em minha vida.

*

— Depois de eu já adulto, minha Mãe me contava que, na infância, eu era muito apegado a meu Pai. E só podia ser mesmo, Sr. Corregedor, porque de outra forma não se entende essa misteriosa ligação que faz com que eu, ainda hoje, já depois dos quarenta anos, ainda me sinta como o menino e companheiro de caminhada que fui para ele. Descobri depois que, nas “Maravilhas”, no tempo de verão, fazia calor durante o dia, se bem que as noites fossem sempre frescas. Na “Onça Malhada” é que o ambiente era sufocante como uma espécie de fornalha contida, um ambiente pesado e austero. Mas minhas lembranças desse tempo trazem de lá somente um tempo de inverno, de boas chuvas, um tempo de pureza e beleza, o do inverno de 1899, com o cheiro fresco e puro de suas noites, manhãs e madrugadas. Por isso, penso sempre nas “Maravilhas” com dias puros e frescos, de céu claro, com as alamedas de mofumbos de cachos amarelos, re florados com a chuva. Ouço ainda, como se fosse hoje, o timbre alegre e limpo da voz de uma menina, Rosa, me chamando, mal eu acordara um dia, de manhã cedo. Lembro-me do contraste asqueroso e horrível entre esse timbre matinal e o sentido da frase por ela pronunciada: — “Dinis, vamos comer *remela*?” Meu Deus, que asco, que nojo, que náusea! Ali, naquele momento, não adiantou nada os adultos me explicarem que, no caso, *remela* não era absolutamente o que eu estava pensando. Meu nojo só passou quando, saindo de casa e entrando no mato para o qual ela me conduzira, pisei a relva úmida da alameda, do maravilhoso *corredor* feito de duas cercas paralelas cobertas de moitas de mofumbos, povoadas de borboletas e flores amarelas, sentindo no rosto a frescura do orvalho da manhã que as folhas molhadas deixavam cair sobre meu rosto afogueado pelo Sol, como uma bênção que a sombra me desse por acaso ou como uma compensação; porque só assim, e com tudo isto, é que eu recebia finalmente a garantia eficaz de que, no áspero dialeto sertanejo de Rosa, aquele nome asqueroso de *remela* designava simplesmente o néctar das flores amarelas de mofumbo — um mel dourado, ralo e raro que ela me deu a sugar em suas mãos e que tinha o gosto sagrado do Sertão, com o cheiro e o ouro do mel das abelhas e do Sol. Lembro-me, Sr. Corregedor, de termos ficado os dois muito

tempo deitados na sombra, sob a sebe de mofumbos, eu e Rosa, eu deitado de bruços, com o rosto bem perto do chão, falando para a terra coisas belas e desconexas ditadas pelo sangue, e ouvindo minha própria voz, que retornava com um tom estranho e diferente, causado pela proximidade e pelo cheiro forte da Terra. Não me lembro, também, se foi logo nesta ocasião. Acho que sim. Mas recordo-me perfeitamente de que um dia, naquele mesmo lugar, debaixo da mesma sebe de mofumbos e sob as flores sobre as quais as borboletas amarelas esvoaçavam, falei para Rosa: — “Rosa, se eu lhe pedir uma coisa, você faz? Me mostre a dentada de piranha que você levou!” Rosa disse: — “Não! Seus irmãos estão ali e podem ver!” Eu insisti: — “Eles não vêem não, Rosa! Eles estão lá longe, correndo, brincando de *toca*!” Aí, Rosa olhou em torno, calculista, com um ar prático e astuto de mulher, avaliando o risco que corria. Eu esperava, com o coração aos pulos. Por fim, ela decidiu favoravelmente: ergueu o vestido e eu vi a cicatriz no ventre acobreado. Aliás, dentada de piranha, ali nos riachos, não era coisa rara, e Sebastião também tinha uma cicatriz, junto a seu sujo, feio e enorme umbigo saliente.

*

— Como nas “Maravilhas”, Sr. Corregedor, o piso da “Onça Malhada” era de tijolo, mas sua calçada de fora era de pedras. Aliás, eu tenho velhas fotografias das casas, de uma e de outra, e peço que Vossa Excelência mande anexá-las aos autos do inquérito, porque elas explicam muita coisa do que se passou. Por elas, o senhor pode ver que a casa das “Maravilhas” era muito mais pobre e modesta, mas muito mais alegre e acolhedora. A fotografia que aí está da “Casa-Forte da Onça Malhada” foi tirada em 1926, quando meu Padrinho começou a restaurá-la, pois a casa, construída no século XVIII, estava muito estragada. Mas dá para o senhor ver a Casa, a Capela e a Cajarana, esta quase sem folhas porque era tempo de seca. Embaixo dela está uma porção de automóveis — gente importante que tinha vindo da Cidade da Paraíba para visitar meu Padrinho, a propósito da passagem da Coluna Prestes no Sertão. Os cheiros das duas casas também eram diferentes. Se as paredes das “Maravilhas” eram claras e alegres, as da “Onça Malhada” eram solenes e austeras, com uma porta interior que ligava a sala à Capela, meio escura e misteriosa, forrada de madeira de cedro. Só a casa-baixa, a da esquerda, se ligava à Capela: o sobrado da direita era independente. Nos dias de inverno, o gado amanhecia arrepiado mas alegre, com o pêlo umedecido pela chuva ou pelo orvalho noturno. Muito cedo, homens friorentos, vestidos de couro, traziam para a cozinha grandes potes cheios de leite, vindos do curral, e eles também — como os bodes e como os touros — umedecidos de orvalho e cheirando a leite e a couro. Lembro-me perfeitamente do gosto do leite

morno, na manhã fria: leite nos potes de barro, leite nos caldeirões e tachos de alumínio e cobre, leite nos copos, leite esguichado em nossas canecas sobre o açúcar branco cristalizado, tudo no curral, entre o hálito cheiroso das vacas, com o cheiro bom, o calor e a proximidade fraternal dos bichos. Lembro-me de duas reses, queridas entre todas: a vaca branca “Belezinha” e o novilho “Mimoso”. Ambos me pertenciam, pois tinham sido dados, *a mim* e não a ninguém mais, por meu Padrinho, e tinham vindo de uns lugares estranhos e longínquos de onde também chegava o estranho e indecifrável poder dele, a “Serra Negra” e o “Serrote do Mimoso”, originando-se deste último o nome do novilho. No leite de “Belezinha”, Sr. Corregedor, quase que não precisava a gente botar açúcar: ele era doce por si mesmo, e eu só tomava leite cru, “ao pé da vaca”, se fosse dela. Alguns dos meus irmãos preferiam o leite com pouca espuma, outros com muita espuma. O meu era com muita espuma, e eu recomendava isso todo dia, com medo de que o tirador se esquecesse. Aí, o Vaqueiro Luís Roque, pai de meus amigos Doca e Nonato, aprumava o peito da vaca, apontando-o bem para o meio do copo, diretamente sobre o açúcar, e eu via, com uma sensação de alegre expectativa, o copo se encher aos golpes, com a bebida saudável, branca e morna, espumante na manhã fria.

*

— Depois do café, a gente pedia a Papai para tirar carnaúba. Ele pegava uma pedra de bom tamanho e, com arremesso seguro e forte, com certa pontaria, derrubava todo um cacho, fazendo se esparramarem pelo chão os pequenos frutos escuros da carnaubeira. Quando ele começava a visar o cacho lá em cima, eu começava a olhar para este, e, com o rosto para o alto, ficava sempre encandeado pelo Sol. Voltava então os olhos para o rosto de meu Pai, e via-o como um santo ou um Profeta, cercado por um halo de luz. Ainda hoje sei como é o gosto da carnaúba, um gosto esquisito, delicado e cheiroso entre palha e fruto. E quando, anos depois, comi tâmara pela primeira vez, aqui em Taperoá, trazida a fruta por um galego da Sanbra, soube imediatamente, sem que ninguém dissesse nada, que a carnaúba é parenta próxima da tâmara, e que a tâmara devia ser, também, uma palmeira do Deserto, porque o gosto das duas era muito parecido. Quanto ao problema da superioridade de uma ou de outra, acho que elas empatam, Sr. Corregedor, porque, se a tâmara é mais doce e mais macia, mais carnuda, a carnaúba tem o gosto parecido com o das “Maravilhas”, do tempo em que meu Pai ainda era vivo.

O DONO
DO RIO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: O Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira encaminham-se, a cavalo, para um encontro na "Onça Malhada". Houve uma emboscada contra três Chefes da família Villar. Quaderna interrompe a narração dos acontecimentos de 1912, e conta sua infância ao Corregedor. Narra a importância, em sua vida, das figuras do Pai e do Padrinho e continua:

— E ERA ALI a casa de meu Pai, Sr. Corregedor, a casa das "Maravilhas"! Nunca houve outra, nem mesmo a "Onça Malhada", que era a minha casa, mas não a dele, e pertencia a meu Padrinho, pois antes que eu pudesse entender bem o que ele significava verdadeiramente, um homem chamado Miguel matou-o, longe de nós, junto ao Riacho do Elo, riacho e elo do meu sangue. Depois, muito depois, eu ouvia minha Mãe cantar uma espécie de *romance* em quadras, uma cantiga que tinham feito sobre um crime praticado no Rio e que começava assim:

*No Largo da Carioca,
lá no Rio de Janeiro,
deu-se um crime horroroso
que abalou o mundo inteiro!*

*Gênio Roque e Carleto,
dois monstros de crueldade,
mataram Carlos e Paulino,
heróis na flor da idade!*

— Os assassinos, cujos nomes não sei como eram exatamente, mas que chegaram até o Sertão com esse som estranho de *Gênio Roque e Carleto*, tinham assassinado dois meninos, Carlos e Paulino, "heróis na flor da idade", segundo a cantiga. E o Poeta terminava seu *romance* com uma invocação em forma de apelo:

*Justiça, Senhores da terra!
Justiça, mais uma vez!
Trinta anos não é demais
para quem tal crime fez!*

— À noite, quando eu ia dormir e minha Mãe cantava isso, eu chorava, por causa da letra e da música, tão tristes. Mas chorava, sobretudo, porque ligava o crime de lá à morte de meu Pai e meu Padrinho, ao galope do cavalo, aos gritos roucos, aos passos precipitados descendo a escada e ao terrível Riacho do Elo, com suas águas avermelhadas de sangue. E veja, Sr. Corregedor: essas impressões são de tal modo ferradas em minha carne que, mesmo agora, apesar de todos os meus esforços para ditar estas palavras do modo mais impessoal, estou com os olhos cheios de lágrimas. É que, ao evocar, agora, esses versos, que devem parecer tão tolos e frios a Vossa Excelência, lembrei-me imediatamente da música, da *solfa* da cantiga, e voltou-me, nítida, à memória, a imagem de meu Pai, daquele homem de cara enérgica e limpa, dono das maravilhas, dono dos cavalos, dono de todos nós — seus filhos — dono do curral e das pastagens, dono do touro negro "Malabar" e do touro aurivermelho "Caracu"; aquele homem que morreu daquela maneira brutal, por engano, e por ter se enredado numa estranha teia de poder e sangue derramado por outros. Naquele dia de que há pouco lhe falei, estava ele na calçada de pedras da frente da casa, olhando para muito longe, para o lugar onde o Rio Taperoá se encontrava com o Riacho da Acauhan. Estava na esquina da calçada, como uma espécie de Príncipe cigano e sertanejo, perto do pé de cajarana, com as mãos na cintura e uma bela expressão sonhadora no rosto. E era uma das grandes alegrias da minha vida lembrar-me dele naquele instante, com o vento agitando levemente sua roupa, enquanto ele olhava tudo como se o Mundo fosse um lugar belo, grande, austero, insano e triste, ao mesmo tempo. E tudo aquilo era mais sagrado ainda, Sr. Corregedor, porque ele olhava era para os lados do Rio que passava ao largo da casa; Rio que eu ouvia chamar de *o Taperoá* e que imaginava, por isso, como se ele fosse uma Divindade, um deus gigantesco, deitado nas cabeceiras, e de cuja boca, formando-lhe a barba — às vezes castanha, às vezes de prata, — saía a água sagrada; Rio estranho, que aparecia castanho e, de repente, tornava-se prateado e desaparecia, e do qual meu Pai também era o dono; como era, e é ainda, apesar de já ter morrido e a fazenda já pertencer a outros, dono de tudo aquilo que eu vivo procurando salvar da ruína, reconstruir e reconquistar — dos gados, das cabras e das pastagens, dos rifles, das pedras e dos punhais, do mato, das Caatingas e do sol do Sertão.

*

— Sim, Sr. Corregedor, meu Padrinho podia ser dono das terras sertanejas, mas o dono do Rio era meu Pai. De fato, o que é um rio? Será *água que corre*, como vinha escrito na *Corografia da Paraíba*? Acho que não: corre água em todo canto, e nem por isso em todo canto existe um Rio. É por isso que eu penso que, para haver um Rio — e ali, nas "Maravilhas" e na "Onça Malhada", mais

do que em qualquer outro lugar — precisa se juntar à terra e às águas um elemento imponderável, preciso e raro, ligado à Divindade, um elemento sagrado. Lembro-me do Rio, no trecho que passava lá, com a areia fina das margens entremeada de lajedos baixos, alisados e escavados pela passagem das muitas águas. Tinha outras margens cobertas por uma vegetação de um verde cor-de-chumbo, escura e frondosa, quase toda de oiticicas. Em certos lugares, dois ou três pés de carnaúba serviam de *marco* ao encontro de um daqueles riachos sagrados com o Rio. Lembro-me também do elemento poético que se acrescentava ao Rio pela ameaça das piranhas, principalmente no Riacho que tinha esse nome, ameaça que tornava os nossos banhos ali ainda mais preciosos e fascinantes. Lembro-me do canto das juritis e dos canções, nos matos que circundavam o Rio, cantos vindos até nós por entre os galhos, os cactos, o cheiro das juremas e dos mofumbos marginais, como se a ameaça e o canto não fossem mais do que o cheiro da Caatinga, tornado audível pelo enigma de encantação e terror do lugar, da água, das pedras e das areias.

*

— E que rio estranho era aquele, Sr. Corregedor! Chamava-se Rio Taperoá, mas, de fato mesmo, chamava-se ali, também e ao mesmo tempo, Riacho da Suçuarana, Rio do Desterro, Riacho da Acauhan, Rio da Travessia, Riacho das Piranhas e Riacho do Elo. Tinha aquela areia, aqueles peixes perigosos, aquelas flores amarelas, mas tinha também, mais para baixo do seu curso, um enigma de natureza diferente, ameaçador e estranho. Não por causa das piranhas, mas como se proviesse da proximidade de deuses hostis. Depois, numa cena que ainda contarei melhor, achei a explicação do fato no estranho anfiteatro Cariri que me foi revelado, perto e dentro do Rio, por meus irmãos bastardos. Mas, mesmo antes, muitas vezes perguntei a mim próprio se existia na verdade aquele lugar, ou se eu apenas o sonhara, num dos tantos sonhos que emaranham minha vida. Não parecia apenas um rio, Sr. Corregedor, e poucas vezes eu o veria depois com os olhos da primeira vez. Era, antes, um local de sangrentos e enigmáticos sacrifícios, povoado de enormes pedras cor-de-ferro, escavadas de caldeirões circulares. O leito, quase sempre seco e à vista, formava, em torno dessas pedras, uma espécie de praia ou enseada, como um baixio de areia coberto de seixos, e — o que era mais estranho — de enormes conchas, meio retangulares, meio ovais, mas escuras e hostis, como se fossem as caixas-de-segredo dos deuses e demônios do lugar, pequenas caixas de madreperla, brilhantes e furta-cores por dentro, escuras por fora, proibidas, fascinantes — e tudo cercado por um mato sertanejo, escuro e silencioso, que acompanhava, lá longe, a curva do rio e formava um recinto meio sombreado e ameaçador. Teria sido sonho, Sr. Cor-

regedor? Não! A presença de meu Pai e meu Padrinho que estavam comigo naquele primeiro dia, a presença daquelas duas pessoas sagradas, dava e dá ainda a tudo aquilo o selo de uma realidade maior, inamovível. Só depois, quando Samuel e Clemente começaram a insistir que nada daquilo era verdade, que tudo era inventado e sonhado por mim, foi que comecei a duvidar, a ponto de, agora, estar pedindo a Vossa Excelência para incluir no inquérito essas velhas fotografias amareladas, muito menos verdadeiras, porém, do que meus sonhos. A capela era verdade, a casa era verdade, a cajarana era verdade! *Deve ter sido verdade! Era verdade! É verdade! Tem que ser verdade!* Havia a cajarana, disso eu tenho certeza! Depois, um dia, meu Padrinho mandou cortar os galhos mais baixos dela, para ali ficarem abrigados os carros ou os cavalos das inúmeras pessoas que iam visitá-lo. Mas, no meu tempo, os galhos estiravam-se deitados no chão, como serpentes. Deitado à sua sombra, eu via o céu e as nuvens viageiras, correndo por sobre os galhos mais altos da árvore sagrada e fatídica, tortuosos e veneráveis. Agora, estavam sem folhas, porque era na seca. Os anos se passavam em ritmos sagrados e imutáveis: os meses abençoados eram os de maio, junho e julho; depois, sopravam as ventanias crestadoras de agosto e as folhas começavam a avermelhar e cair em setembro; o mundo se cobria de poeira parda, o sol queimava tudo, e vinham os meses de inferno — outubro, novembro e dezembro. Mas, lá um dia, em janeiro, fevereiro ou março, os relâmpagos cortavam o céu; erguiam-se as *torres* de nuvens cor-de-chumbo; desabava a tempestade eletrificada no ar seco, a chuva abençoada caía, e aí não era mais a *seca*, era o *inverno!* De manhã, os bezerros davam saltos alegres, *escramuçando* no pátio, com as caudas embandeiradas para cima, sentindo que o tempo bom tinha chegado. Meu Pai ficava mais alegre e amigo do que nunca, e amanhecía cantando:

*Quando Deus quer dar bom tempo,
prepara-se o nevoeiro.
Desenrola, cai a chuva,
corre água no Tabuleiro:
chega abundância na terra
e há fartura o ano inteiro!*

— Era a Cantiga chamada *Sertão de Inverno*, do grande Cantador paraibano Francisco Romano, do Teixeira, ou Romano da Mãe-D'água, como era mais conhecido; e o que mais me entusiasmava — além da alegria de ouvir meu Pai cantar — era haver, nela, uma referência ao *Tabuleiro* sertanejo! O Tabuleiro! Que nome estranho, e belo, e forte, Sr. Corregedor! Para o senhor talvez não signifique nada; mas para mim, que o conheço, ele evoca imediatamente um pedaço de terra alta, seca, dura e pedregosa, uma espécie de pequeno chapadão povoado de coisas belas, estranhas e perigosas — das

coroas-de-frade aos ninhos de cobras-corais e às caranguejeiras! Que pedras, Sr. Corregedor, que fulgor de malacachetas! Que ossos, que chifres de animais mortos, embranquecidos pelo Sol! Que cactos, e seixos, e pedras brancas! Depois de grande é que eu soube que a casa das "Maravilhas", feita por um tal de Seu Alvino, era bastante mais recente e mais nova do que a da "Onça Malhada". Esta, era "do áspero século XVIII, o século de couro dos Sertanistas nortestinos", como dizia Samuel; e lá, na casa-forte, em 1817, tinha passado preso, duas noites, um Frade rebelde e meio heterodoxo, Frei Caneca: tinha tentado, no Recife, uma Revolução republicana. Derrotado, formara uma Coluna e se embrenhara pelo Sertão da Paraíba. Aí, sofrera uma grande derrota num combate, em Taperoá, num *tabuleiro*, por parte das Milícias sertanejas, aliciadas e comandadas por Galdino da Costa Villar, Cavaleiro da Ordem de Cristo. Assim acosado, encaminhara-se para o Sertão do Ceará, onde fora definitivamente derrotado e aprisionado na fazenda do Juiz. De volta, passara duas noites na fazenda "Onça Malhada", ele e seus aprisionadores recebidos como hóspedes dos Garcia-Barrettos; e daí fora reconduzido ao Recife, onde ele foi julgado e fuzilado.



FOLHETO XIX

INVERNO E INFERNO NO REINO SERTANEJO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *O Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira encaminham-se, a cavalo, para um encontro na "Onça Malhada". Houve uma emboscada contra três Chefes da família Villar. Quaderna interrompe a narração dos acontecimentos de 1912 e vai dar seu segundo depoimento ao Corregedor, no dia 14 de abril de 1938. Inicia-o contando os incidentes principais de sua infância, nas fazendas "As Maravilhas" e "Onça Malhada".*

— NA "ONÇA MALHADA", Sr. Corregedor, havia uma Capela maravilhosa, pegada à casa-baixa que ela unia ao sobrado, o qual ficava do outro lado. A Casa e a Capela comunicavam-se por dentro através de uma espécie de janelão, que eu e Arésio pulávamos escondidos, porque havia uma vaga proibição — vaga mas sempre presente —

de ir ali. Essa proibição, o medo e o escuro do lugar, e o silêncio, e as figuras pintadas de Santos e Profetas arrebatados em carros-de-fogo, tudo isso me fazia amar e temer mais ainda aquele lugar onde só se falava sussurrando, onde havia esculturas de madeira e de pedra, onde havia um cordão dourado e outros objetos tentadores, proibidos, sagrados, enigmáticos. Ali, eu era sempre possuído por sentimentos de solidão, por anseios de violação e de posse. Um dia, eu, Arésio e Nonato estávamos lá. Em dado momento, vendo que eu ia meter a mão no altar para tocar uma pedra que lá havia, Nonato, que era um pouco mais velho do que nós, disse severamente: — "Não, aí vocês não podem bulir! Não podem nem tocar!" — "Não posso, o quê?" — duvidei, mas, por segurança retirando imediatamente a mão. Arésio interveio, altivo, em meu favor: — "Pode! Dinis é da minha família e pode mexer, aqui, no que quiser! Que negócio é esse, Nonato? Você não manda aqui não! A casa é sua?" Nonato teimou: — "É não, é sua, mas se vocês bulirem nessa pedra aí, vão, todos dois, para o Inferno!" Foi um dia de grande revelação, um desses *instantes de fulminação* que, segundo a Retórica, são próprios de todas as Tragédias e Epopéias que se prezam, Sr. Corregedor. Saí dali e fui indagar de Tia Filipa o que significava tudo aquilo. Ela falou: — "Isso tudo veio da Sarça Ardente, meu filho! Foi no Deserto, com o Fogo e as Pedras da Lei! Deus disse: *Não farás para ti imagem de escultura, porque sou o teu Deus no céu e na terra.* Mas os homens traíram o Gavião do Sol, fizeram o Bezerro de Ouro, a Babel do Torre-a-Terra e da Riqueza! Aí, veio uma seca muito grande, com uma enorme praga de gafanhotos para o Sertão. Soltou-se a Besta-Fera no mundo, e, desde aí, o Inferno é um lugar cheio de fogo, para onde Deus manda as pessoas ruins. É lá que mora o Demônio, de asas de navalha e sangue de morcego!" Ela me comunicou isso, Sr. Corregedor, e então, para se ver livre do assunto angustioso e pesado, mandou que eu fosse brincar. Mas acontece que, ao ouvir essas palavras terríveis e solenes, carregadas de significados perigosos, meus olhos erraram, meio cegos, pelo pátio, pelo mato, pelas pedras, pelo mundo, que parecia agora, depois delas, carregado de uma significação cansada, velha, condenada e inapelável. Minha Mãe, uma santa mulher, cantava em algum lugar, ali perto:

*Estrela dos heróis,
santelmo do Lepanto,
estende sobre nós
o teu sagrado Manto!*

— E então eu como que vi a figura estrelada e maternal da Virgem, a parte fêmea da Divindade, estendendo sobre o Sertão o seu manto sagrado, para nos abrigar contra o fogo terrível de Deus e da Sarça Ardente. A Virgem chamava-se Maria, como nos ensinava

Tia Filipa nas lições de catecismo; e como o nome de minha Mãe era também Maria, eu ligava tudo aquilo a ela, à sua pele alva e fresca, às suas mãos abençoadas que pousavam sobre minha testa quando eu estava abandonado e solitário, perdido nas febres que em mim, na minha meninice, parece que eram muito freqüentes, Sr. Corregedor; mãos que eu nunca esqueceria, mesmo depois da morte dela, tão brutal e inesperada; mãos que se tornaram para mim um novo e terrível sentimento de privação, pois nunca mais as verei, com seus dedos ao mesmo tempo perfeitos, fortes e delicados, com largas e bem feitas unhas ovais; mãos alegres, suaves, tristes, sonhadoras e valentes como aquela que as possuía e que levou para sempre a seu túmulo um segredo de ternura, uma possibilidade de refúgio única e irrepetível. Era verdade, Sr. Corregedor, tem que ser verdade! Lembro-me dos carneiros, do dia em que apareceu o cachorro doido, do ninho de juriti com ovos, e da Cobra. Eu era meio incrédulo para certas coisas desde pequeno. Por exemplo: diziam que, se eu pegasse nos pequenos, alvos, belos e perfeitos ovos de juriti do ninho e não cuspiisse neles antes de devolvê-los, a cobra vinha e comia-os. Fiquei até hoje em dúvida, porque peguei, cuspi — manchando aquela beleza para salvá-la — e a cobra veio e comeu. Tia Filipa, porém, ali estava, vigilante, para corrigir nossos desvios de Fé. Um dia, tendo ela nos explicado a questão da virgindade de Maria, A Mãe de Deus, fomos para o pátio e ficamos a discutir o assunto — eu, Arésio e Silvestre. No Evangelho, Sr. Corregedor, diz-se que o temor de Deus é o princípio da sabedoria: no meu caso, porém, o princípio da sabedoria foi o temor de Deus, o do fogo da Sarça Ardente e, sobretudo, o de Tia Filipa! Estávamos no pátio, e, como Silvestre dissesse que a Virgem permanecera virgem não só para a concepção e o parto de Cristo, mas também depois, até sua Assunção aos céus, eu me atrevi a comentar: — “Acredito que ela tenha ficado virgem, mas é preciso, primeiro, perguntar certas coisas ao Espírito Santo! Diz lá, no Evangelho, que ela foi *coberta pela força do Espírito Santo*, e eu quero saber direito como foi isso! Quanto ao casamento, pode ser que ela tenha ficado virgem até o fim. Mas não foi por causa dela não, foi por causa da *incompetência* de São José!” Eu não tinha visto Tia Filipa que tinha se aproximado de nós, por trás, de modo que, quando vi, já foi a braciada dela no meu pé-do-ouvido, uma tapa tão violenta que, quando dei acordo de mim, estava no chão, zonzinho. Desde aí, nunca mais me meti a duvidar de nenhum ponto da Fé: sabia que esses luxos de dúvida e ceticismo podiam valer para os outros, mas para os sobrinhos de Tia Filipa não valiam não. Para nós, essas questões de Fé eram coisas sagradas, cuja violação implicava em punições terríveis, sugeridas pelo fogo da Sarça Ardente e executadas com grande eficiência pelo braço, seco e forte como um pau-ferro, de Tia Filipa. Lembro-me também de que, um dia, sangraram “Passarinho”, um dos três cavalos de meu Pai, um cavalo todo negro, valente e

bom mas meio doido, um cavalo perigoso e que, de vez em quando, “*precisava perder sangue* para ficar menos espantadiço e agitado”. Chamaram um *sangrador*. Ele veio, pegou uma *sarjeta* — que era um estilete de um tipo que eu nunca tinha visto — encostou-a ao pescoço do cavalo cujas carnes estremeciam sob o pêlo macio, negro e veludoso, e bateu nela com o cabo de osso de uma faca-de-ponta. O esguicho de sangue voou longe, do mesmo jeito que, mais tarde, iriam voar longe os esguichos de sangue das gargantas cortadas de João Dantas e de meu Padrinho. Um pouco do sangue do cavalo me ungiu e marcou para sempre, o que me deixou ao mesmo tempo orgulhoso e aterrorizado. No pátio, à tarde, ainda se via a marca do sangue embebido na poeira, perto da cajarana. Mas Mamãe mandou varrer o chão, “porque os meninos estavam ficando impressionados”.

*

— O que ela não pôde varrer, porém, Sr. Corregedor, foi o sangue que correu da testa do Carneiro vermelho. Foi um dos grandes acontecimentos da minha infância: a gente estava dentro de casa, quando, no pátio, se ouviram grandes marretadas, surdas, violentas e ritmadas. Corremos, e, logo da calçada, eu vi: no terreiro, estava o *carneiro pelado*, um carneiro com o qual eu antipatizava, afastado uns dez metros do *carneiro vermelho* — este, meu amigo — ambos muito grandes, obstinados, enfurecidos, medindo-se para nova investida e nova testada. O carneiro vermelho era um pouco mais peludo, mais baixo, mais grosso e mais bem proporcionado do que o outro. O branco, era pelado, de grandes chifres, de pernas altas e compridas. Partiram de cabeça baixa, deram os dois ao mesmo tempo um grande salto no ar, e as duas testas se chocaram no alto, com violência inacreditável. A pancada foi tão forte que eu tinha certeza de que todos dois iam cair no chão mortos. Mas, para surpresa minha, eles caíram de pé e vivos: afastaram-se de novo e recomeçaram. E assim, sempre desse jeito, continuaram a se bater por uma porção de tempo, com a mesma violência cega — uma, duas, três, cem vezes! Era o som de uma marreta batendo num pesado tronco, o som da violência, a pulsação do mundo estremecendo no meu sangue, com a fascinação da tenacidade, do massacre e da crueldade, da curiosidade irreprimível pela causa, e da expectativa sobre qual seria o resultado de tudo aquilo. E de fato, como se eu tivesse sido o único alertado pelas Divindades cruéis que presidiam a luta e o mundo, fui eu que vi, antes de todo mundo, a testa do carneiro vermelho começando a se abrir, lascada e sangrenta, pela violência das pancadas. Horrorizado, dei o alarma, mas ninguém me deu importância: viram e não se incomodaram, ansiosos que estavam para ver o resultado da disputa. Os carneiros se afastaram mais uma vez, partiram mais uma vez: aquele odioso carneiro pelado, deselegante, ágil, forte, de fisio-

nomia zombeteira e estúpida, deu um último salto e uma última testada. Os olhos do vermelho se fecharam, seu corpo se encolheu com expressão batida, sofredora mas sem dignidade, e ele deixou de lutar, com a testa lascada, com uma espécie de inocência ignorante e sem mérito, uma espécie de insciência resignada, sem sinal visível de desgosto, raiva ou humilhação. Vi, então, que era como se nada tivesse acontecido, que não havia causa nem objetivo no combate. Não estavam eles disputando nem uma fêmea, nem um trecho melhor de pasto, nem nada. Tinham começado a luta de modo estúpido, e tinham-na acabado do mesmo jeito. Tanto assim que logo os dois recommençaram a andar e pastar pelos arredores da casa, errando ao acaso e acho que até já esquecidos daquilo que, há tão pouco tempo, acontecera de modo tão terrível. Isso diminuiu demais minha estima pelo vermelho e não alterou em nada minha antipatia pelo pelado. Nada tinha sentido. Nada resultara da inútil vitória do pelado, nada resultara da inútil humilhação do vermelho, o que dava a tudo aquilo um caráter insano, e fazia desconfiar do próprio sentido do mundo.

*

— Lembro-me ainda, Sr. Corregedor, de que foi dali também que correu o cachorro doido. Eu estava fora de casa, tinha saído com meu irmão Alfredo para levar umas garrafas de leite na casa de Caroba, uma cabocla pobre a quem Mamãe ajudava. Iamos já no meio do caminho quando, de repente, ouvimos uns gritos, vindos de longe, de trás, da calçada de casa. Voltamos-nos, e avistamos Mamãe e Seu José na calçada, em frente à Capela, gritando e fazendo acenos desesperados para nós. A voz de minha Mãe chegava muito fraca, mas, mesmo assim, o amor e o medo de que ela estava possuída fizeram com que entendêssemos. Ela gritava, apavorada: — “Alfredo! Dinis! Corram, voltem, meus filhos! Correu um cachorro doido e ele está solto por aí!” O mundo enlouqueceu de repente, Sr. Corregedor, na ventania ensandecida e ameaçadora. Soltamos as garrafas e o cesto no chão e corremos de volta, Alfredo me ajudando como podia, e ambos sentindo atrás de nós ao nosso lado, em nossa frente, no mundo todo, emboscando-nos por trás das cercas, o Demônio e o morcego hidrofóbico que tinham se apossado do cachorro *Piranha*. E tudo era mais ameaçador ainda porque Seu José, era o *botador d'água*, era quem ia buscar água para a nossa casa, o que ele fazia indo a um lugar mais baixo e mais longínquo do rio, um lugar inteiramente apartado dos outros, diferente, cheio de lajedos ferrujosos. Ali, a pedra maior servia de uma espécie de cais ou amurada, e o rio, lá embaixo, era um Mar, o Mar que eu avistara um dia, há séculos, o Mar que eu não conhecia mas que *reconhecia* e que, de vez em quando, me recorda a dor de espinho da revelação, porque é ali, naquele Rio com seus riachos, que se atraca para sempre, em cais de pedra, o segredo sem luz da minha vida.



FOLHETO XX

A SECA E A VIAGEM

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *A Morte Caetana vê o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira que se encaminham, a cavalo, para um encontro na "Onça Malhada". Quaderna interrompe a narração dos acontecimentos de 1912 e vai dar, no dia 14 de abril de 1938, seu segundo depoimento ao Juiz Corregedor, a quem ele conta os incidentes principais de sua infância no Sertão da Paraíba.*

— E DEPOIS, LÁ UM DIA, Sr. Corregedor, fizemos uma viagem épica, a cavalo. Não uma simples caçada, mas uma *viagem* mesmo, com toda a família montada nos animais melhores e tropas de burros acompanhando-nos, com roupagens e mantimentos. Acampamos na beira do Rio do Peixe, e ali comemos peixes do Rio do Peixe. Aconteceu que nós levávamos galinha assada dentro de sacos de farinha. Na beira do rio, estavam uns homens pescando. Nós tínhamos acampado debaixo de um pé de oiticica e os homens do Povo ficaram perto e começaram a fritar os peixes que tinham acabado de pescar. De repente, sentindo o cheiro bom do peixe frito que vinha até nós da trempe de pedras que eles usavam para o fogo, me deu uma vontade enorme de comê-lo. Um dos homens, de fisionomia plácida e bondosa, olhou para mim e, só com esse olhar, descobriu a vontade que me possuía. Com uma generosidade que nunca mais esqueci, tirou um peixe da caçarola, polvilhou-o de farinha, chamou-me e me deu aquele presente de Rei. Imediatamente, meu Tio Alfredo pegou uma galinha assada, chamou os homens para perto de nós, e terminamos todos comendo juntos, fraternalmente, numa grande alegria e contentamento, os filhos do Sertão e da mesma terra sagrada da Bruna Castanha do Brasil, com um dia honesto de trabalho e de vida ganho pela frente — os filhos do mesmo Deus. Depois do almoço, eles se despediram, e nunca mais nos encontramos ou nos encontraremos em nossa passagem por essa estranha *segre* que é o Mundo. Cruzamos então o rio, em balsas, com os cavalos nadando juntos, resfolegando e com as cabeças, os pescoços e o dorso fora d'água. Houve, depois, outra viagem, para as fazendas “Saco” e “Ipueira”. Desta vez, eu estava cheio de furúnculos: viajava na lua da sela, meu Tio Alfredo era quem me conduzia — ou era Seu Antônio Carreiro, não me lembro direito. Os furúnculos doíam, batidos pela sela dura,

e eu chorava de sofrimento, mas principalmente de raiva, porque os adultos, impotentes, a única coisa que encontravam para me dizer e me consolar era que eu não chorasse, “porque não estava doendo nada”! A certa altura, já com minhas primeiras indignações contra a negação inútil da dor, do sofrimento, do mal, das injustiças e da desordem do mundo, gritei: — “Está doendo e muito! E quem disser, agora, que não está, eu mato”! Tia Filipa riu muito, tesa e elegante em cima de seu cilhão; todos riram e até eu mesmo terminei rindo também, por entre as lágrimas. Depois, a gente chegou na fazenda “Saco”, de meu Tio Alfredo. Lá, havia o mais belo riacho do mundo, um riacho situado longe, em frente da casa mas já depois da *rodagem*, da vermelha estrada de barro. Era um riacho no qual, quando corria água, havia grandes galhos e grossos cipós pendentes por sobre ele. A água era tão clara que nós víamos a areia do leito e as piabas de dorso prateado. Ali, nós tomávamos banho no tempo de chuva, e depois, sozinho, eu ficava horas e horas debruçado num galho grosso, vendo passar a água, imaginando e pensando mil coisas, e sobretudo sentindo que aquela água sagrada tinha algo de muito importante e estranho, algo de demoníaco e divino para me sugerir e revelar.

*

— Um dia, Sr. Corregedor, vimos uma Onça no mato. Eu vinha com meus irmãos Francisco e Alfredo. Quando a Onça apareceu, Francisco deu uma carreira para um lado, e eu e Alfredo quase morremos de medo: julgávamos que ele estava correndo apavorado, para fugir, e ia nos deixar ali, sozinhos, para que a Onça nos devorasse. Mas não! Francisco estava somente era tentando *cercar* a Onça, para impedir que ela se embrenhasse no mato, e poder, assim, atirar nela. Mas era uma Onça-de-bode, castanha, e fugiu antes que ele atirasse. Alfredo, aliás, era caçador. Logo que cresceu mais, tornou-se meu comandante e Capitão, e levava-me para o mato para participar de suas caçadas. Um dia, conseguiu escalar um *serrote* comigo, sem sermos pressentidos por uns mocós que estavam lá, e foi assim que ele pôde me mostrar uma cena rara que nunca mais eu veria: uma mocó-fêmea amamentando um mocozinho novo, um filhote maravilhoso, ambos serenos e tranqüilos, em cima de um grande lajedo. Doutra vez, na beira de um açude, ele me pediu que ficasse um momento à sua espera, enquanto ia tentar um tiro nas aves aquáticas que estavam escondidas atrás dos gólfãos, lá do outro lado. Recomendou-me sussurrando: — “Fique aí sentado, bem calado, que eu vou ver se cerco as marrecas pelo lado de lá e atiro nelas!” Saiu, e me deixou no mato, — o mato com seu silêncio, sua ventania, sua solidão. Comecei a me impressionar com o silêncio profundo do Sertão, com o cheiro bom das ervas machucadas da beira úmida do açude, e com o canto de uns Cancões que, muito longe, tinham seu canto metálico e cerrado numa grota de serra. De repente, um mos-

cardo verde deu um zunido e umas voltas em torno de mim, partindo depois, sem nenhuma razão aparente, num vôo rápido, de flecha, em linha reta para o desconhecido. Como se aquilo desencadeasse certas ameaças, chamei baixinho, num pedido, contido mas insustentável, de auxílio: — “Alfredo!” Nada: nenhuma resposta! Chamei de novo, desta vez mais alto, num tom de voz que talvez pudesse alcançar um metro: — “Alfredo!” Nada! Aí, de dentro do mato, o moscardo verde apareceu de repente e deu outra rapidíssima volta em torno de mim, zumbindo. Meu sangue entendeu imediatamente: com certeza, aquela era Treméraria, a filha sertaneja do divino Pavor, encarnada num moscardo verde, — e o medo do enigma do Mundo empolgou o centro da minha coragem. Levantei-me dum salto e corri pela vereda que, por entre juremas, beirava o açude. Corria chorando, gritando e tropeçando nas ramas. Encontrando um cipó mais forte que se enroscava numa Caatingueira e cruzava o caminho, meu pé enganchou-se nele e eu caí de cara no chão. Como ia de boca aberta, chorando, enchi a boca e a língua de terra, e ali mesmo, deitado, arrastando-me sobre os cotovelos — pois, mesmo caído, eu ainda rastejava para a frente — avistei de repente duas pernas humanas paradas diante da minha cara, a poucos centímetros dos meus olhos. Pensei que chegara a Morte, a Moça Caetana, e vi meu derradeiro momento de vida. Mas, reunindo os últimos restos de coragem que ainda não tinham sido despedaçados pelo terror, ergui o rosto e dei de cara com Alfredo: ele ouvira meus gritos e corraera para junto de mim, para me acudir. Espantado, sem saber o que acontecera, ele me perguntou, tratando-me afetuosamente pelo apelido familiar: — “Que é isso, Dinga velho? O que foi que houve?” Respondi: — “Nada! Não houve nada!” Realmente, com a presença dele, agora, nada mais havia, e eu, envergonhado, me levantei do chão, limpando a boca e espanando com a mão a poeira das calças, para disfarçar. Olhei em torno e fiquei agradavelmente surpreendido ao ver que as danações do mundo tinham desaparecido como por encanto; e nunca mais, depois, me considerei suficientemente grato a Alfredo por ter trocado suas marrecas por uma coisa tão sem importância como a vida ou a morte de um sujeito desprezível como eu. De outra vez, Sr. Corregedor, já noutra caçada, era tempo de seca e nós dois estávamos debaixo de uma grande árvore sem folhas, esperando *arribaças* para atirar nelas “na espera”. Mas, em vez das *arribaças*, o que chegou foi um bando de papagaios selvagens, voando com uma beleza e uma facilidade espantosas para quem, como eu, só conhecia os papagaios de casa, envelhecidos pelo cativeiro. Eram cerca de vinte ou trinta papagaios, e o bando, palrando e cantando, pousou todo na árvore que, de repente, de seca que estava, ficou toda azul, verde e vermelha, emplumada e coroada, a coisa mais bonita que já vi em minha vida!

*

— A fazenda “Saco” era de meu Padrinho, mas meu Tio Alfredo era quem mandava nela. Esse tio, a quem nós chamávamos Tio Dodô, partilhava com meu Pai a posse do mundo, e era, também, dono do vento, da seca, da chuva, das marrecas, das galinhas-d’água e dos guinês, que ele criava aos montes, selvagens, para poder, assim, caçá-los no mato, em vez de matá-los indignamente na cozinha. Tinha três carros-de-boi, belos cavalos, era meio matador, alegre, e, ao mesmo tempo puro, cruel e bondoso. Tocava viola e cantava como um Cantador. Morreu moço também, despedaçado pela Vida e por sua fera sangradora, a Morte Caetana, e ainda hoje anda comigo no meu sangue, para onde quer que eu caminhe, juntamente com meu Pai, meu Padrinho, minha Mãe e Tia Filipa. Tudo, no “Saco”, era bom porque era dele. Mas o melhor de todas as suas posses e domínios era, sem dúvida, o “Saco Triste”, um lugar selvagem, situado num cercado distante da casa da fazenda, cheio de serrotes de pedras, de abismos e despenhadeiros abruptos, povoados de casas das terríveis e ferozes abelhas *capuchus*, com gatos maracajás, e Onças, e mocós, e sobretudo muitas pedras e lajedos. Meu irmão Antônio e Tio Dodô montavam em cavalos, tendo na cabeça uns bonés maravilhosos e elegantes que eles arranjavam não sei onde e que eu invejava terrivelmente sem nunca me animar a pedir que me dessem um. Botavam a mim e a Alfredo na garupa dos cavalos e nos levavam, assim, até o “Saco Triste”. Aí na encosta do despenhadeiro maior, tirávamos grandes galhos retos no mato, cortando-os. Assim, fazíamos deles alavancas e empurrávamos para o abismo as pedras enormes de cima do serrote, pedras que, ganhando velocidade cada vez maior, desciam a encosta, derrubando árvores inteiras, tirando lascas e fagulhas nas outras que iam encontrando de mundo abaixo, e deixando pelo ar seco um cheiro embriagador e aterrorizador de raio, de corisco e de queimado.

*

— Foi aí que aconteceu uma seca terrível, assoladora e cruel, Sr. Corregedor. Durante dois anos seguidos, as ventanias crestadoras de agosto e setembro varreram as nuvens e queimaram as terras do Sertão, sem chuva nenhuma em janeiro, fevereiro e março. Começou o martírio do Povo e eu tive, pela primeira vez, uma idéia do extremo sofrimento, do extremo abandono e da extrema miséria. Vi uma velhinha, uma anciã desconhecida, que vinha se retirando e passando pela estrada de rodagem, morrer no pátio da fazenda, quase já em nossa porta, onde, se ela tivesse chegado um pouco mais cedo, teria escapado à fome, pelo menos naquele momento. Quando ela, da estrada, avistou a nossa casa, encaminhou-se para lá, com a filha, para pedir socorro. Minha Mãe já acorria para atendê-las quando, de repente, entre a estrada e a casa, já quase no terreiro, a velhinha, vestida de saia e casaco, e que tinha um jeito humilde e magrinho

que nunca mais esquecerei, caiu sobre os joelhos e depois estendeu-se no chão. Nós corremos, mas era tarde, ela já estava morta. Só a filha, mais moça e mais forte, pôde comer e escapar, para assistir ao enterro da Mãe, que a minha mandou sepultar. A situação estava cada vez mais terrível. Mamãe e Tia Filipa guardavam, de comida, tudo o que podiam, para, com ela, socorrerem os retirantes. Vi outro gesto do Povo que muito me tocou: dois rapazes moços ficaram em situação desesperadora, lá, em seu pequeno pedaço de terra, e tiveram que se retirar. Passaram lá em casa e disseram a Tio Dodô que iam para o sul de Pernambuco, trabalhar na cana, para ver se, assim, conseguiam juntar algum dinheiro para recomeçar a vida. Pediram a meu tio uma pequena quantia emprestada, para poderem fazer a viagem. Meu tio emprestou o dinheiro, colocando-o porém, desde logo, — ele, que emprestava dinheiro a todo mundo, — “na sepultura dos empréstimos perdidos”, como costumava dizer, bem-humorado. Os dois rapazes, quando chegaram lá em casa, estavam famintos, coisa que minha Mãe adivinhou, pois eles nada disseram. Então Mamãe foi lá dentro e trouxe-lhes um queijo e duas rapaduras, que eles agradeceram com um nó na garganta e engolindo o choro. Dois anos depois, um dia, a gente estava em casa, quando, na porta, parou um caminhão; dele, fortes, bem dispostos e alegres, saltaram os dois rapazes. Tinham vindo pagar o dinheiro de meu Tio, e traziam, no caminhão, uma carga inteira de queijo e rapaduras. Queriam agradecer, sem dizê-lo, o gesto de minha Mãe, e tinham tido a extrema delicadeza de fazer isso trazendo, em enorme quantidade e para presenteá-la, exatamente as duas qualidades de comida que tinham recebido dela em seu difícil e duro instante de sofrimento, pudor e altivez.



FOLHETO XXI

BARALHO CRONOLÓGICO DA INFÂNCIA

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *A Onça Caetana vê o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira que se encaminham para um encontro na fazenda “Onça Malhada”. Quaderna interrompe a narração dos acontecimentos de 1912, e, no segundo depoimento ao Corregedor, conta sua infância no Sertão da Paraíba. Narra os incidentes principais de uma seca a que assistiu e continua:*

— E NOUTRO DIA, nessa mesma seca, Sr. Corregedor, vimos chegar uma família de três retirantes, pai, mãe e filha. Esta, era uma meninazinha, Amara de nome. O Pai vinha quase sem poder falar, rouco de fome, e foi aí que eu soube, pela primeira vez, que uma das formas que a Fome assassina — a divina e cruel Caintura — pode assumir é a da rouquidão. Ele falava rouco e baixo, e pedia — sem chorar nem se lamentar, com a sobriedade, a resignação e a mansa altivez sertaneja — apenas o essencial: se não houvesse nada para ele, ao menos algo para a filha e a mulher. Amara, a menina, vinha com os pés sangrando, com as solas queimadas e gretadas pelo chão duro e pelas pedras quentes da estrada, que ela palmilhava descalça, há vários dias. Minha Mãe que, nessa tarde, guardara leite com farinha para dar aos retirantes que aparecessem, foi buscar um prato para Amara, outro para a Mãe dela e outro para o Pai. Mas, quando veio lá de dentro pela primeira vez, só trouxe um prato, pois a outra mão vinha ocupada com as três colheres-de-sopa com que os retirantes iam comer. Ela veio, deu o prato que trazia a Amara e distribuiu as três colheres, não lhe ocorrendo explicar que ainda vinham mais dois pratos. Então o Pai, pensando que aquela era a única comida que os três iriam repartir, avançou timidamente a colher em direção ao prato de Amara, para comer também nem que fossem duas ou três colheradas do leite com farinha. Amara, assustada, tremendo, cobria e defendia seu prato com os bracinhos magros, e dizia: — “Não, Pai! É meu, Pai! Não tire não, Pai!” E aí, o povo todo lá de casa chorou. Mamãe chorava tanto, Sr. Corregedor, que a mãe de Amara, e até o Pai, o homem rouco e resignado, a princípio calmo e impassível, coberto de farrapos mas altivo, terminou chorando também. Só depois, os terríveis soluços que o despedaçavam e envergonhavam passaram um pouco, e ele teve condições de comer o leite com farinha que Tia Filipa já vinha trazendo lá de dentro, nos outros dois pratos, pois fora buscá-los ao ver tudo, sendo a única a manter, naquela situação, a calma habitual.

*

O Corregedor, com má cara, disse, lá do seu canto:

— Omita, de seu depoimento, esses pormenores vergonhosos. O governo da Revolução, com a qual o senhor não simpatiza, já conseguiu debelar essas chagas que envergonhavam a Paraíba!

Concordei imediatamente:

— É, Doutor Juiz, havia também os dias bons! A gente armava arapucas no mato, pegava canções, e um dia Francisco e Alfredo armaram uma delas, enorme, conseguindo, assim, pegar, viva, uma Seriema. Tivemos também um Pebi, um pebinha novo, maravilhoso, que Tia Filipa, escondida de nós, mandou soltar no mato, aquela malvada! Soltou-o, sob a alegação de que o pebinha fedía e sujava

a casa, o que nem chegava a ser verdade direito! E depois, lá um dia, veio um tempo em que frequentei a Escola, aqui na Vila. Lembro-me do cheiro de couro da minha bolsa, e do cheiro da merenda que eu carregava nela, com os livros. Era pão com manteiga, que Tia Filipa e minha Mãe preparavam para mim. Na escola, conheci muita gente, como, por exemplo, um menino extraordinariamente habilidoso, Salatiel, que tinha jeito para mecânico e montou para nós vermos todo um pequeno maquinismo movido a vapor d'água e que descaroçava algodão, um *locomóvel* completo, feito de flandre. Depois, fez um caminhão, de madeira e flandre, e carregava nele os pequenos fardos de algodão, de uns dez centímetros de comprimento, iguais aos que os *locomóveis* e *bolandeiras* grandes produziam em Taperoá. Três colegas nossos, irmãos, — Osório, Pedro e Davi — vinham para a escola de longe, a pé, sem terem tomado café ao acordar. Mal puderam aprender a ler, por causa da dor de cabeça que a fome lhes causava. Os outros meninos ignoravam tudo isso. Mas, mesmo que não ignorassem, creio que não deixariam de perseguir os como perseguiam, alegando, com a crueldade inocente da infância, que “eles eram feios demais e, ainda por cima, tinham uns doidos, doidos demais, na família”. Eu, penalizado com aquela perseguição sistemática e desarrazoada, repartia com os três o meu pão com manteiga, metade para mim, metade para eles três. Só muito depois foi que vim a saber, por Pedro, que aquela era a única comida que eles recebiam até o meio-dia, durante todos aqueles anos. Nunca me ocorreu, por outro lado, pedir a minha Mãe para levar quatro pedaços de pão para a escola: vendo como os outros meninos se comportavam com os três, julgava que aquilo que eu fazia era um gesto condenável, o qual, se fosse descoberto, poderia até me fazer levar uns cascudos de Tia Filipa. E apareceu também, em minha vida, o Serrote ou Lajedo dos Borrotes, a cavaleiro da Vila, uma alta pedra onde, subindo para seu topo, eu tive a visão do belo e estranho mundo, com céu claro, vento fresco e o sol ardente tirando estrelas na água do Açude do Estado. Apareceu o Açude do Panati, o primeiro que consegui atravessar a nado, o que fiz com a mais pura e legítima sensação de orgulho que já experimentei. Eu aprendera a nadar pouco tempo antes, com Alfredo me ensinando, num dia em que o Rio Taperoá descera com cheia e a gente começou a tomar banho na correnteza. Nadar em água corrente é muito mais fácil do que em água parada: nunca esquecerei a sensação de vitória, júbilo e espanto que se apoderou de mim quando ouvi as palavras de louvor de meu Capitão e Comandante Alfredo, e notei que meu corpo, em vez de afundar, boiava na água, enquanto meus movimentos, levados pelo ritmo da água, se coordenavam pela primeira vez, tudo isso juntando-se à alegria da água fresca que ungia e consagrava meu corpo esquentado pelo Sol. E é por causa de todas essas coisas, é por causa disso tudo,

Sr. Corregedor, que hoje, aqui, eu posso garantir ao senhor e a Margarida, que tudo aquilo foi verdade!

*

— Sim, Sr. Corregedor, a fazenda era verdade, a “Onça Malhada” era verdade, a Cajarana era verdade, a Capela era verdade! Verdade eram também as cajaranas que a Cajarana dava logo depois das primeiras chuvas, aquelas frutas com gosto misturado de umbu e de cajá, com gosto de infância, com gosto do tempo em que meu Pai ainda era vivo. Embaixo da Cajarana, todos os meus irmãos mais velhos viam, enterrado na areia, um bichinho misterioso e, para mim, invisível, chamado *o urubuzinho*. Era um bicho que eles diziam parecer uma pequena pulga a entrar aos poucos de areia adentro, ninguém sabe para fazer o quê, nem com que enigmático desígnio. Somente eu é que não o via. Nunca o avistei, o que me deixava envergonhado daquela cegueira misteriosa e infamante que só a mim atingia, revelando desde cedo uma falha essencial no meu caráter. Uma vez, humilhado por não ser tão agudo e eficaz quanto os outros irmãos, resolvi mentir e dizer que, afinal, tinha avistado o bichinho enigmático. Duvidosos, olharam-me de viés e perguntaram-me de que cor ele era. A desonra era iminente e seria total e definitiva. Olhei novamente o ponto minúsculo, semelhante a um pequeno cone invertido por onde a areia se escoava e afundava lentamente, como uma espécie de ampulheta que marcasse, assim, minha condenação. Nada! Não havia jeito de enxergar coisa nenhuma! Então, não podendo mais demorar, vendo a hora de morrer de vergonha e da infâmia de ser flagrado naquela humilhante incapacidade, arrisquei: — “Preto!” — o que disse com o coração pulsando de medo e ansiedade. Pois bem, Sr. Corregedor: até hoje não sei se errei ou acertei. Como no caso da luta dos carneiros, não houve nada. Meus irmãos não deram a menor importância à minha resposta. Não concordaram nem discordaram, nem para melhorar nem para piorar o conceito em que me tinham. Foram correr e brincar para outro canto do pátio, deixando-me em paz, sob a Cajarana, deitado no chão bom, olhando as nuvens viajeiras no céu alto e azul, e imaginando que, se não tinham zombado de mim, era porque o bichinho invisível — e que, mesmo até o dia de hoje, eu nunca avistei — era realmente um pequeno ser, igual a um urubu, somente que sem penas, muito pequeno e com ombros de homem asmático, sungados e estreitos.

*

— Sim, Sr. Corregedor, porque urubu, urubu de verdade, eu já tinha visto; e não somente voando no céu, mas perto, no chão, com uma embira de corda amarrada a uma das pernas. Quem o pegara? Alfredo, o grande Alfredo, como sempre acontecia nos momentos realmente decisivos da nossa meninice. Morrerá uma vaca, mordida

de cobra, e ele nos levou lá no cercado, para vê-la. Ah, Sr. Corregedor, acho que o senhor, vindo da cidade, não pode imaginar o engulho, a catinga insuportável, putrefacta, terrível, inacreditável, que desprende a carniça de uma rês morta. Alfredo, imune e superior a mim como sempre foi, agüentou tudo. E não de longe, como nós: de perto, a dois passos da vaca morta. Juntou uma porção de galhos de oiticica, fez um monte, escondeu-se ali dentro, e, quando o primeiro pássaro preto — grande, feio e empoeirado — passou perto dele, agarrou-o por uma perna, aprisionando-o. Brincamos com o urubu o dia todo. Deixávamos que ele, amarrado, corresse um pouco com seu passo bambo, e, quando ele se julgava livre e tentava alçar vôo, nós o fazíamos cair, com um pequeno puxão na cordinha que amarrava sua perna. Se ele fosse uma altiva ave-de-rapina, talvez nosso comportamento fosse diferente, mas ele era um comedor de carniça nojento e lamentável. Depois, à tardinha, já enjoados da brincadeira, soltamo-lo; mas só depois de termos amarrado a seu pescoço uma tampa de papelão de caixa-de-sabonete. Nessa tampa de papelão, um de nós tinha escrito uma frase escarninha: *Eu me chamo João Pessoa*.

O Corregedor me interrompeu, severo:

— Dom Pedro Dinis Quaderna, chamo a sua atenção para o fato de que a cronologia de sua embaralhada história anda meio torta! Como posso acreditar em tudo isso? O senhor estava, há pouco, contando trivialidades, aliás totalmente desinteressantes, e passadas *na sua infância*! Agora, de repente, sem transição nenhuma, já vem com as dissensões políticas de 1930, que são muito posteriores!

— É verdade, Sr. Corregedor! — disse eu, despertando um pouco do meu estado de ensonação. — É que minha família se meteu em tantas revoltas sertanejas, que eu, às vezes, confundo as brigas e acontecimentos de 1838, 1874, 1897, 1912, 1926, 1930 etc. Depois, como dizia Lino Pedra-Verde, isso da *Ilíada*, de Canudos, de Doze, de Princesa e de Trinta, tudo isso é uma Troia só! Assim, é possível que meu irmão tenha escrito na tampa de papelão *Eu me chamo Epitácio Pessoa*, e não *Eu me chamo João Pessoa*, o que recua o episódio para 1900, e não para 1930, como eu vinha dizendo. O fato é que foi o nome de um desses dois grandes homens, ambos adversários nossos, tio e sobrinho, e ambos pertencentes à família que, com os Dantas e os Garcia-Barrettos, terminou incendiando a Paraíba.

*

— Sim, porque de repente, no Sertão, tudo assumira um caráter de fogo e violência! Começaram a cortar a ventania as terríveis palavras de fogo: Doze! A Coluna Prestes! Trinta! Princesa! Revolução! João Pessoa! O Presidente João Suarana! João Dantas! José de Almeida! José Queiroga! José Pereira! Ouvíamos frases como esta: — “O Tenente João Costa jurou sangrar e beber o sangue de todos os

Dantas, Quadernas e Garcia-Barrettos"! Teixeira! Tavares! Princesa! Outra frase: — "Aquele é o Tenente Ascendino Feitosa, o homem que degolou Luís Leão!" O Presidente João Pessoa! O Deputado João Suarana! E nós amanhecíamos o dia cantando umas estrofes chocarreas e desafiadoras:

*Minha boca está fechada,
a chave foi pra Teixeira!
Minha boca só se abre
pra dar viva a Zé Pereira!*

*É de manhã! É de manhã!
É de manhã! É de manhãzinha,
é de madrugada!*

*Minha boca está fechada,
a chave foi pra Lisboa!
Minha boca só se abre
pra dar morra a João Pessoa!*



FOLHETO XXII

FOGO DA REVOLUÇÃO

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *A Morte Caetana vê o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira que se encaminham para um encontro na fazenda "Onça Malhada". Quaderna interrompe a narração dos acontecimentos de 1912, e, no segundo depoimento ao Corregedor, começa a contar algumas repercussões que tiveram em sua vida os acontecimentos ligados à Revolução sertaneja que ensangüentou a Paraíba, na luta entre os Dantas, os Suaranas, os Garcia-Barrettos e os Pessos.*

— FOI AÍ QUE COMEÇOU verdadeiramente em minha vida, Sr. Corregedor, o fogo da Revolução. Mamãe era Garcia-Barretto, meu Padrinho era Garcia-Barretto, Papai era Quaderna, Tia Filipa era Quaderna. Nós éramos Garcia-Barrettos e Quadernas, e portanto pertencíamos, ao mesmo tempo, "às duas famílias sinistras que ensangüentam os nossos Sertões", como dizia o jornal do Governo, *A União*,

que de repente começou a nos cobrir de insultos. Apareceram, pela primeira vez em minha vida, as palavras *Detenção* e *deserção*. E aí, mais ou menos por esse tempo, num certo dia eu fui àquele lugar perto do encontro do Rio Taperoá com o Riacho da Acauhan — ou foi ao Riacho do Elo, o da Suçuarana ou o das Piranhas; não me lembro mais exatamente e, de fato, todos eles são um só. Acompanhava meu Pai e meu Padrinho, caminhando ora a seu lado, ora um pouco atrás dos dois. Mais ou menos descuidado, divertia-me atirando, aqui e ali, uma pedra nos poços de água mais profunda, quando, de repente, não sei se pelo silêncio ameaçador do mato que nos cercava, comecei a pressentir, com meu sangue, que as palavras que os dois estavam trocando em voz baixa, eram ou seriam decisivas para minha vida. Um deles dizia que "o Governo Federal era *morno*, não tomava realmente partido entre João Pessoa e o Sertão", motivo pelo qual "seria vomitado da boca de Cristo". E o outro concordava que sim, que o Governo Federal não tomava conhecimento de nada, "apesar de todos os fatos graves que estavam acontecendo em Princesa!" *Princesa!* Que nome, Sr. Corregedor! Para mim, era, ao mesmo tempo, uma Mulher e uma Cidade, a cidadela indomável da Cidade da Princesa! *Princesa!* Ao estranho sentimento de beleza e terror que se apossava sempre de mim naquele Rio sagrado, veio então se juntar o da imagem que aquele nome de Princesa me trazia, a imagem de uma antiga e jovem mulher imortal, bela, triste e perigosa, com sua face acobreada entrevista por entre as chamas e pedrarias de um incêndio, sitiada numa Cidade rebelada e indômita, circundada de claras bandeiras verdes e auri-azuis, com chamas animadas pelos toques de um clarim enérgico, terrível e valente, tudo ondeando na poeira e no Sol, para a coroação de El-Rei Dom José Pereira. E o fogo queimava o vento com a violência e as chamas de Trinta. Um homem moreno e carrancudo, de fisionomia dura e implacável, chamava-se *O Presidente João Pessoa*. Ele morava na Paraíba, derrubara sacrilegamente uma Igreja, e vivia cercado de odiosos Soldados de Polícia vestidos de amarelo, com botinas e perneiras pretas. Ouvi então meu Padrinho dizer: — "Sei que o Sertão vai pegar fogo, Justino, e sei que, nesse fogo, talvez eu mesmo acabe, com a destruição de tudo, de tudo o que eu amo, de todos os meus! Mas não suporto mais. Resignar-me e contemporizar a esse ponto, seria uma *deserção*, o meu brio não suporta humilhações! Já combinei tudo com o Coronel José Pereira, e vamos para a revolta, porque nós, Sertanejos, já estamos espezinhados demais!"

*

— Ao ouvir essas palavras, meu coração se confrangeu ainda mais, e um terror sagrado começou a cantar dentro do meu sangue sua cadência primitiva e solene. Reuni toda a coragem que ainda me restava, tentando voltar a cabeça a fim de olhar para trás e ver algo

que eu sabia ser de extremo perigo e extrema gravidade, a me espreitar daquelas bandas. Com meu solene sentimento de terror primordial — sentimento do qual fiz arrojo, terror profano de ousadia e violação — desafiei as Divindades do lugar e olhei para lá. Para isso, tive que largar a mão de meu Pai: ele se distanciou uns passos, e eu fiquei um pouco para trás, à mercê dos Arcanjos malignos do fogo e da morte, assim como daquelas caixas-de-segredos dos deuses que me ameaçavam. Dentro da minha alma ardente e aprisionada, flamejava o tropel daquela *deserção* e daquela Princesa, Dama coberta de pedrarias e de antiga face acobreada. Graças a meu gesto de ousadia e desafio, pude ver, então, que o Sol caía e que a noite não tardaria a baixar sobre o mundo, surpreendendo-nos e soltando sobre nós naquele lugar terrível o sopro de fogo de seu Jaguar-negro mosqueado de estrelas. O poente estava esbraseado sobre as frondes escuras das árvores, tudo era um prenúncio terrificante e ameaçador. Parecia-me que o mato e as pedras, as conchas e os seixos, o rio e a enseada de areia, tudo tinha ido parar ali por engano. Todas aquelas coisas pertenciam à criação, mas, sem dúvida, teriam sido destinadas, antes, a uma outra parte qualquer do mundo, talvez ainda mais seca, mais estranha e solitária do que esta nossa, a que nos fora dada para todos os dias. O mato estava, já, quase inteiramente escurecido pela sombra que engolia o mundo, e assumira um verde carregado, sombrio e misterioso, um verde com o qual contrastava a rasa água do Rio que serpeava, como uma foice de aço polido ou uma cobra de prata, ainda iluminada pelos últimos raios do Sol morrendo em chamas. De modo que, anos mais tarde, quando ouvi uma cadência daquilo que meu professor de Retórica chamava “o poema do Mar” ferver e agitar em meu sangue uma invocação às *marítimas águas consagradas*; quando, também anos depois, já na Cidade da Paraíba, ouvi, num canto religioso idólatra e heterodoxo, uma invocação à *sereia do Mar sagrado*, não pude aceitar nem uma nem outra coisa: porque desde aquele dia, eu fiquei sabendo, com meu sangue, que dorme para sempre ali, naquele lugar do Riacho das Piranhas, a única água verdadeiramente sagrada que é possível neste mundo. Era um cruzamento muito estranho de tempo e de lugar, um momento de intersecção sagrado demais para ser repetido, Sr. Corregedor: as pedras, escuras e enigmáticas desde antes, pareciam agora carregadas de um novo sentido de ameaça, como grandes animais antigos, deitados, indecisos entre o sono e a espreita. De repente, veio-me o prenúncio de algo terrível e inapelável a ameaçar aqueles que eu mais amava no mundo. Corri para meu Pai, agarrei-me abraçado a suas pernas e comecei a chorar. Sabia que tudo aquilo que eu entrevira em minha visão poderia me arrebatá-lo e arrebatá-los para seu seio de fogo apenas adormecido, entregando-me a uma solidão ainda mais ardente e ameaçadora do que aquela que, então, já me cercava por todos os lados — uma ameaça que vinha no vento, com

as balas de Trinta, a Princesa, a Detenção, o Presidente João Pessoa e seus Soldados amarelos. Só aí meu Pai e meu Padrinho se aperceberam, talvez, de que suas palavras podiam estar me atingindo e ferindo. Meu Pai, com grande carinho, tomou-me nos braços e apertou-me contra seu peito. Os olhos dos dois estavam cheios de lágrimas, o que eu via através das minhas, e esta é, talvez, a única ocasião em que eu me lembro, vista de perto e sob tal emoção, daquela fisionomia amada, morena, enérgica e limpa. Lembro-me também dele balançando-se comigo na rede, eu montado em sua perna e ele empurrando a rede com um bastãozinho de jucá ou marmeleiro, bastão que, depois, ele costumava colocar atravessado nos caibros da telha-vã do terraço da nossa casa. Anos depois, depois que o homem chamado Miguel o matou perto do Riacho do Elo, a Polícia já tinha deixado de nos perseguir — pois até o ódio cansa neste mundo — e a gente voltou para a “Onça Malhada”. Minha Mãe contava — eu não me lembro disso — que, no dia em que a gente chegou de volta à fazenda, fui procurar o bastão no lugar em que meu Pai o guardava. Diz ela que eu me encaminhei para o lugar com jeito sonâmbulo, como se estivesse esquecido de que ele morrera e como se fosse possível a meu pobre Pai embalar ainda qualquer filho neste mundo. Mas, de perto mesmo e desse modo, Sr. Corregedor, foi somente nesse dia do Rio que eu o vi. A outra vez, existiu, mas eu não a conto como verdade: havia a distância, o cavalo, a iminência da partida, a amurada de pedra, e eu o avistava como um Profeta ou um Cavaleiro, e não mais como uma pessoa. É que ele ia, já, a caminho de seu destino sagratório, para os lados do Rio, para o tiro e para a morte: sem que eu soubesse, aquela era a nossa despedida. Ele, que o pressentia, me olhou o seu último olhar, um olhar carregado de profundo amor e carinho impotente, sinal de sofrimento e de marca sobre a terra, a unir duas naturezas ardentes, errantes por entre a violência e a brutalidade do mundo, sem que isso implicasse, como compensação, em nenhuma excelência ou virtude de nossa parte. Sinal que ele conduziria e eu conduzo depois dele, como um troféu de exílio, de extravio, de vergonha e orgulho, num constante, altivo e silencioso apelo à misericórdia, uma vez que a dura Justiça nos condenou para sempre naquele dia.

*

— E tudo se misturou na ventania de fogo, Sr. Corregedor, com os cercos, combates e emboscadas queimando e cortando de balas o chão sagrado do Sertão. Corriam notícias doidas e estranhas: “João Suarana e José Pereira, armados de rifles e de chapéu-de-couro à cabeça, atiraram nos revoltosos da Coluna Prestes!” “João Suarana colocou-se à frente dos que defendiam a Vila de Sousa, e, com isso, fez Virgolino Lampião recuar do ataque!” “Mataram João Gago, Honorato e Bom-Deveras!” “O Presidente João Pessoa está desar-



Emblema do Cacique e Rei cariri Suaçuq-Çuna, O Veado Negro, antepassado de Dom Pedro Dinis Quaderna, mais conhecido como Dom Pedro IV, O Decifrador, Rei pobre, cavalariano e criador de cabras do Quinto Império Castanho do Brasil. O emblema foi copiado por Taparica das pedras do Sertão e nele vemos o antigo Rei cariri partindo do Alfa de sua Raça para o Ômega inalcançável: é o salto para o Divino, anseio, glória e tormento secreto de Quaderna, que herdou esta sede dilaceradora de seu antepassado.

mando os Sertanejos! Quero ver se ele entra em Teixeira, terra dos Dantas, em Princesa do Coronel José Pereira, na Onça Malhada dos Garcia-Barrettos e na Vila de Catolé do Rocha, terra dos Suaranas!" "O Presidente João Pessoa vai soltar os presos da Cadeia!" Assim, como o senhor vê, a Detenção começava a concretizar sua ameaça. Meu Pai já não estava mais conosco, tinha viajado a cavalo com meu Padrinho, para terem um encontro com outros Chefes sertanejos em Água Branca e dali, com tudo acertado, se embrenharem de vez na luta dos Sertanejos contra o Governo. Por isso, a "Onça Malhada" não estava mais presente, perto de nós, para nos cercar e proteger com sua força sagrada e poderosa. Agora, o ambiente estava se tornando cada dia mais ameaçador e carregado: a Polícia Militar queria "sangrar os Garcia-Barrettos e Quadernas" — e os Garcia-Barrettos e Quadernas éramos nós. Um dia, quando menos esperávamos, a nossa casa foi cercada por uma multidão enfurecida, dirigida por assassinos, gente do Governo, um Padre político e fanático, agitadores contratados, criminosos tirados para isso da Cadeia e soldados de Polícia à paisana. Foi o momento em que tudo aquilo que vinha se preparando desde 1912 se crispou, estalou e se incendiou em nossa vida. Aquelas estranhas palavras que queimavam o vento assassino de Trinta cercaram nossa casa, com gritos, ameaças e cânticos cheios de ódio: João Dantas tinha matado o Presidente João Pessoa, longe, no Recife, e aquela multidão queria se vingar disso matando minha Mãe, Tia Filipa e "os cachorros de Pedro Justino Quaderna". Lembro-me do Cabo Cajazeiras, um dos poucos que se apiedaram de nós e, com seus companheiros de uma patrulha do Exército, contribuíram para evitar o massacre: eu pensava que o nome dele era uma árvore. E todas estas coisas me marcaram a tal ponto, Sr. Corregedor, que agora, depois de tanto tempo, falando delas é como se tudo voltasse. Caio de novo em meu estado de ensonação, e ouço as notas clarinadas do canto enfurecido da *Vassourinha*, notas que corporificavam, para nós, o perigo, o fogo, a ameaça e o ódio da multidão. Parece que ainda estou ouvindo a voz amada de minha Mãe dizer para meu irmão mais velho: — "Esses miseráveis pensam que vamos nos humilhar? Manuel, meu filho, puxe aí o canto: para mostrar a essa gente quem somos nós e quem é seu Pai, vamos todos cantar o hino do Sertão, o *Hino de Princesa*!" Eu estava assombrado, sem entender bem o que era aquilo tudo, mas cantei com meus outros irmãos, a plenos pulmões, desafiando os assassinos da multidão enlouquecida pelo ódio, as estrofes altivas do hino da Cidadela sertaneja:

*Cidadãos de Princesa aguerrida!
Celebremos, com força e paixão,
a beleza invulgar desta Lida
e a bravura sem par do Sertão!*



FOLHETO XXIII

O GRITO NA POEIRA

RESUMO DOS FOLHETOS ANTERIORES: *A Morte Caetana, depois de uma emboscada que houve contra três Chefes da família Villar, vê o Doutor João Pessoa, João Dantas, o Doutor João Suarana e o Coronel José Pereira que se encaminham para a "Onça Malhada". Quaderna interrompe a narração dos acontecimentos de 1912 e conta ao Corregedor os episódios da Guerra Sertaneja que mais marcaram sua infância, adolescência e juventude.*

— JOÃO DANTAS ESTAVA PRESO na Detenção, no Recife, e eu, a mandado de meu Padrinho, fui visitá-lo. Lembro-me de que havia uma chave enorme e de que, quando entrei na cela especial da enfermaria em que o tinham encarcerado, ele estava jogando baralho. Aí, depois do golpe de mão no Quartel do 22.º Batalhão de Caçadores da Paraíba, estalou a luta no Recife, sangraram João Dantas e seu cunhado Augusto Caldas, na Detenção. Outros dizem que os dois se suicidaram, pois havia um bilhete escrito pela letra dele, dizendo: — "Mato-me, porque estou na mão de bandidos e salteadores, e meu brio não suporta humilhações." De qualquer modo, eu me lembro muito bem do rosto dele depois de morto, porque, passado um certo tempo, um fotógrafo confessou que tinha batido secretamente um retrato do corpo e publicou-o no jornal: estava todo machucado, cortado e sangrento, com um corte aberto na testa ao que parece por uma cacetada, e parecia com a máscara mortuária do Corso Bonaparte, o flagelo dos Reis, máscara que também vi, numa fotografia publicada pelo *Almanaque Charadístico e Literário Luso-Brasileiro*. Contavam depois que, na Detenção, invadida pela Polícia paraibana, os Soldados, com suas fardas amarelas, diziam a João Dantas: — "Nós vamos levá-lo para a Paraíba, e lá você vai ser sangrado a canivete pelas mulheres e pelas moças da Escola Normal!" Ele, calmo e altivo, respondia somente: — "Paciência! Que é que eu posso fazer? Eu queria ver essa valentia de vocês era diante de mim solto e com um revólver na mão!"

*

— E aí chegou o dia do cavalo, do grito rouco atirado na poeira. Chegou o dia dos passos precipitados na escada, das vozes

cheias de desespero, das frases sem apelo, umas cheias de nobreza e fiel amizade, outras com a feia traição, as balas, a crueldade e a morte. A gente estava no quintal, olhando umas cerâmicas que tinham vindo da feira — cavalos, Santos, demônios, serpentes, Bestas-Feras, Onças e Cangaceiros — quando ouvimos de repente um grito, um lamento, um uivar desesperado. A princípio, ainda meio estarelecidos, quisemos nos tranquilizar, dizendo que era Bibiana, uma mulher escura que morava conosco e que estava rindo mais do que normalmente, pois era assim — de uma maneira meio dilacerada — que ela ria. Mas não era Bibiana não e logo não restou mais nenhuma dúvida: era o choro de minha Mãe, de minha Tia e de Manuel, meu irmão mais velho. Apavorados, corremos para a sala da frente, e, chegando lá, eu vi uma cena que nunca mais se apagará da minha memória, por mais que eu me esforce para isso: minha Mãe, sustida por Tia Filipa, era quem estava uivando daquela maneira, os gritos, os soluços e o desespero não cabendo direito em sua garganta sufocada e no seu coração que foi ali de uma vez para sempre dilacerado. Tia Filipa dava a ela um cálice de vinho, e foi talvez por isso que o Vinho se tornou para mim, daí em diante, um elemento de vida, ligado à consagração e aos rituais da Morte — e, portanto, aos de Deus. O que mais me abalou, porém, foi ver meu irmão Manuel, coitado, chorando e puxando seus pobres cabelos, num desespero adulto, horrível de ver, nele. O segundo, Francisco, que fora quem trouxera a notícia, estava encostado a uma parede, mudo e branco como cera. Corri para Manuel, apavorado por vê-lo assim em desespero, ele que sempre fora tão bom e tão tranquilo. Vendo-me perto e com uma interrogação muda nos olhos, ele me abraçou, beijou-me com ternura desesperada, e, como se quisesse me avisar de uma vez para sempre das ciladas do mundo, disse-me entre soluços, com uma voz despedaçada: — "Dinga, mataram o Pai da gente!" De fato, o homem chamado Miguel tinha matado meu Pai, no Rio, perto do Riacho do Elo. Os jornais do Governo falavam com hostilidade de *Justino Quaderna*, e, assim escrito, o nome dele ficava estranho e indiferente: para mim, porém, ele não era nada disso, era apenas meu Pai, um homem de cara enérgica e limpa, alegre, risonho, que me embalava ao colo na rede, cantando com sua voz meio rouca belas Cantigas sertanejas de amor, de luta, de riso e morte. O dia de sua morte era prenúncio do outro, do terrível dia 24 de Agosto de 1930, quando a obra do ódio e da Morte Caetana se completou; e, no bolso de meu Pai, a Polícia encontrou uma carta em que ele se despedia de nós, uma carta terrível, digna e inesperada, que acompanha para sempre meu sangue, meu choro e tudo o que, para mim, existe de terrível e sagrado no mundo.

*

— Como bem se pode imaginar, tudo isso é uma carga por demais pesada para os ombros de uma mulher, agora sozinha no mundo e carregada de filhos. Entre nós, filhos dele, corria depois — espalhada não sei por quem, surgida ninguém sabe como — a versão terrível de que, ferido de morte, pouco antes de tombar no chão, meu Pai tinha levado a mão ao ferimento, e, tentando se amparar a uma das paredes de pedra da amurada, aí imprimira sua palma sangrenta, deixando uma marca que nunca mais se apagaria. Sei hoje, com a cabeça, que isso é impossível: o sangue não dura tanto tempo assim impresso numa parede, e, mesmo que tivesse ficado, alguém teria mandado lavar aquele até destruir sua última lembrança. De qualquer modo, um dia me distraí, andando sozinho e extraviado, e, quando dei acordo de mim, estava perto do lugar da morte dele, lugar onde eu jurara nunca pôr os pés. Fora para lá, levado por um impulso subterrâneo e desconhecido, de modo que, quando minha consciência se apercebeu do que sucedera, voltei-me de costas, aterrorizado, com medo de enxergar, viva e nova, aquela marca de sangue e de fogo da Morte. E fiquei ali, de costas, muito tempo, encostado à parede de pedra, chorando e sonhando com ele, como naqueles dias em que, dormindo, começava a ser invadido por uma grande alegria e falava para minha Mãe, transmitindo-lhe a revelação que alguém, no sonho, me fizera, não sei como: — “Mamãe, corra aqui, pelo amor de Deus! A senhora vai ter a maior alegria desse mundo: Papai está aqui, era tudo mentira!” Aí, ainda adormecido, voltava-me para meu Pai, que tinha aparecido e sorria para mim aquele seu sorriso simpático, que alegrava quem o via. Eu falava para ele, olhando-o em seus olhos jubilosos: — “Papai, diziam à gente que o senhor tinha morrido, que um homem chamado Miguel tinha matado você no Rio, junto ao Riacho do Elo!” Mas então a alegria se tornava tão sufocante que eu acordava; e, para meu desespero, era tudo verdade: meu Pai estava morto, meu Padrinho estava morto, e nunca mais eu veria nenhum dos dois em cima desta terra.

*

— E aí, a Polícia de fardas amarelas e botinas pretas começou a nos perseguir: fugas, correrias, nomes trocados para iludi-los — todos os anos de guerra de 1912 a 1930 que estou me preparando para contar a Vossa Excelência. Se soubessem que nós éramos os filhos de meu Pai e os sobrinhos de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, seríamos degolados impiedosamente. Lembro-me de que um dia, numa dessas fugas eu corria e fui de encontro a uma parede: quebrei o nariz e o sangue desceu em bicas, embebendo minha camisa toda. Chegamos a um lugar chamado Natal, e lá eu acordei um dia, à tarde, ouvindo um mugido de Fera. Corri para a janela e entendi: a casa saía praticamente de dentro d'água e era construída sobre uma

espécie de grande e alto alicerce de pedra; era o tigre verde do Mar que estava gemendo e mugindo, batendo-se contra a parede, por entre as pedras cinzentas que as ondas lambiam sem cessar. Depois, estávamos já noutro canto. De repente, vimo-nos fechados numa casa, com uma coluna de Soldados bêbados, embriagados de sangue e do desejo da morte, correndo a rua de cima a baixo: um homem a quem, muitos anos antes, meu Padrinho tinha dado um emprego, tinha nos denunciado à Coluna da Polícia Paraibana, dizendo que nós tínhamos em casa um fuzil e uma caixa de balas para lutar contra o Governo. Agora, os Soldados percorriam as ruas de cima a baixo, com facas-de-ponta nas mãos, gritando que “já tinham matado a Onça-macho e tinha chegado a vez da Onça-fêmea e de seus cachorrinhos”. O amigo em cuja casa estávamos escondidos tinha sido avisado de que vinham nos buscar para a degola. Para nos proteger melhor, ele pedira a minha Mãe que lhe permitisse hastear à porta a Bandeira Negro-Vermelha, a bandeira do partido dos Pessoas. Assim, os Soldados assassinos pensariam que éramos do lado deles e passariam por nossa casa sem nos fazer mal. Mas eu, vendo aquilo, tive uma sensação de revolta e indignação. Chorei e protestei com uma amargura tão acerbica, que o amigo, comovido e envergonhado, voltou atrás. Não chegou a hastear a Bandeira Verde-Azul, a nossa, como eu exigia, mas pelo menos a outra foi queimada. Foi o bastante para sermos considerados suspeitos. Em menos de cinco minutos, a nossa casa estava invadida por Soldados de fardas amarelas, chefiados por um deles, um preto, sem polainas e sem perneiras, bêbado, com as feias e tortas pernas de alicate e um revólver na mão. Íamos, todos, ser assassinados. Um Tenente moço, que chegou quase imediatamente, ficou olhando tudo impassível — ou concordando, ou impotente para conter os Soldados enfurecidos. O que nos salvou foi um gesto inesperado de desesperada coragem de minha Mãe, saindo do seu natural manso e suave e dizendo palavras duras e violentas, enfrentando, viúva e só, a Polícia paraibana. Tia Filipa, mais valente e, por isso mesmo, mais prudente, quis impedi-la, mas minha Mãe reagiu e foi isso que nos salvou. Ela gritou para o bando de assassinos: — “Vocês pensam que eu ainda tenho alguma coisa a perder? Já mataram meu marido, já mataram meu irmão, com o que é que eu me importo mais?” O Tenente assustado pela violência da reação dela, perguntou: — “Quem é a senhora? Com quem é que eu estou falando?” Tia Filipa quis tapar a boca de minha Mãe para que ela não revelasse nosso nome, mas Mamãe afastou violentamente a mão dela e gritou: — “Sou a viúva de Justino Quaderna, bando de assassinos! E puxem, todos, para fora de minha casa!” Houve um momento em que nós não sabíamos para onde ia pender o fio do destino, com toda aquela turba de gentinha embriagada e sedenta de sangue em nossa sala. De repente, o Oficial baixou a vista, envergonhado: fez uma espécie de continência ao extremo infortúnio daquela mulher que, poucos mo-

mentos antes, todos queriam matar, e, dando uma ordem seca aos Soldados, saíram da nossa casa. Fora a última cristação da ventania de fogo; mas minha Mãe já estava desesperada por se ver fora dos nossos amados lugares habituais, pressentindo talvez que somente aqui no Sertão é que sua dor começaria a ser aplacada. É verdade que o Sertão ainda estava conflagrado, e o ambiente de ódio contra nós era grande. Mas minha Mãe não podia mais, e resolveu que nós voltaríamos todos para "As Maravilhas" ou para a "Onça Malhada", de qualquer maneira, qualquer que fosse o risco, matassem-nos ou não nos matassem no caminho, de emboscada ou lá mesmo depois, degolados. Foi assim que nós voltamos, Sr. Corregedor: minha Mãe telegrafou ao Chefe de Polícia do novo Governo da Paraíba, e ele, que, sendo adversário nosso, era um homem de bem, nos deu garantia de vida, o que nos permitiu mudar-nos mais uma vez, agora, graças a Deus, para aqui. E veja como são as coisas, Sr. Corregedor: anos depois, o delator que, naquele dia nos apontara aos Soldados sedentos de sangue, começou a agonizar, não muito longe do lugar em que nos denunciara, entregando uma mulher viúva e seus filhos para a morte. Mandou chamar minha Mãe para lhe pedir perdão. Ela foi, mas já o encontrou num estado em que ele não podia mais nem falar. Ele a olhava com um olhar esgazeado, no esforço de fazer seu pedido, mas não conseguiu dizer nem uma palavra. Minha Mãe o perdoou, e ele, assim que ouviu suas palavras, morreu, como se só tivesse podido se manter com vida até aquele momento para ouvi-las. Lembro-me da viagem que fizemos voltando para cá: passamos num lugar chamado Campina. Aí, havia uma calçada altíssima, de onde eu pulava para os braços de meu irmão Antônio. É curioso que só daí eu passe a me lembrar dele. Antes, é somente Alfredo, Mamãe, Papai, Tia, meu Padrinho, Francisco e meu irmão Manuel puxando os cabelos e chorando, naquele dia sem luz da morte de meu Pai. Ficamos então na "Onça Malhada". O tempo passava, apagando o sangue e o fogo e cicatrizando algumas feridas — mas novas cristações já se anunciavam na ventania incendiária do Sertão. Eu crescia e me punha homem. Tive vários sonhos, fundamentais em minha vida. Entre eles, o do *cemitério* e o da *cerimônia do louco*. E, coroando tudo, o *sonho da Princesa*, trazendo em seu bojo demente tudo aquilo que me queimava como um corisco: "Eram altas chamas imóveis, entrevistas por entre enormes pedras escuras, semelhantes a grandes animais semi-adormecidos. Naquele estranho lusco-fusco da madrugada, como que para aumentar meu terror e meu sofrimento, aquele fogo não aquecia nada. Eu estava imobilizado pelo medo, pela ameaça, sentindo na minha solidão a fria luz daquela terrificante madrugada. Era o Inferno. Agarrados às pedras, também imóveis na fria luz do Lugar-condenado — e perto da parede de pedra onde uma mão se amparava aqui e ali, tentando se agarrar para não cair, desesperada e man-

chando tudo de sangue — os assassinos presos na Cadeia gritavam por João Pessoa, pedindo que os soltassem, para que eles pudessem se entregar à matança e ao saque. Eu ouvia uma Voz ordenando: — "Suba cada vez mais! Sempre para o alto, senão a Cobra mata e a Lepra mancha! Suba! Lá em cima, a Onça Malhada o espera para queimá-lo e consagrá-lo!" E aí, enquanto eu ouvia essa voz, a bela e perigosa Princesa de rosto acobreado, a jovem e indecifrável Mulher de rosto antigo que estava de costas, com a cabeça apoiada ao muro da Cidadela inexpugnável, virou-se de frente para mim com um ruído achocalhado de pedrarias, e eu vi, pela primeira vez em minha vida, a testa ensangüentada, martirizada, crivada de balas e punhais da minha Mãe e mulher, a Rainha do Meio-Dia, encimando dois olhos solitários, castanhos e belos, num apelo de socorro e sofrimento, lançado por sobre a maldade e a ameaça da Água sagrada."



NOTA DO AUTOR

ESTE ROMANCE, que se chama Quaderna, O Decifrador e que venho escrevendo desde 1958, teve sua primeira parte, A Pedra do Reino, publicada em 1971, sob forma de livro.

Sua segunda parte, O Rei Degolado, comecei a publicá-la em folhetins, aos domingos, no Diário de Pernambuco. A propósito dessa publicação, o jovem escritor pernambucano Raimundo Carrero escreveu um artigo denominado "A Restauração do Folhetim", artigo no qual recorda que, entre outros, Manuel Antônio de Almeida publicou em folhetins as suas Memórias de um Sargento de Milícias.

As coincidências sempre me impressionaram. Na página 4 do Romance d'A Pedra do Reino, Quaderna fala assim:

"Este — como as Memórias de um Sargento de Milícias — é um romance escrito por um Brasileiro. Posso começá-lo, portanto, dizendo que era, e é, no tempo do Rei. Na verdade, o tempo que decorre entre 1935 e este nosso ano de 1938 é o chamado Século do Reino, sendo eu, apesar de preso, o Rei de quem aí se fala".

Por outro lado, leio no livro que Arnaldo Jambo escreveu sobre os 150 anos do Diário de Pernambuco, que, no século XIX, esse jornal — o mais antigo da América Latina — transcreveu os folhetins das Memórias de um Sargento de Milícias.

Faz, portanto, 100 anos, um século — o século do Rei — que o Diário de Pernambuco publicou, em folhetins, a novela de Manuel Antônio de Almeida; e, para mim, ficou sendo um fato profundamente honroso que a publicação de minha História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão se transformasse, no século XX, numa repetição, noutras medidas, daquilo que, no mesmo jornal, acontecera com outro escritor brasileiro, no século anterior.

O Rei Degolado é, como A Pedra do Reino, dividido em livros, sendo seus capítulos denominados folhetos, numa homenagem aos folhetos do Romanceiro Popular do Nordeste. Tendo completado, neste ano de 1976, a publicação, através do Diário de Pernambuco, do primeiro destes livros, Ao Sol da Onça Caetana, achei que deveria manter, de certa maneira, na edição em volume, o caráter "folhetinesco" que venho imprimindo à História d'O Rei Degolado nas publicações dominicais do jornal. Afinal de contas, em Português, folhetim é uma forma diminutiva de folheto, de modo que eu posso, assim, lembrar o parentesco existente entre os folhetins novelescos, os contos boccaccianos, picarescos ou de cavalaria, e os folhetos da Literatura de Cordel.

*

Pensei muito, e ouvi muitos amigos, antes de emprender a publi-

cação desta primeira parte de O Rei Degolado em forma de livro. O que me decidiu favoravelmente foi o seguinte: primeiro, evitavam-se os riscos, cada vez maiores, que existem atualmente na publicação de um livro muito extenso, como é O Rei Degolado e como foi A Pedra do Reino, romance que, nestes tempos apressados, pouca gente tem tempo e disposição para ler. Em segundo lugar, quem leu A Pedra do Reino e gostou, querrá ler sua continuação, que esta novela inicia. Em terceiro lugar, como Ao Sol da Onça Caetana, de qualquer maneira, forma um todo — pois conta a infância de Quaderna — pode ser lido independentemente, valendo por si só, para quem se agrada daquilo que escrevo, é claro. Depois, muitas pessoas que leram os folhetins do Diário de Pernambuco me disseram pessoalmente que, talvez pelo fato de não se verem pressionadas pela grande extensão do livro, estavam gostando mais da História d'O Rei Degolado do que do Romance d'A Pedra do Reino. A esses, aliás, recordo, de passagem, que, de fato, tudo isso é um romance só, uma só novela, fundamentalmente épica — um livro dividido em três partes, sendo A Pedra do Reino uma espécie de rapsódia introdutória dos temas. O Rei Degolado é mais épico, trágico e sertanejo-terrestre, com a Guerra do Sertão Paraibano narrada através de seus três episódios principais — 1912, 1926 e 1930. A última parte, Sinésio, O Alumioso, será mais mítica, de amor e marinha — se é que, como já escrevi certa vez, isso, de fato, significa alguma coisa. E lembro que, pelo menos para Quaderna, seu narrador e personagem principal, no seu conjunto, a Obra, o Castelo Sertanejo que ele tenta edificar a partir das anotações tomadas em seus três depoimentos no inquérito a que o sub-

mete o Corregedor — essa Obra é, fundamentalmente e antes de tudo, uma Epopéia. Não certamente uma Epopéia como a entenderiam os teóricos jansenistas que, nos séculos de Luís XIV e Luís XV, consideravam "bárbaras" e "impuras" as tragédias shakespearianas. Mas uma Epopéia como a concebe um brasileiro sertanejo — uma Epopéia que não se limitasse a examinar somente os Heróis saídos das famílias poderosas mas que estendesse o conceito do Herói e das famílias trágicas e épicas às famílias ilustres pertencentes à aristocracia do Povo; e também uma Epopéia e Novela de Cavalaria que, examinando a sociedade a todos os níveis, partisse das casas-fortes da "Aristocracia do couro", do Sertão, para chegar até as mulheres, os almocreves e os tangerinos de gado das empoeiradas estradas sertanejas, isto é, que unisse aos outros, já referidos, o espírito realista, crítico e satírico das novelas picarescas.

*

Aqui cabe, talvez, uma explicação sobre alguns problemas relacionados com a terminologia que venho usando a respeito deste livro, pois A Pedra do Reino foi lançado como um romance — ou, mais precisamente, como um romance armorial-popular brasileiro — e, sobre O Rei Degolado, eu tenho falado ora em romance armorial ora em novela romanesca. Gosto muito, não de jogos de palavras, mas de jogar com certos sentidos que se escondem atrás das palavras, principalmente as de sentido ambíguo ou polivalente, como romance. Remeto os leitores interessados nesses assuntos às páginas 146/7 e 180/3 do Romance d'A Pedra do Reino onde já se insinua algo a tal respeito. Lembro, ainda, que a orquestra que realmen-

te representa o Movimento Armorial no campo da música chama-se Orquestra Romançal Brasileira — e sua estréia, a 18 de dezembro de 1975, marcou o início de uma nova fase do Movimento, precisamente a a fase romançal. Romance, ou romance, era aquele amálgama de dialetos surgidos do Latim mal falado e que deram origem às línguas neolatinas, ou românicas, entre as quais o Provençal, o Galego, o Espanhol e o Português. Poesias em romance — e depois simplesmente romances — eram as gestas épicas do Romanceiro Ibérico que deram origem, em nosso tempo, ao Romanceiro cigano, da Espanha, e ao Romanceiro Popular do Nordeste, do Brasil — este, como meu romance, não mais ibérico, nem negro, nem índio, mas já brasileiro e castanho.

Assim, quando falo em romance armorial e novela romançal é tendo em vista, ao mesmo tempo, as ambigüidades dos termos e a distinção, formulada pela crítica ibérica, entre novela e romance: seja no sentido heróico e trágico, seja no sentido irônico e humorístico em que a concebem outros, uma novela como Quaderna, O Decifrador é, fundamentalmente, épica, principalmente se levarmos em conta a ambivalência — ou polivalência — da obra e de seu narrador.

Reconheço, porém, que essas ambigüidades — nas quais me sinto como em casa para o meu processo criador — são funestas para a clareza crítica. Foi por isso que, para uma análise e explicação crítica sobre o que venho escrevendo, escolhi, muito de propósito, a Professora francesa Idelette Muzart, — hoje Idelette Muzart Fonseca dos Santos, por ter se casado com um brasileiro. Escolhi-a tendo em vista a lúcida e admirável tese que ela defendeu, na Sorbonne, sobre A Pedra do Reino e cujo título é "Le Ro-

man de Chevalerie et son Interprétation par un Écrivain Brésilien Contemporain: A Pedra do Reino de Ariano Suassuna".

Conversei muito com sua autora, a respeito dessa tese. Concordamos em que o ângulo da novela de cavalaria era um dos indispensáveis para se aclarar a natureza da obra denominada A Maravilhosa Desventura de Quaderna, O Decifrador, e a Demanda Novelosa do Reino do Sertão. Mas concordamos, também, em que, para examiná-la integralmente, seriam necessários no mínimo mais dois outros ângulos — o da novela picaresca e o das Epopeias dos povos mais antigos e primordiais. Novelas de cavalaria como A Demanda do Santo Graal ou Tristão e Iseu são indispensáveis para se apreender o verdadeiro significado do meu romance, mas, ao mesmo tempo, são demasiadamente "cristãs" para explicar os diversos níveis de sentido, variados, contraditórios mas, pelo menos na minha intenção, unificados e complementares, que o povoam, ou antes, que estão no centro de sua criação.

*

Outra coisa que me animou a publicar O Rei Degolado — Ao Sol da Onça Caetana foi o fato de que, na verdade, ninguém pode entender a personalidade de Quaderna — narrador e personagem principal do Romance d'A Pedra do Reino — sem ler esta primeira parte da História d'O Rei Degolado.

Ora, um amigo meu — o Professor Murilo Guimarães — observou, a propósito desta novela que agora se publica, ter notado que, entre outras coisas, eu me propunha, com ela, a erguer uma espécie de Mitologia brasileira — o que lhe traria uma nova face, a de romance mítico. Lembrei a ele que essa tenta-

tiva é do romance todo, de toda a trilogia, e vem desde A Pedra do Reino onde existe um folheto, o de n.º XLIV, chamado "A Visagem da Moça Caetana", no qual minhas intenções são bastante claras a tal respeito. No Sertão, a Morte é uma mulher, chamada Caetana; a Fome também é um mito, personalizado por Bernardo Cintura e aqui recriado e transfigurado no Gavião Cain-tura; a miséria é outra mulher, Dona Murzela; e assim por diante.

Não se pense que estou inventando ou partindo do nada — como, aliás, me era lícito fazer, se o quisesse na minha qualidade de criador, de Poeta. Mas prefiro sempre partir das invenções coletivas do Povo brasileiro, para, desse modo, sentir meu trabalho de criação pulsar em consonância com seu espírito subterrâneo. É claro que, como todos os Poetas, eu recrio e transfiguro os mitos de meu Povo; mas para os que vivem duvidando de sua existência — por não terem olhos para ver — cito, aqui, de passagem, três escritores que já se referiram também a esses mitos sertanejos. O primeiro, é Rodrigues de Carvalho, que narra o fato de o Cantador paraibano Laurindo Pereira ter escrito um folheto no qual aparecem dois personagens míticos — Bernardo Cintura, a Fome, e Manuel de Matos, a Nudez. Engana-se ele, apenas, atribuindo a criação dos dois mitos a Laurindo Pereira: esses dois nomes, como o de Caetana atribuído à Morte, são de criação coletiva e anônima. Laurindo Pereira tomou-os assim da tradição do Povo e fez seu folheto, que se popularizou a tal ponto que terminou fazendo-o perder seu nome de batismo. Diz Rodrigues de Carvalho no seu Cancioneiro do Norte:

"BERNARDO CINTURA.- O seu verdadeiro nome é Laurindo Pereira...

Laurindo era do Teixeira (Paraíba), terra de poetas e cangaceiros... Perdeu o nome de batismo e de família pelo de Bernardo Cintura, figura abstrata de sua própria criação em uma espécie de poemeto em que o poeta fizera aparecerem duas entidades que se despicavam: Bernardo Cintura, a fome; Manuel de Matos, a nudez". (Ob. cit., 3.ª edição, Rio, Instituto Nacional do Livro, 1967, p. 379).

O outro escritor, coincidentemente, chama-se também Rodrigues de Carvalho, mas é outro, mais recente. No seu livro Serrote Preto (Rio, Sociedade Editora e Gráfica Ltda., 1961, p. 68) encontra-se a seguinte frase:

"Achas, então, que logo num ano seco, de crise danada como fora aquele, quando lá em casa era bernardo cintura quem guardava as chaves da despensa, eu podia me dar ao luxo de desperdiçar tanto dinheiro?"

Finalmente, quero referir-me aqui a um trabalho publicado por Oswaldo Lamartine no n.º 3 da revista Província. (Natal, Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto). Referindo-se a seu Pai, o Governador Juvenal Lamartine, escreve Oswaldo:

"Recordo-me quando recebeu o telegrama dizendo do assassinato de Octavio... Depois foi a penitência de todo fim de semana subir, serra acima, no trem de cremalheiras até Corrêas (Petrópolis) onde, ... Elza, minha irmã mais moça, se finava... Viu a moça Caetana levar seus dois filhos no espaço de oito meses. Nem uma blasfêmia". (p. 13).

Como se vê, os mitos sertanejos da Fome e da Morte reaparecem, nesses textos, com seus nomes respectivos de Bernardo Cintura e Caetana. E esclareço que os nomes dos mitos têm sua razão de ser: a fome

é Bernardo-Cintura porque a pessoa, com fome — isto é, possuída por Bernardo-Cintura, — fica magra, seca e de barriga fina, de cintura afinada. A nudez chama-se Manuel de Matos porque a pessoa possuía por ele, sem ter o que vestir, tem que ficar escondida nos matos. E por aí vai.

*

Pergunto-me agora: será que o mito é uma fantasia irreal e anestesidora, incompatível com o realismo, ou, pelo contrário, tem um sentido mais real e carregado de significados do que os personagens das novelas meramente “veristas”? Note-se que, de propósito, estou usando um nome ligado ao “verismo” naturalista, e não ao “realismo”, que é outra coisa: inclusive já escrevi uma vez — tentando desfazer certos equívocos a respeito do meu pretensão “realismo mágico” — que, na América Latina de fala espanhola, o “realismo mágico” era mais mágico do que realista, enquanto que no Brasil ele era mais realista do que mágico. No livro Cem Anos de Solidão, a narrativa é feita pelo próprio autor que, dessa forma, assume as “mágicas” do enredo. Já no Grande Sertão: Veredas e no Romance d’A Pedra do Reino, a ação é narrada por um personagem — Riobaldo ou Quaderna — o que aproxima mais o universo romanesco da realidade, pois o que existe de mágico, nele, não é contado pelo autor, vem da crença, da imaginação ou dos delírios do narrador, conforme o caso.

Volto, então, àquele jogo de sentidos ao qual me referi atrás, e como Quaderna, lanço mão do velho Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, publicado por Caldas Aulete em 1881. Nele encontro o seguinte:

“MITO, s. m. — fato ou passagem da fábula; narração de um fato físico ou moral feita sob a forma simbólica de alegoria. Coisa que não tem uma existência real; coisa em que se não crê; quimera; utopia. Pessoa ou coisa incompreensível; enigma.”

Como se vê, é uma daquelas palavras que me agradam — carregada de sentidos diferentes, ambíguos e aparentemente contraditórios, sentidos que vão da Utopia à Quimera, da Alegoria ao Símbolo e ao Enigma.

Ora, no admirável e generoso prefácio que escreveu para A Pedra do Reino, Rachel de Queiroz disse que “Quaderna, no fim de contas, só é e só quer ser um exímio retratista de miragens”. Por outro lado, o romancista pernambucano Maximiano Campos fez recentemente uma distinção, que me parece importante, entre mito e miragem. Diz ele:

“O mito não requer elucidações; o que está na sua superfície se encontra também na profundidade dos seus abismos; o mito é compacto como uma pedra... A miragem perseguida, ou amplia ou diminui excessivamente as dimensões, o que significa distorcer a verdade. A verdade é uma dimensão mais para ser percebida do que comprovada. E as miragens falseiam esta percepção.”

A Professora Idelette Muzart Fonseca dos Santos, na admirável tese que escreveu e à qual já me referi, fez algumas considerações que transcreveu na conclusão do prefácio com o qual honrou este livro — prefácio que, aliás, ela escreveu sem conhecer as palavras que vou aqui alinhavando agora. No final de tais considerações, afirma ela que as imagens heráldicas, a estrutura cavaleiresca, a técnica romanesca e a estética da memória se unem no meu romance, “permitindo a mu-

dança de visão e o deslocamento para um mais-além pictórico e literário mais significativo e mais verdadeiro do que a realidade”.

*

Uma vez, numa dessas conversas fecundas e cheias de sugestões que às vezes mantemos eu e minha irmã Germana Suassuna, nós comentávamos alguma coisa sobre este longo romance que venho escrevendo, Quaderna, O Decifrador, e principalmente sobre sua primeira parte já publicada, A Pedra do Reino. Maximiano Campos e Cyro de Andrade Lima assistiam à conversa; e, como se falasse de um outro romance brasileiro contemporâneo, minha irmã disse que a diferença principal entre os dois era que “o outro romance era um relato enquanto que A Pedra do Reino é uma exigência”. Maximiano Campos pediu-lhe que fosse mais clara e precisa e ela então acrescentou: “A Pedra do Reino é uma exigência no sentido de que força as pessoas a tomarem posição diante dos problemas fundamentais, principalmente o de Deus — e é isso que torna esse livro perigoso, num tempo em que ninguém gosta de ouvir falar de problemas desagradáveis como este”.

Cyro de Andrade Lima então comentou: “A Pedra do Reino nunca me pareceu uma simples história, um relato, como Germana disse a respeito do outro romance. Tudo aquilo sempre me pareceu uma espécie de sonho ou de pesadelo — ou melhor, uma espécie de tentativa que Ariano vem fazendo para mergulhar no seu próprio subconsciente e exprimir, sob uma forma poética, o universo dilacerado dele”.

Como se vê, a interpretação de minha irmã é mais mítica e religiosa, a de Cyro de Andrade Lima é mais psicológica, se bem que, a meu

ver, as duas não se neguem — antes sejam complementares. Maximiano Campos, porém, que, de todos nós, talvez fosse o mais preocupado com o real e a atualidade brasileira, insistiu para que minha irmã fosse mais clara quanto ao “perigo” ao qual se referira, perigo esse ligado ao meu romance e ao nome de Deus. Então eu expliquei:

— “O que Germana quer lembrar é que um homem como Gandhi foi assassinado por ter falado de Deus e se mantido fiel a seu nome, e que, portanto, o risco, o perigo que Gandhi correu, era muito maior do que o de qualquer político, porque muito maior é a solidão — o rancor e a incompreensão que cercam o Profeta”.

É claro que Germana, sendo minha irmã e preocupada com minha sorte, exagera seus temores em tal sentido. Eu, se falo de Deus como Gandhi falava, nem falo com as mesmas dimensões, nem tenho, por outro lado, a grandeza, a coragem e a santidade dele, de modo que nem corro perigo, nem merecerei, como ele mereceu, a beleza, a dignidade, o sacrifício e a sagração do mártir sangrento. Tolstói, que era Tolstói, não o mereceu, quanto mais um escritor a quem talvez se possam aplicar as palavras sarcásticas de Pasternak, quando escreveu: “Era um daqueles discípulos de Tolstói, um daqueles em cuja cabeça os pensamentos de um gênio atormentado que jamais conheceu a paz se haviam deitado para gozar de um repouso longo e sem nuvens, e se anemizavam sem esperança.”

*

Entretanto, descontado tudo isso e somente quanto à sua primeira parte, as palavras de minha irmã traduzem uma verdade: para mim, o problema fundamental, o proble-

do qual todos os outros dependem, é o de Deus — seja que nós o afirmemos, seja que o neguemos. Quando digo isso, tenho em vista o Deus dos muçulmanos, dos judeus, dos cristãos, dos hindus etc., o Deus do qual nos falaram Ezequiel, o Alcorão, o Apocalipse e Gandhi; e tenho em vista, também, todas as consequências que temos de tirar do fato de acreditarmos ou não em Deus. Se acreditamos — e se isso, para nós, tem importância — surge como decorrência obrigatória disso que, sendo todos nós filhos dele, a sociedade tem de se reorganizar da maneira mais justa possível; que nós temos obrigação de optar por uma vida de pobreza honrada e austeridade libertadora e não por este mundo em que Deus e nossa fidelidade a ele e à sua justiça são considerados menos importantes do que a idolatria da riqueza; por este mundo em que a Divindade é considerada um problema irrelevante e sem importância quando comparada com dogmas intocáveis como a “liberdade sexual” e a “privatização da economia”.

É por isso — e também pelo fato de nunca eu me colocar à altura dos Profetas que venero — que meu assunto fundamental é e sempre foi um só: Deus e a traição que diariamente faço a ele, uma traição contínua e vergonhosa, infamante. A grande fonte de sofrimento de minha vida é o fato de constatar que ela contradiz aquilo em que mais profundamente acredito, o remorso de saber que, por covardia e também por medo de ferir aqueles a quem amo, toda a minha vida é uma traição a Deus — ao Deserto e à pobreza que constitui meu sonho secreto. E ainda a convicção íntima de que, se desse o passo irrevogável e cruzasse a linha, causaria dor e sofrimento aos outros e a mim mesmo, tudo isso para nada, inutilmen-

te, porque, ao fazê-lo, seria vencido pela sensualidade, pelas paixões que experimento em tumulto dentro do meu sangue e que, talvez, só consiga reter e dominar no quadro de afeto e tranqüilidade em que a vida de compromissos e acomodações, com toda sua precariedade, me mantém composto.

*

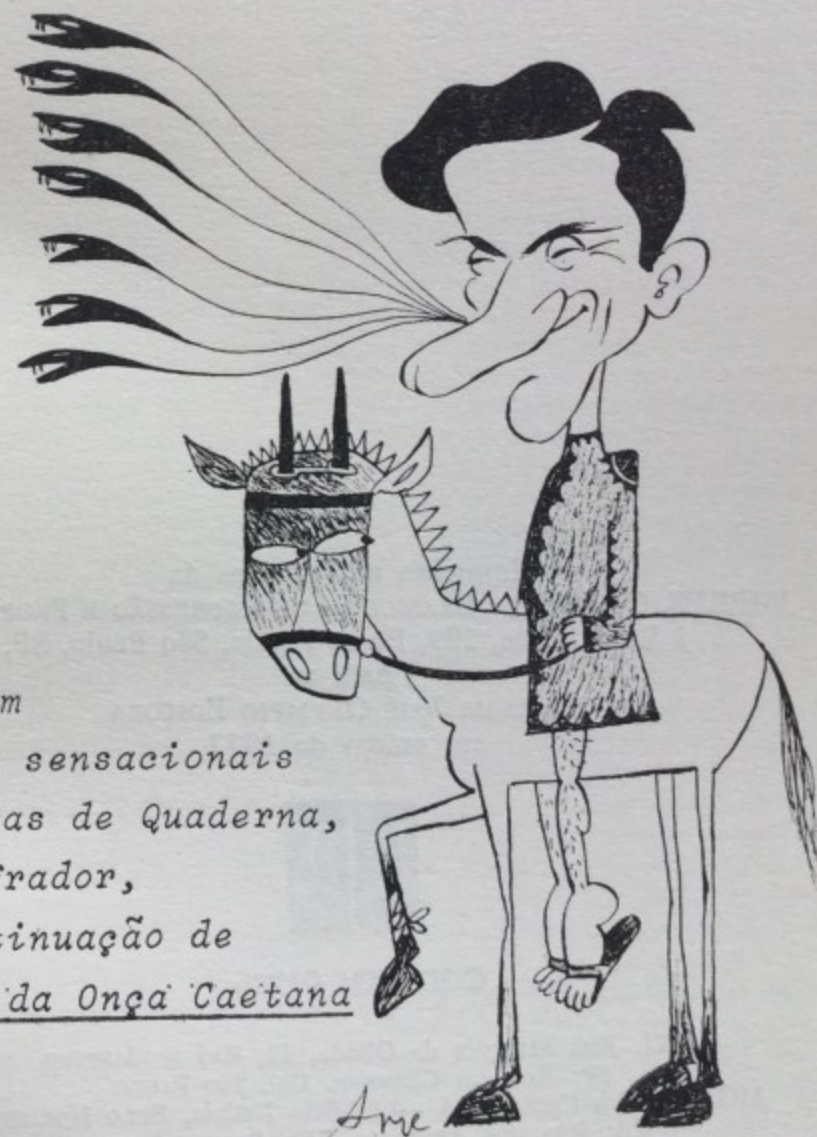
Naquela noite, em minha casa, disse mais ou menos tudo isso. E então — como, realmente, não tenho uma idéia clara a respeito do que venho escrevendo, indaguei se este romance, Quaderna, O Decifrador, dá, a quem o lê, uma impressão de serenidade ou não. Maximiano Campos então declarou que, quanto a isso, ele não tinha nenhuma dúvida: “Trata-se”, disse ele, “de um livro mais do que violento: é um livro que chega a ser convulso.”

Eu julgava o contrário, de modo que tenho de terminar confessando que comecei estas palavras pretendendo, com elas, explicar algo a respeito do sentido do meu romance; mas chego ao fim dizendo que não sei, de fato, o que é que venho fazendo com este estranho livro que brotou dos subterrâneos do meu sangue. Exigência no sentido de Deus ou incursão no subterrâneo de meu subconsciente e do mundo, levantador de miragens causadas pelo ardente Sol sertanejo ou de mitos mais compactos e verdadeiros do que a simples “realidade”, o fato é que — não digo eu, mas Quaderna — este sim, vai, aos poucos, esculpindo e esquadrejando pedras, e erguendo seu Castelo sertanejo, como os povos Cariris ergueram, no Sertão da Paraíba, seus anfiteatros e altares entalhados de pedras — suas lumieiras, como eu as batizei, com um nome que um dia explicarei melhor. Não sei, então, se meu romance

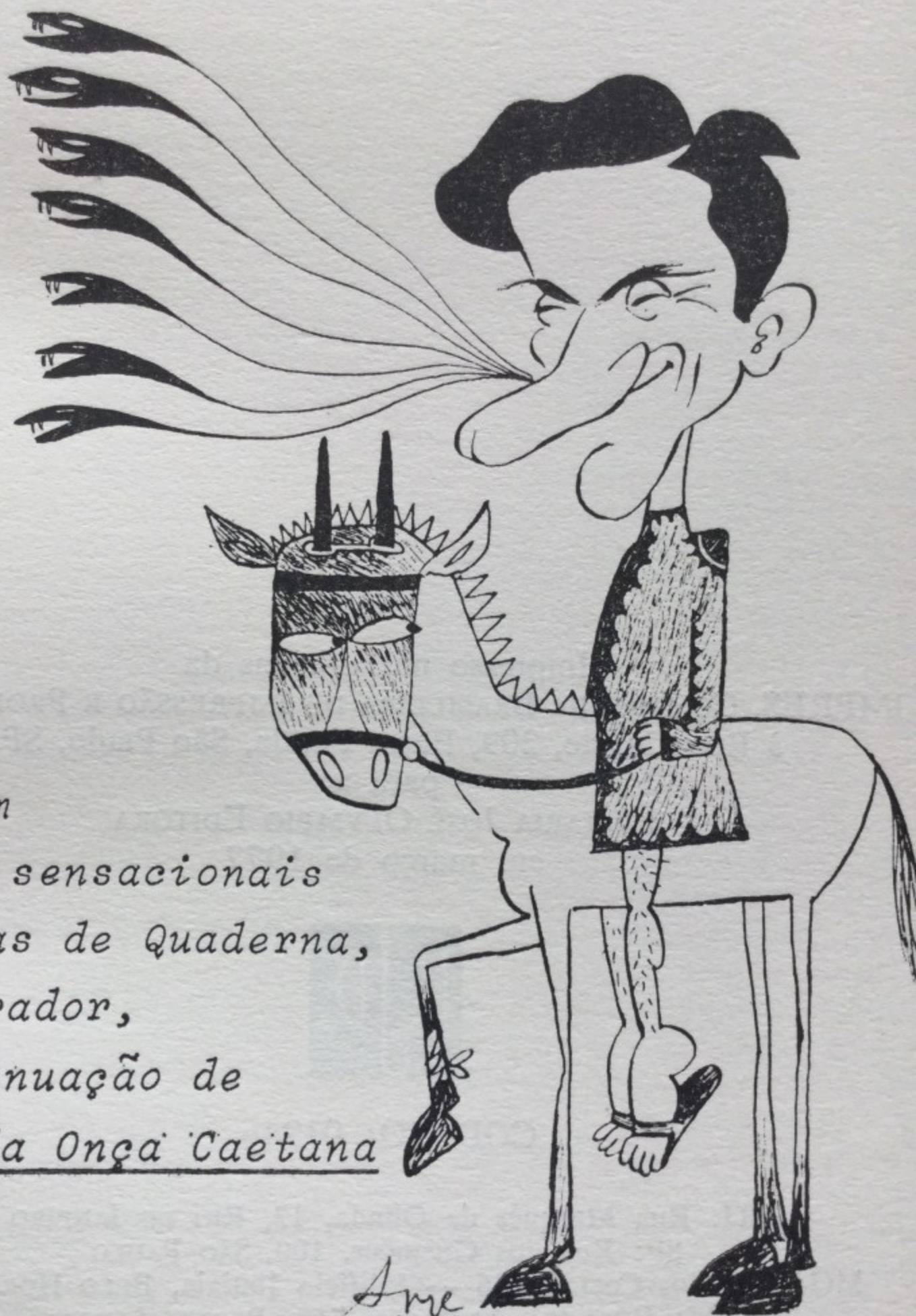
Quaderna, O Decifrador, depois de concluído, será um relato ou uma exigência, uma novela disforme e desagradável ou uma epopéia frustrada, um monstruoso, tedioso e pouco divertido romance picaresco ou uma novela de cavalaria, uma alegoria povoada de miragens ou, como disseram Cyro de Andrade Lima e Hermilo Borba Filho, uma espécie de Divina Comédia sertaneja povoada de mitos e pesadelos —

uma “incursão no subterrâneo”. Não fui eu que escolhi nem sua forma, nem seu tamanho, nem seu modo de narrá-lo: tudo isso me foi sendo imposto aos poucos pelo próprio universo da obra, de modo que, à falta de uma explicação melhor, dou essa — trata-se de uma lumieira, disforme e bruta como as enigmáticas lumieiras de pedra do Sertão.

Recife, 13 de maio de 1976.



Aguardem
novas e sensacionais
aventuras de Quaderna,
o Decifrador,
na continuação de
Ao Sol da Onça Caetana



*Aguardem
novas e sensacionais
aventuras de Quaderna,
o Decifrador,
na continuação de
Ao Sol da Onça Caetana*

Impresso nas oficinas da
IMPRES, COMPANHIA BRASILEIRA DE IMPRESSÃO E PROPAGANDA
à Rua Cadete, 209, Barra Funda, São Paulo, SP,
para a
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
em março de 1977



CÓD. JO: 01946

RJ: Rua Marquês de Olinda, 12, RIO DE JANEIRO
SP: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO
MG: Rua dos Caetés, 186 — Edifício Itatiaia, BELO HORIZONTE
RS: Rua dos Andradas, 717, PORTO ALEGRE
DF: CLS-108, Bloco D, Rua da Igrejinha, BRASÍLIA

que ele pretende sejam encarados os acontecimentos centrais de sua demanda.

Como já o fora no primeiro volume da trilogia, Quaderna continua a ser aqui o protagonista fundador do texto. Mas aqui, mais do que no livro anterior, ele faz uso mais livre do que chama de "astúcia retórica". Em primeiro lugar, divide a narrativa em dois blocos distintos e justapostos: o primeiro (Folhetos I a VII) é uma sucessão vertiginosa de visões que abarcam desde o passado mais remoto, imemorial, propício à criação de mitos e cosmogonias, até a predição de acontecimentos funestos, escondidos ainda no bojo do tempo; o segundo (Folhetos XII a XXIII) é uma evocação da infância do narrador; entre os dois blocos aflora um episódio cômico (Folhetos VIII a XI), remanescente das "desaventuras" d'*A Pedra do Reino*. Em segundo lugar, adota em ambos os blocos a quebra da linearidade, o deslocamento, a fragmentação, os cortes bruscos, aparentemente arbitrários mas ditados pelas leis internas da estória e aptos a manter o leitor num estado de permanente expectativa.

Desse modo instaura-se neste livro um outro "discurso", uma outra organização dos materiais narrativos, com que Ariano Suassuna renova a construção de sua "demanda novelosa" e firma em definitivo sua presença na novelística brasileira.

J. L. M.





LEIA ESTES BONS LIVROS BRASILEIROS



GENERAL MEIRA MATTOS
Brasil — Geopolítica e destino
A geopolítica e as projeções do Poder

DANIEL KRIEGER
Desde as Missões... (memórias)

PEDRO CALMON
História de D. Pedro II (5 vols.)

L. G. DO NASCIMENTO E SILVA
Mundo em transformação

ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS
O mundo que vejo e não desejo

MARIO HENRIQUE SIMONSEN
ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS
A nova economia brasileira

MILTON CAMPOS
Testemunhos e ensinamentos

LUÍS VIANA FILHO
O governo Castelo Branco

MARECHAL JUAREZ TÁVORA
Uma vida e muitas lutas (memórias, 3 vols.)

CARLOS GERALDO LANGONI
A economia da transformação

EDUARDO CELESTINO RODRIGUES
Crise energética

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
Geografia dos mitos brasileiros

EDUARDO CANABRAVA BARREIROS
As Vilas del-Rei e a cidadania de Tiradentes

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA
Raízes do Brasil

JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES
Interpretação da realidade brasileira

RODOLFO GARCIA
História política e administrativa do Brasil

JOSUÉ MONTELLO
Aluísio Azevedo e a polêmica d' "O Mulato"

CLEMENTINO FRAGA
Vida e obra de Oswaldo Cruz

OTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUZA
A vida de D. Pedro I — José Bonifácio

PEDRO NAVA
Baú de ossos — Balão cativo
Chão de ferro (memórias)

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO
Problemas políticos brasileiros
Mar alto — Maralto (memórias)

PAULO PINHEIRO CHAGAS
Esse velho vento da aventura (memórias)

HERBERTO SALES
Seleta

ARIANO SUASSUNA
O Rei Degolado (romance)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
Os dias lindos (crônicas)

RACHEL DE QUEIROZ
As menininhas e outras crônicas

GASTÃO CRULS
Hiléia Amazônica (aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas)

LUÍS JARDIM
O meu pequeno mundo (memórias)

HERMES LIMA
Travessia (memórias)

TARCÍSIO MEIRELLES PADILHA
Brasil em questão

JOSÉ ALFREDO AMARAL GURGEL
Segurança e democracia

MANOELITO DE ORNELLAS
Gaúchos e beduínos

J. O. DE MEIRA PENA
Em berço esplêndido

ULISSES LINS
O sertanejo e o sertão (memórias)

CASSIANO RICARDO
Marcha para Oeste

CÂNDIDO MOTA FILHO
Dias lidos e vividos (memórias)

BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES
Arthur Bernardes, estadista da República

DUNSHEE DE ABRANCHES
Como se faziam Presidentes

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA
A vida de Lima Barreto

JOAQUIM NABUCO
Minha formação